

Defesa Nacional



AGOSTO
1946

NÚMERO
387

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN. CEL. ARMANDO VILLANOVA PEREIRA DE
VASCONCELLOS

TEN. CEL. EVERALDINO ACESTES DA FONSECA

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Agosto de 1946

N. 387

SUMÁRIO :

	Pags.
Editorial	209
As escolas Regimentais — Um complemento da Instrução da Tropa. — Cel. Armando Vasconcelos	213
Teoria e Prática da Guerra — Cel. J. B. Magalhães	221
O Estudo das Transmissões na E. E. M. — Ten.-Cel. Adalardo Fialho	230
A 2. ^a Batalha Aéro-Terrestre da Holanda — Cap. Geraldo de Menezes Côrtes	246
O Regimento de Infantaria no Combate — Ten.-Cel. J. B. de Matos	263
Apreciação da Situação do Inimigo — Major X	289
Um Documento Inimigo Capturado — Trad. do Maj. Hugo de Matos Moura	293
Os Serviços Regimentais — Ten.-Cel. Aguinaldo Sena de Campos	297
Transmissões — Cap. Eduardo Domingues de Oliveira	303
Observações sobre o emprego dos morteiros de 81 ^{mm} num Btl. da F. E. B. — Ten.-Cel. Uzeda	309
A Preparação Teórica do Tiro — Cap. Walter S. Meyer	313
Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações — Cap. Dr. Saulo Teodoro P. de Melo	315
A Biblioteca Tasso Fragoso na E. E. M. — Gen. Francisco Gil Castelo Branco	359
Industrialização e Soberania Nacional — Adapt. do Cap. Otávio Alves Velho	367
Caxias e a Realidade Nacional — Maj. Riograndino da Costa e Silva	376
Situação Econômica da Bolívia — Sr. Alfredo Pacheco	379
Sobre Gengis Cam — Cel. J. B. Magalhães	385
Brasil — Atlântico — Marinha — Cap. José Campos de Aragão	398
Um pouco de bom humor . . . — Cel. X	403
Boletim	409
Revistas em Revista	414
Dicionário Militar Brasileiro — Cap. Otávio Alves Velho	437
Noticiário & Legislação	459

EDITORIAL

Agosto, mês de Caxias, corresponde no Calendário às comemorações do soldado brasileiro, sob a égide de seu patrono ilustre.

Se até agora mereceu de todos os cidadãos o maior apoio e solidariedade na evocação da Pátria, no culto e exaltação das virtudes de seus filhos, na meditação profunda dos erros e feitos do passado, na consagração de seus heróis e símbolos, neste ano o dia do soldado assume uma significação especial para a nossa vida de Nação soberana, face as convulsões terríveis do metabolismo social procurando definir um novo mundo, uma nova cultura, um novo ciclo de evolução política que se nos afigura remota ainda nos seus objetivos de estabilidade e concórdia entre os povos.

Ao revés, acirram-se os ânimos no embate peregrino entre os imperialismos capitalista e político avassaladores, de onde por certo poderá surgir o equilíbrio da paz tão desejada, mas que, no momento, domina os espíritos mal formados, deturpando os sentimentos mais sublimes do homem e levando-o até à renúncia de sua personalidade.

* * *

É no culto das tradições militares de um povo que se encontra a melhor escola do dever e do patriotismo, personificadas essas virtudes na memória de seus maiores e dos heróis nacionais, cujos

feitos gloriosos valem como afirmação eloquente do valor da raça e de suas responsabilidades na salvaguarda da soberania pátria. E para simbolizar êsse culto veneramos na exaltação de seus feitos, o soldado brasileiro — “êsse desconhecido” nas multidões contemporâneas — que se agiganta na luta, sendo laborioso e generoso na paz, mas indômito guerreiro quando periclita a honra do Brasil. Assim foi e será em todos os tempos.

Reverendo as páginas da história, através as várias etapas realizadas, encontramos com justificado orgulho o mesmo homem, humilde e anônimo, mas insuperável em bravura, entusiasmo, energia, resignação e sacrifício, no país e fora dêle, “pelelando” pelo ideal da dignidade do homem e construindo, com sangue e devotamento, a grandeza do Brasil. Tabócas e Guararapes; Tuiuti e Riachuelo; Montese, Monte Castelo e Castelnovo são gemas imarcescíveis de um só e mesmo filão inesgotável: o coração do valoroso combatente de tôdas as éras.

Foram assim os heróicos infantes de Sampaio, os denodados cavalerianos de Osório e Andrade Neves, os bravos artilheiros de Mallet e os intemeros engenheiros de Villagrã Cabrita e Camisão.

São assim os insuperáveis “pracinhas” de hoje que nos alcantis Alpinos e nas planícies do Pó venceram, com os soldados da democracia, os “super-homens” nazistas.

Eis porque, nesse culto perene aos credores da maior dívida nacional — daquela que jámais se quita — reafirmamos nossa gratidão eterna ao soldado-símbolo Caxias.

Nem se pode mesmo precisar o que de mais grandioso caracteriza sua personalidade de chefe militar: — se o talento, que jámais lhe permitiu sentir o travo da derrota; se o carater, que sempre lhe assegurou a suprema ventura de ser justo, fiel

à causa nacional, amigo dos seus subordinados e companheiros e generoso com os adversários. São êsses predicados de espírito e de coração que se conjugam um autêntico cristão que elegem Caxias o patrono do Soldado Brasileiro, o continuador de seu exemplo de dedicação e amor à Pátria. Benditas as Pátrias que possuem filhos tais.

* * *

Neste mês de agosto, comemora-se o encerramento das hostilidades militares da II^a Grande Guerra e passa-se o 3.^o aniversário do torpedeamento covarde e traiçoeiro do comboio marítimo que conduzia para Pernambuco o 7.^o Grupo de Artilharia de Dorso.

Oficiais, praças e civis, inclusive mulheres e crianças foram as vítimas indefesas dos "senhores da guerra" que, num gesto de bestial provocação e crueldade, na calada da noite, investiram contra nossos portos, tentando intimidar-nos no momento mais dramático da guerra, com a mais insolente afronta aos direitos de soberania de uma Nação.

Não faltaram, como agora, espíritos degenerados ou mal formados de alguns maus brasileiros que, sob a mística da dominação bélica do II^o Reich, arrogante e vitorioso na Europa, lamentavelmente influenciados por agentes estrangeiros insidiosos, se deixaram seduzir, esquecendo o imponderável da moral e o ânimo indomável de seu povo no que supunham o "milagre da reação". E ela não se fez esperar.

A alma nacional se ergueu, cheia de fé e de revolta, bradando vingança contra as vítimas da selvageria nazi-fascista. O brio e a dignidade do Brasil estavam feridos, precisavam ser desagravados.

De Norte a Sul, de Este a Oeste, um côro unânime de revolta, o Brasil encontrava-se a si mesmo,

num movimento magnífico de coesão nacional, brandando "guerra!", no momento mais crítico do conflito, porque só lhe importava o desagravo de sua honra ofendida e a defesa dos direitos dos povos livres.

E surgiram por toda a parte os soldados do Brasil, ciosos do seu valor e com a vontade firme dos fortes.

Descerrava-se, então, o palco repugnante dos adeptos da 5.^a coluna e dos nazi-fascistas nacionais; desnudava-se a ferida cancerosa que nos aniquilaria o organismo e surgiam a F.E.B., a F.A.B. e a Marinha de Guerra do Brasil para punir, na mais retumbante vitória, à afronta que sofremos. Quiz o destino que fosse lá na velha e tradicional Itália, berço da latinidade, que os latinos do Brasil, pela 1.^a vez na História do Mundo, fossem sagrar com sangue e bravura o valor da raça e das instituições democráticas.

Tornou-se assim, o 7.^o R A D.^o o vanguardeiro da nossa expedição, na II.^a Grande Guerra Mundial.

E já aí, se revelaram dois jovens Tenentes, com seu Comandante, exemplos de patriotismo e renúncia no cumprimento do dever, sacrificando suas preciosas vidas, para salvar seus comandados naufragos.

Eram eles os Tenentes Alípio de Andrada Serpa e Luiz Claudino de Assunção, autênticos soldados do Exército de Caxias.

Com eles, sargentos, cabos e soldados pereceram. Seus sacrifícios não foram vão e seu exemplo enobrecem a Nação.

Glória, pois, aos soldados do Brasil sacrificados, cujas memórias servem de estímulo na hora conturbada que vivemos, sob os mesmos perigos, e nos dão a certeza de que a felicidade e o progresso do Brasil, encontrará sempre em seus filhos os melhores artífices.

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"Com os grandes progressos que têm tido os meios de fazer a guerra, sou de opinião que nos devemos manter em condições de agir com mais presteza e eficiência.

Parece-me inconcebível que ainda se discuta a questão da necessidade de união administrativa e de comando dos órgãos superiores, sob a forma de um ministério único, que presida as três Forças Armadas, cuja existência tem uma finalidade única — a defesa nacional".

General Omar N. Bradley, do Ex. Americano (Ex-Cmt. de Gr de Ex no Teatro de Operações da Europa Ocidental).

As Escolas Regimentais—Um Complemento da Instrução da Tropa

Cel. *ARMANDO VASCONCELOS*

Dentro de sua finalidade precípua, o Exército de paz (se ainda fôr lícito admitir esse conceito,) nos países novos e com índice educacional precário como o nosso, não pôde ser indiferente, ao revés deve se integrar no sistema nacional de educação, impulsionando a campanha pela alfabetização e elevação do nível de instrução *secundário* do contingente em idade militar.

Inicialmente, e isso já vai por muitos anos, as Escolas Regimentais foram criadas, aproveitando o tempo do Serviço Militar, com a dupla finalidade: — alfabetização da grande massa de conscritos que ele atingia; — seriação da instrução buscando complementar a bagagem de conhecimentos de seus homens nos graus primário e até secundário, afim de permitir-lhes adquirir as noções básicas indispensáveis que os habilitassem aos diferentes postos e funções previstos na hierarquia militar, até sargento de fileira.

A iniciativa logrou os melhores resultados.

Lançou-se assim a campanha pela alfabetisação que, por volta do ano de 1920, assumiu um novo aspecto, mais premente. Eram os brasileiros filhos de alemães e polacos que se incorporavam sem sequer pronunciar uma única palavra do idioma pátrio!

Várias medidas complementares, infelizmente restritas ao meio militar, foram tomadas para que fossem restituídos á vida civil mais brasileiros, fazendo despertar neles o sentimento pátrio que lhes faltava, menos por sua própria culpa do que da falta de assistência do poder público que os deixava insulados na colonia, sem qualquer contáto com a sua pátria verdadeira.

Com mais essa sobrecarga, as Escolas Regimentais, começaram a periclitár por falta de meios e especialmente de professores. Utilizando apenas os próprios oficiais arregimentados, sargentos e conscritos alfabetizados, não podiam levar a termo, em boas condições de eficiência, os programas que não se moldaram aos objetivos propostos por falta de uniformização, metodologia e feição prática de utilidade futura. O trabalho era apenas iniciado e depois interrompido para produzir efeitos negativos em adultos que retornavam ao seu primitivo rincão com outros reflexos...

Descurrou-se, assim, paulatinamente do aspecto ensino de humanidades nos seus diferentes gráus cuja necessidade cada vez mais se faz sentir na formação de cabos e sargentos, devido ao nível médio de preparo do contingente incorporado anualmente ser muito baixo e não permitir um rendimento satisfatório, comparado com o esforço abnegado dos oficiais e sargentos instrutores não especializados. O curto tempo do serviço militar não lhes dava o cabedal necessário. Falavam os fundamentos do ensino técnico profissional que seriam mais reflexos e, sobretudo continuidade nos programas.

A crise se foi cada vez mais acentuando em face da escassez de oficiais nos quadros subalternos da tropa e de sargentos, em face das exigências da organização e da instrução

profissional propriamente dita. Além disso, a precariedade do equipamento escolar adequado; a inexistência de métodos pedagógicos modernos, inacessíveis a grande número de auxiliares do oficial encarregado da Escola; a falta de sistematização do ensino a base de programas homogêneos e padronizados, além de outras deficiências próprias da organização que se projetou, carente de meios para aqueles fins; tudo isso concorreu para um abaixamento do rendimento desejado. O agravamento da tarefa normal dos oficiais instrutores, responsáveis pela formação da reserva, pelo acúmulo de funções a que normalmente é obrigado, comprometeu todo o sistema — abreviando seus objetivos imediatos.

Não se cometa, porém, a injustiça de desmerecer o esforço e a abnegação dos nossos oficiais e sargentos.

Em face dessa dificuldade, descentralizou-se o ensino no aspecto alfabetização, atribuindo-o à responsabilidade dos Cmts de sub-unidades, sem a participação do Diretor da Escola Regimental, verdadeiro assessor técnico do Cmt da Unidade, cuja responsabilidade não pôde ser transferida.

A Escola Regimental reservou-se o ensino primário e alguns conhecimentos mais gerais, visando a complementação da bagagem intelectual dos alfabetizados, candidatos forçados a cabos, sargentos e especialistas.

Ainda assim, não se conseguiu atenuar a crise por falta de pessoal habilitado ao ensino e a Escola não constitui atrativo, tanto para professores como alunos. Os oficiais, em número deficiente em grande número de corpos, notadamente do interior, já não podiam desincumbir-se satisfatoriamente dos encargos normais pois, em regra, acumulam duas e até mais funções. Os quadros de sargentos, mantinham-se também em crise e como eram recrutados para a Escola dentre os quadros das sub-unidades, não podiam desincumbir-se satisfatoriamente pois sobre eles recaía também o trabalho da alfabetização em suas sub-unidades, além do serviço comum.

E não tardou o recurso para o Concurso de professores civis que ainda hoje se mantém. Seriam eles designados pe-

los Governadores ou Interventores Estaduais e Municipais ou, *na falta*, por contratados a conta dos Corpos interessados. Novo erro, a participação do professor bem como do ensino continuava facultativo.

Em 18 de Nov. de 1938, o govêrno baixava o Dec. 868, criando uma Comissão Nacional do Ensino Primário, para a nacionalização do ensino. Faltou-lhe o complemento: a preparação do professor. O Professor Lourenço Filho elaborou um projeto neste sentido, segundo estou informado, mas não logrou aprovação.

Os resultados, como era de prever, não são satisfatórios. E as Escolas Regimentais, apesar da magnificência de sua finalidade, passaram a constituir um obice no quartel!

E' que, como sôe acontecer, criou-se o órgão para atender uma necessidade palpavel e não se lhe deu organização compativel com a função a desempenhar, fazendo-se simplificações com mutilações condenáveis.

Atente-se agora que estamos em um país de cerca de 60 % de analfabetos cujo progresso, é inconteste, só poderá esteiar-se na educação e na saúde. Si assim é e estamos na vigência da lei do Serviço Militar tão patrioticamente aceita pelo nosso generoso e magnífico homem, porque não resolve-lo satisfatoriamente, se é ponto pacífico que, por essa forma, podemos multiplicar de chofre o número de Escolas, primárias e secundárias mesmo, com o aproveitamento das instalações de cada um de nossos quartéis, com o mínimo de dispendio e o máximo de colaboração e ambiente?

Não nos esqueçamos a essa altura de advertir que somos um país pobre em que faltam escolas e recursos a uma grande massa de cidadãos para se educar e progredir, acompanhando o ritmo de nossa civilização periférica. Além disso, o Exército é um fator decisivo no esforço de nacionalização.

Inspiraram-me essas idéias, já de há muito alimentadas, a campanha do tostão, inaugurada no govêrno passado; o selo de educação que se criou com esse objetivo sem que, no entanto, saíssemos do terreno da pura concepção. Falta a

ação, mas coordenada. E' chegado o momento de agir que nos parece o mais propício, por um imperativo mesmo das necessidades da instrução do Exército.

A guerra moderna, com todo o seu cortejo de horrores e de destruição, vale como um teste do estágio de civilização dos povos, pois arregimenta todos os valores nacionais e utiliza os recursos da técnica, da indústria e da ciência quer próprios como de seus aliados, para obter a integração do poder de sua vontade nos campos da luta.

Dai, a complexidade e multiplicidade da organização e equipamento dos Exércitos, exigindo, no dizer de De Gaulle, um Exército Profissional. Na própria categoria do soldado encontramos a exigência de certa habilitação intelectual para que melhor possa utilizar os engenhos bélicos complicados que a técnica, lhe põe ás mãos para lutar. São os multiplos especialistas e artífices, que se têm que fazer, combatentes ou dos órgãos de serviços. O nosso homem, não há dúvida, é inteligente, habilidoso e oferece um índice de adaptação e assimilação inexcedíveis. Porque não o ajudarmos a melhor compreender o seu valor como homem e patriota, no momento em que a Pátria o convoca a seu serviço, já que não o poudes fazer antes?

Ele assim será mais digno desta Pátria que o abençôa e protege.

Não se trata, pois, de criar nada novo, trata-se sim de organizar esse setor e aparelhá-lo convenientemente. Do mesmo modo que fazemos o educador da instrução física, seleccionemos o educador da E. Regimental.

Que seria necessário para isso?

- 1.º) Elaborar um programa racional de ensino — padrão para todas as Escolas Regimentais — coordenado pela Diretoria de Ensino do Exército e que permita:

- a) a alfabetização

- b) o ensino primário nos seus diferentes graus

- c) o ensino secundário necessário ás diferentes gradações (cabos e sargentos) visando não só o desenvolvimento e aperfeiçoamento do nível cultural adquirido como orientando-o no sentido de sua especialização e aptidão profissional.
 - d) o ensino técnico-profissional para os candidatos a artífices, complementar da prática de oficina, bem como para os que provierem das zonas rurais, as noções fundamentais teórico-práticos para a cultura da terra, avicultura e criação de porcos, ovelhas etc., segundo as regiões de seu domicílio.
- 2.º) Que o govêrno procure, mediante nomeação ou comissionamento, o pessoal docente necessário, mediante preparo em Escolas Normais Superiores, bem como técnicos especializados ou mesmo monitores agrícolas, aproveitando o grande número de professores diplomados existentes no país e não incluídos nos quadros do magistério, lançando mão para isso da verba especial do selo de educação.
- Os encarregados das Escolas devem ser recrutados entre os professores consagrados com, pelo menos, 3 anos de magistério. Os técnicos de agricultura ou monitores ficarão a cargo do Ministério da Agricultura ou dos secretários respectivos dos Estados, sob orientação direta de representantes da divisão de Terras e Colonização.
- 3.º) As Escolas ficam associadas ás unidades do Exército e serão orientadas diretamente pelos respectivos comandantes, a que ficarão subordinados disciplinar e administrativamente, de acôrdo com o art. 295 do R. I. E. G.
- 4.º) A Caixa de Economias da Guerra auxiliaria, a critério do ministro da Guerra, com os recursos necessários, o aparelhamento material das respectivas Escolas, correndo as demais despesas a custa das

Economias administrativas dos Corpos, segundo instruções a serem baixadas pelo ministro.

- 5.º) Os professores das Escolas, especialmente nomeados, deverão habilitar-se mediante um curso, a proceder a seleção psicológica dos homens desde sua incorporação, podendo ingressar no Q.O.A. do Exército desde que possuam diploma da Escola Normal oficial e hajam servido pelo menos, 2 anos consecutivos com bom rendimento.
- 6.º) A Escola deverá iniciar sua tarefa desde a incorporação, onde sua influência se torna preponderante e só encerrará seus trabalhos com a desincorporação e após o período de indisponibilidade, para os residentes locais.

Já estávamos encerrando nossas observações quando tivemos a grata surpresa de ler no conceituado matutino "O Jornal", do dia 8 de Março uma crônica do "Observador Militar" a respeito, e nos congratulamos por verificar que já existe um projeto elaborado por um 2.º Ten. da reserva convocado, professor diplomado pelo Distrito Federal sobre o mesmo assunto, apresentando pontos de vista comuns.

Apenas divergimos sobre a constituição inicial do quadro de professores incorporado ao Q.O.A. e nos explicamos:

O Q.O.A. foi criado com outra finalidade e a incorporação pura e simples, dos professores viria agravar o orçamento do Ministério quando o problema sobre estar inteiramente vinculado a formação do soldado, tem finalidades mais amplas visando valorizar o homem e por isso deve interessar outros Ministérios e valer-se de verba adequada. Na sua amplitude o problema é do âmbito nacional e de programa de governo. A experiência nos revela que o Exército por si só não pôde desempenhar-se simultaneamente dos dois encargos com os seus recursos exclusivos. A falta de professores pôde muito bem suprir-se com professores civis, inclusive sem nenhum prejuízo, antes beneficiando o meio social

em que vivemos, pelo respeito que se imporão. Ademais, é tão elevada e nobre a iniciativa que não poderemos prescindir do concurso voluntário de professores de outros estabelecimentos locais, do clero e dos próprios conscritos que concorrerão para completar a obra de congreamento do povo.

Achamos que o professor só deve ser admitido no Q.O.A. após uma experimentação, além de seus títulos de habilitação e de ter-se preparado para auxiliar o selecionamento e a classificação do homem-aptidão de que tanto descuramos e que tanto tem onerado a tarefa dos instrutores militares.

Uma vez habilitados nesse mister que é seu e intrínseco da psicologia do professor, eles ingressarão no Exército, naquele quadro, podendo então concorrer com os oficiais recrutadores e colaborando para o aperfeiçoamento e eficiência do serviço militar, embora sem perder sua condição de professores que existe ligada á Escola.

Seria injusto que os mantivessemos num quadro fechado com acesso restrito ao 1.º Ten. como atualmente. Possivelmente sua hierarquia chegaria a Cap. ou mesmo major com a regalia de poder transferir-se para guarnições mais importantes á medida de seu progresso e rendimento.

O que não resta dúvida é que as Escolas Regimentais existem por um imperativo do meio e do Serviço e precisa produzir mais dentro de suas finalidades.

Urge prestigia-la, aparelha-la e vincula-la com o sistema educacional do Estado porque então teremos facilitado a formação de nossa reserva instruída e concorrido também para valorizar o homem brasileiro que é bom por genese, bravo por índole e por um amor inexcédível a sua Terra bemfazeja.

Que nossas sugestões possam servir para uma solução mais acertada e para a meditação dos camaradas, são nossos melhores propositos.

Teoria e Prática da Guerra

ARMAS E TÁTICA

Pelo Cel. J. B. MAGALHÃES.

"Há ainda alguns na Bretanha e na América que pensam ser a guerra um interesse a parte da vida nacional, um assunto principalmente dos que escolheram a profissão das armas, qualquer coisa inacessível a maioria do povo". (Tom Wintringham — *The Story of Weapons and Tactics*).

Abril de 1946

A noção de que a guerra moderna interessa a todos, quer se interessem ou não por ela, parece matéria passada em julgado. Ninguém ousaria negá-lo de tal modo a coisa é evidente e tais são as suas consequências mais ou menos nefastas para todos, mesmos os *profiteurs*.

Mas, si ninguém ousa negar esse fato, é imensa a maioria dos que recusam esforços para bem compreendê-la, afim de que, destarte, possam útilmente contribuir para a bôa solução dos seus problemas intrínsecos e correlatos. Há nisto falta de sentimento do papel do indivíduo nas coletividades e desconhecimento de quanto a guerra se ressent da conduta de cada um e, não só isto, de suas próprias opiniões.

E fato, quer se o admita ou não, que o homem moderno, notadamente o cidadão das democracias, tem o precípuo dever de conhecer o fenômeno da guerra, tão a fundo quanto lhe permitam sua sua inteligência e suas luzes. Ninguém culto pode apresentar razões, exceto de negligência ou comodismo, para justificar ignorância ou desinteresse por tal assunto. Todos devem possuir uma idéia geral do fenômeno e mesmo, se se trata de homem público, notadamente filósofos ou políticos, também em relação as soluções dos problemas correspondentes do ponto de vista nacional. Não bastam, porém, palpites ou meras simpatias, é preciso haver cada qual uma opinião formulada em virtude de um raciocínio lógico assentado em dados positivos.

Pode-se argumentar com a ausência de escolas adequadas a uma tal aprendizagem. Seria uma razão para aqueles que tem de levar os seus conhecimentos até, a bem dizer-se, a prática das soluções, jamais, porém, para os que se podem contentar com concepções gerais

e sintéticas. Isto é mera questão de trabalho pessoal e de auto cultura, cuja fonte principal reside nos conhecimentos históricos.

E o estudo crítico da História, tanto para civis como para militares, a principal fonte do saber verdadeiro em tal matéria. E o que dizem os mestres da guerra, entre os quais Frederico e Napoleão se mostram os mais insistentes.

Modernamente, Mac Arthur, num relatório oficial citado por Tom Wintringham em "The Story of Weapons and Tactics" diz incisivamente: "Sem oportunidade na paz de se instruir praticamente em sua profissão por experiência própria, o soldado faz o máximo uso dos registos históricos para se tornar apto e capaz de comandar num caso emergente. *Os fatos deduzidos de uma análise histórica ãe applica ds condições do presente e do futuro próximo, por via de síntese sôbre o método, a organização e a doutrina*" (*)

Mas si o estudo crítico da História permite ao militar habilitar-se para comandar, é claro que êsse mesmo estudo há de bastar a todos, civis e militares, para formularem uma idéia justa sôbre a guerra, os seus problemas e soluções, sem a qual as *democracias* estarão sempre em inferioridade nos campos de batalha, pelo menos, nas fases iniciais da luta, como se comprova com os últimos acontecimentos mundiais. Em nosso modo de vêr, *democracia* é antes de mais nada o concurso interessado e consciente dos cidadãos na solução dos problemas públicos, sem o que ela seria um contra senso.

— o O o —

O desinteresse dos civis pelas cousas militares e a ausência de um critério rigorosamente histórico entre os profissionais da guerra, germinam idéias falsas ou insuficientes, se não completamente errôneas, na preparação e na sua conduta.

Natural e logicamente é daí que surgem os grandes desastres que a História regista. E é também por isto que, quando um conflito se estabelece, após um longo período de paz, durante o qual a indústria criou armas e equipamentos novos, desde as primeiras ações surgem decepções ou demasiados entusiasmos nos resultados alcançados por certos meios. Os primeiros, os que se deixaram distanciar dos progressos, tardiamente reconhecem os seus êrros; os segundos, crentes de que *viram tudo*, se a guerra se prolonga, persistem nos seus métodos e processos vitoriosos e acabam por sucumbir batidos pelo inimigo que, a custa dos sacrificios iniciais aprendeu a bem fazer a guerra no próprio campo de batalha, quando pôde dispôr de tempo e teve bastante terreno para ceder, sem se deixar aniquilar completamente.

(*) — O é nosso.

E, no entanto, a meditação histórica, pelos fartos exemplos encontrados no decorrer da vida da humanidade, povos e nações, bastaria para estimular uns e moderar outros, tornando a todos verdadeiramente sensatos!

Dessa meditação histórica surge naturalmente uma *teoria* que se não deve confundir com *as de cada época*, nem com as regras imaginadas por certos espíritos alvoroçados ou rotineiros, as quais se revogam em embates das realidades dos novos campos de batalha e dão lugar aos que se dizem práticos malsinarem tudo quanto chamam *princípio e teorias*.

Negam êstes que haja *princípios da guerra* de duração perene e para êles só vale a *prática* como se esta fôsse possível sem uma *teoria* correspondente, mesmo empiricamente concebida. Na realidade procedem como o Mr. Jourdan, de Molière, que fazia prosa sem o saber...

Não obstante, vistas as cousas a *vol d'oiseau* parecem as vèzes lhes dar razão. É que se tomam como definitivos teorias e princípios apenas verdadeiros para certas épocas. E por isto, tôda vez que surgem fatos novos tais teorias se mostram insubsistentes. Aliás elas jamais correspondem às concepções dos homens de gênio guerreiro, os Alexandre, Anibal, Cesar, Gensis Cam, Frederico e Napoleão, os quais fazendo entrar no jôgo das manobras e batalhas certos elementos imperceptíveis aos pequenos espíritos, as derogam e põem por terra. E que êsses homens de gênio sabem interpretar os ensinamentos do passado a luz das condições do presente, tirando as úteis consequências dos fatos novos.

Sabem ver o que há de mudado e aplicar, sem desvanecios de imaginação, nem retardos de concepção, os recursos de que realmente dispõem, sejam simples materiais sejam meramente humanos.

Sabem ver as mudanças que se operaram de fato na natureza da guerra em virtude de um maior poder de destruição, de novas possibilidades de movimento e até os que derivam das alterações políticas e sociais.

Sabem principalmente, e a isto se mantêm atentos, que uma das leis da guerra é exatamente a mudança nos modos de agir ou processos de operar, de manobrar e combater em virtude das alterações sofridas nas sociedades, nos meios de destruir, nos de locomoção, de reabastecer, de comandar, de combinar as diversas ações da luta para obtenção do resultado almejado, o aniquilamento do inimigo.

Esta lei das variações da guerra é, do ponto de vista da preparação para o caso de seu advento, a mais importante de tôdas. Obriga a revisões atentas das regras de conduta tática e estratégica, dos aspetos da organização, dos sistemas logísticos etc., sempre que aparecem recursos que aumentam a *potência* dos exércitos ou a *sua mo-*

bilidade, e isto porque eternamente à efetiva combinação do poder de destruição — a *potência* —, com a faculdade de deslocá-la — o *movimento* — é o problema capital na guerra, notadamente no campo tático.

Segue-se daí que todos, desde o tempo de paz, devem estar atentos às causas possíveis de mudanças, e procurá-las aproveitar para crescer sua *potência* e sua *mobilidade*, isto é, devem saber tirar partido dos possíveis aperfeiçoamentos dos meios conhecidos e processos respectivos de emprêgo, bem como das criações das ciências e realizações da indústria, atuais e prováveis, para não se deixarem retardar ou surpreender. E não só isto. Os materiais são inertes e o seu rendimento depende do homem, de sua inteligência, de seu caráter, de seu moral, pelo que, o que possa valorizar o homem também interessa. Os mesmos materiais empregados por povos diversos, tem o valor correspondente à mentalidade desses povos e às suas aptidões.

Tudo isto do ponto de vista da vida nacional implica em responsabilidades individuais e coletivas. Estas se estabelecem conforme a organização política e social das nações e se desenvolvem no quadro das respectivas tradições. Aquelas importam, desde logo, no dever para todos de fazerem uma idéia justa do problema.

No sistema social e político devem haver órgãos cuja função seja cogitar de tais assuntos, o que é mais ou menos reconhecido em toda parte. É claro, portanto, que todos os políticos e diretores sociais, que dão vida a esses órgãos, têm responsabilidades consideráveis a tais respeito. Eles não devem ser, em relação ao corpo nacional, como dizia Herbert Spencer, referindo-se aos parlamentares ingleses de seu tempo, como uma mosca pousada no corpo de um animal e nêle interferindo a seu modo, sem fazer nenhuma idéia de sua formação e de suas necessidades.

Não somente, porém, os políticos e diretores sociais têm responsabilidades. Eles de certo modo são dominados pela opinião pública, donde decorre que nesta matéria também os demais homens cultos, como os militares, verdadeiros formadores dessa opinião, têm responsabilidades indissociáveis, notadamente os últimos e, entre estes, tanto mais quanto elevada é sua situação hierárquica e mais importante é a esfera das respectivas funções.

Na verdade, nem sempre os militares, considerados globalmente, podem ver nitidamente o problema do ponto de vista mais conveniente. Em regra, sofrem agravos profissionais, são comprimidos pelo enquadramento e dominados pelos hábitos disciplinares, que, de resto, constituem à sua maior força.

Assim sendo, quando bem formados, tendem a ser conservadores e o espírito de rotina facilmente prevalece nêles. Só aqueles que pos-

suem uma inteligência lúcida e viva, e um espírito bem cultivado profundamente objetivo, o que aumenta suas responsabilidades, podem perceber os aspetos novos do presente e ante vêr as possibilidades e necessidades de um futuro próximo.

Em todo caso, são eles por suas tendências naturalmente conservadoras, os que melhor podem perceber os aspetos novos da guerra sem arricar exageros contraproducentes. Todavia, para que façam prevalecer na opinião pública seus justos pontos de vista é necessário que possuam muita dedicação, resultante de um alto senso de responsabilidades, e uma força de caráter não muito comum.

Esses reformadores não devem ser confundidos com os cabotinos bulhentos nem com os que vão cedendo à pressão das lisonjas e vaidades sem fundo. Suas opiniões se fundamentam na base sólida que deriva dos conhecimentos históricos.

Sem se compreenderem as razões das mudanças na guerra que a História ensina, em virtude dos efeitos produzidos pelos meios novos não será possível atinar com o que deve ser feito no presente notadamente em vista do futuro. Não basta, porém, conhecer a História.

Há um outro elemento que é imprescindível. Sem um perfeito conhecimento do presente e uma idéia razoável da sua provável evolução não se poderá aguardar o surto possível de armas novas e prevê-lhes as conseqüências.

Da fonte histórica resulta naturalmente uma teoria para a utilização dos recursos novos que permite passar seguramente ao campo da ação prática. Evita-se assim que o espírito, excitado pelo fogo da imaginação, desembeste em fantasias e podem-se seguir diretrizes orientadas em rumos certos. Só assim, interpretar-se-ão com segurança as conseqüências dos progressos sociais, políticos, das indústrias e das ciências.

Ainda esta consideração não é bastante para garantia de uma conduta tão certa quanto possível. Em apoio das conclusões teóricas daí resultantes é conveniente aduzir resultados experimentais, pois não basta que as concepções do espírito se apresentem lógicas, é preciso poder verificá-las. Ai residem as maiores dificuldades de uma boa preparação da guerra.

Essas verificações constituem função dos órgãos destinados na paz às atividades da guerra, mas, em última análise, tudo depende do valor real dos chefes, tanto civis como militares, isto é, de elite diretora. Quando esta é apócrifa, o valor real dos chefes dificilmente se apresenta à altura das necessidades e então o mecanismo se deteriora e emperra. As sãs idéias novas não medram. Prevaecem os revolucionarismos, os cabotinismos ou as rotinas, enfim, o que se não

justifica pelo caráter histórico ou experimental, mas que é capaz de contentar os *exaltados* ou os *demasiados conservadores*.

— o O o —

Cogitações da natureza das precedentes parecem-nos úteis em face do momento atual do Mundo, da América e do Brasil.

Saimos de uma guerra na qual adquiriram plena maturidade elementos de luta apenas criados na última conflagração mundial, entre os quais, os tanques, os transportes automóveis, as ligações pelo rádio, as fotografias, a luz negra, os aviões etc.. Os gases e meios de destruição biológicos, parecem ter apavorado tanto que nenhum beligerante, mesmo em desespero de causa, ousou lançar mão deles...

Ao par disto, surgiram realizações novas, além dos inúmeros e consideráveis aperfeiçoamentos de recursos já conhecidos, tais como o radar, as bombas eletro magnéticas, a propulsão por jatos, os rabot, o emprêgo de substâncias plásticas, os materiais sintéticos e a utilização da energia atômica.

De todos os recursos novos a impressão mais forte foi a deixada pelo último vindo ao campo da luta, a *bomba atômica*. Foi impressionantemente profunda.

Novamente diante um tal poder de destruição que expontaneamente todos foram conduzidos a casar com a aviação, os aviões sem piloto e os foguetes, muitos foram levados a dar a guerra como subvertida e reduzidas a escombros tôdas as creações do passado. A *bomba atômica* não teria vindo somente arrazar cidades, mas até a própria guerra. E isto tem dois sentidos.

Um deles resulta da consideração de que os seus efeitos podem até ameaçar a própria existência do planeta, pelo que, é de supor, a humanidade, para não se ver destruída, venha a renunciar a guerra, como recurso político. Oxalá, assim fôsse! Nada, porém, autoriza ainda a uma conclusão tão radical e talvez, como até aqui tem acontecido, a ciência saiba também achar o antidoto correspondente, prolongando-se assim, ainda desta vez, a luta entre o ataque e a defesa, o canhão e a couraça. Em tal hipótese, por êsse motivo, não será talvez a guerra impugnada pelos homens.

O outro sentido, é que êsse novo poder de destruição, aliado à aviação, aos foguetes etc. torna-se obsoletas tôdas as outras armas: navios, canhões, tanques, infantaria, cavalaria, etc..

Ora, isto não parece lógico. A esta arguição se pode logo opor o fato de que um dos países detentor do segredo de sua fabricação, trata no momento atual de manter um efetivo de paz de um milhão de homens, para estar preparado para uma nova guerra e persiste em possuir uma esquadra sem competidora.

Seja, porém, como fôr, parece fora de dúvida que êsse fato novo, que é a bomba atômica, produzirá mudanças na guerra. Por ser uma

arma nova, a respectiva tática, pois a cada arma correspondem regras próprias de emprego, reagirá sobre as demais e fará surgir as convenientes ou necessárias respostas dos que dela se tiverem de defender. Entrará na *combinação das armas* para a obtenção do resultado que se tem em vista: derrotar o adversário.

Si assim acontecer, tal como nos ensina a História, quer isto dizer que ela veio somar-se às outras e não as eliminar, tal como sempre aconteceu com as armas novas. Mas, é possível que com sua entrada em cena o papel das outras armas se alivie de muitos encargos, o que também a História ensina ter sempre sucedido quando surge um poder de destruição mais forte ou um meio de manobra mais rico de movimento.

Não haveria portanto *revolução*, no sentido negativo em que geralmente se encara esta expressão e, sim, *evolução*, no significado positivo que se atribui a est'outra.

Quando se passam em revista os fatos da guerra através dos tempos, de Troia aos nossos dias, no Ocidente e no Oriente, constata-se a coincidência de aspetos em cada época na conformidade do valor e das características dos meios que a indústria fornece para a luta e, também se vêm, na passagem de uma época à outra, reações análogas conseqüentes dos fatos novos.

Deduz-se daí que o problema, no que tem de essencial é sempre o mesmo. De fato, cada qual dos dois adversários em guerra procura destruir o outro do mais longe que pode. Mas essa destruição, de longe, nunca foi bastante e os dois contendores vão se aproximando e pondo em ação meios de destruição de menor alcance até que chegam as vèzes, freqüentemente quando são tenazes, ao mesmo corpo a corpo dos tempos homéricos. E isto explica bem porque os exércitos possuem armas brancas e armas de fogo de alcance e poder destruidor em enorme gama. Mas há também, diga-se de passagem, para a existência dessa enorme gama de armas de fogo, razões de economia, pois nem todos são bastantes ricos para empregarem meios sobrejantes para as necessidades das diversas missões, sem olhar aos desperdícios.

Até aqui, de Tróia à última capitulação da Alemanha e do Japão, o que se nota como modificação essencial no fenômeno da guerra é, principalmente, uma constante ampliação do campo da luta em largura e profundidade, ao par de esforços mais intensos, generalizados e prolongados na sua duração, êstes tantos mais acentuados quanto mais nos acercamos dos tempos modernos.

Mas nota-se também dentro dessas grandes linhas características da guerra, que cada época apresenta fisionomia particular pois as maneiras de agir e de reagir dependem necessariamente das possibilidades dos meios que a elas correspondem, mas nessas ações e

reações, trata-se de trazer os meios de destruição a distância apropriada à produção de seus melhores efeitos contra o adversário e é por isto que se diz modernamente que o fato essencial em tática, consiste na combinação *do fogo* — poder de destruição — com o *movimento* — possibilidade de usá-lo eficazmente.

Considere-se agora, que os materiais são inertes e que o seu rendimento depende muito da aptidão dos que os empregam e ver-se-á logo porque certos recursos valem mais nas mãos de uns do que de outros. É óbvio. Mas se assim é, não é impossível com meios menos potentes que os do adversário, porém, hábilmente manejados, obter resultados sobrepujantes, ou ao menos ponderáveis.

Um bom exemplo disto é o oferecido pelo judicioso emprêgo das guerrilhas. E o recurso dos povos fracos. Tem dado resultados apreciáveis ou bastante úteis como se verificou na Espanha contra Napoleão, na China contra o Japão, na Rússia e na Jugoslávia contra os alemães e também dos movimentos de resistência da Europa subjugada por Hitler.

Os efeitos práticos do armamento variam também como a *organização* cujo fim é exatamente o seu emprêgo mais rendoso. Dela depende a capacidade de manobrar, isto é, a possibilidade de dispor das armas necessárias onde possam ser úteis e em tempo oportuno.

A força dos exércitos é portanto variável com múltiplos fatores, não dependendo somente da espécie de seu armamento e da cópia dos seus efetivos. É certo que índios armados a bodegue não podem logicamente vencer civilizados manejando metralhadoras, aviões, tanques, etc., mas, se não desconhecem os efeitos destas armas e contra eles souberem precaver-se o mais possível, por um judicioso aproveitamento do terreno e com uma boa escolha de oportunidades, poderão lutar e até obter resultados sensíveis.

A força militar de uma nação varia com a capacidade de emprêgo das armas de que dispõe e com o conhecimento que tem dos efeitos e valor das do seu adversário.

— o O o —

Tudo que acabamos de dizer foi inspirado pela leitura de um interessante livro da literatura da última guerra: — "The Story of Weapons and Tactics" do inglês Tom Wintringham, editado em Boston em 1943. Nesse livro o autor estudando as fisionomias da guerra "from Troy to Stalingrad" conclui que *a mudança na técnica, na tática, na estratégia, nos reabastecimentos e equipamentos, nos transportes e treinamento*, etc. é a única lei que persiste.

Aceitamos a lei sem, porém, a considerar única. Mas concordamos inteiramente com ele quando afirma que quem quizer sobreviver e ser vitorioso precisa aprender as vias de mudança.

Ele estuda essas mudanças através de milhares de anos para aguçar o entendimento a respeito das *pansers* do presente. "Parte de Tróia para compreender Stalingrado." E recorda que:

"Há dois mil anos passados uma força armada marchava a pé para onde hoje é Sedan; eram as legiões do primeiro Cesar que avançavam para a conquista da Bélgica. Há um milhar de anos, uma força armada avançava a cavalo para o mesmo lugar, vinda de outra direção; eram guerreiros obedientes ao rei germânico, Oto, o Grande, que iam lutar quando se rompeu a quasi unidade européia criada por Magno. Há dois anos (***) uma força armada movia-se rapidamente em veículos através de Sedan iniciando a conquista da maior parte da Europa moderna".

E, a vista destes exemplos e de outros tirados da história de sua pátria, conclui que quem quizer atender a necessidade de efetuar as mudanças que a guerra exige *terá de planejá-las*, o que quer dizer, afirma ele, *deve incluí-las numa idéia geral de como combater agora e no futuro, o que significa ser mistér ter uma noção das lutas do passado*.

Efetivamente, é só o exame dessas lutas que nos pode inspirar útilmente. Nesse exame se descobrem elementos persistentes através dos tempos e que retornam sempre a tona embora as vezes esquecidos.

A lembrança, por exemplo, de certos acontecimentos de nossas lutas coloniais, no momento em que nos empenhamos no conflito mundial e o que se deu com a F.E.B. comparativamente com a expedição contra Lopes, convidam a meditar sobre o passado em vista da preparação do presente e do futuro.

No momento em que falamos em reconstituir as nossas forças militares para aproveitar os ensinamentos da última guerra cometeríamos certamente erro lastimável se olvidássemos colher os que nos dá a nossa própria História.

Sem dúvida alguma, teremos de utilizar armas e processos novos, mais estes do que aquelas, o que demanda uma organização nova. Tudo porém, terá que ser aferido por nossos recursos e naturais condições e por isso muito haverá a lucrar se soubermos, *mutatis mutandis* — derivá-las das considerações do passado. É nesse passado que reside a definição principal de nossa *capacidade real*. Seu desprezo importaria em fazer obra artificial que nos tiraria toda a possibilidade de manobrar em face de um adversário mais poderoso, que para uma nação pacífica, de política militar essencialmente defensiva, é o adversário principal a encarar.

O passado existe e de balde o desprezariamos. E isto seria tanto mais perigoso e lastimável quanto mais ele é fértil de ensinamentos.

(**) — O autor escreve em 1943.

O ESTUDO DAS TRANSMISSÕES NA E. E. M.

Pelo Ten. Cel. *ADALARDO FIALHO*

INTRODUÇÃO

Ao abordarmos o Curso de Transmissões, desejamos fazer algumas observações de interesse geral. Como já sabeis, a E.E.M., a par do estudo de Unidades de organização tipicamente brasileira, estuda também a ação de Unidades em organização norte-americana. Isto implica em novos "Vade-Mecum" e Cursos, onde se exponham os dados da organização e os correspondentes processos de emprego.

Faremos uma ligeira referência ao novo "Vade-Mecum", chamando a atenção para determinados pontos, deter-nos-emos um pouco mais sobre os Cursos, ou melhor, sobre a doutrina que eles encerram, visando, uma vez por todas e de modo geral, uma *uniformidade* de procedimento em face do emprego das Transmissões e encerraremos com algumas conclusões. Antes, porém, desejamos indicar as linhas mestras do programa de instrução nos 3 anos do Curso.

PROGRAMAS DE INSTRUÇÃO

Na 1.^a Parte abordaremos o assunto sob o aspecto informativo: o emprego das Trns. nas pequenas Unidades. Contudo, seremos chamados a intervir na solução de trabalhos adequados, visando a organização; características, rendimentos e emprego dos órgãos e meios de Trans.

Na 2.^a Parte, o estudo visa o emprego da Divisão e na 3.^a o do C. Ex. e terá por finalidade, em primeiro plano, familiarizar o oficial com a parte de Trns. que diz respeito ao

Comando: o mecanismo de seu acionamento, as relações que mantêm com as diversas Secções do E. M., etc. e, em 2.º plano, indicar-lhe algumas soluções técnicas, entrando propriamente no terreno das Trns.

Em todas as fases e sempre que possível, serão feitos estudos especiais sobre os blindados, aproveitando os temas desse novo Curso e colaborando ativamente com ele, uma vez que as Trns. desempenham um papel importante na guerra mecanizada.

NOVO VADE-MECUM

Um novo Vade-Mecum de Trns. será distribuído, contendo novos tipos de Unidades e novas tabelas de dotações. Algumas Unidades foram copiadas das correspondentes americanas, outras adaptadas. Conservou-se o Btl. de Trns. de C. Ex., porém caiu o da Divisão, transformado agora em Cia. de Trns. divisionária. Em compensação, criou-se a Bateria de Comando na Artilharia de todas as Grandes Unidades e lá vamos encontrar uma Secção de Trns., que satisfaz a todas as necessidades de transmissões da respectiva artilharia. Quanto às dotações, devemos manter alerta o espírito. Muitos possuem documentos americanos — e, numa rápida comparação com o nosso novo Vade-Mecum, poderão encontrar diferenças de dotações, principalmente na parte de material rádio. Porém, é preciso que saibamos que uma grande Comissão nossa, integrada por oficiais técnicos e do E. M., muito recentemente estudou esta questão, procurando uniformizar, denominar e reduzir às nossas possibilidades industriais toda a extensa gama de material americano de Trns.

Assim, por exemplo, os 30 ou 40 tipos de aparelhos rádio americanos foram reduzidos a 10, dentro das nossas possibilidades industriais, organizando-se uma tabela de correspondência entre os nossos e aqueles. É evidente que o trabalho dessa Comissão, aliás excelente, não pode ser despre-

zado. De resto, as dotações do Vade-Mecum não são definitivas. A Escola é um laboratório e só o estudo dos casos concretos, durante o ano letivo, indicará si as dotações são ou não apropriadas. Em todos os casos, faremos as alterações que se imponham, fornecendo-as aos alunos, como se faz na Escola de Comando e E. M. de Fort Leavenworth, nos E. U., onde se adota um Vade-Mecum de folhas soltas, já com esse fim.

Desejamos chamar a atenção dos Snrs. Officiais para a questão viaturas das Unidades de Trns. Não há mais veículos hipomoveis. Todas as Unidades de Trns., sem excepção, se motorizaram. Por fim, solicitamos a todos que se familiarizem com os símbolos de Trns., dados na última parte do Vade-Mecum, principalmente com a parte nova, que se refere à designação numérica dos circuitos telefônicos.

NOVOS CURSOS

O antigo "Curso de Trns." da E.E.M., será agora substituído por 4 publicações.

- 1. *Emprego Tático das Transmissões*", para uso de Comandantes e oficiais de E. M.

Publicação da Escola de Comando e E. M. de Leavenworth, nos E. U., contém, como o próprio nome indica, as noções gerais e essenciais que todo Cmt. e oficial de E. M. deve conhecer a respeito do emprego das Trns. Será, daqui por diante, a nossa publicação básica.

Fizemos desse Documento uma tradução de emergência, solicitando para a mesma a benevolência dos Snrs. Officiais.

- 2. *"Ordens de Transmissões"*. (P E T-12). Documento americano, traduzido pela nossa Escola de Transmissões, não é mais do que uma extensão da 1.ª publicação citada. Trata particularmente da parte das ordens de combate que dizem respeito às Trns. dentro da Divisão, sendo também aproveitável para o escalão C.Ex.

- 3. "*Instruções para Exploração das Transmissões*" (P E T — 14). É um desdobramento do anterior. Não é mais que um exemplo explicativo da última parte do P E T — 12.
- 4. "*Manual de campanha das Transmissões*" (F M 11 — 10) (Organização e emprego na Divisão de Infantaria). Trata do emprego da Cia. de Trns. Divisionária e servirá de referência para o emprego de Unidades análogas.

— Além das 4 publicações acima, ser-vos-ão fornecidas, em Notas de instrução, todas as que se impuzerem para suplementar ou completar o ensino das Trns.

Como se depreende facilmente, a ordem de importância das 4 publicações é a própria ordem em que foram expostas.

As 3 primeiras referem-se ao comando, à parte de *concepção e coordenação*. A última refere-se à tropa, à parte de *execução propriamente*.

NOVA DOUTRINA DE EMPREGO

Além da doutrina de emprego que herdamos dos franceses e que continuaremos a aplicar nesta Escola, no que ela nos deixou de imutável e proveitoso, abraçamos agora uma nova, a doutrina americana. Não se trata propriamente de nova doutrina, porém de novos processos, novos métodos de organizar e coordenar o emprego das Trns. em todas as Unidades de um determinado escalão de Comando. Devemos indicar aqui, aos senhores oficiais-alunos, as diferenças capitais entre as 2 doutrinas em presença.

O francês separa sempre as 2 noções fundamentais: a *Ligação* e as *Transmissões*. A *Ligação* diz respeito ao Comando, ao Tático. As *Transmissões* são um dos meios de realizar a *Ligação*. Dizem respeito à Tropa, à Execução, ao Técnico. Assim, em todas as situações e conforme o escalão, o francês organiza sempre 2 séries de documentos:

— de um lado, os que dizem respeito à Ligação, de responsabilidade e feitura exclusivas do Comando, porque, como diz *Derougemont*, a Ligação é um *princípio de comando*, como a Segurança: são o Plano de Ligação, a Ordem de Ligação, as Diretrizes ou Instruções para o emprego das Trns., o § Ligação e Trns. da O.G.O.;

— de outro, os que dizem respeito às Transmissões, ainda de responsabilidade do Comando, porque este os assina, porém de feitura exclusiva do Cmt. das Trns., do técnico, porque, como diz aquele insigne mestre, completando o seu pensamento, as transmissões são um *processo de execução*, como as Vanguardas: são o Plano de Trns., a Ordem preliminar de Trns, a Ordem de Trns. definitiva e as Ordens e Instruções regulando detalhes de execução.

Já o americano, levado pela sua super-técnica, pela sua quase mania de especialização e pela sua incrível riqueza de meios foi naturalmente levado a desprezar, a pôr de parte a noção *Ligação*, exaltando, em câmbio, a noção *Transmissões*. Dezenas de aparelhos de rádio são postos à disposição de um simples Grupo de Artilharia de Campanha, ao passo que, pela organização francesa, apenas 5 ou, no máximo 7, havia ali.

Um exemplo vos mostrará melhor o contraste entre as doutrinas.

O americano não adota o Centro Avançado de Informações (C.A.I.), até muito recentemente utilizado pelo Exército francês e que era um órgão tipicamente do comando, órgão de Ligação, substituindo-o simplesmente por um Centro de Transmissões Avançado (C.T.A.), órgão integrado por tropas de Trns. e exclusivamente técnico. Toda a vez que se verificava um congestionamento dos meios de Trns., na frente, o comando francês enviava para lá um oficial de seu E.M., seu representante, o qual, juntamente com alguns auxiliares e absorvendo o Centro de Trns. congestionado, passava a constituir o C.A.I. Aquele Oficial, Chefe do C.A.I., recebia as mensagens, comparava-as e, conhecedor

da situação e das intenções do General, determinava a ordem de precedência com que deviam ser escoadas para a retaguarda pelos meios de trns. Este método possuía a grande vantagem do chefe do C.A.I. fazer a preparação tática do P.C. do General. Quando este se deslocava de seu antigo P.C. para o novo, junto ou nas proximidades do C.A.I., já encontrava um oficial de E.M., conhecedor da situação da frente e que o punha a par da mesma.

Pelo método americano, não há C.A.I.

O congestionamento de um C.T.A. é evitado pela adoção de uma tabela de precedência. Qualquer autoridade militar Americana, ao redigir uma mensagem, coloca no espaço em branco competente, no alto da mensagem, a ordem de precedência. A escala é a seguinte, na ordem decrescente de urgência :

- Urgente
- Prioridade operacional
- Prioridade
- Rotina
- Adiado

Esperam os americanos que, com essa tabela e chegadas as mensagens ao Centro de Trns., o escoamento far-se-á naturalmente, escoando-se primeiro as categorias mais urgentes e, dentro de cada categoria, escoando-se as mensagens segundo a ordem de entrada. Esse escoamento é supervisionado pela Secção de Mensagens, que existe em todo o C.T. e cuja função é manter uma distribuição equilibrada do tráfego entre os diferentes órgãos de transmissões do C.T., eliminando desnecessários atrasos no tempo de entrega das mensagens. O resto é obra de seus meios de transmissões, em cuja eficiência e riqueza confiam cegamente. Esquecem-se, porém, de um fator psicológico importante: há quase universal tendência entre os oficiais de E.M. para exagerar a precedência. Ora, se todos fizerem assim, todas as mensagens, em vez de "Urgente", tornam-se "Rotina" e lá vem o congestionamento.

Sem dúvida, os 2 métodos apresentam vantagens e inconvenientes. O oficial de E. M. francês pode morrer e resurgir o congestionamento, até que novo oficial o substitua. O método americano é menos inteligente, porém mais prático, embora confie na capacidade de julgamento de inúmeros indivíduos.

O que desejamos ressaltar aqui, com este exemplo, é que, enquanto o francês confia num órgão de *Ligação*, o americano confia nos seus meios de Trns. e numa ordem de precedência. Em tudo é levado para o terreno das Transmissões. Assim, não organiza, pelo menos não separa metodicamente, como o francês o faz, as 2 grandes séries de documentos citados acima: os que dizem respeito à Ligação e os que se referem às Transmissões. Para ele, só ha os documentos da série "Transmissões", embora, de mistura, aí se vejam prescrições que dizem respeito às "Ligações". Todos os documentos são feitos pelo Cmt. das Trns. ou pelo Cmt. da Unidade de Trns. do escalão considerado, embora os regulamentos americanos dividam as responsabilidades, não da feitura desses documentos, mas de distribuição, coordenação e segurança deles entre o Chefe de E. M., os Chefes de Secções de E. M. e o próprio General Cmt.

Em resumo, pela doutrina americana, há, como órgão diretor, um Cmt. de Trns., em cada G. U. . Como órgãos de execução há, no C. Ex. um Btl. de Trns. de C. Ex. e na Divisão uma Cia. de Trns. . A tropa é acionada, em qualquer grande escalão, pela seguinte série de documentos, cuja aplicação, para que fique uniformizada, nos 3 anos do Curso, explicaremos em traços gerais:

- Normas Gerais de Ação (N G A)
- Instruções para Exploração das Trns. (I E T)
- Plano de Transmissões
- Ordem para as Transmissões.

Antes, porém, e para melhor compreensão, vejamos qual o grau de responsabilidade que a doutrina americana atri-

bue ao Cmt., ao seu Chefe de E.M. e aos seus Chefes de Secções, em relação às Transmissões.

— O General Cmt. é o responsável por Transmissões eficazes através de todos os escalões de seu comando;

— O Chefe do E.M. coordena as *necessidades* de Trns. com as *possibilidades* das tropas, equipamentos de Trns. e tempo disponíveis;

— O Chefe da 3.^a Secção é o responsável pela localização geral dos P.C., responsável também pela expedição de Ordens e Instruções para a execução das Trns., embora a redação desses documentos seja atribuição do Cmt. das Trns., como já se viu; além disso, é de sua alçada distribuir prioridades sobre a instalação e uso dos meios ou Centros de Trns., baixar normas para a instrução e disciplina das Trns. e é o responsável pelas rêdes de alarme e serviço de escuta;

— O Chefe da 2.^a Secção providencia Trns. para pôr em execução não só o Plano de Informações, como o de Contra-Informações e determina medidas especiais para a coleta de informações sobre as próprias Trns. inimigas;

— O Chefe da 4.^a Secção é quem elabora o Plano de Aprovisionamento e de Reparações para o equipamento das Trns. e exige Trns. para o controle do tráfego e para atender aos órgãos dos Serviços;

— Finalmente, o Chefe da 1.^a Secção, além de tratar do reacompletamento das tropas de Trns., é o responsável pelos movimentos dos P.C. e pela satisfação das necessidades de Trns. para o E.M. e tropas especiais.

Passemos agora a comentar a série de documentos há pouco referida.

"NORMAS GERAIS DE AÇÃO"

As N G A. são uma ordem de serviço, preparada pelo Cmt. das Trns. e assinada pelo General Cmt.. E' o tabelamento dos procedimentos a observar em face das opera-

ções de combate típicas. Compreende-se que, para cada uma das situações, tais como estacionamento, marcha e combate defensivo ou ofensivo de uma G.U., as Trns. podem sempre estabelecer o *mesmo* sistema de Trns., que chamaremos *padrão*, assim como adotar normas de procedimento *padrão*. A primeira consequência disso é que as Unidades de Trns. não recebem missão nas Ordens Gerais de Operações. Não se lhes diz o que fazer, porque isso é norma. Recebida a O.G.O. e enfronhando-se da especie de operação tática a efetuar, automaticamente elas estabelecem o sistema *padrão* para o caso. O que elas precisam é saber *como* explorar o sistema que estabelecem e isso lhes é indicado nas I.E.T., como veremos adiante.

E' claro que nem todas as situações táticas são *padrão*. Há casos particulares. Então, para todos os casos em que as N.G.A. devem ser ampliadas, modificadas ou mesmo esclarecidas, para se ajustarem aos casos especiais, haverá indicação dos detalhes respectivos na O.G.O., no § Lig. e Trns. ou na Ordem para as Trns.

O fim das NGA é, de maneira geral, facilitar e apressar as operações, simplificar e abreviar as ordens de operações, bem como apressar a sua expedição. Elas reduzem o volume de detalhes que, forçosamente, constam normalmente de uma ordem de operações. Devem ser expedidas ao início de operações, nos períodos de concentração, por exemplo e todas as vezes que se puder fazer a previsão de determinadas operações a efetuar.

"INSTRUÇÕES PARA EXPLORAÇÃO DAS TRANSMISSÕES"

E' o documento pelo qual o Comando determina *como* os diferentes órgãos de Trns. devem ser explorados, pois é evidente que os diferentes Centros, Postos e cadeias de meios, espalhados por todo um escalão de comando, devem ser coordenados e disciplinados. Se as N G A respondem á

pergunta o que instalar, as I E T, respondem à pergunta como explorar.

As Instruções abrangem itens que podem permanecer em vigor por um longo período de tempo e outros que podem e até mesmo devem ser mudados freqüentemente. Convencionaremos que, aos primeiros, chamaremos a 1.^a Parte das I.E.T.; aos segundos, a 2.^a Parte. Exemplos da 1.^a Parte: Lista telefônica, Código de coordenadas de mapas, taboas de levantar e pôr do sol e fases da Lua, etc., Exemplos da 2.^a Parte: sistemas de autenticidade, listas de indicativos e frequências de rádio, senhas e contra-senhas, código de sinais óticos, etc.

As I E T são normalmente classificadas como "Confidencial" ou "Secreto". São preparadas pelo Cmt. das Trns. e assinadas, por ordem do Cmt. da Grande Unidade, pelo Chefe do Estado-Maior.

* São calcadas, as da Divisão, nas I.E.T. baixadas pelo C. Ex. e as deste nas baixadas pelo Ex., pois como se dá com o Cmt. da Engr, etc., o Cmt. das Trns. está também duplamente subordinado: sob o ponto de vista tático, ao Cmt. de sua G.U.; sob o ponto de vista técnico, ao Cmt. das Trns. da G.U. imediatamente superior. As I E não se classificam na categoria das *ordens de serviço*. São, para todos os efeitos, *ordem de combate*. São formuladas desde o início das operações, afim de que os interessados possam familiarizar-se com o seu conteúdo e emprego, antes das operações efetivas. Podem permanecer em vigor durante uma operação tática ou ciclo de operações ou podem ser substituídas, no todo ou em parte, quando fôr necessário. A fiscalização de sua execução é da alçada do Cmt. das Trns. Cada item das I E T vem relacionado num índice, que constitui também um dos seus itens, o primeiro. O americano dá enorme importância a esse índice e faz questão que seja expressamente mencionado, ou no § Lig. e Trns. da O.G.O., ou na Ordem para as Trns., Com efeito, todas as autoridades devem ter pleno conhecimento des-

se índice, não só porque ele relaciona todos os outros, como porque indica, para cada um, qual o número da série *em vigor*.

"PLANO DE TRANSMISSÕES"

Haverá necessidade de um Plano de Transmissões? As N G A respondem á pergunta "*o que*" instalar e as I E T á pergunta "*como*" explorar. O que mais falta? Sem dúvida, é preciso responder ainda ás perguntas "*quando*" explorar, "*quem*" servir e incluir detalhes sôbre aprovisionamentos e reforços de tropas de Transmissões, si fôr o caso. O Plano de Trns. é uma condensação das respostas a todas essas perguntas. Ele não é distribuído á tropa. Como todo plano, é um documento de estudo do E.M.. Organizado pelo Cmt. das Trns. da G.U., servirá de base para o § Lig. e Trns. da O.G.O., para a Ordem para as Trns. e para as ordens de operações das Unidades de Trns. que servem ao seu Q.G.. Sua elaboração é precedida de um "estudo da situação", em que o Cmt. das Trns. balanceia as necessidades de cada meio com as respectivas possibilidades, considera as atividades do inimigo que possam afetar as nossas Trns., pesa o estado das nossas próprias tropas e recursos, analisa o terreno, principalmente a localização das autoridades e as distancias relativas que as separam, tudo, objetivamente, em face da operação tática que se vai realizar. A decisão final é condensada num Plano de Transmissões, que incluye os seguinte parágrafos gerais:

1. Proposta para o § Lig. e Trns. da O.G.O.
2. Data e hora em que os vários elementos do sistema de Trns. devem estar preparados.
3. Um resumo das Trns. essenciais a serem estabelecidas.
4. Detalhes de aprovisionamento das Trns. que afetam o Plano.
5. Assuntos diversos, tais como reforços de tropas de Trns. exigidas pelo Plano, etc.

Comentemos esses parágrafos :

1. Proposta para o § Lig. e Trns. da O.G.O.

Esse § é o que corresponde ao § 5 do modelo de ordens de combate americano. Desde logo precisamos prestar aqui alguns esclarecimentos. E' neste § que se incluem detalhes essenciais não abrangidos nas N G A'. Porém, desde que sejam resúmidos. Si forem extensos, passam a constituir uma Ordem para as Transmissões. No 1.º caso, o § deve conter, no *mínimo*, a indicação do índice das I E T em vigor, a localização dos P.C., dos eixos de Trns. e de outras instalações para as quais possam ser enviadas as mensagens, tais como os C T A. Poderão ser incluídos ainda itens de interesse geral e aos quais, pela sua importância, o comando deseja dar especial destaque, tais como silêncio do rádio, artifício de sinalização para tiro de barragem, mesmo que esses itens já constem das I E T.

No 2.º caso, isto é, quando é distribuída uma Ordem para as Trns., o § devia resumir-se a uma simples referência a ela. Contudo, tendo-se em conta, de um lado, que raras vezes poderá uma Ordem para as Trns. ser expedida ao mesmo tempo que a O.G.O. correspondente e, de outro, que as autoridades que recebem esta O.G.O. precisam, desde logo, tomar conhecimento dos P.C. que lhes dizem respeito, estabelecer-se-á que, neste 2.º caso, o § Lig. e Trns. indicará *sòmente* :

- o índice das I E T em vigor
- os P.C. e eixos de Trns (estes em sit. mov.)
- amplitude de emprego do rádio
- C T A , se indicado.

2. Data e hora

E' o parágrafo em que o comando diz "quando" as Trns. devem ser estabelecidas. Atribuição exclusiva dele, pois a manobra lhe pertence.

3. Resumo das Trns. essenciais a serem estabelecidas. Aqui incluem-se os meios a serem instalados, desde que fujam às N G A'. Já vimos que si os detalhes perti-

nentes forem resumidos, são incluídos na proposta acima para o § Lig. e Trns.. Si forem extensos, passam para uma Ordem para as Trns.

4 e 5. Estes parágrafos falam por si mesmo.

"ORDEM PARA AS TRANSMISSÕES"

A Ordem para as Transmissões é uma ampliação do § Lig. e Trns. que lhe faz referência. Organizada pelo Cmt. das Trns, é assinada, por ordem do General, pelo Chefe do E. M...

E' uma ordem de combate, calcada na Ordem correspondente da G. U. imediatamente superior e tem por fim a coordenação do estabelecimento dos sistemas de Trns.. Como já vimos, a adoção de N G A diminui a necessidade de uma Ordem para as Trns. contendo grande número de instruções comuns. A Ordem deve conter uma repetição do índice em vigor das I E T, da localização dos P. C., dos eixos de Trns, C T A e amplitude de emprego do rádio, embora tais assuntos já tenham sido incluídos no § Lig. e Trns. pelas razões já expostas.

Além disso, é precedida de uma exposição da situação e contém a missão a ser realizada por todos os elementos de Trns. da G. U. e as instruções adicionais necessárias para coordenar o estabelecimento dos sistemas.

Todas as vezes que a *Ordem para as Trns.* vier ligada a uma O. G. O. correspondente, acrescentar-se-á à sua designação uma referência àquela O. G. O., como, por exemplo: "Anexa á O. . O. n.º", ou, "Refere-se á O. G. O. n.º". Quando se tratar de uma Ordem para as Trns. independente, não conterà, é claro, aquela referência.

CONCLUSÕES

Fizemos, como ponto capital desta palestra, uma exposição de ordem geral sobre a doutrina, norte-americana de emprego das Trns., comparando-a com a franceza, até en-

tão em vigor nesta Escola. E' cêdo para tirarmos conclusões sôbre qual a melhor, porém devemos informar-vos que os próprios francezes vão adotando os métodos e processos norte-americanos.

Sôbre os documentos de acionamento, acima discutidos, esclarecemos que as publicações que vos serão distribuídas contêm modelos de todos eles, modelos, é claro, que deverão ser tomados como uma simples referência ou "Check List". Antes de terminar, desejamos ainda ferir alguns pontos, indicando as tendências atuais das Trns.:

- 1.º) As Trns. adquirem um caráter cada vez mais técnico e especializado.

Já vimos que isso arrastou o americano para o terreno das Trns, desprezando o das *Ligações*;

- 2.º) As necessidades da guerra moderna, tipo "Blitz", exigem Trns. cada vez mais rápidas, não só no modo de estabelecer a ligação, propriamente, como no próprio sistema de transporte dos meios e nos seus processos de instalação. As viaturas são motorizadas, os antigos processos de lançamento de cabos a braço é substituído por viaturas automóveis desenroladeiras, adotam-se cabos múltiplos de fios telefônicos, etc. .

- 3.º) A segurança das Trns. tornou-se vital.

Podemos mesmo afirmar, sem medo de errar, que a *segurança* deve primar sôbre a *precisão*, bem como sôbre a *velocidade* de transmissão. De nada vale o transmitir mensagens rapidamente, sem perda de uma única vírgula, se não se tomou a precaução necessária para evitar que elas sejam desvendadas pelo inimigo. Quanto mais autoridades, mais meios devemos instalar e maiores os cuidados com que os devemos cercar, principalmente o rádio. Mudanças constantes das frequências, listas de ordem de sigilosidade, códigos, cifras, sistemas criptográficos, códigos de autenticidade, estações de escuta, radio-goniometria, Secções especializadas do E.M. e Unidades inteiras especializadas traba-

lham unicamente na batalha da segurança ds Trns., procurando evitar o desvendamento das nossas, de um lado e, de outro, procurando o desvendamento das comunicações inimigas, ou, em última análise, de suas atitudes e intenções.

- 4.º) A coordenação das Trns. é cada vez mais complexa, função do número, da natureza e dos processos de exploração dos meios instalados, obrigando á expedição de extensos documentos. Procura-se abrevia-los pela adoção de normas gerais de ação e, sempre que possível, de diagramas, calcos, gráficos, etc.
- 5.º) A necessidade de tirar o maior rendimento possível de meios tão complexos, obriga cada vez mais á adoção e observância de regras rigorosas de exploração. A disciplina de exploração tende a ser cada vez mais exigente.
- 6.º) Como um corolário da 1.ª tendência, as Tropas de Trns. são também cada vez mais técnicas e especializadas, integradas por equipes de homens altamente hábeis, de instrução demorada, porém em número sempre escasso e trabalhando 24 horas por dia, mesmo quando as outras armas descansam. Devemos empregá-las judiciosamente, sempre em seus próprios misteres, dar-lhes descanso, estabelecer horários adequados de serviço, escalas de substituições, etc..
- 7.º) Quanto aos reaprovisionamentos, é importante dizer que já na 1.ª Grande Guerra o consumo de material de Trns. foi fantástico, porém nesta 2.ª foi astronômico. Recuperar o material é pois uma responsabilidade cada vez maior do comando, em todos os escalões, para isso existindo toda uma gama de órgãos de reparações e de normas de ação. Dizem textualmente os americanos: "Uma escassês de equipamento de Trns. e de seus estoques de recompletamento pode arruinar uma operação tática do Cmt. tão eficazmente como uma escassês de munição".

8.º) Finalmente, as Trns., mais do que nunca, constituem a arma do Comando. Dizem os regulamentos americanos: "As Trns. são uma responsabilidade do comando. Com eficientes Trns., um Cmt. obtem informações e expede ordens.

Tem o controle de suas tropas.

Sem elas, fica isolado e é ineficiente".

Terminando, quero ainda dizer que um Oficial do E.M. pode não conhecer a teoria do rádio, o modo de fabricação de um telefone ou o processo de alimentação de um aparelho ótico, mas é imperdoavel que desconheça o alcance de seus diferentes tipos de rádio e de seu telefone, etc., isto é, as suas possibilidades táticas, bem como as normas de exploração, a ordem de precedência das mensagens e a de sigilosidade.

A 2.^a Batalha Aéreo-Terrestre da Holanda

Cap. GERALDO DE MENEZES CORTES

ADVERTENCIA

O presente trabalho baseia-se na seguinte documentação:

- "The Pocket HISTORY of the SECOND WORLD WAR".
- "History of World War II — MILLER WINSTON".
- Relatório do Gen. MARSHALL: "The winning of the war in Europe and the Pacific".
- Os seguintes artigos em números da revista "The War Illustrated" abaixo discriminados:
 - 13/X/44 — "The war in the air" — Capt. N. MAC-MILLAN.
 - 27/X/44 — "The Battle Fronts" — Maj. Gen. Sir C. GWYNN.
 - "Immortal story of the airborne men of ARNHEM".
 - 10/XI/44 — "The war in the air" — Capt. N. MAC-MILLAN.
 - 23/XI/45 — "With MONTGOMERY from D-Day to V-Day" — Maj. Gen. Sir CHARLES GWYNN.
 - "The epic story of ARNHEM told afresh" — Maj. KENNETH HARE SCOTT.
- Os seguintes artigos em números da revista "The Illustrated London News" abaixo discriminados:
 - 30/IX/44 — "The Battle in Holland" — CYRIL FALLS.
 - 7/X/44 — ARNHEM e o futuro — CYRIL FALLS.
 - 21/X/45 — "A stage in airborne tactics" — CYRIL FALLS.
- "Vers BERLIN" (N. 16/X/1994 — Revista "La France Libre").
- A evolução das forças aéreo-terrestres — Ten. Cel. JACK G. CORNETT (XII/1945 — "Military Review").
- Circular de instrução N. 113 (9/X/1943) dos Estados Unidos da América do Norte.

INTRODUÇÃO

A 2.^a Batalha da Holanda é um brilhante caso concreto que demonstra o excelente grau de eficiência que americanos e ingleses sou-

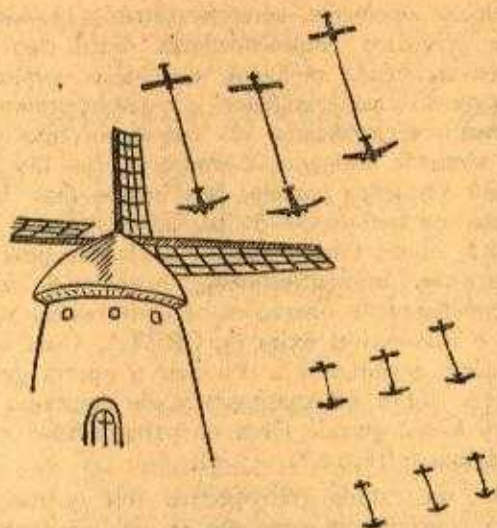
beram imprimir às operações aéreo-terrestres (1), suplantando os idealizadores e primeiros empreendedores desse tipo de operação, graças ao desenvolvimento inteligente das idéias, explorando os ensinamentos progressivamente colhidos, e ao aperfeiçoamento crescente do equipamento especializado. Os russos, inventores das tropas paraquedistas, viram-se obrigados a empregar esse tão valioso material humano por pequenas parcelas nos negros dias da invasão de sua Pátria, mas, mesmo depois de passada a crise e desencadeada a contra-ofensiva, nunca foram capazes de lançar uma grande operação aérea-terrestre. Indiscutivelmente, os alemães foram os primeiros empreendedores de operações aéreo-terrestres de vulto, mas não repetiram o indiscutível êxito de Creta. Uma vez perdida a superioridade aérea e obrigada a conduzir a guerra defensivamente, a ALEMANHA viu-se na contingência de empregar, no período final da guerra, à sua grande força de paraquedistas como divisões normais para a luta terrestre.

Se fizermos um estudo retrospectivo das operações aéreo-terrestres podemos concluir que, enquanto os seus criadores retrocediam os britânicos e norte-americanos desenvolviam-se, e aperfeiçoavam-se, até chegarem às grandes operações das tropas paraquedistas e planadoristas realizadas depois da operação OVERLORD (invasão da NORMANDIA) e nela própria, dentre as quais talvez a de maior envergadura seja a deste trabalho.

OS ANTECEDENTES DA OPERAÇÃO

Desencadeia-se a operação OVERLORD. Desemboca-se da NORMANDIA. Várias operações aéreo-terrestre são planejadas para o período que se segue, mas tão rápido é o avanço que os planos caducam uns após outros. Uma das Divisões Aéreo-terrestres disponíveis, a 1.^a britânica, chega a receber, sucessivamente, até dezesseis diferentes "ordens preparatórias" para ação em vários pontos da FRANÇA e da BELGICA. Algumas envolvem desembarques sobre as praias em apoio ao desembocar da NORMANDIA, outras referem-se à captura de portos na BRETANHA, ao reforço de patriotas franceses bem à retaguarda das posições inimigas e à conquista de pontes sobre o SENA. Mas suas repercussões não vão além das cuidadosas preparações porque: razões de ordem estratégica ou motivos outros, principalmente, devido à desnecessidade da operação em

(1) — Adotando o termo consagrado na nossa última lei de Organização do Exército, embora preferisse um termo que não desse margem a confusões como "vinda do ar" ou a conservação do termo inglês "airborne" incorporada à língua como um anglicismo.

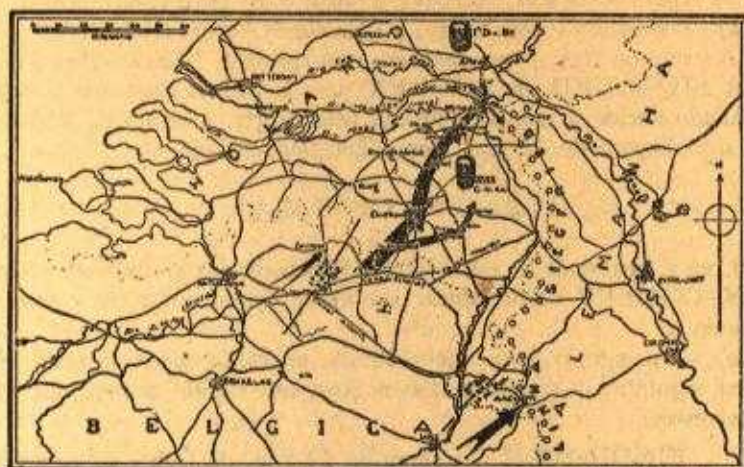


face dos acontecimentos, não chegam a aconselhar o desencadear de nenhuma delas.

Três gigantescos Exércitos Aliados, partindo de teatros de operações separados —do leste, do sul e do oeste — progridem continuamente, procurando atingir o centro geográfico da sua guerra. A ALEMANHA passa a ser o próximo futuro campo de batalha.

Os mais brilhantes sucessos são obtidos pelo Grande Exército Aliado do Ocidente, ao Supremo Comando do Gen. EISENHOWER, cujos grupos de Exércitos, perseguindo os alemães batidos, avançam céleres para o coração do Eixo. Mas uma séria couraça antepõe-se cobrindo BERLIM — *A Linha SIEGFRIED* — que corre ao longo das fronteiras da FRANÇA, LUXEMBURGO, BELGICA e HOLANDA com a ALEMANHA, apoiando-se ao Sul no maciço suíço e ao norte no RIO RENO, na altura do CLEVE, considerada, por isso, o seu extremo septentrional. Observando o Mapa N.º 1 notamos: a leste da Linha SIEGFRIED uma segunda barreira — o RIO RENO; e ao norte uma série de barreiras fluviais (os Rios Mosa ou Maas, Waal ou Dutch Reno e Lek ou Neder Reno) a utilizar defensivamente por quem queira cobrir o flanco N. da SIEGFRIED dobrada pelo RENO e, ao mesmo tempo, impedir o acesso à planície HANOVERIANA que conduz diretamente à BERLIM.

No fim de agosto e princípio de setembro de 1944 é tomado o contato Aliado com a Linha SIEGFRIED; no norte, onde opera o 21.º Grupo de Exército de MONTGOMERY (1.º Ex. Canadense do Ten. Gen. CRERAR e 2.º Ex. Britânico do Ten. Gen. DEMP-



MAPA N.1

SEY), a Bélgica está virtualmente varrida de forças alemãs e o importante porto de ANTUERPIA, na foz do RIO SCHELDT (ESCALDA), está cercado. Forças do 2.º Exército Britânico cruzam a fronteira Belgo-Holandesa na região de BREDA, mas são detidas, pois, os alemães conhecendo a importância que a HOLANDA representa não só na cobertura do seu solo pátrio, como na possibilidade de portas abertas ao Mar do Norte, resolvem defendê-la a todo o custo, tirando partido das excelentes características defensivas de sua configuração topográfica.

A Situação Geral do lado Aliado Ocidental pode, então, ser assim retratada em largos traços:

— Rotura da Linha SIEGFRIED penosa e exigindo a concentração de uma tonelagem que não pode ser obtida em breve prazo, dado o relativamente reduzido rendimento dos longínquos portos na NORMÂNDIA e das extensas vias de comunicações.

— Em reserva a primeira grande unidade estratégica aéreo-terrestre (2) da História Militar do Mundo — o 1.º Ex. Aéreo-Terrestre Aliado, sob o comando do Ten. Gen. LEWIS H. BRERETON, desde 10/VIII/1944.

— Possibilidade duma manobra de ala, no flanco N. da Linha SIEGFRIED, desde que sejam vencidas as grandes barreiras fluviais da HOLANDA, a qual, concomitantemente, desbordará a Linha

(2) — A organização do 1.º Ex. Aer-Ter. se de um lado surgiu do natural crescimento do número de Grandes Unidades Aer-Ter., de outro lado impôs-se pela necessidade de reunir todos os elementos — combatentes e de transporte sob um mesmo Cmo., dando-lhe maior coesão.

SIEGFRIED e o RIO RENO e abrirá as portas da Capital do EIXO — *Berlim* — com acesso a planície HANOVERIANA.

Ao mesmo tempo que mantém uma pressão frontal sobre a LINHA SIEGFRIED, de AACHEN para o Sul, o Supremo Comando Aliado decide a manobra de ala pelo Norte, a cargo do 21.^o Gr. Ex., que disporá do 1.^o Ex. Aéreo-Terrestre Aliado.

O PLANO DA OPERAÇÃO

Com a finalidade de desbordar o flanco direito germânico, o Gen. MONTGOMERY decide atacar simultaneamente por terra e pelo ar de modo a:

a) — assegurar, por meio duma operação aéreo-terrestre, os quatro seguintes degraus sucessivos para um rápido avanço das forças terrestres:

EINDHOVEN (a cerca de 32 Km. da frente de contato).

GRAVE (sobre o Rio Mosa ou Maas).

NIJMEGEN (na margem esquerda do Rio Waal).

ARNHEM (na margem direita do Rio Lek).

b) — forçar uma passagem através a posição defensiva adversa de contato e alcançar os 4 degraus supra-citados, para abrir um corredor de progressão, que procurará alargar progressivamente, para forças blindadas até a travessia do Rio LEK em ARNHEM, atacando segundo a direção geral VALKENSWAARD — EINDHOVEN — GRAVE — NIJMEGEN — ARNHEM.

REPARTIÇÃO DAS MISSÕES

A) — A operação aéreo-terrestre fica a cargo do 1.^o Ex. Aer-Ter. Aliado com a seguinte composição:

Cmt. — Te. Gen. LEWIS H. BRERETON.

Sub-Cmt. — Ten. Gen. FREDERICK BROWNING.

Tropa: — XVIII C. Ex. Aer-Ter. Norte Americano, compreendendo:

82.^o Div. Aer-Ter. Norte Americana.

101.^o Div. Aer-Ter. Norte Americana.

— 1.^a Div. Aéreo-Terrestre Britânica.

— Brigada paraquedista polonesa.

— IX Comando de Transporte Aéreo a 3 Brigadas.

As conquistas de EINDHOVEN e das passagens sobre o MOSA e o WAAL, respectivamente, em GRAVE e NIJNEGEN são atribuídas ao XVIII C. Ex. Aer-Ter. Norte Americano.

A conquista da cabeça de ponte sobre o NEDER RENO ou Rio LEK em ARNHEM compete à 1.^a Div. Aer-Ter. Britânica, reforçada pela 1.^a Bda. Paraquedista Polonesa.

A disponibilidade de meios de transporte é limitada e não será possível lançar todo o 1.^o Ex. Aer-Ter. Aliado numa só vaga sobre seus objetivos, tal como aconselham os ensinamentos das operações anteriores: É preciso estabelecer-se a ordem de prioridade para ver qual o elemento a ser sacrificado em transporte aéreo. Não poderá haver 100% de sucesso em ARNHEM se falhar qualquer dos degraus ao Sul, por isso a 1.^a Div. Aer-Ter. será atendida em última prioridade. Em consequência, essa Divisão tem necessidade de ser transportada em duas vagas: a primeira no dia D e a segunda a D + 1. Naturalmente, isto reduzirá consideravelmente a força para o assalto inicial sobre o objetivo, mas a interpretação das informações colhidas sobre o inimigo levam à conclusão de fraca oposição, que, cotejada com a esperada recepção amigável por parte dos holandeses, são fatores favoráveis que se acredita venham a compensar a séria desvantagem do fracionamento no lançamento.

Uma vez alcançadas pelo 2.^o Ex. Britânico, as Grandes Unidades do 1.^o Ex. Aer-Ter. passarão ao seu controle.

B) — O esforço principal do ataque terrestre caberá ao 2.^o Exército Britânico que será coberto ao N. pelo 1.^o Exército Canadense, ao qual fica afeto a limpeza do flanco esquerdo até o mar.

EXECUÇÃO DA OPERAÇÃO

1) — *A operação de conjunto*

A 17 de setembro desencadeiam-se, simultaneamente, as operações terrestres e aéreo-terrestre. A manhã desse domingo está radiante e límpida, tanto quanto impressionante é a armada aérea que cruza o Canal da Mancha para a operação sobre a HOLANDA, a qual, pela primeira vez, será desencadeada à luz do dia graças à extraordinária superioridade aérea. A coluna aérea leva 2 horas para transpor a costa da Inglaterra a uma velocidade de 240 km por hora, ou seja apresentando uma extensão de 480 km, e está protegida por poderosa escolta de caça formando um arco de cobertura acima dos combatentes em voo. A Luftwaffe não pode interferir atacando a aviação aliada durante os desembarques.

Precedendo a operação, caças e bombardeiros aliados, voando dia e noite, amaciaram a oposição terrestre destruindo mais de 100 posições anti-aéreas inimigas dentro da zona dos objetivos.

Paraquedistas e planadoristas lançam-se contra seus objetivos em terra, por volta do meio dia, enquanto que o 2.^o Ex. Britânico,

rompendo as posições alemãs está aproveitando o êxito sem perda de tempo. Ainda a 17 suas forças blindadas entram na cidade de VALKENSWAARD e prosseguem sobre EINDHOVEN lançando uma coluna blindada em busca do contato e apóio aos combatentes aéreos-terrestres americanos. EINDHOVEN é capturada e tropas blindadas aéreo-terrestres lançam-se através VEGHEL aprofundando o corredor na direção de GRAVE, onde encontram passagem assegurada pelos combatentes do céu e prosseguem em apóio ao combate de NIJMEGEN, na ânsia de alcançar o agrupamento mais longínquo, o degrau de ARNHEM, onde a luta é, dia a dia, mais dura e sangrenta e cujo insucesso comprometerá a manobra de ala.

As patrulhas aéreo-terrestres americanas atingem a região da ponte de NIJMEGEN na noite de 17 de setembro, pouco depois de desembarcadas, mas não têm força suficiente para tomá-la. No dia seguinte ocupam-se em aparar os contra-ataques inimigos. Enquanto isso, a ponta de lança blindada do 2.^o Ex. Britânico, progride para o Norte, alcançando os subúrbios de NIJMEGEN a 19, em apóio aos paraquedistas que se defrontam com os alemães fortemente entrincheirados no velho FORT BELVEDERE próximo à extremidade Sul da ponte. Preparam-se para atacar no dia seguinte, quarta-feira, a fim de vencer esse penúltimo degrau. Enquanto os homens do céu tentam surpreender os alemães transepondo o Rio em botes de borracha, cerca de 3 km a jusante da ponte, num audacioso movimento diurno no dia 20 e alcançar o extremo N. da ponte por W., os blindados britânicos abrem caminho através a cidade para alcançar os elementos aéreo-terrestres norte americanos na região Sul da ponte rodoviária. A 1.^a transposição é feita em 26 botes, cada um carregando 12 homens, mas depois dessa viagem só 13 voltam para apanhar mais paraquedistas, em seguida 8 e depois só 5 restam. Os alemães, percebendo o movimento desbordante, tentam impedir a transposição com seus fogos de metralhadora e de canhão 88 mm. Algumas de suas tropas dotadas de metralhadoras são transferidas da margem S. para a margem N. do Rio WAAL e dispõem-se para fazer frente ao movimento desbordante. Bombardeiros pesados (Lancasters e Stirlings) bombardeiam o inimigo na margem N. mas suas bombas não fazem calar as metralhadoras adversas. Apesar de tudo, com o maior heroísmo, as tropas americanas que transpuzeram o Rio WAAL sofrendo pesadas baixas, combatem toda a noite e, finalmente, capturam a extremidade Norte da ponte ferroviária e prosseguem sobre a ponte principal — a rodoviária. Enquanto isto, carros de combate britânicos em cooperação com a infantaria aéreo-terrestre americana dispõem-se para assaltar a região Sul da ponte, onde 4 canhões autopropulsados dos alemães aguardam a aproximação do binário infantaria-carros dos aliados. Quatro carros alinham-se justapostos e, quando

o sinal americano surge na extremidade N. da ponte rodoviária, lançam-se a um só tempo sobre esta, tomando os canhões auto-propulsados com seus fogos. Graças à rapidêz dessa ação, três dos canhões inimigos são postos fora de ação e a guarnição do quarto foge. Podia-se esperar naquêlê instante que a ponte, carros e tudo voasse pelos ares, mas um jovem tenente holandês, que havia aterrado de paraquedas com os americanos, telefonara aos amigos patriotas dentro da cidade de NIJMEGEN, e êstes que esperaram durante quatro anos de cativeiro por uma tal oportunidade removeram os explosivos dos detonadores. Dessa forma a magnífica obra d'arte de NIJMEGEN, com 2.000 m de comprimento sobre o Rio de 600 m de largura é conquistada intacta no dia 21 de setembro, Fato êste que é de alta significação, pois, do contrário, ainda maior seria o atraso da transposição do RIO WAAL pelas unidades do 2.º Ex. Britânico, que precisam alcançar ARNHEM, onde a situação é cada vez mais crítica.

O esforço das tropas aliadas para aprofundar e alargar a brecha na HOLANDA continua extraordinário.

O estreito corredor aberto até NIJMEGEN precisa ser alargado e forças do Gen. DEMPSEY conquistam HEEZE, transpõem o canal BAR LE DUC em SOMEREN a SE de EINDHOVEN no dia 22/IX e lançam-se sobre DEURNE capturando ASTEN e atingindo aquela cidade três dias mais tarde. Do lado ocidental do saliente, lançam-se sobre REUZEL.

Fraca patrulha britânica da ponta de lança, que é constituída pela infantaria leve do Duke of Cornwall, alcança a região de ARNHEM e transpondo o Rio LEK estabelece um tênue contato com seus combatentes. A cabeça do saliente aliado aprofunda-se e alarga-se com a captura de VALBURG e ELST, buscando um efetivo contato com os heróicos combatentes da 1.ª Div. Aer-Ter. Britânica em ARNHEM, mas uma forte concentração de blindados e de fogos de artilharia detêm a ponta da lança a cerca de 8 km do objetivo próximo.

Ao Sul do WAAL e na direção da fronteira alemã uma unidade de cavalaria mecanizada britânica prossegue e alcança a vila de BEEK no dia 24/IX, mas é detida a 11 km da histórica cidade de CLEVE, o extremo septentrional da LINHA SIEGFRIED.

A reação dos germânicos torna-se mais violenta. Retomam ELST e, estando de posse das alturas a NE de ARNHEM que têm vistas sobre grandes extensões ao Sul do Rio LEK, dominam com seus canhões toda a vasta região plana e dificultam sobremodo que forças importantes avancem a cavaleiro dos aterros pouco elevados acima dos terrenos pantanosos circunvizinhos.

O alargamento da brecha continua ao sul do MAAS, OSS e HEESCH são conquistadas no lado ocidental do saliente. O corredor ao Sul do WAAL mantém-se sem novidade apesar de alguns pe-

quenos sucessos locais de contra-ataques alemães. A base do saliente tem até sido alargada, mas não se pode alcançar o Rio LEK em breve prazo, e lá, os heróicos sobreviventes dos "diabos vermelhos" (3) da 1.^a Div. não podem mais aguentar-se por mais 24 horas. São as vozes de dois tenentes coroneis, enviados em ligação, que informam essa triste situação e a ordem é dada para a retirada na noite de 25/26, bem como são tomadas as necessárias medidas respectivas.

Americanos e britânicos sustentam as paredes do corredor face aos contra-ataques enquanto 2.400 sobreviventes da 1.^a Div. Aer-Terrestre Britânica reforçada, que havia desembarcado em ARNHEM, retiram-se para posições seguras ao Sul do WAAL, trazendo alguns dos seus feridos.

No lado W da base do saliente, pequeno avanço é conseguido, não tendo os canadenses de CRERAR ultrapassado TURNHOUT.

Com a perda de ARNHEM falha a MANOBRA DE ALA ALIADA.

11) — *A épica operação de ARNHEM*

A) — O PLANO DE MANOBRA

A operação está afeta à 1.^a Div. Aer-Ter. Britânica, sob o commando do Maj. Gen. R. E. URQUHART, que tem como missão — conquistar a ponte de ARNHEM se possível e, de qualquer forma, apoderar-se duma cabeça de ponte ao Norte do Rio LEK — e, tal como dissemos páginas atrás, conta com o reforço da 1.^a Brigada de Paraquedistas Polonesa.

Seu plano de manobra pode ser assim sintetizado:

a) — *Desembarque* — em duas vagas:

1.^a vaga — dia 17 — 1.^a Bda. Paraquedistas.

1.^a Bda. Planadorista.

Metade das tropas divisionárias.

2.^a vaga — manhã do dia 18 — 4.^a Bda. Paraquedista.

Restante das tropas divisionárias.

1.^a Bda. Paraquedistas Polonesa.

As regiões de desembarque são as assinaladas na carta N. 2, ao norte e a oeste de WOLFHENZEN numa distância variando entre 8 e 13 km da ponte de ARNHEM, para os diferentes elementos da 1.^a Div. Aer-Terrestre e ao sul do Rio LEK para a Bda. Polonesa.

(3) — Como são chamados os homens das Divisões Aéreo-Terrestres Britânicos, devido à suas boinas escarlates.

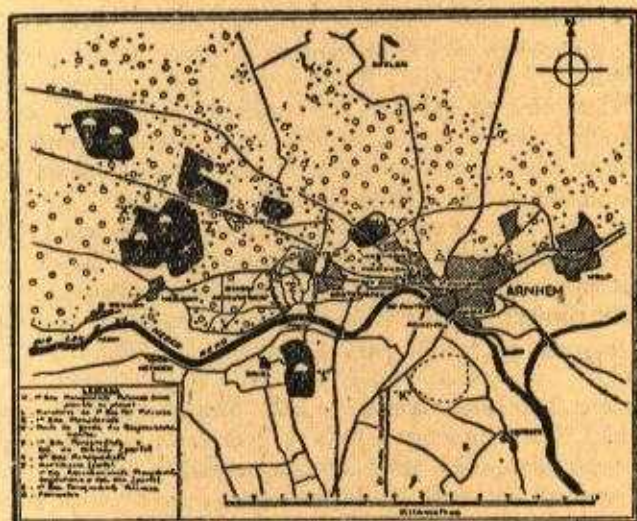
Dois fatores condicionam essa escolha tão longe do objetivo principal da Divisão:

- inúmeros e densos bosques da margem N. do LEK circundando as áreas edificadas e tornando impossível encontrar-se zonas de aterragem de planadores ou paraquedistas mais próximas;
- existência de artilharia anti-aérea germânica na área de ARNHEM;

b) — *Esquema da manobra*

Em primeiro lugar conquistar a ponte da estrada principal e, se possível, também as pontes de pontões e ferroviária, ambas a jusante. Em seguida, formar um pequeno perímetro através ARNHEM, ancorando seus flancos no Rio LEK e utilizando as tropas disponíveis.

No dia seguinte, quando chegar o restante da tropa, estabelecer um perímetro consideravelmente maior em torno de ARNHEM e incluindo o terreno elevado situado a NW da cidade.



CARTA N. 2

B) — A EXECUÇÃO

Normalmente, o mecanismo do desembarque de tropas aéreo-terrestres consiste na conquista preliminar do ou dos terrenos de aterragem dos planadores pelos paraquedistas, em seguida da chegada daquele tipo de tropas. Entretanto, na operação de ARNHEM, a 1.^a Bda. planadorista chega em 1.^o lugar, precedida somente pelos

balizadores da 21.^a Cia. Independente de Paraquedistas, que teve a seu cargo, como é normal, as indicações guias do grosso em vôo, para aterrar à sua retaguarda.

A viagem e a aterragem correm bem e os três batalhões da 1.^a Bda. Paraquedista bem como a Infantaria Planadorista desembarcam sem graves acidentes. As unidades paraquedistas reúnem-se, rapidamente, e iniciam o avanço sobre o objetivo na cidade de ARNHEM, enquanto tropas planadoristas da respectiva brigada (batalhões dos Regimentos South Staffordshire e Border) apossam-se das zonas de desembarque e de aterragem para a 2.^a vaga.

Ao aproximarem-se da vila de OOSTERBEEK as tropas mais avançadas começam a encontrar forte oposição alemã. É que, em vez de fracos meios como pensam os aliados, os alemães possuem uma forte concentração de tropas, quase um C. Ex. com grande parte blindada, refazendo-se no vizinhança de ARNHEM. O 2.^o Btl. Paraquedista, comandado pelo bravo Ten. Cel. "Johnny" FROST, graças à rapidês do avanço, e, de um certo modo, a um pouco de sorte, obtém passagem para a ponte que finalmente conquista lutando contra uma relativamente fraca oposição adversa. Envia para a INGLATERRA a alviçareira notícia da captura da ponte por meio do pombo correio "William de Orange". Remove as cargas explosivas e a ponte de ARNHEM fica pronta para ser utilizada pelo 2.^o Exército que continua a ser esperado no seu avanço para o norte. A proporção que as horas e os dias passam a reação alemã é mais violenta contra o 2.^o Btl. Paraquedista que continua isolado, pois, os 1.^o e 3.^o Batalhões de sua Bda. têm sido retardados em ferozes combates em OOSTERBEEK e cercanias, desde o início, sofrendo pesadas baixas em luta contra uma força numericamente superior à sua, apoiada por canhões e carros de combate. Esses dois batalhões combatem heróicamente, mas não logram progredir para auxiliar o 2.^o Btl. na ponte de ARNHEM.

Enquanto isso se passa com a Bda. Paraquedista, na região de WOLFHEZEN e mais longe a WNW (ver carta N. 2) a Bda. Planadorista mantém as zonas de desembarque para a 2.^a vaga. Esperada para as 9 (nove) horas de 18 de setembro, essa 2.^a vaga retarda-se, devido às más condições atmosféricas na região dos aeródromos e só aterra às 16 (dezesseis) horas desse dia. Com esse atraso de sete horas, perde-se precioso tempo, além disso, a situação agrava-se porque estão longe do centro nevrálgico do combate e não podem avançar com facilidade porque o inimigo mantém a única rodovia no eixo de avanço e as estradas vicinais causam dispersão e embarços. Aterram na 2.^a vaga a 4.^a Bda. Paraquedista (os 10.^o, 11.^o e 156.^o Batalhões Paraquedistas), meio Btl. de Inf. e elementos restantes das tropas divisionárias. As dificuldades contra as quais também lutam

são tais, que não se consegue concentrar força suficiente para reforçar os 1.º e 3.º Batalhões Paraquedistas que, por sua vez e como já dissemos, não podem alcançar, nem apoiar o Batalhão de Frost, na manutenção da ponte.

As preciosas horas do atraso da 2.ª vaga possibilitaram tempo suficiente aos reforços inimigos para o estabelecimento de fortes núcleos de resistência.

Com dois dias de combate, a 4.ª Bda. Paraquedista fica reduzida a 250 homens.

A 21 de setembro, uma 3.ª vaga, consistindo da 1.ª Bda. Paraquedista Polonesa, é lançada próximo de DRIEL, ao S. do Rio LEK; mas, a despeito de continuados esforços em quatro noites consecutivas, somente é possível transportar 250 homens para tomar parte já na fase crítica de defesa do perímetro.

Para ainda mais agravar-se a situação, o plano de reaprovisionamento pelo ar tem sido prejudicado. O escolhido ponto de queda dos reaprovisionamentos (ver carta n. 2) para entrega pelo ar de víveres e munição, desde logo cai nas mãos inimigas. Debalde são os esforços de ligação pelo rádio solicitando à base a mudança desse ponto de entrega dos reaprovisionamentos. Nenhuma mensagem é captada pela base e munição e víveres, tão necessários, continuam, diariamente, a cair nas mãos inimigas, com sérias perdas para os nossos aviões, que ali são abatidos. (4) Só mais tarde, consegue-se um recebimento muito limitado de reaprovisionamentos dentro do perímetro.

O Gen. URQUHART, Comandante da Divisão, participando do mais árduo combate aproximado no ataque de ARNHEM visando atingir a ponte, tem bem podido julgar da crítica situação assim sintetizada:

- A pressão inimiga aumenta progressivamente.
- O 2.º Btl. na ponte está sendo severamente castigado, quase esmagado.
- Os outros Batalhões da 1.ª Bda. Paraquedista, que, como vimos, investem para alcançar a ponte estão detidos e sua força reduzida a um punhado de homens, cuja bravura não pode compensar a insuperável desigualdade do número, tendo a maior parte de seus oficiais e sargentos mortos ou feridos.
- O restante da Divisão tem sido consumido numa série de engajamentos igualmente ferozes, sem nenhuma esperança mais de lograr junção aos 1.º e 3.º Btls. e com uma ação conjunta tentar manter a ponte, alcançando o 2.º Btl.

(4) — Só mais tarde, consegue-se um recebimento muito limitado de reaprovisionamento dentro do perímetro.

- Os homens famintos e quase sem munição. Em consequência, o Divisionário decide:
- Reunir o máximo possível de seus elementos para formar um "quadrado" ou perímetro na orla ocidental de OOSTER-BEEK apoiado ao sul no NEDER RENO (ver carta N. 2).

Assim permaneceria aberta uma linha de contato com a ponta de lança do avanço do 2.^o Exército, transpondo-se o Rio.

Graças a um hábil movimento noturno, o que ainda resta da Divisão é reunido para formar o perímetro. São os remanescentes dos Batalhões da 1.^a Bda. de Planadoristas, da 4.^a Bda. de Paraquedistas, da Companhia Independente de Paraquedista (5) comandada por um notável chefe o Maj. "Boy" WILSON, com 50 anos de idade, os poucos sobreviventes dos 1.^o e 3.^o Batalhões Paraquedistas, das tropas divisionárias (sapadores, turmas de transmissões, turmas do serviço de saúde, etc.) e os pilotos planadoristas, os quais têm combatido valentemente com seus camaradas desde o momento do desembarque.

O Serviço de Saúde da Divisão tem realizado milagres. Dia e noite seus elementos têm trabalhado cuidando dos feridos, largamente dispersos e sem nenhuma esperança de evacuação, a não ser através os canais inimigos. Armazéns e Hospitais têm mudado de mão várias vezes e recebido, sem distinção, boa dose de bombardeio de morteiro, de carros de combate ou de fogo de armas portáteis. Inúmeros têm sido os casos de devotamento em que o médico e enfermeiros permaneceram atrás, tornando-se prisioneiros com os feridos.

As palavras não são suficientes para descrever o espírito combativo revelado pelos "DIABOS VERMELHOS" na defesa do perímetro. Eles são como um ouriço caixeiro que se arripia e causa danos a uma matilha de lobos. Suas baixas não cessam, vítimas dos atiradores germânicos de emboscada, ocultos nos densos bosques e edifícios em torno do perímetro, e do fogo mortífero dos morteiros. Nenhum reaprovisionamento pelo ar e, pior do que tudo, nenhuma notícia de aproximação do 2.^o Exército. Mas, eis que acontece um milagre: um oficial de artilharia da Divisão obtém contato pelo rádio com uma Bta. do Regimento médio da Real Artilharia adido à 43.^a Div. em posição próximo de NIJMEGEN. Logo depois, o Comandante da Artilharia da 1.^a Divisão Aer-Ter. Britânica tenta e realiza uma façanha talvez sem precedente. A 21 km. de distância indica objetivos em torno do perímetro e, às vezes, dentro dele, onde ocorre infiltração alemã, regulando o tiro com notável precisão. É apoio de arti-

(5) — A Cia. "Pathfinder" como dizem os americanos, que desembarca primeiro e balisa as zonas de aterragem (D.Z. = "Dropping Zone").

lharia vem dar novo alento aos defensores fatigados e famintos e desaloja o inimigo de muitas de suas mais ameaçadoras posições.

Um cuidadoso controle está sendo mantido dos viveres e da munição dentro do perímetro, pois, as rações já estão reduzidas a um sexto e escasseia a munição das armas portáteis. O inimigo dá uma pequena trégua durante a noite, depois das 19 horas, e então os "diabos vermelhos" reajustam-se em suas posições, mas o punhado de bravos não pode sustentar-se indefinidamente e, quando o General reconhece não poder durar mais 24 horas envia dois oficiais, os Ten. Coronéis MACKENZIE e MYERS para informar ao General BROWNING da situação. Eles transpõem o LEK e, depois de muitas aventuras, cumprem a missão e voltam de posse do plano combinado para a retirada, já inevitável.

A evacuação realiza-se na noite de 25 para 26 de setembro, começando às 22.00 H. Silenciosamente, com os pés envoltos em tiras de manta para abafar qualquer ruído, as tropas dirigem-se para a margem do rio, deixando uma crosta de contato na orla do perímetro para manter os alemães convencidos de que nada está acontecendo de anormal. A Artilharia do 2.º Exército mantém um forte bombardeio, enjaulamento que os alemães julgam como de proteção à transposição do Rio por reforços aliados. Sapadores enviados pelo 2.º Exército aguardam os remanescentes da 1.ª Div. Aer-Ter. Britânica com botes de assalto na margem N. do LEK para transportá-los para a margem S. Essa 1.ª etapa da retirada é efetuada antes do raiar do dia, e ela prossegue para NIJMEGEN onde os sobreviventes de ARNHEM se reorganizam, no edifício duma Escola. Dos 10.000 homens, incluindo os pilotos e planadoristas, perderam-se, entre mortos, feridos e desaparecidos, 7.605 oficiais e praças. Bateram-se como heróis, consagraram-se na estima e na admiração do bravo povo holandês de ARNHEM e OOSTERBEEK, que não lhes negou ajuda de alimentação, água, tratamento de feridos e até na manutenção eficiente do sistema telefônico civil, de tanta importância nos primeiros dias, quando as comunicações rádio não funcionavam.

C) — ENSINAMENTOS

As principais lições dessa ação sobre ARNHEM são:

- a importância duma interpretação cuidadosa e real das informações;
- a necessidade de dispor-se de, pelo menos, todo o efetivo duma divisão no golpe inicial duma operação aérea-terrestre;
- a importância do desembarque ser feito na vizinhança imediata do objetivo;
- o infinito valor do espírito combativo do soldado, instruído para tais operações.

OBSERVAÇÕES QUANTO A OPERAÇÃO AEREA-TERRESTRE

I) — Dentro da manobra concebida, não poderia haver melhor emprêgo para o 1.^o Exército Aer-Ter. Aliado do que o que realmente teve. Aliás, só uma grande unidade estratégica dessa natureza poderia permitir, num tal terreno, uma manobra de ala conquistando passagens sôbre os diferentes obstáculos transversais para a irrupção das forças terrestres em tempo, alçando-se no flanco adverso depois rebater-se sôbre seu centro nevralgico.

II) — O emprêgo de grandes unidades aéreo-terrestres numa manobra, possibilitando-lhe grande amplitude, exige, como em nenhum outro caso, meticolosos planos baseados no mais minucioso estudo do inimigo e do terreno, de modo que a previsão, sendo a mais longinqua e minuciosa, possa assegurar uma execução violenta e rápida, base da decisão procurada.

Não terá sido uma deficiente análise das possibilidades inimigas a causa principal do atraso na conquista da passagem sôbre o WAAL em NIJMEGEN e do desgaste da 1.^a Div. Aer-Ter. Britânica em ARNHEM?

III) — Pela primeira vez uma operação de desembarque efetuou-se à luz do dia. Até então, todos os ataques por via aérea tinham sido realizados cobertos pela noite o que, se de um lado apresentava as vantagens do disfarce, da surpresa, etc., de outro lado acarretava o inconveniente de tornar muito difíceis e fortuitos o reagrupamento e a organização durante a "melée" inicial, após um desembarque noturno.

A decisão do ataque diurno, naturalmente possibilitada por uma superioridade aérea adquirida e em condições de ser mantida durante todo o tempo de forma a impedir qualquer interferência adversa, foi notável e veio revelar suas grandes vantagens, além das já citadas: a observação aérea é consideravelmente facilitada bem como a manutenção das formações.

IV) — Confirma-se o princípio de emprêgo em massa, segundo o qual as forças disponíveis devem ser empregadas numa só vaga e, evitando-se lançar as Grandes Unidades táticas numa frente muito larga para não lhes destruir a coesão ou a capacidade de lutar como uma unidade.

O Cmt. da 82.^a Div. Aer-Ter. revela, em seu relatório, o inconveniente de atribuir-se uma zona exageradamente grande para uma tal Grande Unidade, pois isso conduz à disseminação dos meios e esta ao enfraquecimento.

A revisão dos acontecimentos com a 1.^a Div. Aer-Ter. Britânica mostra-nos como uma das causas da falência da Div. o enfraquecimento decorrente da repartição em vagas.

V) — O episódio de ARNHEM e até mesmo a demora da conquista da ponte de NIJMEGEN confirma a necessidade das tropas aéreo-terrestres serem apoiadas em breve espaço de tempo.

Apesar dos notáveis progressos obtidos quanto ao peso e diversidade de material que pode ser transportado com tropas aéreo-terrestres, não se chegou ainda ao ponto de igualdade com as forças terrestres que contra elas podem ser lançadas, quando decorrer do tempo lhes tenha possibilitado reunir-se e recobrar-se da surpresa do desembarque do ar. É, portanto, necessário que as forças aéreo-terrestres sejam apoiadas o mais cedo possível por forças terrestres amigas. O objetivo deve se estabelecer contato com elas dentro de um período de poucos dias, o tempo exato dependendo de circunstâncias especiais, em todo o caso, não devendo ultrapassar 3 a 5 dias. Há poucas exceções a esta regra, como no caso de CRETA, onde os alemães beneficiaram-se da impossibilidade britânica de reforçar a defesa, mas, geralmente, nenhum êxito pode ser esperado a menos que o contato seja rapidamente estabelecido. Este fator deve condicionar o emprego de forças aéreo-terrestres e a seleção de seus objetivos.

VI) — Bem aplicadas, as forças aéreo-terrestres, pela surpresa que podem obter, são capazes de grandes sucessos. A propósito podemos citar a declaração do Gen. DEMPSEY que, ao agradecer a cooperação das tropas aéreo-terrestres Norte Americanas afirmou que sua ação salvou, no mínimo, 25.000 baixas entre seus homens.

VII) — É tão aleatório o auxílio que advenha de vagas ulteriores, pela impossibilidade de previsão certa do estado atmosférico, ainda condicionador dos vôos, que além de aconselhável lançar as tropas combatentes numa só vaga convém com elas descarregar uma considerável quantidade de reaprovisionamentos, que sirva para o estabelecimento de um depósito de reaprovisionamento, diminuindo de certo modo a sua dependência das condições atmosféricas. Em consequência dessa conclusão é aconselhável, por exemplo, fazer voar 2 aviões B-24 ou B-17 (Bombardeiros pesados) imediatamente atrás do último avião de transporte de tropa, com os compartimentos de bombas cheios de artigos básicos de reaprovisionamento a serem descarregados pelo acionamento das alavancas de comando de bombas.

CONCLUSÕES FINAIS SOBRE A OPERAÇÃO DE CONJUNTO

A concepção foi digna de uma manobra de ala moderna, foi montada de modo a obter sucesso de larga envergadura, mas os imprevistos da batalha comprometeram o seu êxito e ela falhou na sua grande finalidade de desbordar o flanco direito alemão.

Um estudo aprofundado poderá talvez descobrir a ou as causas principais responsáveis pela falência da manobra, mas um superficial como este somente poderá apontar causas que influíram para o insucesso, tais como:

- O atraso do 2.^o Exército no alcançar NIJMEGEN e a demora dos Norte Americanos em obter a passagem sobre o WAAL, pois, desembarcados a 17, só a 21 e já com apóio dos blindados, os americanos conseguem a captura da ponte; embora realizando o magnífico feito de capturá-la intata, já era relativamente tarde.
- Insuficiente disponibilidade de transporte aéreo para que, inclusive a 1.^a Div. Aer-Ter. Britânica e o grosso dos reaprovisionamentos fôssem lançados numa só vaga a 17.
- Mau estado atmosférico que retardou e restringiu o apóio aéreo tanto à força desembarcada como a de ataque do 2.^o Exército.
- A impossibilidade de apóio aos combatentes de ARNHEM que, por uma série de circunstâncias lutavam em difícil situação sem terem coroado totalmente o seu objetivo, qual seja a captura da ponte, mas que sustentavam uma pequena cabeça de ponte ao Norte do NEDER. RENO — o célebre perímetro.

Embora tendo falhado a manobra, a operação trouxe grandes vantagens, como sejam:

- Ajudou a *manter a iniciativa aliada* num momento em que era perigoso perdê-la.
- Assegurou uma *bôa posição de saliente* no flanco tendo em vista ulteriores operações ofensivas.

O Regimento de Infantaria no Combate

(Continuação)

Ten. Cel. J. B. DE MATTOS

COMO APLICAR O MÉTODO DE RACIOCÍNIO NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS TÁTICOS E REDIGIR AS ORDENS NO ESCALÃO R. I.

*I — Como aplicar o método de raciocínio na solução dos
problemas táticos.*

1 — GENERALIDADES

— O Comando de uma unidade

A solução de um problema tático obedece às leis do trabalho intelectual. Entretanto, o "Caso Concreto" de guerra não passa de um simples jogo de espírito. O Chefe se pronuncia em *toda decisão tática* com o seu saber e, com o seu caráter; com a visão das possibilidades, sua vontade de realização e compreensão da situação; com o conhecimento dos homens e do estado das tropas, e com o seu espírito de disciplina. É que a guerra, é um drama "apavorante e apaixonado", no qual a "arte é toda de execução".

Na Guerra, diz o Mar. Foch, "o fato tem a precedência sobre a idéia, a ação sobre a palavra, a execução sobre a teoria".

O meio principal e de todos o melhor, para se adquirir o treinamento na solução das questões táticas; é o Comando efetivo de uma tropa.

— *Conhecimentos profissionais*

É uma verdade mais que evidente, que as questões táticas só podem ser abordadas por elementos possuidores de sólidos conhecimentos profissionais. Devem estar bem familiarizados com :

- a organização e composição das unidades;
- as possibilidades materiais; {
- as condições de emprego { das diferentes armas,
- os problemas topográficos de leitura de carta e de estudo do terreno.

2 — O PROBLEMA TÁTICO

Tomar uma decisão e traduzi-la sob a forma de ordens, — tais são os dois elementos que condicionam e resumem o problema tático. Estudemo-lo sucessivamente.

— *Os fatores da decisão*

Em presença de uma questão tática, lembremo-nos que a decisão a tomar não é o resultado de uma inspiração súbita, que repentinamente acorreria ao espírito, depois de uma leitura rápida das bases do Caso Concreto.

A decisão é, ao contrário, o resultado de um trabalho preliminar do espírito e que é, muito simplesmente, a análise dos fatores do problema. Trabalho de pesquisas, de idéias, de possibilidades, de meios.

Os fatores que intervêm na decisão do chefe são :

- a) — A Situação (ambiência do combate);
- b) — A Missão;
- c) — O inimigo;
- d) — O terreno;
- e) — Os meios.

a) — *A Situação*

A ambiência do Campo de batalha resulta dos dados do tema. Trata-se de tomar uma fase do Combate, de vivê-la na imaginação e precisar-lhe os caracteres. E' necessário preliminarmente, ler o tema cuidadosamente :

- 1) — tomando notas
- 2) — sublinhando os pontos essenciais;
- 3) — registrando na carta, em lapis de côr, as indicações de

- direção;
 - zona de ação (frente);
 - objetivos, etc., etc;
- 4) — penetrando-se da *Situação inicial* :
 - Situação geral e particular
 - Situação respectiva dos vizinhos
 - Colocação inicial das unidades no terreno, etc, etc.

Por esse meio determinar-se-á, por exemplo :

- 1.º) — A fase do Combate a estudar :
 - Ofensiva (com todas as suas particularidades) (de dia).
 - Defensiva (com todas as suas particularidades) (de noite).
- 2.º) — A posição da unidade
 - enquadrada;
 - numa ala;
 - etc., etc.

b) — *A Missão*

Bem penetrado da ambiência da situação tática, abordamos agora a análise da Missão dada.

Frizamos de início que essa missão é sagrada; é a ordem da autoridade superior; deve-se-lhe obediência sem discussão. E' preciso estudá-la a fundo, apreendê-la nitidamente. Não se afastar dela, voluntária ou involuntariamente, pois, todo o conjunto do trabalho tático deverá estar, impregnado do seu

imperativo. A cada passo haverá margem para se formular a famosa questão :

— “De que se trata?”, e consequentemente reajustar o espírito ao objeto do problema, à *missão*.

Esse estudo permitirá traduzir a missão sob uma forma concreta por exemplo :

- instalar uma posição de resistência de A à B;
- instalar uma posição de Postos Avançados de A à B;
- retrair-se aproveitando à noite;
- atacar (numa situação de conjunto);
- atacar (isoladamente);
- tomar o Contato;
- cobrir um flanco;

Essas noções, ainda gerais, compreende-se, devem ser precisadas por exemplo :

a) — Instalar uma *Posição de Resistência*;

- ao cabo de tantas horas;
- sobre uma frente de tantos metros;
- em contra-vertente;
- atrás de uma frente amiga, solidamente mantida ou flutuante etc, etc.

b) — Cobrir *um flanco* :

- deslocando-se para *tal zona* que deverá ser alcançada a tantas horas;
- atrás de um *obstáculo, natural ou não*
- com possibilidade de manobra em retirada (destruição) ou não etc, etc.

No tratamento da ação, uma situação nova pode ser imposta pelas circunstâncias do combate (reação do adversário, etc). Neste caso reportar-se sempre à *Missão*, verdadeiro fio condutor que nos impede de errar.

c) — *O Inimigo*

Trata-se agora, de analisar as possibilidades do inimigo, com relação à situação da nossa unidade e a sua *missão*.

Estudo das possibilidades e não das intenções do inimigo. Estas são do domínio da imaginação; são perigosas porque há tantas possibilidades de serem verdadeiras como de serem falsas, e conduzem a idéias preconcebidas.

Entretanto, é preciso considerar todas as possibilidades do inimigo, sem exceção; verificar-lhes as consequências em relação a situação tática estudada.

As possibilidades do inimigo podem ser :

- de movimento {
 - avanço;
 - recuo e retirada;
 - deslocamento de flanco;
 - etc.
- de estacionamento;
- organização defensiva (posição de resistência)
- de fogo {
 - artilharia
 - aviação
 - engenhos mecânicos
 - armas automáticas.

É necessário ainda inteirar-se se o inimigo, está senhor da sua liberdade de ação ou não, limite de tempo de que ele dispõe para agir :

As informações iniciais do tema serão completadas, a medida que a operação tática vá-se desenrolando. É preciso não esquecer que um chefe deve provocar as informações, e procura-las em todas as circunstâncias.

Enfim toda informação deve sempre ser explorada levando em conta a hora em que foi obtida. No combate, a situação se modifica com uma rapidez inaudita. Uma determinada informação válida a uma hora não o é mais alguns minutos mais tarde.

Ora, as informações sobre o inimigo que figuram nas ordens da unidade superior, já não são informações frescas quando essas ordens chegam às unidades subordinadas; mui-

tas vezes já se passaram várias horas desde que foram colhidas.

E' preciso verificá-las sem demora.

Penetrar a *Coduta possível do inimigo* não é coisa fácil. Uma análise objetiva, estritamente positiva, se impõe duma maneira absoluta quando se trata dessa operação de espírito.

Emfim, qualquer que seja o vulto das informações obtidas, elas, serão sempre incompletas. O desconhecido é a lei de guerra.

E' preciso considerá-lo devidamente, levando-o na devida conta, na decisão a tomar.

d) — *O terreno*

“Entre os fatores da decisão :

Um — representará sempre uma *incógnita*, por melhor informação que se obtenha — é o inimigo;

Dois — são sempre *variáveis*, a *Missão* e os *Meios*. Só um é sempre *constante*. E' o terreno.

Não muda! E' o que é ! . . .

Está sempre o mesmo. E' um amigo, mas . . . cuidado, porque é um amigo pronto a nos servir, pronto a impulsionar-nos para o êxito, quando o utilizamos acertadamente, mas, em compensação, pronto também a nos deixar em má situação quando o utilizamos mal, encaminhando-nos então para a derrota . . .” (*General NOEL*).

O terreno é indiscutivelmente um elemento *essencial*.

Esta afirmativa já se tornou um verdadeiro *logar comum*; mas, é lícito também reconhecer que, grande é ainda, o número daqueles, que, só mecanicamente, dizem que o terreno é um elemento essencial para as grandes como para as demais unidades das armas, e que ele goza de um papel predominante tanto no domínio da estratégia como da tática. Na prática estes ou hesitam na aplicação deste princípio, ou, o que ainda é pior, negligenciam suas servidões . . .

Geralmente, um erro na apreciação do terreno, ou a sua não utilização conveniente é pago bem caro, sendo os exemplos históricos, na sua generalidade, bastante numerosos e concludentes.

O estudo do valor do terreno e de suas servidões nunca deve ser considerado como uma questão já muito aprofundada e que, por isso, pôde ser relegada a um segundo plano.

Todos os oficiais, e especialmente os de Estado Maior, devem aproveitar-se de todas as oportunidades para fazerem estudos dessa natureza, seja na carta, seja no próprio terreno.

O fim das presentes notas é descrever um modo objetivo de avaliar o terreno sob o ponto de vista militar e mostrar como uma carta pode ser interpretada por forma a simplificar esse estudo. *O objetivo do estudo do terreno é a análise da zona provável de operações militares para determinar a influência que o mesmo exerce sobre as possibilidades das forças amigas e inimigas nessa zona.*

A análise de um terreno, para ser objetiva, será sempre condicionada a dois fatores :

- qual o fim da análise
- qual o escalão a que se destina

É que o estudo analítico do terreno podendo variar desde os estudos puramente geográficos até aos estudos unicamente topográficos, só a fixação inicial das finalidades da análise, pode determinar a natureza dos estudos a serem realizados.

O estudo do terreno feito por um chefe administrativo para a determinação de um traçado ferroviário, não pode ser orientado da mesma maneira que os dos topógrafos, a quem de futuro for atribuído o encargo de locar no terreno esse traçado, uma vez escolhido pelo chefe administrativo.

A determinação do traçado vai exigir estudos do terreno que englobarão, certamente, questões de geografia humana, política e económica, ao passo que a locação vai exigir

para o topografo estudos do terreno sob o ponto de vista unicamente de topografia.

Para as questões militares, o mesmo fato se passa.

O estudo do terreno varia, conforme o fim e o escalão a que se destina, podendo ir desde os estudos unicamente referentes a questões de geografia, já englobando estudos topográficos, como seja para a determinação da conduta das Grandes Unidades, e se reduzirem, finalmente, a simples estudos topográficos para as questões de atuação das unidades das diversas armas.

Pelo exposto podemos concluir que o processo de análise do terreno não pôde ser o mesmo para todos os escalões e bem assim, não se trata de fazer estudos do terreno para fins puramente descritivos.

Em outras palavras trata-se de determinar para cada escalão o que importa estudar do terreno, e mais ainda, para esse escalão fixar logo a finalidade do estudo, isto é, qual a missão a cumprir por este escalão.

Convem que em primeiro lugar seja analisada a missão, e só depois feito o estudo do terreno, para que este seja sempre orientado pela missão recebida.

Ora, como a missão pôde variar e bem assim os escalões, verifica-se não ser possível a determinação de um processo único de análise do terreno, que, como uma panacéia, satisfaça a todos os escalões e a todas as missões.

ELEMENTOS DO TERRENO

Os fatores mais importantes a considerar na avaliação do valor do terreno não são apenas os acidentes naturais, tais como, cristas, cursos d'água, mares, oceanos, florestas e espaços livres, mas também acidentes artificiais como estradas, ferrovias e cidades.

O modelado, por exemplo, uma sucessão de cristas e vales pôde ter influência nas operações militares favorecendo

ou embaraçando o movimento das tropas. Uma progressão feita no sentido paralelo às cristas e vales é mecanicamente mais fácil do que um movimento através de cristas sucessivas.

A criteriosa utilização de acidentes favoráveis de terreno, pode determinar os elementos fundamentais do plano de operações do comando.

Seja qual fôr o seu tipo e a situação tática, o terreno pôde ser sempre estudado sobre *cinco aspectos*:

- *Observação*
- *Campos de tiro*
- *Cobertas e abrigos*
- *Obstáculos*
- *Comunicações*

A observação da zona na qual o combate se desenrola é essencial afim de manter o inimigo sob a ação de fogo eficaz.

A observação também faculta aumentar a eficácia do fogo dirigido contra o inimigo detido por obstáculos. O valor dos abrigos e das cobertas é baseado na impossibilidade da observação inimiga. A observação também fornece informações sobre a atividade das tropas inimigas e amigas e permite ao comando controlar as operações de suas unidades.

Campos do tiro, são, essenciais á defesa.

Um campo de tiro ideal para a infantaria é uma faixa de terreno livre na qual o inimigo pôde ser visto e não encontra proteção alguma contra o fogo, dentro da alcance útil das armas da infantaria. Isto raramente acontece e o maior ou menor grau em que um campo de tiro pôde se aproximar desse ideal depende fundamentalmente do terreno. Os campos de tiro podem ser melhorados, com o corte ou queima de macegas, capim e certas plantações; cortando moitas e arvôres; demolindo ediffícios e abrindo picadas através de bosques; em cada caso, porém, não devem ser prejudicadas as vantagens oferecidas pela coberta. O tempo e trabalho disponíveis para esta limpeza deve ser considerado quando se faz o estudo do terreno. Na ofensiva a infantaria sofre quando os defensores possuem bons campos de tiro.

Coberta e abrigo — A coberta, quer no que diz respeito às vistas aéreas, quer as terrestres, proporciona vantagem, apenas enquanto o inimigo ignora a ocupação do acidente natural ou artificial. O abrigo oferece ainda proteção contra os tiros, que é assegurada pelo acidente do terreno ou outros meios naturais ou artificiais.

Os obstáculos — São entraves ao movimento de forças. Os obstáculos naturais mais comuns, sob o ponto de vista militar, são: montanhas, cursos d'água, pântanos, barrancos, rampas escarpadas e zonas de florestas densas.

As montanhas que se desenvolvem paralelamente à direção da progressão de uma força limitam ou impedem os movimentos laterais e protegem os flancos; quando perpendiculares à progressão constitue um obstáculo ao atacante e uma vantagem ao defensor.

Os rios são semelhantes às montanhas no que se refere ao efeito sobre as forças que se deslocam paralela ou perpendicularmente a elles; além disso os rios que correm paralelos à direção da progressão podem ser utilizados como vias de reaprovisionamento.

Os pântanos frequentemente acarretam maiores retardos ao avanço do que cursos d'água, porque geralmente é mais difícil construir aterros do que pontes. Veículos motorizados podem ter movimentos prejudicados por densas florestas, pântanos, rampas escarpadas, barrancos, troncos de árvores, rochedos, cursos d'água com mais de um metro de profundidade.

Comunicações (tais como estradas de rodagem e de ferro, vias marítimas, fluviais e aéreas, etc.) são importantes na ofensiva como na defensiva, para os movimentos de tropas e reaprovisionamentos. Em algumas situações especialmente nas operações de grandes efetivos, os meios de comunicação são de vital importância.

Além dos elementos acima descritos é imperioso o conhecimento do que vem a ser *objetivos e compartimento do terreno*.

Objetivos — Os objetivos normalmente são acidentes perfeitamente definidos cuja conquista deve assegurar, seja a derrota do inimigo, seja a exploração do sucesso. Os objetivos das forças terrestres no ataque estão normalmente localizados na zona de artilharia inimiga ou à sua retaguarda. Um objetivo pôde ser um acidente do terreno, por exemplo, que forneça observação ao comandante; um outro ponto crítico no sistema de comando ou nas vias essenciais de reaprovisionamento e um outro, um obstáculo às forças blindadas. Em algumas situações o objetivo é claramente definido pela missão; em outros é deduzido da situação.

Compartimento do terreno — Os acidentes tais como cristas, cursos d'água, florestas, estradas e cidades, dividem praticamente todos os terrenos em zonas mais ou menos diferentes. Tais zonas consistem frequentemente em um vale entre duas cristas ou em um espaço livre entre duas regiões cobertas. Quando os acidentes do terreno formam uma zona que não esteja sujeita ao tiro direto e à observação terrestre, feitos de outros pontos situados fóra da mesma, esta zona é denominada um "*compartimento*".

Para um observador colocado no fundo de um compartimento, êste nada mais é do que o seu limite visual; conforme o considere em relação aos lados, à frente e retaguarda ou em todos os sentidos, terá a compartimentação em largura, em profundidade ou geral.

Os compartimentos do terreno podem ser de qualquer extensão ou forma. Podem ser simples ou complexos, subdividindo-se então em compartimentos de valor inferior ao do escalão considerado. Os acidentes nos limites dos compartimentos podem ser altos ou baixos, contínuos ou descontínuos; um compartimento pôde ser limitado somente em largura ou em largura e profundidade.

A utilização de um compartimento do terreno por uma maior, ou menor unidade, é função tática da sua localização, extensão e forma.

ESTUDO DO TERRENO, TENDO EM VISTA OS DIFERENTES ESCALÕES DA INFANTARIA

"Uma judiciosa utilização do terreno é a única base sólida para o emprêgo tático de todas as Unidades de Infantaria".

R.I. Francês — 2.^a Parte — 136.

"É êste elemento do combate da Infantaria — o terreno — que pela suas linhas características impõe aos Regimentos e Batalhões a sua manobra, assim como, é êle ainda que, por um buraco de obús, a menor depressão e vegetação, condiciona o lanço de um atirador".

Para a Infantaria a análise do terreno é feita unicamente para determinar as facilidades ou dificuldades que os acidentes topográficos, existentes na zona do terreno que lhe foi atribuída pela autoridade superior, oferecem para o cumprimento da missão que o escalão considerado deve executar.

Vejamos pois como os aspectos :

- observação
- campos de tiro
- cobertas e abrigos
- obstáculos
- comunicações

acrescidos das questões de :

- objetivos
- compartimento do terreno

reagem sôbre as quatro missões em que pôdem ser grupadas, duma maneira geral, a atividade do R. I. e do Batalhão em combate.

- defensiva
- ofensiva
- marcha
- estacionamento.

Para qualquer dos grupos de missões acima especificados, o enquadramento nos aspetos retro citados traduz-se em determinar as facilidades ou dificuldades que o terreno oferece :

- ao comando
- aos fogos
- às vistas
- ao movimento
- ao emprêgo dos meios mecânicos
- à coordenação dos fogos
- à segurança.

Com êsse fim encontramos nos regulamentos as vantagens ou inconvenientes seguintes :

A) — RELEVO :

— As partes altas do terreno permitem vistas extensas e fogos dominantes particularmente impressionantes para o moral do adversário. Quando são *descobertas*, as tropas que aí se acham *em progressão* ou *em posição*, não escapam às vistas do inimigo e atraem, principalmente os fogos de artilharia.

— *Uma linha de crista* ocupada *para a defesa*, só permite na maioria das vezes um dispositivo linear muito vulnerável. Haverá sempre *ângulos mortos* que o defensor deverá esforçar-se por bater com armas de tiro curvo ou arma de tiro tenso, agindo nos flanqueamentos.

Para o atacante a travessia de uma linha de crista, sob o fogo, é uma operação delicada e que poderá trazer perdas sangrentas. A utilização da noite ou o emprêgo de fumaças de artifícios podem facilitar essa transposição.

— *Uma encosta* (à frente de uma crista na direção do inimigo) ocupada defensivamente, oferece vistas e campos de tiro extensos além de facilidades para a instalação em pro-

fundidade das armas de defesa. Entretanto, ficarão muito expostos às vistas e aos tiros inimigos.

Uma contra encosta (à retaguarda de uma crista), para o defensor, oferece pequenos campos de tiro em sua frente, e além disso pôde dificultar o escalonamento em profundidade de suas armas. Ao lado destas desvantagens da surpresa e um bom apóio de artilharia, ao par do abrigo que a crista em frente lhe fornece às vistas e tiros do inimigo.

— *As depressões do terreno, os vales* protegem, até certo ponto, da observação terrestre e do tiro inimigo observado. Facilitam a marcha de aproximação das reservas, mas, são muitas vezes alvos de tiro sistemáticos e maciços, bem como expostos aos gases.

— *Os cursos d'água*, constituem obstáculos quando batidos pelo fogo.

B) — PLANIMETRIA

— *Os terrenos descobertos e planos*, quando à frente de uma base de partida para o ataque, prestam-se a uma boa utilização dos fogos da Infantaria e sua combinação com o das outras armas, à condição que as *bases de fogos* da Infantaria e os observatórios de Artilharia encontrem locais favoráveis:

Estes terrenos, quando situados à frente de uma posição defensiva, permitem que o defensor obtenha um maior escalonamento em profundidade e, prestam-se à exploração dos efeitos da razância. O inimigo terá dificuldade para localizar as resistências.

Para uma infantaria atacante, a travessia desses terrenos, seja na aproximação ou ataque, só poderá ser feita com o apóio de fogos de Artilharia profundos e densos e uma potente defesa anti-aérea e anti-carro.

— *Os terrenos cobertos ou acidentados* — restringem, geralmente os campos de tiro. O estabelecimento neles de uma rede de fogos contínuos, exige uma grande densidade

de armas. Estes terrenos dificultam às vistas, facilitando dessa forma a infiltração. Nesses terrenos, a localização das armas inimigas é mais fácil. São, portanto, favoráveis às operações em que se disponha de pouca artilharia. (tomada de contacto por exemplo).

No decorrer do ataque, o estabelecimento do plano de fogos ofensivos de Infantaria, e sua combinação com o fogo de outras armas, aí é difícil. Nestes terrenos as ações de choque serão frequentes. São terrenos favoráveis à uma infantaria manobreira, auxiliada por pequenas frações de carros. Deante de uma resistência inimiga organizada, a progressão nesses terrenos será sempre muito lenta.

— *Os terrenos cortados*, conforme a largura e a profundidade dos cortes, constituem, na ofensiva, obstáculos mais ou menos intransponíveis para a infantaria e carros.

São fáceis a defender e sobretudo, quando descobertos constituem zonas particularmente desfavoráveis ao emprêgo dos carros.

— *Os terrenos edificados* facilitam o estacionamento e a reunião de reservas; sendo no entanto muito sujeitas aos tiros da aviação e às concentrações da artilharia.

Para defesa serão utilizados, ou os terrenos à frente, ou no interior, evitar as orlas pela ajustagem dos tiros e a observação.

— *As vias de comunicações* — facilitam os movimentos quer transversais quer longitudinais. São pontos perigosos, ao tiro da aviação; quando próximo a posições defensivas, seus entroncamentos, pontes, etc., deverão constituir preocupação constante de defesa, principalmente aos fogos da unidade, evitando os auxílios das unidades vizinhas.

Na defensiva a compartimentação em largura permite ao comandante observar o desenrolar do combate da quase totalidade dos pontos situados no compartimento, também é muito mais fácil a ligação pelos fogos e permite tirar o máximo proveito dos órgãos de fogo da unidade, evitando os auxílios das unidades vizinhas.

Na ofensiva as vantagens da compartimentação em largura são da mesma espécie que na ofensiva: boas vistas, facilidade no deslocamento e concentração dos fogos, êste último ponto é capital, pois si a tropa atacante encontra dificuldades de progressão em algum ponto, o Cmt da mesma pode rapidamente concentrar sobre êsse ponto o fogo da maioria de suas armas automáticas, sem gastar tempo em deslocamentos sob as vistas e fogos do inimigo. Em numerosos casos, porém, ela não é utilizada porque em geral os objetivos de um ataque são as cristas e como a cada objetivo deve sempre que possível corresponder uma mesma unidade, segue-se que quando uma crista tem largura correspondente à zona de ataque de um Btl. é preferível que ela não sirva de limite às zonas de ação e sim que seja inteiramente contida na zona de ação do Btl., desaparecendo, portanto, a compartimentação total ou parcial, conforme um ou ambos os limites laterais sejam ou não vistos.

Compartimentação em profundidade. No sentido da profundidade, os compartimentos são limitados pelas cristas sucessivas. Na defensiva elas indicam:

- 1.^o — A profundidade da barragem de infantaria (limitada igualmente pelo alcance útil das armas);
- 2.^o — as linhas sucessivas que devem ser ocupadas (salvo os casos de contra-vertentes).

Na ofensiva indicam as linhas sucessivas a atingir e as linhas para onde se deslocará sucessivamente a base de fogo.

Em consequência concluímos:

Um terreno onde os compartimentos sejam profundos (linhas de crista muito distantes) é vantajoso para o defensor: : 1.^o, porque é submetido à ação dos fogos da defesa desde o alcance máximo de suas armas; conseqüentemente, êle é prejudicial ao atacante não só por êsses dois motivos como também pela dificuldade que encontra em localizar a distância eficiente das posições que ataca, as bases de fogo que apoiarão o ataque e os observatórios de artilharia.

Quanto mais compartimentado for o terreno no sentido de profundidade, maiores serão as facilidades do atacante, salvo quando as cristas são tão íngremes que dificultam o apóio da artilharia (terreno montanhoso).

Do exposto podemos concluir que na repartição dos meios o comando deve, nos terrenos pouco compartimentados em profundidade (cristas distantes) empregar meios reduzidos na defesa e fortes no ataque; inversamente, quando os compartimentos são poucos profundos.

UM PROCESSO DE ANÁLISE DO TERRENO

Em duas situações póde ser feita a análise do terreno :

- ou unicamente pela carta;
- ou no terreno.

Para qualquer desses casos um método de análise deve ser adotado. Várias publicações existem onde encontramos a indicação de processos de análise do terreno.

Aqui apresentamos uma de autoria do Cel. Arendt :

A análise será dividida em três partes :

- 1.º) — Análise topográfica
- 2.º) — Análise Tática
- 3.º) — Conclusão.

Análise topográfica

Nesta análise devem ser tratadas as questões seguintes :

- a) — *Ossatura ou esqueleto do terreno* — As linhas d'água e linhas ou cristas formam a base natural para o estudo do terreno no que se refere à sua forma. Quando tal estudo das formas do terreno é feito numa carta ou fotografia aérea ele pode ser auxiliado materialmente do seguinte modo :
 - 1) — Ressaltando as linhas d'água, marcando-as com linhas fortes.

- 2) — Cobrindo com traços fortes, nas cartas, certas curvas de nível, ou colorindo na carta o espaço entre elas com tinta, de cores diferentes para cada altura, de modo a fazer ressaltar a configuração do terreno e as elevações.

As linhas d'água formam sempre um sistema ou sistema de linhas intercomunicadas. As linhas de crista formam um sistema semelhante pois que os contra-fortes e os ramos de cristas menores articulam-se com as cristas principais exatamente da mesma maneira que os pequenos cursos d'água e os riachos se ramificam com o curso d'água principal. As linhas d'água e linhas de cristas formam desta maneira dois sistemas encadeados de linhas ramificadas que, isolados ou em conjunto, indicam claramente a configuração geral do terreno. Quando ambos os sistemas estão traçados numa carta, deve ser feito o uso de cores diferentes para um e para outro, recomendando-se o uso do azul para os cursos d'água e do marron para as linhas de cristas, afim de ficar de acôrdo com as cores usadas nas cartas. As linhas d'água e linhas de cristas mais importantes podem ser mais acentuadas com cores mais fortes.

Ocorrerá frequentemente que os sistemas de linhas de cristas e linhas d'água não são os únicos acidentes de importância essencial numa situação tática. Pode haver regiões cobertas, cidades, ferrovias, etc., às quais têm de ser dispensada especial atenção. Nesses casos, nestes acidentes podem ser iluminados muitas vezes da mesma forma como descrito acima para os sistemas de linhas de cristas e linhas d'água.

- b) — *Revestimento* — matas, culturas, habitações, etc..
c) — *Estudo dos compartimentos* — Sua dependência; em cada um, determinar os limites, orlas das cobertas, determinação dos compartimentos secundários; valor de cada um; ângulos mortos, etc..
d) — *Os obstáculos* — (análise dos existentes) :
orientação; valor como obstáculo ao movimento, etc..

- e) — *As estradas e caminhos de acesso à região; natureza; orientação, etc..*

Análise Tática

- a) — *O inimigo*

Si estivermos na ofensiva — analisar :

- onde foi assinalado
- onde está
- quais os locais onde já foram assinaladas as armas inimigas
- localizar tudo que for possível e conhecido a respeito do inimigo.

Si estivermos na defensiva :

- de onde pode vir
- por onde poderá agir
- quais são as possibilidades de vistas, fogos e progressão na direção de nossa posição
- idem, idem, no interior da posição.

- b) — *Zona de ação*

Si na ofensiva — estudar :

- a zona da base de partida
- as linhas ou objetivos a atingir
- caminhamentos desenhados
- locais onde colocar as bases de fogos
- locais a serem neutralizados

Si na defensiva :

- qual o terreno a bater
- ângulos mortos
- estudo das vistas, obstáculos e fogos na direção do inimigo
- onde colocar os fogos e apóio das armas, etc.

c) — *Pontos importantes*

- Na ofensiva — a ocupar no decorrer da progressão
- Na defensiva — a manter.

d) — *Caminhamentos desenhados* — para atingir êstes pontos; locais de onde se pode barrar êstes caminhamentos; possibilidades de neutralisar êstes pontos (si na ofensiva,) onde os ocupar, (si na defensiva).*Conclusão*

- a) — *Regiões favoráveis ou desfavoráveis a uma progressão* (si na ofensiva para nossos meios, si na defensiva para o inimigo).
- b) — *Lanços lógicos dessa progressão* (si na ofensiva por nossos meios, si na defensiva para o inimigo).
- c) — *Fogos necessários* — para favorecer esta progressão (no caso de ofensiva nossa) ou para deter essa progressão inimiga (no caso de defensiva nossa).

d) — *Manobras sucessivas a encarar :*

a) — Na ofensiva :

- o fogo e movimento
- Bases de fogo, seu deslocamento
- objetivos

b) — na defensiva :

- barragem a produzir em diferentes faixas;
- diagonais
- fogos longínquos
- contra ataques.

e) — *Os Meios*

Enumerar as diferentes unidades de que se dispõe para realizar uma determinada missão, não é suficiente.

É sempre em função da missão que se impõe analisar os meios de ação, estudando successivamente as disponibilidades em :

- tropas;
- fogo (munições);
- material (canhões e transporte por exemplo. . . .)

Os destacamentos de armas diferentes, ou Grupos táticos são analisados de maneira a determinar :

- as possibilidades de cada uma das armas;
- seu rendimento;
- as combinações mais vantajosas a realizar na sua ação comum.

Para isto, é preciso não deixar de ter em conta o estado físico e moral das unidades.

As possibilidades de fogo dependem, em grande parte, da quantidade de munições atribuída ao Comando :

- de armas automáticas;
- de engenhos de acompanhamento
- de Artilharia;

e sobre as possibilidades de assegurar o repletamento dessas munições no transcurso das operações.

Os meios materiais são multiplos e podem variar muito de uma operação para a outra. Por exemplo :

- ferramentas de sapa;
- meios de transporte;
- meios de transposição de rio;
- explosivos de destruição. . .

Tais são, sucintamente apresentados os caracteres da análise que antecede a *decisão de manobra*. Constata-se logo que não se trata de uma simples e vazia enumeração. Ao contrário, é uma análise *construtiva*, porque a sua razão de ser é função de uma *missão*, de um *fim bem determinado*.

Cada um dos seus fatores acarreta *deduções lógicas*; e é assim que ela conduz progressivamente à *decisão de manobra*.

Decisão de manobra

Quaisquer que sejam as circunstâncias :

- discernir é escolher;
- escolher é decidir-se.

Compreende-se que, reduzida assim à sua forma sintética, a *decisão de manobra* seja sempre delicada de elaborar. Acima de tudo, é preciso recalcar as excitações.

Uma vez de posse da sua ideia de manobra (ou decisão de manobra) resta ao Chefe concretizá-la pela aplicação de meios e métodos apropriados.

Aquí, igualmente se impõe um raciocínio metódico.

A decisão de manobra deve se traduzir por:

- um dispositivo inicial;
- uma sucessão de manobras (fases): por exemplo, na ofensiva: — Conquista de objetivos sucessivos...;
- uma divisão cronológica das operações (vários tempos no curso do ataque, por exemplo).

Visar-se-à *um único resultado, um único fim* ao mesmo tempo; mas para o obter é necessário realizar a *convergência de todos os meios disponíveis*.

Para concluir, dois conselhos ainda :

1.º) — A *decisão inicial* uma vez tomada, o chefe deve se manter em condições de a adaptar às novas situações que o desenvolvimento do combate inevitavelmente criará.

No combate, o que foi estabelecido, tem-se a obrigação de aceitar, mesmo que todos os dados do problema se transformem.

"No combate, as disposições que se adotam correspondem apenas a um momento fugitivo do drama.

"Outras situações vão surgir; que o espírito de chefe

— prepare-se para enfrentá-las;

— e delas se desvencilhe;

dentro do sentido das ordens do *escalão superior e da sua própria missão*; é o melhor meio de tomar, no momento oportuno, uma decisão tática judiciosa".

2.º) — Enfim, uma situação tática não comporta uma solução *única, tipo, ideal*, mas uma quantidade variável de soluções, todas admissíveis, desde que sejam simples, lógicas e praticamente exequíveis.

II — Redação das Ordens

1 — Generalidades

No escalão RI, uma vez a decisão assentada no espírito do Coronel, ela vai se manifestar aos executantes por ordens.

As ordens são de duas categorias gerais: de rotina e de combate.

As de rotina compreendem os boletins diários, as ordens especiais, os boletins, circulares e memorando.

As de combate são as referentes às operações em campanha e classificam-se em ordens de operações, de serviço e instruções.

Ordens de Operações

A decisão que exprime, de uma forma concisa, o que o comandante pretende fazer com a sua força para se ajustar as necessidades da situação pôde comportar decisões suplementares para regular pormenores de execução. Estas últimas como as ordens subsequentes podem ser de autoria do próprio Comandante ou de Comandantes subordinados por força de autorização daquele.

Tudo porém deverá ser unificado num plano que compreenderá a decisão, as decisões suplementares e as ordens de execução expedidas e que será assinada pelo Comandante responsável.

As ordens de operações podem :

- determinar operações: *ordem geral* ou *particular*
- alertar sobre operações iminentes : *ordem preparatoria*.

A *ordem é geral* quando abrange todos os aspectos e fases essenciais da operação. Ela inclui missões gerais a todas

as unidades subordinadas encarregadas da execução de operações táticas para a realização do plano do comandante.

A *ordem* é *particular* quando a rapidez na entrega e na execução é imperativa. São emitidas sucessivamente conforme o desenvolver da situação e as decisões suplementares. Seu emprego é normal no escalão RI e subordinados.

A *ordem preparatória* contém informações antecipadas a fim de que as unidades subordinadas possam preparar-se para executar operações a serem ordenadas. Quando de uma ordem preparatória tenha sido feita distribuição geral, os assuntos nela tratados não devem ser repetidos nas ordens subsequentes.

Ordens de Serviço

As ordens de serviço referem-se ao reaprovisionamento, evacuações e outros pormenores relativos ao emprego dos Serviços.

Instruções

As instruções tratam das fases estratégicas das operações da G. U. e regulam as operações para um período de tempo considerável.

II. — *Redação das ordens*

As ordens, quanto à sua expedição, podem ser verbais, ditadas ou escritas, tudo em função do fator tempo disponível para sua preparação e distribuição.

Uma ordem deverá chegar no seu destino a tempo suficiente para permitir que o comando subordinado possa tomar sua decisão e dar suas ordens antes da hora marcada para o início da ação.

As verbais e escritas são semelhantes, são ordens faladas, quando forem emitidas ordens verbais devem ser tomadas anotações pelo emitente e pelo recebedor. As ditadas são re-

gistradas, ao pé da letra pelo destinatário, sendo uma cópia guardada pelo comando que emite a ordem.

As escritas podem ser emitidas por qualquer forma.

O uso de cartas, foto cartas, calcos, quadros em acompanhamento às ordens, poupam tempo, palavras e diminuem a probabilidade de erros. Em muitos casos, uma ordem completa pôde ser colocada numa carta ou num calco.

Há a considerar para algumas operações de características bem definidas dos preliminares do combate ofensivo e dos deslocamentos a simplificação que se pôde obter nas ordens com a simples referência às "*normas gerais de ação*".

As normas gerais de ação destinam-se :

- simplificar as ordens de combate;
- acelerar as operações pela diminuição de confusões e erros.

É impraticável prescrever normas gerais de ação, uniformes para todas as unidades ou para todas as operações, elas devem ser adaptadas às condições da operação e de acordo com o estabelecido pela unidade superior.

Ordens de operações

A sequência natural divide uma ordem de operações em:

- *cabeçario*
- *corpo ou trato*
- *fecho*

Cabeçario

Contem a designação da unidade que emite a ordem, local, hora e data da emissão, número de série da ordem e referência a carta ou cartas utilizadas.

— A designação oficial do comando emissor pôde ser feita por um nome em código e o local omitido, como medida acauteladora do segredo.

— A data é escrita empregando-se quatro algarismos para a hora, seguidos pelo mês, dia e ano. Ex: 2230. junho, 15. 1942.

— São numeradas consecutivamente.

— A referência das cartas designa a carta ou as cartas necessárias, dando a escala, nomes das folhas e ano da edição (quando necessário). Quando fôr acompanhada por uma carta de operações, póde ser simplesmente:

"Carta" : — carta de operações (Anexo n.º 1).

Corpo ou Texto

Comporta 5 parágrafos principais

- Informações
- Missão e Idéia de manobra
- Missões das Unidades subordinadas
- Assuntos relativos aos serviços
- Ligações e Transmissões.

O parágrafo informações póde ser, na parte referente ao inimigo, reduzido a méra citação ao Boletim de Informações.

Uma carta de operações póde abreviar o parágrafo Missões e Idéia de manobra.

Inúmeros anexos podem simplificar os demais parágrafos.

Deve-se porém ter em vista que o emprego dos anexos, é normal quando o Comando dispõe de pouco tempo para expedição da ordem, exige a inclusão de tudo no plano.

Fêcho

O *fêcho* contém a assinatura, o confere (exceto no original), uma relação dos anexos e os destinatários.

Nota — Na redação do presente artigo foram consultados regulamentos americanos e o Curso "d'Emploi des Armes".

APRECIACÃO DA SITUAÇÃO DO INIMIGO

(COMUNISMO)

Pelo Major X

I — LOCALIZAÇÃO DOS MEIOS

a) — O GROSSO é constituído pela massa humana do grande espaço geopolítico eurásico: os *Vermelhos*, seus satélites, os países bálticos, balcânicos e outros mais ou menos absorvidos pelo expansionismo soviético, bem como a parte oriental da Alemanha, sob ocupação militar.

Este Grosso, é orientado pelos líderes vermelhos, e acha-se sob a alta direção do Comité, na política pelo poder internacional, no expansionismo *multinacional*, característica típica do internacionalismo ideológico marxista.

b) — *Elementos avançados*, constituídos pelos Partidos Comunistas existentes nos países dos dois Hemisférios; estas “cabeças de ponte” são mais ou menos poderosas e encontram uma capacidade de penetração que está na razão inversa do valor da estrutura política, social e étnica, dos países em que procuram “tomar pé”.

Tais *Elementos Avançados*, são chefiados por agitadores comunistas dependentes do GROSSO que estão na testa dos P. C. locais.

Há perfeita articulação entre o GROSSO e os Elementos Avançados (P.C.) de diversas nacionalidades: — mesma ideologia — impôr ao mundo o “dogma de Marx”, mesma técnica para a conquista do poder, dentro de férrea discipli-

na partidária e com *ausência absoluta* de escrúpulos de qualquer ordem, põe em ação uma técnica "sui generis".

II — FISIONOMIA DA FRENTE

a) — *Atividades do grosso*

São evidentes os múltiplos e crescentes atritos entre os Vermelhos, e os Azuis (N.U.) Entre os choques mais violentos, podem ser indicados: Política nos Balkans — questão do Mediterrâneo e pretensão dos Vermelhos — Conferência da Paz (Paris) — Casos do Iran e Iraque — Questão da China.

Tais antagonismos entre o "bloco Slavo" e o "bloco anglo-americano" são "fatais", e decorrem de forças geopolíticas antagônicas que não permitirão um acôrdo *real e sincero* entre os dois blócos *cujas linha de ação se cortam*, sendo impossível obter seu paralelismo e analogia de objetivos na política do mundo.

Do ponto de vista da estratégia global, os choques assinalados são "pequenas ações locais" para obter uma frente de contáto favorável às operações futuras dos Vermelhos.

b) — *Atividades dos elementos avançados (os P.C.):*

No Hemisfério Ocidental, e, particularmente nos EE. UU., Brasil e Argentina, os P.C. têm se mantido em grande atividade:

— preparo da *massa*, para a luta de classes, e utilizando a sua "técnica", que explora ao máximo as *dificuldades do presente* (desorganização da produção, transporte, etc.);

— *greves*, (dos siderúrgicos, ferroviários, mineiros, etc., nos EE. UU.) e transportes (bondes, ônibus, estivadores, ferroviários, no Brasil).

Finalidade doutrinária: Preparar a "greve geral" por meio da *inquietação política, do descontentamento geral* (falta de alimentos, transportes, etc.) e tal intento vai sendo

conseguido e facilitado pelo "direito à greve", direito êste legal (?) mas não *moral*. (1)

Medidas "conciliatórias" do Governo, "concessões", "transações" com os marxistas, não porão fim aos dias agitados que vivemos, pois os vermelhos apregoam o *slogan*: "quanto pior melhor".

O estudo destas atividades comunistas (localização, simultaneidade, natureza técnica das greves, declarações de alguns chefes vermelhos do Brasil, Cuba, Chile, etc.) nos leva a uma conclusão: "Se os Governos não tomarem medidas adequadas, (nova legislação sobre o direito à greve) a agitação comunista, *incentivando as greves*, tenderá para um aumento de intensidade, de frequência e alastramento até nas cidades de menor densidade demográfica.

III — POSSIBILIDADE DO INIMIGO

a) — *Do Grosso e seus satélites.*

1) — *Ainda remota*: Guerra pelo expansionismo comunista internacional — multinacional, contra o Hemisfério Ocidental, defendido pelo bloco Anglo-americano e povos que escaparam à influência comunista e que constituirão uma barreira em defesa da "civilização ocidental".

Tal possibilidade é *ainda remota* porque :

1.º — Apesar do grande potencial bélico dos Vermelhos e de suas características geopolíticas favoráveis, uma guerra nos moldes clássicos e em futuro próximo não lhes daria a conquista dos objetivos visados na sua estratégia global.

Indiscutivelmente, os EE. UU. dispõe hoje de recursos bélicos (econômicos, industriais e *armas especiais*) muito superiores aos dos Vermelhos: (potencial naval, aviação de longo raio de ação, bomba atômica, etc).

(1) — A greve insuflada pelos agentes comunistas não é moral nem muito menos legal. "Não há direitos contra a Pátria e as instituições nacionais". E' preciso não exagerar o amor pela democracia, a ponto de confundir liberdade de *opinião* com direito de *agir* contra a Pátria. Promover greves não é direito de *opinião*; já é entrar em ação para atacar as leis e os direitos da coletividade nacional. — N. da R.

2.º — Os Vermelhos aguardam a consolidação das “cabeças de ponte” asseguradas pelos elementos avançados (Partidos Comunistas de diversos países do Hemisfério Ocidental), e que estes fiquem em condições de desencadear a *guerra civil, a greve geral, a confusão e a desordem nos países contrários*, no “momento propício” à guerra.

2) — Continuar hostilizando a política das N.U., dar apoio aos partidos da esquerda, incitando-os (caso da Pérsia e outros) contra os E.E.UU. e Inglaterra.

b) — Dos “Elementos Avançados” (Partido Comunista):

1) — *No presente e futuro próximo*: prosseguir, em atividade crescente, no preparo da “greve geral” pela *inquietação política* — confusão, desorganização dos transportes e da produção, de modo a criar o “clima propício” à *conquista do poder*:

— pela *ação ostensiva no plano legal* (democrático?): comícios, demagogia parlamentar, etc.

— pela *ação subterrânea, no plano subversivo*, pregando ao povo e às Forças Armadas a desmoralização das autoridades, o desfibramento nacional, a luta de classe, e em duas palavras: a REVOLUÇÃO VERMELHA.

CONCLUSÃO

De acôrdo com os dados disponíveis, há forte pêso de realização para a possibilidade b) do n.º 2 do item III, com tendências para que a situação se agrave, pois é completamente inútil tentar *acabar com as greves* de fundo comunista com paliativos, tais como concessões, aumento de salário, etc. (2).

— Urge tomar certas medidas adequadas contra o Comunismo e *sobretudo colocar a greve fora da lei, criando a arbitragem obrigatória nos Tribunais de Justiça do Trabalho*. (3).

(1) — Porque o objetivo real é a greve desorganizadora, e não as reivindicações — N. da R.

(3) — Cujas sentenças devem ser inapeláveis, à vista de seus fundamentos comprovados. — N. da R.

Um Documento Inimigo Capturado

Tradução do Major HUGO DE MATOS MOURA

O documento abaixo é uma síntese feita pelo Marechal MODEL, sobre as principais características da tática atual empregada pelos britânicos e americanos nas operações ofensivas sobre a frente ocidental e no qual prescreve também as contra medidas adequadas que devam ser empregadas:

1) — *Processo de ataque inimigo*

As principais características de ataque dos anglo-americanos são:

- “ — Ação de acordo com um plano pre-estabelecido.
- Objetivos restritos.
- Estudo cuidadoso da frente por reconhecimentos.
- Redução de cada um dos pontos fortes pelo emprêgo de ataques em pinça, montados sobre cada um dos mesmos.”

Eficiência:

“Meios distribuídos, tendo em vista um esforço principal. Emprêgo de forças blindadas em toda frente. Objetivos limitados que prometem seguramente bom êxito. Quando ataques frontais são mal sucedidos, as forças são rapidamente reagrupadas.

Deficiência:

“A infantaria não avança vigorosamente. Sómente segue as forças blindadas e ocupa o terreno. Para demasiadamente depois de alcançado o objetivo. *Muito sensível nos flancos*”

Toda divisão de infantaria é apoiada nos ataques por um “Comando de Combate” de divisão blindada. *A formação de ataque é estreita e em profundidade*”.

Todo ataque é precedido por uma concentração de artilharia e apoiado o mais fortemente possível pela aviação. Depois então de ter sondado a frente, as unidades de infantaria infiltram-se nos pontos “amolecidos”.

"Para aproveitar o êxito, um Comando de Combate blindado é colocado em 1.º escalão para atacar objetivos limitados. Em geral a infantaria permanecer no local atingido depois que o Comando Combate se desloca para a frente, deslocando-se somente depois de atingido o objetivo restrito, afim de organizar o terreno em proveito da segurança dos reaprovisionamentos do Comando de Combate e para permitir que a artilharia mude de posição. No dia seguinte o Comando de Combate move-se para frente novamente, ultrapassando as tropas estacionárias. Este emprêgo em "recobrimento" é repetido esquematicamente com continuos reforços vindos da retaguarda. Quando a ruptura ou a penetração tem êxito, os elementos atacantes não avançam muito para a frente, rebatem-se para os lados afim de neutralizar os pontos fortes inimigos por ataques em pinças. Este processo é empregado tanto para os pequenos ataques locais como para as ações ofensivas de grande envergadura."

"Localidades e pontos fortes são desbordados pelos elementos blindados de ataque e a limpeza é feita pela infantaria que os aborda depois de uma preparação completa de artilharia. Afim de impedir contra-ataques, as áreas de reunião suspeitas, são atacadas pela artilharia em massa, se possível com observação aérea, e os elementos de 1.º escalão do ataque são enjaulados pela artilharia (durch Feuerglockem abgeschirmt).

Faz-se o emprêgo, o mais cedo possível, de armas automáticas de infantaria, para fins psicológicos".

2) — CONTRA MEDIDAS

"Antes do início do ataque inimigo — É aconselhável, sempre que possível, inquietar o inimigo por todos os meios concebíveis, infligir-lhe as mais pesadas perdas por meio de projetores, artilharia, bombardeios noturnos e, assim, enfraquecê-lo. Deve ser mantido na ignorância do valor dos nossos meios até o último momento, afim de aumentar o sentimento de insegurança."

"A la. Linha de defesa — deve ser fracamente ocupada antes de um ataque iminente. As armas pesadas devem ser colocadas na parte da retaguarda da PR. Os pontos fortes existentes na PR devem canalizar o ataque inimigo, de modo que o mesmo alcance pontos do terreno batidos pelos seus próprios fogos de apôio e colocando tôda a sorte de obstáculos e armadilhas nas áreas à retaguarda da LPR, poderão assim consideráveis perdas ser infligidas ao inimigo. A eficácia é ainda aumentada empregando campos de minas "S". Para o combate na PR a engenhosidade, o árdil, a flexibilidade, a mobilidade, o dis-

farce e a camuflagem são os requisitos necessários para que ulteriormente se possa atacar o inimigo e destruí-lo".

"Mas, acima de tudo, a ação independente da patrulhas de assalto, lançadas individualmente e de patrulhas anti-tanques que combatem no ponto forte, são de um valor decisivo. Enquanto a LPR estiver bem protegida por toda a sorte de obstáculos de engenharia concebíveis será sempre difícil ao inimigo explorar rapidamente a sua penetração inicial ou uma ruptura. De tal modo ganhar-se-á tempo para as contra medidas planejadas".

"Deve ser considerado um princípio básico que *cada pinça deve ser atacada por outra pinça*, com a missão de *destruir esse elemento de ataque inimigo*. Afim de que nossas armadilhas e fossos sejam eficientes é absolutamente necessário que as mesmas sejam batidas pelo fogo das nossas armas."

"*Contra-ataques por reservas locais* — (contra pinças) — em toda a profundidade da posição de resistência devem ser preparados e organizados de modo a que possam ser apoiados com muita economia, isto é, pelo aproveitamento de todos os meios disponíveis, por fogos de morteiros, dos canhões de assalto e anti-tanque, de todas as espécies, com as vantagens da surpresa. É sempre necessário determinar mais rapidamente *onde o inimigo faz esforço principal*, afim de que após uma ruptura inimiga, bem sucedida, possamos reforçar a nossa resistência nos nossos flancos e assim criar condições favoráveis para uma "contra-pinça".

"As armas anti-tanques e metralhadoras devem estar em posições de emboscada de modo a poderem abrir fogo particularmente eficaz quando o inimigo atravessou os obstáculos e seu ataque foi canalizado."

"*Contra ataques (contra pinças) nos flancos do inimigo, devem liquidá-lo decisivamente como a um animal na armadilha. Essas ações terão a maior probabilidade do bom êxito se executadas no momento em que o inimigo executa a limpeza das trincheiras ou quando está temporariamente imobilizado pelo fogo de armas leves e obstáculos.*"

"Peças de artilharia, "tank destroyer" e brigadas de peças de assalto da divisão mantidas em condições de se deslocar, são de importância decisiva no apóio desses contra-ataques. Se estes contra-ataques não têm bom êxito e o inimigo ganha mais terreno na LPR, o desenvolvimento da situação deve ser avaliado logo e tomadas contra-medidas tendo em vista o prosseguimento ulterior da ação. Devem ser infligidas continuamente perdas ao inimigos por meio do fogos concentrados das tropas do ponto forte. O fim é dissociar cada vez mais o ataque inimigo por meio desses pontos fortes e deslocá-lo da sua direção.

Só por este meio o ataque inimigo pode ser gradualmente desgastado e finalmente paralizado. Neste caso, os requisitos mais essenciais para estes contra-ataques limitados, são criados — (contra-pinças, armadilhas)”

“Devem existir reservas de divisão, constituídas por tropas de assalto localizadas na zona de segurança da artilharia e que são apoiadas por peças de assalto e tanques destroyers. Tais reservas são empenhadas com o apóio dos fogos concentrados de toda a artilharia assim que o ataque inimigo se aproxima da zona de segurança da artilharia, afim de destruir o inimigo diante dessa faixa por meio de nossas contra-pinças, em colaboração com os pontos fortes que ainda estão combatendo na posição de resistência. Recomenda-se ainda cortinas de fumaça locais afim de facilitar a aproximação ou para cegar as unidades inimigas na própria zona de combate.”

No caso de ruptura inimiga, ainda mais forte, é dever do comandante do Corpo de Exército, empenhar sem perda de tempo, unidades de assalto motorizadas, obtendo assim a necessária contra pinça ou contra-manobra; tal ação deve ser executada com maior ímpeto possível e com o fim de obter a destruição total do inimigo.”

ERRATA

Colonização Alemã

— *Problema da Nacionalização no Sul do Brasil* —

No trabalho de autoria do Cap. Rui Alencar Nogueira, sob o título acima, publicado no mês de Julho, solicitamos aos leitores a retificação do seguinte trecho.

“Nestas condições, sentimo-nos perfeitamente à vontade para vos falar e extremamente honrados com o convite feito e a ele não devíamos faltar, principalmente, partindo de moços estudantes, porque não pertencemos a uma classe ou a uma casta especial: — o soldado é um cidadão integrado no convívio da sociedade, pronto a defender as suas instituições, sempre vigilante em todas as ocasiões, disposto a todos os sacrifícios para garantia absoluta da integridade territorial do Brasil. Assim tem sido e assim será.”

“Devemos esclarecer...”

OS SERVIÇOS REGIMENTAIS

Regimento de Infantaria

Pelo Ten.-Cel. AGUINALDO SENA CAMPOS

O responsável pelo funcionamento dos Serviços no RI é seu Comando, através do Sub Comandante.

Como nos escalões superiores, no ambiente regimental, há para os suprimentos um elemento diretor e um órgão executante.

O elemento diretor é o S 4 e o órgão executante é a Companhia de Serviços.

Os S 4 dos Corpos de Tropa vão o extremo da rede de suprimentos controlada pela 4a. Secção da Divisão que têm sua amarra superior no órgão correspondente do Exército e por exceção, uma variante na 4a. Secção do Corpo de Exército, quando este existe.

O S. 4 é o responsável pelo suprimento de sua Unidade perante o seu Comandante imediato e é o elemento com quem se liga diretamente a 4a. Secção, sem as preocupações burocráticas dos canais competentes.

Um Comandante de Unidade, preocupado com as operações em que se acha empenhada a sua tropa não pode estar se voltando constantemente para a retaguarda em atenções que se prendam às necessidades materiais do combatente e da ação em curso. Para isso têm êle, como componente de seu Estado Maior, um Major cuja única incumbência é dotar a tropa de todos os recursos que se fizerem mister. Para isso o S. 4 liga-se com o oficial de Operações do RI (S3) para bem viver dentro da situação tática; com os comandantes de sub-unidades subordinadas; com o Comandante da Companhia de Serviços, seu órgão de execução; com a 4a. Secção da Divisão (G4) e mais com todos os órgãos provedores de onde retira as suas necessidades.

Entre as suas atribuições de rotina, estão as seguintes:

1) — Providenciar os suprimentos, seu armazenamento e conservação, transporte e distribuição.

2) — Escolher e planejar a instalação dos pontos de distribuição regimentais, centros de remuniciamentos, locais de estacionamento dos trens, locais dos diversos elementos de serviço, sob a sua jurisdição e cuidar de sua proteção.

3) — Reunir e guardar a bagagem individual dos oficiais e praças, fóra de uso, no momento, quando não estiverem a cargo das proprias sub-unidades.

4) — Reunir ou dispersar, em parte ou no todo, as cosinhas das sub-unidades bem como escolher, em ligação com o S3, os locais para o estacionamento das mesmas.

5) — Providenciar a recuperação do material próprio, dentro das possibilidades de seus órgãos de serviços.

6) — Coletar, reunir, examinar e evacuar o material capturado ou abandonado pelo inimigo.

7) — Evacuar os mortos e pessoal em geral.

8) — Cuidar da parte administrativa da Unidade e zelar pelos bens a seu cargo.

9) — Cooperar dentro do seu raio de ação, com os órgãos encarregados da circulação, para seu perfeito funcionamento, em ligação com o S3.

10) — Coordenar os transporte dentro do RI dosando meios e distribuindo incumbencias.

11) — Fiscalisar o funcionamento e rendimento dos órgãos de Serviço que estão sob sua jurisdição, para que todos os esforços sejam bem aproveitados, no interesse geral.

12) — Redigir ou fornecer os elementos para feitura das ordens de combate e preparatórias, da parte que se relacionar com os serviços.

13) — Evacuar os suprimentos nos movimentos retrogrados e destruir material e suprimento em risco de cair em poder do inimigo.

14) — Redigir e distribuir ordens de serviços particulares e diretivas ao médico regimental, comandante da Cia. de Serviço e Oficial Remuniciador.

15) — Incumbir-se de tôdas as funções inerentes ao Fiscal Administrativo, da nossa atual legislação.

COMPANHIA DE SERVIÇOS DO RI

A Cia. de Serviços, na parte que interessa os serviços, tem como incumbencias:

1) — Receber, transportar e distribuir os suprimentos.

2) — Instalar, explorar e controlar os pontos de Distribuição regimentais da rações e água, gasolina e óleo, material de Engenharia, Pdepositos e Centros de Remuniciamento do RI

3) — Instalar, controlar e defender o estacionamento do Trem Regimental, dentro do que for estipulado pelo S 4, ou mediante instruções da 4a. Secção (G. 4), quando houver reunião dos Trens divisionários.

- 4) — Executar a manutenção do 2.º Escalão.

*Composição
Cia. de Serviços*

a) *Comando*

- 1 — Grupo de Comando
- 2 — Grupo de Administração

b) *Pelotão de Comando Regimental*

1 — *Secção de Comando*

- Grupo de Operações
- Grupo de Administrações
- Grupo de Serviços Especiais

2 — *Secção de Suprimentos*

- Grupo de Escrituração
- Grupo de Recebimento e Distribuição
- Grupo de Remuniciamento.

c) *Pelotão de Transporte*

- 1 — Secção de Comando
- 2 — Tres Secções de Batalhão
- 3 — Secção das Companhas Regimentais.

A Secção de Suprimento sofre a ingerencia direta do S. 4.

Com o seu pessoal, do Grupo de Recebimento e Distribuição, faz funcionar os diversos Pontos de Distribuição do RI.

A Secção de Suprimentos é entrosada com os elementos de transporte do Pelotão respectivo.

Vejamos como se processa a operação dos suprimentos dentro do RI.

As Companhias, diariamente, enviam aos Batalhões o número de homens-efetivos e adidos. Os Batalhões reúnem esses dados e os enviam ao Regimento. Essa operação é feita entre os S-1 respectivos.

O S. 4 do RI, de posse daqueles dados, organisa o seu mapa para a distribuição pelos Batalhões. O efetivo total diário do Regimento é enviado ao Ajudante Geral da Divisão. Este reúne os dados de todas as unidades e envia aos Serviço de Intendência.

O S-1, dentro do cilo dos Suprimentos, entrega ao R1, as rações diárias, em seu Ponto de Distribuição, ou as leva ao Regimento.

O R1 recebe as rações englobadas o as transporta para o seu próprio Ponto de Distribuição, situado na área do Bivague do Regimento.

As rações são repartidas de acordo com os efetivos das sub-unidades do R1.

Para a distribuição às Companhias, dois casos podem ser considerados:

1.º *Caso* — A entrega é feita diretamente às Companhias.

2.º *Caso* — A entrega é feita ao Batalhão, por intermédio do seu S. 4, em um Posto de Distribuição intermediário e aí as Companhias, com seus próprios meios, vão buscar as rações.

Para os Suprimentos, a Companhias de Serviços conta com 5 caminhões por Batalhão que constituem as Secções de Batalhões e mais a Secção das Companhias Regimentais. Não são privativos dos Sub-unidades porem correspondem a 1 Caminhão por Companhia.

As Secções de Batalhões funcionam sob o Comando do S. 4 do Batalhão que é também o seu oficial de transportes, porém pertence ao Pelotão de Transporte do R1.

Fora dos Suprimentos as Secções de Batalhões e das Cias. Regimentais trabalham nos transportes gerais do Regimento.

O S 4 do Batalhão é o responsável direto pelo suprimento diário das Companhias, assistindo a distribuição, transportando e entregando as rações áquelas sub-unidades: É necessário que o Regimento disponha de Rações de Reservas para atender aos imprevistos com o fornecimento de rações quentes aos homens.

Essas rações, ou serão grupadas no R1, ou ficarão de posse dos Batalhões e Companhias para que, mais á mão cumpram, com segurança, a finalidade a que se destinam.

Nos deslocamentos, o R1 fará um pedido de Rações de Reserva, uma vez que normalmente não são consumidas refeições quentes, em marcha.

O Suprimento água é feito pelo R1, transportando o vasilhame ao Ponto água da Divisão e posteriormente trocando com as companhias, os recipientes cheios pelos vasilhos.

O Suprimento de gasolina é feito pelo R1, que entrega os recipientes cheios, trocados no Ponto de Distribuição divisionário, aos oficiais de Motores do R1 e dos Batalhões, encarregados dos elementos de manutenção de sua unidades. O oficial de motores do Batalhão é que supre às Companhias, de acordo com as suas necessidades, como o oficial de motores do R1 abastece os órgãos regimentais.

O Remuniciamento está a cargo do Grupo de Remuniciamento da Secção de Suprimento, chefiada pelo Oficial de Munições do R1.

Os transportes são fornecidos pelo Trem de Munições constituído por viaturas das Secções de Batalhão e da Secção das Cias. Regimentais do Pelotão de Transportes, que dispõem de :

Cia. de Obuze — 3 caminhões de 2½ T

Cia. A. carro — 2 caminhões de 1½ T

Cia. Comando — 1 caminhão de ¾ T

Secções de Batalhão — 15 caminhões de 2 ½ T

As munições destinadas aos Batalhões são entregues ao Oficial de Munições do Batalhão, nos Pontos de Remuniciamentos do Batalhão, ou mais á frente, si a situação permitir. Os órgãos referentes suprem-se directamente nos centros de Remuniciamento do R.

Os Batalhões dispõem do 1 ½ Tonelada para o movimento das munições, dentro de seu raio de ação e fazem a entrega ás Campanhias, nos Pontos de Reuminiamento das Cias. ou então as Companhias ali vão ter com os seus meios de transporte, os quais poderão variar com o terreno e a situação.

Cada Batalhão terá um Pelotão de Remuniciamento, Comandado pelo seu oficial de munições.

Em principio a esse Pelotão cabe levar as munições até ás Companhias.

Os suprimentos em armas, são feitos pelo S.M.B. através de sua Companhia de Manutenção. O S 4 do R1 apura as necessidade decorrentes de inutilisação e perdas em combate ou extravios e fez o seu pedido ao órgão respectivo.

No caso de inutilisação, o pedido é acompanhado da arma ou peça inutilizada.

No caso de perda em combate ou extravio, o pedido traz apenso o certificado respectivo, assinado pelo S4 do R1 e onde consta um resumido relato do ocorrido, com dia, local de combate etc. todos os dados que permitam justificar o fato.

A manutenção de 1.º Escalão, aquella que está a cargo do motorista ou detentor da arma, é feita no ambito da Companhia e Batalhão e melhorada, no caso das armas pelos respectivos armeiros. Ao R1 cabe a manutenção do 2.º Escalão que para as armas, limita-se a melhor limpeza e troca de peças, e preparação para a sua evacuação rumo ao Pelotão de Armamento da Companhia de Manutenção da Divisão.

O R1 dispõe de um Destacamento de Saude composto de Comando, Secção de Comando e 3 Secções de Batalhão. Na Secção de Comando está o pessoal destinado a instalar o posto de Socorro do R1, encarregado de prestar os primeiros socorros aos doentes e feridos do Comando do Regimento e das sub-unidades regimentais. Eventualmente poderá receber indisponiveis de um Posto de Socorro de Batalhão, quando esta sub-unidade tenha que se deslocar, antes que possa eva-

cuar os seus feridos e doentes; assim como poderá atender a um batalhão reserva, afim de permitir que seus órgãos de saúde estejam disponíveis para qualquer emprego futuro; poderá ainda reforçar os P.S. do Batalhão, em caso de necessidade.

A Secção de Comando dispõe de

- Grupo de Comando do Destacamento de Saúde
- Grupo de Enfermeiros de Companhia
- Veículos e Equipamento de Saúde.

As Secções de Batalhão são constituídas de

- Grupo do Posto de Socorro
- Grupo de Padioleiros
- Grupo de Enfermeiros de Companhia
- Veículos e Equipamento de Saúde

Cada Companhia de Infantaria empenhada recebe tres enfermeiros, correspondendo a um por pelotão e equipados com material para os primeiros socorros, e tratamentos de urgencia.

E elles cabe também a reunião dos feridos nos refugios da Companhia e a identificação e localisação dos mortos.

Os padioleiros encaminham os feridos, que se podem locomover, por conta própria, para o P.S. do Batalhão e também transportam os feridos e doentes impossibilitados de andar, para os mesmos Postos.

O P.S. do R1 não constitue um escalão intermeriário na cadeia das evacuações entre os P. S. de Btl e os P.S.D. É um mero posto de Socorro, como os P.S. de Batalhões.

Os suprimentos de material de Saúde para o Destacamento, são da responsabilidade do Médico Chefe do Serviço de Saúde Regimental.

As requisições são feitas, diretamente, ao órgão correspondente da Divisão, pelo Médico Chefe.

O plano de desdobramento e funcionamento do Destacamento de Saúde é enviado ao Comando, por intermédio do S4, uma vez que este tem a seu cargo a redação das Ordens de Serviço.

Livro à Venda

"ABREVIATURAS MILITARES NORTE-AMERICANAS" — Cap. G. A. Velho

Contém mais de 1600 abreviaturas em uso no Exército dos Estados Unidos (inclusive Forças Aéreas), bem como vários quadros de organização e de hierarquia comparada.

Preço — Cr\$ 5,00

TRANSMISSÕES

Cap. *EDUARDO DOMINGUES DE OLIVEIRA*
Instrutor da E.E.M.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

- 1 — Para o estudo das TRANSMISSÕES, dispomos, atualmente, de documentação farta que se classifica, de maneira geral, em :
 - Regulamentos brasileiros : — 84 (emprego)
— 98 (exploração).
 - Documentação das Escolas : — Militar
— de Transmissões
— C I E
— de Estado-Maior.
 - Regulamentos e publicações francêsés.
 - Regulamentos e publicações americanos.
 - Diversos.
- 2 — O Reg. 84, tradução e adaptação do antigo Reg. Francês e aprovado em 1933, é o resultado dos ensinamentos colhidos pelos francêsés no emprego dos meios de transmissões durante a guerra de 1914/18.
 - O Reg. 98, também calcado no Reg. Francês e aprovado em 1935, traduz o método francês de exploração dos diferentes meios de transmissões
 - Na documentação da ESCOLA DE TRANSMISSÕES, ressalta a coleção das P E T, tradução das publicações do SIGNAL CORPS do Exército Americano.

- O C I E — por sua própria missão de preparo de especialistas para a FEB — baseou sua documentação nos textos americanos traduzidos para nossa língua.
 - Na E E M, existe, atualmente, um "Curso de Transmissões", constituído, em sua essência, da seguinte documentação americana :
 - F. M. 11 — 10 — Manual de Campanha das Transmissões — traduzido e publicado, em caráter provisório, para uso da FEB;
 - TACTICAL SIGNAL COMMUNICATION — publicação da Escola de Comando e Estado Maior do Fort LEAVENWORTH, tradução da E E M;
 - P E T — 12 e 14, tradução e publicação da ESCOLA DE TRANSMISSÕES.
 - O Regulamento Francês (ed. 1939) tem alterações em relação ao da edição anterior — de que o nosso atual Reg. 84 é tradução — para fazer face às necessidades de TRANSMISSÕES existentes na época de sua publicação.
 - A documentação americana (regulamentos e outras publicações) apresenta, em síntese, os mesmos princípios de emprêgo das transmissões que os regulamentos franceses preconizam, mas diferem destes, e por conseguinte dos nossos, nos processos de organização, instrução, execução e exploração dos meios de transmissões.
 - O Francês é mais claro na sua explanação teórica. O Americano é mais simples na sua aplicação prática.
- 3 — Toda essa documentação — farta e diversa — está sendo do adotada arbitrariamente nos diferentes locais em que a instrução de transmissões deva ser ministrada, conforme as preferências e o critério de seus responsáveis mediatos ou imediatos.
- Temos ciência de oficiais que se acham em contáto simultâneo com os regulamentos americanos — para o preparo da instrução de seus soldados — e com o

Reg. 84 — para o preparo do concurso de admissão à E E M. E dêste contáto simultâneo só póde resultar — como de fato acontece — um dispêndio inútil de esforço e de energia.

4 — Os nossos Regulamentos já não satisfazem mais às necessidades da instrução, tendo-se em conta a evolução dos meios de transmissões e das necessidades de ligação que eles devem atender.

5 — A adoção dos Regulamentos americanos, já traduzidos, não satisfaz, também, às necessidades da instrução. Constituem, êsses Regulamentos, uma fonte de consulta realmente útil e interessante. Muitos dêles, no entanto, já têm seus exemplares originais revogados por outros mais recentes e de que não temos, ainda, traduções feitas. Por outro lado, é preciso conhecer a necessidade de instrução decorrente da mobilização extraordinária do Exército americano para a guerra e que êsses regulamentos procuraram atender.

— A análise dessa documentação permite concluir a necessidade urgente de instruir, em tempo curto, milhões de homens. E o processo foi a escolha imediata de uma base de partida, com a adaptação posterior dessa base às novas necessidades, surgidas da própria execução da guerra.

— Na parte referente à organização e ao emprêgo das

TRANSMISSÕES na DIVISÃO DE INFANTARIA, essa base de partida está expressa no F M-11-10, de Outubro de 1941, e do qual temos a tradução já referida nestas notas. Muitas adaptações foram feitas a essa base. Mas essas adaptações, ainda não publicadas, não são do conhecimento geral.

6 — Não devemos, por outro lado, abandonar os ensinamentos francêses, porque todos êles, quasi, estão traduzidos em princípios de emprêgo que sobreviveram a esta guerra e se acham transcritos, de modo geral, na documentação americana.

- 7 — Esta situação — que procuramos focalizar — acarreta consequências bem graves :
- a desuniformidade do ensino de transmissões;
 - a descontinuidade de esforços na sua aprendizagem;
 - a confusão entre os elementos que delas têm que se servir, mesmo os técnicos da especialidade;
 - a falta de unidade de doutrina;
 - o desinteresse pelas TRANSMISSÕES.
- 8 — Não pretendemos apresentar uma solução que anule essas consequências. Porque isto exige esforço de muitos e cooperação de todos.
- Julgamos, no entanto, que ao par da simples tradução dos regulamentos e outras publicações de qualquer natureza, americanos ou franceses — e que será bastante útil ao estudioso do assunto — deveríamos organizar, sem perda de tempo, uma documentação que coordenasse a teoria do francês, a prática do americano e às nossas necessidades e que servisse de base ao emprêgo dos meios de transmissões e à sua exploração.
 - E essa documentação, ao nosso vêr, comporta três partes essenciais :
- 1 — Instruções para as LIGAÇÕES e TRANSMISSÕES.
 - 2 — Instruções para a EXPLORAÇÃO DOS MEIOS DE TRNS.
 - 3 — Instruções técnicas para os meios de Trns.
- 9 — Dêste conjunto, temos estudado com maiores detalhes — em virtude mesmo da função que exercemos — a parte referente às LIGAÇÕES e às TRANSMISSÕES e chegamos a algumas conclusões sôbre a organização e o emprêgo das TRANSMISSÕES nas diferentes fases do combate, tanto no escalão DIVISÃO — particularmente de INFANTARIA e de CAVALARIA — como nas próprias unidades das armas.

10 — É o resultado dêste estudo que pretendemos oferecer à leitura de nossos camaradas, em publicações sucessivas nesta Revista que tanto tem servido ao Exército.

— Assim, procuraremos abordar, entre outros, os seguintes assuntos :

— **LIGAÇÕES e TRANSMISSÕES** — Meios de Ligação e meios de Transmissões.

— Princípios gerais que regulam a organização e o emprego da TRNS.

— As TRNS. nos corpos de tropa de todas as Armas.

— As TRNS. nas G U (DI-DC-DB).

POSTO DE LUBRIFICAÇÃO

MARFAK

OFICINAS

"MOÇA BONITA"

Mecânica e eletricidade, baterias, acessórios e pneus, completo
sortimento em lubrificantes e gasolina

— T E X A C O —

Carrega-se baterias em 20 m. processo americano

DOMINGOS DA FONSECA PINHEIRO

MATRIZ: Estrada de Santa Cruz, 925 — Estrada Rio São Paulo

— Tel. Bangú 442 — "Edifício Próprio"

RIO DE JANEIRO

Observações sôbre o emprego dos morteiros de 81^{mm} num Btl. da F. E. B.

Pelo Ten. Cel. *UZEDA*

A última guerra nos proporcionou, inegavelmente, muitos e interessantes ensinamentos; por outro lado, facultou-nos uma excepcional oportunidade para aplicação dos conhecimentos anteriormente adquiridos. O ideal seria, ao nosso vêr, que os novos ensinamentos adquiridos, bem como, o resultado das aplicações, fossem largamente difundidos como demonstração da honestidade e do carinho com que procuramos cumprir as missões que nos couberam, como também, para conhecimento dos nossos companheiros que não tiveram a felicidade de ver satisfeitos os seus desejos de partilharem conosco dessa oportunidade. Dentro dessa idéia, escrevemos esse trabalho que dedicamos aos jovens cadetes da Escola Militar e o redijimos com a atenção volvida para a memória do nosso heróico comandante de Pel. de Petrechos 1.º ten. Godofredo de Cerqueira Leite.

1) — O transporte dos morteiros com os "jeeps" beneficiou de muito o seu emprego: nada de preocupações com acomodações, arreiamento, asseio e alimentação dos muires; o "jeep" permitiu-nos mais longos e mais rápidos deslocamentos, exigindo muito menos esforços dos seus serventes. Facultou-nos o transporte de mais farta dotação de munição e um mais fácil remuniciamento. Incidentalmente, desejamos lembrar apenas que:

a) — o "jeep" requer uma manutenção diária periódica e sistemática, realizada com muita atenção e regularidade, pois, dela depende a segurança do serviço

que podemos exigir do veículo. O "jeep" bem cuidado não falha.

- b) — cada "jeep" para o transporte do morteiro tem o seu reboque, ambos com sua carga definida e sua tripulação própria; qualquer sobrecarga faz perigar sua eficiência, sua segurança — nem mais um homem, nem mais uma caixa de granadas, nada de *bagagem* dos serventes;
 - c) — nas proximidades da frente conservar a capota sempre arriada: mais facilidade do movimento dos serventes, menor alvo;
 - d) — ao arriar a capota deitar o parabrisa e envolvê-lo na capa própria para que não brilhe ao sol;
 - e) — a carga deve ser sempre arrumada e conservada no mesmo dispositivo, para ser mais facilmente localizada, por outro lado, para que ocupe menor espaço e também não prejudique o equilíbrio do veículo; no reboque ela deve ser fixada convenientemente e coberta para não se empoeirar ou enlameiar;
- 2) — Certa vez nos foi dado defender uma frente muito extensa, das mais importantes do 4.º corpo, e das mais perigosas (V esboço n.º 1). Como sempre, nossos morteiros deviam estar aptos para cumprir as seguintes missões: colaborar na barragem, proteger nossas patrulhas de reconhecimento e as de combate, realizar tiros de inquietação e de destruição. Ver a solução no esboço que se segue; as seções de morteiros acentuadamente intervaladas para baterem, em seu conjunto, maior frente e localizadas o mais próximo possível da 1.ª linha afim de ganharmos maior alcance.
- 3) — De outra feita nos defrontamos com um compartimento de terreno muito profundo, muito afastadas as linhas de crista que o caracterisavam (V esboço n.º 2). Na época era muito escassa a munição de capacidade normal, ao contrário, obtinhamos com facilidade a de gran-

afastados com granadas de grande capacidade, e os mais afastados ainda, com as de capacidade normal.

- 4) — No dispositivo que apontamos acima como solução, observamos a ausência de morteiros no flanco direito do

Btl. Tres razões fortes nos levaram a isto :

- a) — Essa região era demasiadamente vista pelo inimigo, tornando muito penosos o remuniciamento e o reabastecimento;
- b) — Ausência de edificações. Estávamos em pleno inverno, e todos nós, inclusive os alemães, buscávamos abrigo nas casas para melhor resistirmos às nevadas; cuidado tantas vezes inexequível para os nossos heroicos e denodados fuzileiros.
- c) — Buscando posições de tiro nesse flanco perderíamos altura, perderíamos distância, perderíamos observatórios.

(*Continúa*)

A Preparação Teórica do Tiro

- Tabelas do material Krupp 75 C/26.
- Observações sobre sua utilização.

Cap. WALTER S. MEYER

I — Já existem as "Tabelas para a preparação teórica do tiro", para os canhões Krupp 75 C/28 e Schn. 75 C/18,6. Para o material Krupp 75 C/26 modelo 1937, só temos conhecimento de umas tabelas para a granada explosiva, carga 2, feitas na Escola Militar; assim mesmo, estas não possuem a folha de dados apropriada. Com o presente trabalho apresentamos as tabelas completas para as três granadas explosivas e o shrapnell, acompanhadas da "folha de dados" e do "quadro de centralização", apropriados ao material Krupp 75 C/26.

II — Comportam algumas explicações. No quadro das correções relativas à temperatura, foram calculadas correções até -10° , levando-se em conta que a maioria dos R.A. D.C. (dotados de Krupp 75 C/26) se encontram no Rio Grande do Sul, onde o termômetro atinge, com frequência, quasi este valor. A folha de dados difere da anteriormente impressa no Gabinete Fotocartográfico do Exército (especial para o C/28 e o Schn.), nos seguintes pontos:

- a) — novo gráfico da temperatura da pólvora, por ser a temperatura padrão do C/26 de 20° ;
- b) — o estado higrométrico é de 75 % e não 50 %;
- c) — foram acrescentadas algumas palavras a-fim-de evitar enganos no emprêgo da folha, bem como a observação: "a correção da pressão em mm. é igual à diferença de altitude entre o posto e a peça, expressa em Dm."

No quadro de centralização, os diferentes elementos foram dispostos de modo a evitar enganos e tais que uma correção positiva apareça sempre na linha de cima e na coluna da esquerda. Só a derivação, que muda de sinal com a distância, pode dar motivo a dúvidas.

III — Têm entretanto essas tabelas emprêgo prático efetivo nos Corpos de Tropa? Não. Porque? Porque falta sempre o "Boletim de sondagem". De fato, essas tabelas, utilíssimas para se fazer uma boa ajustagem do tiro, sem dar a conhecer ao inimigo a nossa existência no local, são, na totalidade dos casos, usadas unicamente nos exercícios teóricos. Muito embora o material Krupp C/26 disponha da aparelhagem que permite o estabelecimento das "medidas no solo" (Veja-se o artigo "Meteorologia de Campanha" do Cap. Ferdinando de Carvalho na "Defesa Nacional" de Jan/46), as correções devidas ao vento balístico nunca são computadas, em vista da falta do "Boletim de sondagem". Entretanto, não seria difícil a existência do boletim de sondagem nos exercícios de tiro real. O material de um "posto de sondagem" é de fácil fabricação, com exceção do teodolito, e o efetivo é diminuto (4 homens). A existência de vários destes postos no Exército seria perfeitamente exequível e daria suficiente auxílio no preparo profissional da tropa. Acresce ainda que o trabalho num posto especializado para a Artilharia é muito simples, bastando um máximo de meia hora para a emissão de um Boletim necessário à Artilharia de campanha.

N da Redação — Informa-se aos leitores que os gráficos e tabelas referidos neste artigo estão anexos ao presente número e poderão ser adquiridos avulsamente na Redação por quem os desejar.

Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações

CAPITULO 17

HOSPITAIS DA ZONA DE COMUNICAÇÕES

SEÇÃO I

HOSPITAIS DE CAMPANHA

209. GENERALIDADES. — O hospital de campanha é órgão imaginado para satisfazer a certas situações táticas a que não poderiam corresponder os outros tipos de hospital. Suas características principais são a mobilidade e a capacidade de instalar três hospitais isolados, localizados em posições muito afastadas entre si, si for necessário. É projetado, organizado e equipado para ser empregado em regiões onde o tipo de abrigo dos hospitais de guarnição é impossível, por falta de edificações e necessidade de constantes deslocamentos. Sua finalidade principal é dispensar tratamento completo e definitivo em paragens onde não existam hospitais permanentes, para cujas instalações sejam impraticáveis quaesquer construções adequadas, como em ilhas e guarnições remotas. É classificado como hospital permanente; pode, porém, deslocar-se facilmente e ser, mesmo, transportado por ar. Pode funcionar como órgão de corpo de exército, de exército, de grande destacamento, de teatro de operações, regiões militares, forças aéreas e outras organizações similares.

210. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-510). — O hospital de campanha conta com estado-maior e três unidades de hospitalização idênticas (V. fig. 128).

Cada unidade de hospitalização é capaz de operar independentemente, si necessário, instalando meios para atender a 100 pacientes. Posto que cada unidade de hospitalização disponha de 134 tarimbas, o pessoal correspondente para suprir a superlotação é tão grande que, quando as unidades referidas operam isoladamente, só 100 pacientes

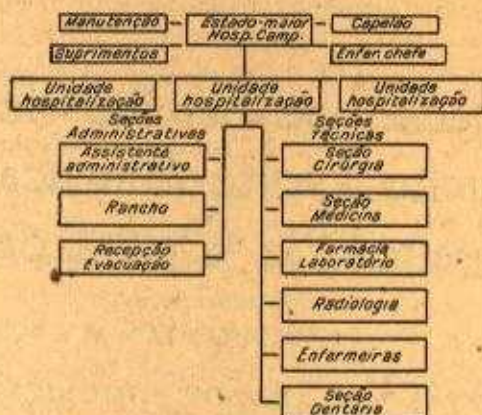


Fig. 126. Organização do hospital de campanha

podem ser eficientemente atendidos, em circunstâncias normais. Contudo, 150 ou mais baixas podem ser hospitalizadas em cada unidade, por curto tempo, em caso de emergência. Quando o órgão opera em conjunto, pode instalar hospital para 400 leitos. Determinadas seções deverão ser instaladas, conforme tiver de ser empregada apenas uma das unidades ou empenhado o hospital inteiro. Quando montado conjunta e totalmente, as seções correspondentes das diferentes unidades de hospitalização podem grupar-se, para formarem seções maiores (rancho, cirurgia, médica, recepção e evacuação, dentária, radiológica e farmácia), constituindo hospital de 400 leitos.

211. FUNÇÕES. a. *Generalidades.* — hospital destina-se principalmente a instalar "hospital de guarnição", para tratamento completo e definitivo em ilhas, bases isoladas, aeródromos e subdivisões de zona de comunicações, sendo dotado para essas funções (V. sec. II). Tem sido empregado, todavia, contingentemente, como hospital de evacuação, na zona de combate; devendo, então, ser reforçado com turmas cirúrgicas auxiliares, porque os meios disponíveis não comportam grande número de baixas, assumindo a administração original deveres maiores. Como hospital de evacuação, pode funcionar junto de aeródromos, em ilhas, em florestas densas, em regiões montanhosas; podendo, nestas condições, receber e evacuar pacientes por via aérea. Uma das unidades de hospitalização pode também ser colocada perto do posto de triagem divisionário, para prestar tratamento definitivo, especialmente em caso de operações de desembarque; devendo-se também aqui contar com reforços de turmas cirúrgicas. Pode receber as baixas de qualquer órgão de saúde a que estiver apoiando, dos postos de triagem, dos hospitais cirúrgicos portáteis ou direta-

mente do local do ferimento. Evacua para os hospitais gerais ou, de volta, para as unidades de origem dos pacientes. Ver seção II, para as funções similares às do hospital de guarnição.

b. *Particularidades.* (1) *Estado maior.* (a) — O comandante do hospital, oficial do corpo médico, é diretamente responsável, perante o chefe do serviço de saúde ou o comandante do escalão superior, de acôrdo com as disposições vigentes, pela administração, disciplina, instrução e pelo emprêgo do hospital, quando funciona conjuntamente, ou das unidades de hospitalização, quando funcionem isoladamente, a menos que hajam ordens em contrário. Classifica o pessoal nas diferentes unidades; e, sem cogitar das minudências, exerce fiscalização sobre os seus subordinados, para assegurar-se dos encargos das turmas. Mantém ligação com o chefe do serviço de saúde do escalão superior sobre o estado, a instalação ou o deslocamento do hospital; ou do seu desdobramento em unidades isoladas. Propõe ao chefe do serviço de saúde imediatas medidas referentes às baixas dos pacientes, aos reforços técnicos e às evacuações. Firma critério atinente aos processos que impliquem na montagem ou no funcionamento do hospital, interessando-se pessoalmente por eles.

(b) — O comandante conta com um oficial para seu assistente administrativo, a quem delega atribuições determinadas, como a elaboração da documentação rotineira do estado maior, inclusive recebimento e expedição de ordens, administração do pessoal, compilação do mapa de doentes e feridos (contador) (V. sec. II). Pode comandar o contingente de pacientes. Quando as unidades de hospitalização funcionam juntas, os seus respectivos assistentes administrativos podem ajudá-lo, encarregando-se dos registros do pessoal, dos doentes e feridos e da supervisão dos ranchos combinados.

(c) — Oficial de administração do serviço de saúde pode ser encarregado da supervisão da manutenção de veículos, do material de saúde e dos suprimentos gerais. Pode também ser o comandante do destacamento de saúde. Assistente administrativo de uma das unidades de hospitalização pode auxiliá-lo, quando o hospital funcionar conjuntamente. Para os deveres do contador, oficial do rancho, comandante do destacamento e oficial aprovisionador, ver seção II.

(d) — O capelão é classificado no estado maior. Para os seus deveres, ver TM 16-205.

(e) — A enfermeira chefe principal e duas assistentes controlam a atividade e a classificação das enfermeiras nas unidades de hospitalização.

(f) — A seção de manutenção é dirigida por um sargento, auxiliado por mecânico. Controla o primeiro escalão de manutenção de motores, realizado pelos condutores das unidades de hospitalização, e executa o segundo por si própria. As ambulâncias podem re-

colher as baixas locais e fazer as evacuações locais (nos aeródromos); mas não são suficientes para as evacuações regulares, si o hospital funcionar como hospital de evacuação.

(g) — A seção de intendência, sob as ordens de oficial designado pelo comandante do hospital, é dirigida por sargento; e divide-se em subseção de suprimentos gerais e em subseção de material de saúde.

A seção encarrega-se do seguinte:

1. — Aquisição, armazenagem e distribuição dos suprimentos gerais e do material de saúde usados no hospital, inclusive gêneros alimentícios; e a guarda da escrituração correspondente.

2. — Gestão da lavanderia e controle de roupa. Pode existir unidade de lavanderia destacada.

3. — Câmbio de material-carga, nas dependências de recepção e evacuação.

4. — Destino do fardamento e do equipamento dos pacientes.

5. — Montagem e conservação das instalações.

(2) *Unidade de hospitalização*. — Há três unidades de hospitalização iguais no hospital de campanha, cada uma das quais sendo capaz de instalar hospital completo a qualquer distância do resto do órgão inteiro.

(a) *Estado-maior*. — Oficial médico comanda a unidade; si esta opera isoladamente, êle desempenha funções de comando maiores; si o hospital opera em conjunto, êle pode ser designado para chefiar as seções de cirurgia ou de medicina combinadas, segundo a sua especialidade, respectivamente.

(b) *Seções administrativas*.

1. — O assistente administrativo desempenha as atribuições que lhe comete o comandante da unidade de hospitalização, tais como o preparo da documentação de saúde, o controle do rancho, das praças, dos suprimentos. Pode desempenhar as funções de contador (V. sec. II), si a unidade operar isoladamente. Quando o hospital opera em conjunto pode ajudar o assistente administrativo do estado-maior do hospital.

2. — A seção do rancho, habitualmente sob as ordens de segundo sargento (staff), é encarregada da preparação do alimento para o pessoal, para os pacientes; e dos líquidos e das dietas para as enfermarias. Quando o hospital funciona conjuntamente, as três seções de rancho das unidades de hospitalização podem preparar alimentos respectivamente para os pacientes, para as praças e para os oficiais e as enfermeiras.

3. — A seção de recepção e evacuação funciona sob a direção de oficial designado pelo comandante da unidade. Si o hospital funcionar como hospital de guarnição, a seção ocupará apenas uma bar-

raca; si funcionar como hospital de evacuação, ocupará duas, uma de cada lado da instalação. A dependência de recepção tem os seguintes encargos:

- a) — Examinar e classificar os pacientes entrados e distribuí-los pelas enfermarias.
- b) — Instaurar os competentes regitos de saúde de campanha, registrar as baixas no fichário da unidade e notificar ao contador tôdas as entradas.
- c) — De conformidade com o critério adotado, recolher o fardamento e equipamento dos pacientes, encaminhá-los ao representante da dependência de intendência e distribuir-lhes roupa branca e de cama.
- d) — Entregar os pacientes às enfermarias competentes.
- e) — Cambiar o material-carga com as ambulâncias que chegam.
- f) — Desinfestar e banhar os pacientes que baixam, quando necessário.

4. — A dependência de evacuação tem os seguintes encargos:

- a) — Encarregar-se de todos os pacientes que aguardam evacuação ou retôrno ao serviço ativo.
- b) — Coligir e registrar os modelos de saúde dos pacientes a sair.
- c) — Preparar as folhas de evacuação dos pacientes que devem ser evacuados e dos que devem retornar ao serviço ativo.
- d) — Recolher a rouparia do hospital e distribuir o fardamento dos pacientes.
- e) — Cambiar o material-carga com as ambulâncias e os aviões que saem.



Fig. 129 — Sala de operação de hospital de campanha, instalada em cabana, na ilha de Bougainville, Sul do Pacífico. Notar a repartição interna

f) — Fornecer pessoal para transportar os pacientes das enfermarias para as ambulâncias.

c. *Seções técnicas.* (1) *Seção de cirurgia.* — Esta seção conta com oficiais, enfermeiras e praças, conforme a designação do comandante da unidade. Pode ser reforçada por turmas cirúrgicas, quando a unidade estiver funcionando como hospital de evacuação ou junto a posto de triagem. É encarregada de atender e tratar todos os casos cirúrgicos, da escrituração dos registos competentes, administração das enfermarias (barracas) de cirurgia; e da instalação das seguintes dependências: sala de curativos para ferimentos leves, para chocados, para cuidados préoperatórios, quando preciso, para esterilização e para operação.

A seção pode também controlar a dependência de radiologia.

(2) *Seção de medicina.* — Esta seção conta com oficiais, enfermeiras e praças, conforme a designação do comandante da unidade. É encarregada de atender e tratar todos os casos de doenças ocorrentes, da salvaguarda dos registos respectivos, da escrituração dêles e da administração de todas as enfermarias de medicina. A seção pode também controlar a farmácia e o laboratório.

(3) *Farmácia e laboratório.* — A farmácia e o laboratório ocupam a mesma barraca. A farmácia é acionada por técnico, que é encarregado do aviamento das drogas e receitas e da escrituração dos registos competentes, inclusive o dos narcóticos. O laboratório é acionado por técnico, que é encarregado dos exames simples, como hematimetria, uranálises, de pús e de fezes. A farmácia e o laboratório podem ser supervisionados pela seção de medicina.

(4) *Dependência de radiologia.* — Esta dependência é acionada por técnico, sob o controle da seção de cirurgia. É encarregada de

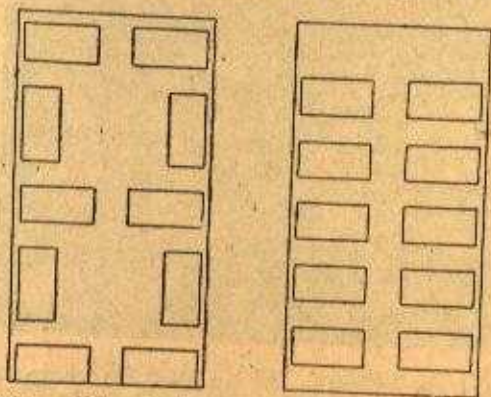


Fig. 130 — Disposição dos leitos em uma barraca

ir as provas radiológicas e manter os registos correspondentes em dia.

(5) *Enfermeiras*. — A enfermeira chefe de cada unidade de hospitalização e as outras enfermeiras atendem a enfermagem da dependência de recepção e evacuação e das enfermarias cirúrgicas e médicas, sob a direção da enfermeira chefe principal do estado-maior do hospital e dos oficiais médicos de cada seção.

(6) *Seção dentária*. — O oficial dentista e a praça técnica auxiliar executam os trabalhos dentários e escrituram os registos correspondentes. O dentista trata também os ferimentos maxilo-faciais e pode ser encarregado da seção de recepção e evacuação.

212. *INSTALACAO*. a. — Quando o hospital de campanha funcionar em conjunto, pode ser instalado como o hospital de guarnição (V. fig. 132) montando-se as barracas previstas na respectiva TOE. Poderão também ser utilizados edificações permanentes, os pavilhões (huts) de Nissen e outros abrigos semiconstruídos. Dependente da missão do hospital (de guarnição, de evacuação, anexo a posto de triagem), variará a sua localização e, por conseguinte, o tipo de instalação. Si funcionar como hospital de guarnição, instalações de caráter mais permanente podem ser montadas; e a dependência de recepção e evacuação poderá ocupar mesmo abrigo (barraca). O equipamento e o pessoal são previstos para este tipo de função; porém, em determinadas situações, o hospital de campanha será empregado como de evacuação. Os meios de evacuação, então, deverão ser maiores; e a posição será dependente do dispositivo da



Fig. 131 — Clínica dentária de hospital de campanha, em Nova Guiné

tropa engajada, dos aeródromos e da rede de estradas para a frente e a retaguarda. O plano topográfico, a montagem e os princípios gerais da instalação regem-se pelos do hospital de evacuação.

b) — Quando as unidades de hospitalização operam isoladamente, cada uma constitui pequeno hospital completo. Si houver necessidade de disfarce, as barracas deverão ser dispersas e dispostas irregularmente, como no posto de triagem. Intervalos de dispersão de 50 metros poderão ser necessários, mesmo quando o órgão é ostensivamente assinalado no terreno e não disfarçado. O estado maior é geralmente instalado em uma das unidades de hospitalização. Parte do pessoal do estado-maior (aprovisionamento, instalações, administração) pode ser distribuído pelas unidades. Os mesmos princípios que regem a instalação do hospital inteiro aplicam-se às unidades de hospitalização, si operarem isoladamente.

213. EQUIPAMENTO. — O hospital de campanha conta com o equipamento normal de campanha comum aos órgãos similares. Dispõe especialmente de cerca de 59 barracas de esquadra, para abrigo dos pacientes, das instalações cirúrgicas, dos suprimentos, etc.; distintivos com a cruz de Genebra para o hospital e as ambulâncias, quando não for oportuno ou possível o disfarce; e um equipamento unidade de hospital de campanha, 97 227". Dêste equipamento privativo consta a maior parte dos artigos necessários à instalação do hospital: aparelho para tração óssea, para anestesia raquidiana e intravenosa, para transfusão de sangue direta e indireta, para injeções e infusões intravenosas, para drenagem gástrica e duodenal, para aplicação local de calor e para outras necessidades hospitalares. Cada unidade de hospitalização conta com dois trens completos para grande cirurgia, inclusive mesas de operação, lâmpadas de operação com geradores, coleções de instrumental básico completas, coleções completas para intervenções gênito-urinárias, neurológicas, maxilo-faciais, ortopédicas, oftalmo-otorrinolaringológicas e torácicas, autoclave, meios de esterilização a quente, aventais, gorros, máscaras, campos operatórios, compressas e mesas de instrumental; conta também com cerca de 134 tarimbas para pacientes, com colchões, lençóis, mantas, travesseiros, mosquiteiros, pijamas, toalhas, padiolas inteiriças e com rodas; conta ainda com equipamento completo de radiologia, para radiografias dentárias de 20 x 35cm, fluoroscopia, posições vertical e horizontal, montável sobre rodas para funcionar nos leitos das enfermarias, câmara escura portátil, com meios para revelação de filmes; conta mais com instrumentos de laboratório, microscópio, geladeira mecânica, centrifugador e outros, para exames de urina, pús, fezes, etc., para o preparo de líquidos fisiológicos; conta além disso, com o seu próprio rancho e os necessários utensílios de refeição (bandejas

compartimentadas), para o pessoal orgânico e cerca de 134 pacientes. Instalação portátil de banho pode ser montada na dependência de recepção. A lavanderia conta habitualmente com seis máquinas, podendo ser acrescida de unidade de lavanderia destacada. Existe pequena biblioteca médica. Há material de consumo, pensos, drogas, seringas, filmes, plasma, etc., para mais ou menos dez dias. Quando o hospital precisar de funcionar como hospital de guarnição, deverá dispor de madeira para assoalho e paredes das barracas de cirurgia e outras especialidades, principalmente.

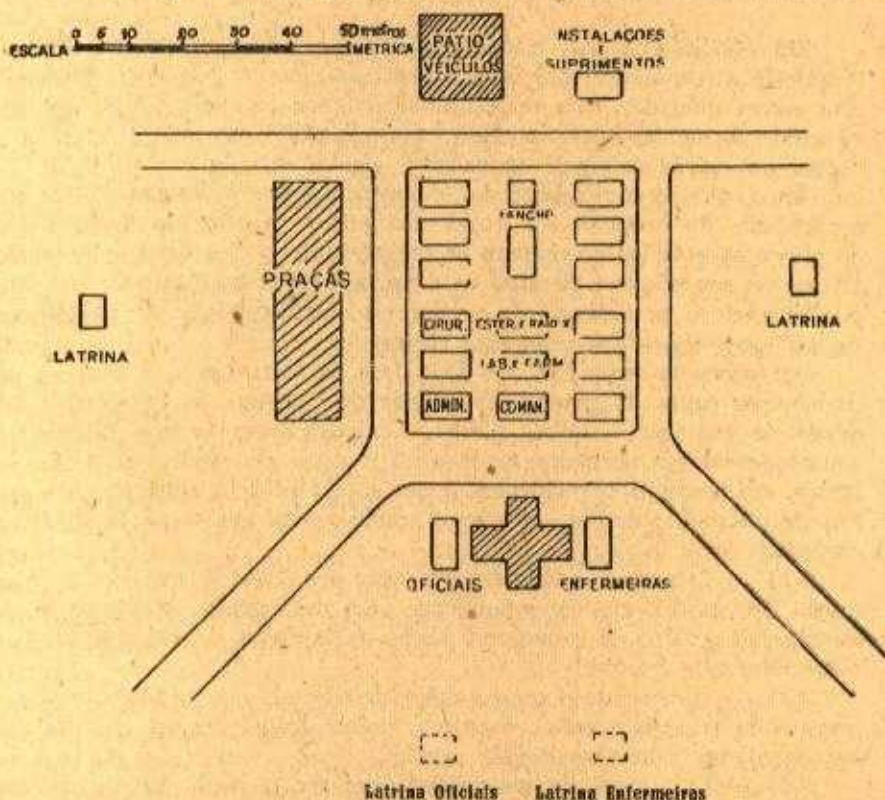


Fig. 132 — Planta convencional de hospital de campanha, montado em barracas. Para maior dispersão, aumentar para 50 metros o intervalo entre as barracas

214. TRANSPORTE. — O estado-maior dispõe de caminhões leves e pesados e uma viatura banheiro. Cada unidade de hospitalização tem um caminhão leve, um pesado, um reboque-pipa e ambulâncias. Há pessoal e equipamento para o primeiro e segundo escalões

de manutenção de motores, geralmente executados sob o controle do estado-maior do hospital. Os meios de transporte disponíveis são suficientes para as atividades do hospital, mas não chegam para deslocá-lo totalmente, devendo-lhe ser fornecidos caminhões adicionais, em caso de movimento. Os meios de evacuação são providos pelos escalões superiores. Quando for necessário transportar o hospital por ar (menos veículos) serão precisos trinta e oito aviões de transporte C-47, em voo sem escalas; nas mesmas condições, serão precisos dez, para uma unidade de hospitalização.

215. INSTRUÇÃO. a. *Generalidades*. — O comandante do hospital é o responsável por toda a instrução, menos pela combinada com outras unidades, cuja responsabilidade cabe ao chefe do serviço de saúde do escalão superior. Não existindo oficial de planos e operações no estado-maior da unidade, a efetiva direção da instrução individual cabe ao comandante do destacamento, que é designado pelo comandante do hospital, sob cujas diretivas e orientação, pendente de prévia aprovação, ele prepara os programas e planos de instrução, nomeia os instrutores e fiscaliza os exercícios. O comandante do hospital inspeciona periodicamente a instrução, certificando-se da exatidão do seu progresso e dos resultados alcançados.

b. *Instrução individual*. — Esta fase da instrução é importantíssima por causa da grande diversidade de encargos de responsabilidade de qualquer hospital. Além do adestramento técnico básico, alguns devem ser treinados em escolas técnicas de saúde especiais; outros, em hospitais permanentes, a que esteja adida a unidade, para fins de instrução; outros, em cursos técnicos organizados na própria unidade.

(1) — O pessoal administrativo deve ser treinado em administração de pessoal, em correspondência, em datilografia, em aprovisionamento geral e de saúde, em várias modalidades de escrituração sobre doentes e feridos.

(2) — O pessoal do rancho deve ser treinado em arte culinária, preparo de vegetais e carne, cozedura, preservação e serviço dos alimentos, dietas, administração do rancho.

(3) — O pessoal de instalações deve ser treinado em montagens de usinas elétricas, em sistemas de suprimentos de água, em redes de esgotos e em outros encargos de instalações. O pessoal de transporte deve ser capaz de conduzir comboios, com ou sem luz, de esconder e disfarçar veículos. É imprescindível um bom mecânico. O sargento de motores deve conhecer bem administração de motores.

(4) — O pessoal de cirurgia deve ser treinado em técnica de esterilização, em esterilização de material, em nomenclatura do instrumental, em aplicação de pensos e curativos, em preparação do

gêso, no uso do equipamento de infusões (gota a gota), em preparação das feridas e campo operatório para cirurgia, em aplicação de injeções, etc. Mecânico ortopedista é necessário.

(5) — O pessoal de medicina deve ser treinado em enfermagem, em arrumação de camas, em banhos de pacientes, no emprego dos remédios, em aplicação de clisteres, em verificação de temperatura, de pulso, de respiração, em classificação de dietas, em técnica de isolamento.

(6) — O pessoal de laboratório deve ser treinado no uso do microscópio, do hemetímometro, em exames de urina, no emprego do equipamento de laboratório.

(7) — O pessoal de farmácia deve ser treinado em nomenclatura, armazenagem, composição, aviamento e interpretação de receitas, em administração de farmácia.

(8) — O pessoal de radiologia deve ser treinado em instalação e manêjo dos aparelhos de radiologia de campanha, em técnica de tirar e revelar chapas radiográficas, em escrituração de fichários de radiologia.

(9) — Os padiqueiros devem ser treinados em padiolagem a braço e em carrinho porta-padiola; em cuidados a dispensar aos diferentes tipos de baixas.

(10) — Os outros especialistas que devem ser bem treinados são os carpinteiros, os técnicos dentários e os coadjutores de capelão.

c. *Instrução conjunta.* — Sob as ordens dos comandantes de seção, este treinamento comporta enfardamento e desenfardamento do equipamento de cada seção e da instalação do serviço correspondente. A capacidade de funcionar conjuntamente, em turma, é essencial. A instrução conjunta deve compreender a montagem e a desmontagem do hospital inteiro ou de cada uma das unidades de hospitalização isoladamente. O pessoal deve saber armar com rapidez e desembaraço as barracas de esquadra; e carregar o equipamento em caminhões, carros de estrada de ferro e aviões com muita habilidade e destreza.

d. *Instrução combinada.* — Este treinamento só é possível em manobras em grande escala.

e. *Formaturas e cerimônias.* (1) *Formaturas.* — A unidade forma a pé, de conformidade com o FM 22-5. Exceto durante as operações em campanha, todo o pessoal, sem restrições de especialidade técnica, deve receber instrução de ordem unida moderada, porque, a par do próprio benefício decorrente do exercício, desenvolve qualidades marciais úteis sem as quais o funcionamento do hospital tornar-se-ia desalinhado e ineficiente.

(2) *Cerimônias.* — A unidade participa de cerimônias de revistas e formaturas de entrega de medalhas. Forma como batalhão de

infantaria, as três unidades de hospitalização aumentadas do pessoal do estado-maior constituindo três companhias (V. FM 22-5).

216. ADMINISTRAÇÃO. — A administração de campanha é similar ao do hospital de guarnição.

a. *Pessoal*. — O estado-maior da unidade encaminha as partes diárias e outros documentos e informações sobre pessoal ao estado-maior do escalão superior. Para cobrir as necessidades de arraçamento, mapa semelhante dos pacientes hospitalizados é também remetido.

b. *Saúde*. — A ficha de evacuação (modelo WD AGO 8-27 e 8-28) são mantidos com cada paciente. A folha de informações (modelo WD AGO 8-23, junta com os modelos supracitados dos pacientes retornados às suas unidades, são remetidas mensalmente ao chefe do serviço de saúde do escalão superior. O mapa estatístico (modelo WD AGO 8-122) é também enviado ao chefe do serviço de saúde do escalão superior, segundo as disposições vigentes. Índice clínico de todos os pacientes entrados, com os respectivos destinos, deve ser mantido em dia rigorosamente. Arquivo de todos os pacientes existentes deve ser regularmente alterado. Outros documentos e informações são encaminhados ao comandante ou ao chefe do serviço de saúde do escalão superior, conforme as normas regulamentares. Registos clínicos e outros modelos de uso interno são escriturados de acordo com as indicações do comandante do hospital.

c. *Aprovisionamento*. (1) — Os suprimentos automáticos da classe I são recolhidos diariamente pelo oficial aprovisionador dos pontos de aprovisionamento designados. Este entrega-se aos oficiais dos ranchos.

(2) — O material de saúde é obtido do mais próximo depósito de material de saúde, de uma das seguintes maneiras: mediante pedido, em saque contra crédito ou em pedido extraordinário. A entrega do material de saúde é feita aos meios de transporte que vão buscá-lo diretamente no depósito; por despacho do depósito à mais próxima variante da cabeça de estrada de ferro ou de rodagem; por via aérea; ou, mais raramente, pelos próprios veículos do depósito.

(3) — Os outros suprimentos são conseguidos, por pedido, através do chefe do serviço de saúde do escalão superior, ao mais próximo depósito correspondente.

d. *Assistência a doentes e acidentados*. — Quando não estiver instalado o hospital, a seção de medicina organiza dispensário para atender o pessoal da unidade; quando instalado, este pessoal é socorrido na dependência de recepção, onde está instalado dispensário normal.

SEÇÃO II

HOSPITAIS DE GUARNIÇÃO

217. GENERALIDADES. — Na maioria dos acampamentos e das guarnições há hospital de guarnição, para hospitalização do pessoal que aí serve. Os hospitais de guarnição não são órgãos móveis; são de dois tipos: de zona de interior e de zona de comunicações. Os tipo ZI são instalados em edifícios permanentes da zona do interior e são denominados pelo nome da guarnição a que pertencem, como, por exemplo, o "Hospital de Guarnição de Carlisle Barracks de Pennsylvania"; os tipo ZC são instalados em abarracamentos ou em construções improvisadas da zona de comunicações do teatro de operações e são numerados em série, como, por exemplo o "24.º Hospital de guarnição". Os hospitais de guarnição podem ser localizados na zona de combate. Descreve-se aqui um tipo de hospital de guarnição numerado, de 500 leitos, como exemplo. Os numerados têm lotação variando de 25 a 900 leitos. A TOE 8-560 computa hospitais de guarnição de 25, 50, 75, 100, 200, 250, 300, 350, 400, 450, 500, 600, 700, 800 e 900 leitos. São todos similares em organização, pessoal, função, equipamento, instrução e administração, exceto em número de efetivos e quantidade de dotações.

218. ORGANIZAÇÃO. — O hospital de guarnição é constituído de estado-maior, grupamento de serviços administrativos e grupamento de serviços técnicos (V. fig. 133). Cada serviço é diretamente

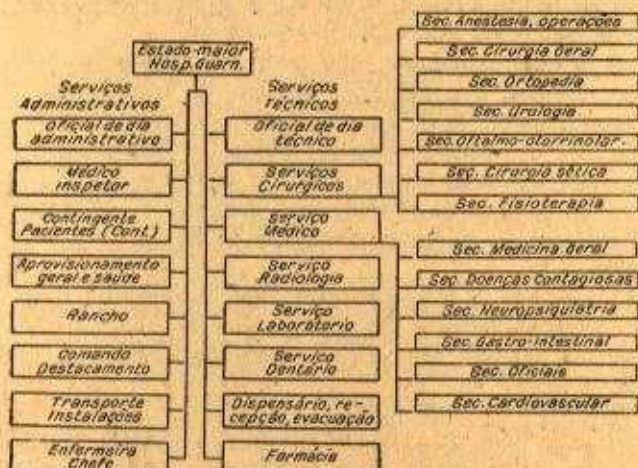


Fig. 133. Organização do hospital de guarnição

subordinado ao comandante; e, embora, nos hospitais menores, um só oficial supervisione vários serviços, cada um dêste é responsável pelas suas atividades.

219. FUNÇÕES. a. *Generalidades*. — O hospital de guarnição hospitaliza o pessoal do acampamento ou da guarnição onde está localizado, sendo esta a sua finalidade normal; mas pode receber baixas das circunjascências; e funcionar mesmo como hospital de evacuação ou como hospital geral, devendo ser, nestas contingências, reforçado com turmas técnicas. Muitas vezes encarrega-se dos quatro primeiros escalões do serviço de saúde: dispensário, evacuação e triagem, hospital de evacuação e hospital geral. Normalmente, contudo, as unidades táticas devem instalar dispensário e fornecer ambulâncias para evacuar as baixas até o hospital. Em caso de emergência ou quando as unidades não dispuserem de meios de transporte, o hospital poderá fornecê-los.

b. *Particularidades*. (1) *Estado-maior*. (1) O comandante pode exercer dupla função, a de comandante do hospital e a de chefe do serviço de saúde da guarnição, sendo, na última hipótese, oficial do estado-maior especial do comandante da guarnição. Como comandante do hospital é responsável pela organização, instrução, administração, disciplina e pelo funcionamento do órgão. Firma doutrina e sistematiza princípios, sendo responsável perante o comandante da guarnição. Como oficial do estado-maior especial dêste, é seu conselheiro técnico em higiene e profilaxia de campanha, em medidas sanitárias, no controle das doenças contagiosas, em cujo interesse com êle se entende, mediante propostas e informações. Pode, porém, existir chefe do serviço de saúde da guarnição independente.

(b) — O *subcomandante*, que pode ser cumulativamente chefe de um dos serviços, é o principal auxiliar do comandante e o seu chefe de estado-maior. É de sua confiança, devendo estar ao par de sua orientação e dos seus propósitos. Cuida de toda a parte administrativa que não depender diretamente do comandante; em cuja ausência, entretanto, toma as providências necessárias, de conformidade com o critério por êle adotado, cientificando-lhe de tudo na primeira oportunidade.

(c) O *ajudante* é o responsável pela expedição e pelo recebimento da correspondência e das ordens, pela fiscalização das verbas, pelo expediente relativo aos oficiais, podendo chefiar os bombeiros da unidade.

(d) *Capelão*. V. TM 16:205.

(2) *Serviços administrativos*. (a) — O *médico inspetor* pode ser subcomandante, chefe do serviço de cirurgia ou de medicina. Inspecciona periodicamente o hospital, as condições sanitárias dos seus

arredores e das suas enfermarias, registros clínicos, a escrituração e o balanço dos narcóticos, encaminhando o respectivo relatório ao comandante. Pode ser nomeado médico inspetor da guarnição, de cujo estado sanitário deve-se inteirar frequentemente, relatando-o minudentemente ao chefe do serviço de saúde (que pode ser o comandante do hospital) e ao comandante da guarnição.

(b) O *contador* é o responsável por todos os registros e mapas referentes a doentes e feridos e por tudo o que diga respeito ao obituário. É o comandante do contingente de pacientes, sobre cujos interesses pessoais, valores e disciplina tem ampla jurisdição. Os pacientes são considerados destacados no hospital ou adidos a ele.

(c) *Aprovisionamento geral e de saúde.* — Este serviço, comandado por oficial de administração do serviço de saúde, é encarregado da aquisição, armazenagem e distribuição de todos os suprimentos usados no hospital. Divide-se em duas seções: suprimentos gerais e material de saúde. O oficial encarregado da última seção é denominado oficial aprovisionador de material de saúde, podendo ser responsável pelo suprimento de toda a guarnição; e, nesta qualidade, distribui material de saúde às enfermarias do hospital, aos dispensários da guarnição e às unidades de saúde nela classificadas. A seção de suprimentos gerais exerce a gestão da lavanderia. Pode existir unidade de lavanderia destacada.

(d) *Rancho.* — Oficial de administração do serviço de saúde pode ser encarregado do serviço de rancho. É auxiliado por um especialista oficial em dietética. Este serviço encarrega-se do seguinte:

1. — Aquisição de todos os gêneros alimentares, do oficial aprovisionador da unidade; de armazenar, preparar e servir os alimentos.

2. — Instalação de três ranchos: um para oficiais e enfermeiras, um para as praças, um para os pacientes.

3. — Preparação de bebidas e dietas especiais para os pacientes e sua distribuição nas enfermarias.

4. — Gestão das verbas do rancho.

(e) *Comando do destacamento.* — Este serviço constitui a dependência encarregada do pessoal do hospital, onde são elaboradas as partes diárias, as folhas de pagamento, etc. O seu comandante é oficial de administração do serviço de saúde que também comanda o destacamento. Encarrega-se o serviço da administração e disciplina do hospital, classificações em outros serviços, aquisição e distribuição de fardamento e equipamento, direção da instrução, quando determinado pelo comandante. O comandante do destacamento pode ser designado oficial de planos e instrução do hospital.

(f) *Transporte e instalações.* — Este serviço, chefiado por oficial de administração do serviço de saúde, é encarregado do seguinte:

1. — Execução dos primeiro e segundo escalões de manutenção de todos veículos distribuídos ao hospital.

2. — Instalação, conservação e reparos das montagens elétricas, do abastecimento de água, do aquecimento de água e das barracas, da rede de esgotos, dos sistemas de ligação, etc. Pode existir unidade de lavanderia destacada.

(g) *Escritório da enfermeira chefe.* — Este serviço é encarregado da classificação de enfermeiras nos vários serviços, segundo as necessidades gerais; da administração das enfermeiras; e da técnica de enfermagem nas enfermarias e nas salas de operação.

(h) *Oficial de dia administrativo.* — Este oficial é escalado diariamente entre os oficiais dos serviços administrativos para responder pelo comandante fora das horas de expediente, rondar a guarda, encarregar-se do serviço de bombeiros e de outras obrigações indicadas pelo comandante do hospital.

(3) *Serviços técnicos.* (a) *Serviço de cirurgia.* — Este serviço é chefiado por oficial médico bem treinado em cirurgia. Encarrega-se da classificação dos oficiais no serviço, da designação dos casos clínicos que cada enfermaria de cirurgia deve tratar, da escolha dos processos operatórios, da conduta técnica das enfermarias, da administração das enfermarias de cirurgia. É o órgão técnico consultor de cirurgia do hospital. O serviço instala diversas seções. A parte os maiores hospitais, duas ou mais destas seções podem funcionar juntamente. Os chefes das seções são os consultores técnicos das suas especialidades, quando convenientemente autorizados pelo chefe do serviço de cirurgia.



Fig. 134 — Barraca de operação de hospital de guarnição, no Sul do Pacífico

1. *Seção de anestesia e operações.* — Esta seção é chefiada por oficial médico treinado em anestesia. É encarregada de fazer as anestésias e de dirigir as salas de esterilização e de operação.

2. *Seção de cirurgia geral.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em cirurgia geral. Atende a todos os casos clínicos que não dependam das seções especializadas de cirurgia (abdominais, torácicos, etc.).

3. *Seção de ortopedia.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em ortopedia. Atende aos casos ortopédicos de fraturas, luxações, distorções, lesões dos sistemas ósseo e muscular.

4. *Seção de urologia.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em urologia. Atende aos casos clínicos gênito-urinários, inclusive venéreos que necessitem internamento.

5. *Seção de oftalmo-otorrinolaringologia.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em afecções dos olhos, ouvidos, nariz e garganta. É o consultor na especialidade. Na seção há ambulatório e enfermarias. Nos maiores hospitais, sob beneplácito do comandante, esta seção pode ser categorizada em serviço independente.

6. *Seção de cirurgia séptica.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado no tratamento de infecções cirúrgicas. Encarrega-se dos ferimentos infectado, celulites, carbúnculo, septicemia, peritonite, empiema e osteomielite. Funciona em enfermaria isolada.

7. *Seção de fisioterapia.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em processos fisioterápicos, auxiliado por uma fisioterapeuta oficial. Encarrega-se do tratamento dos pacientes das outras seções interessadas, sobretudo a de ortopedia. Executa e controla as massagens, irradiação de luz e calor, hidroterapia, exercícios graduativos e metódicos, etc.

b. *Serviço de medicina.* — Este serviço é chefiado por oficial médico bem treinado em medicina interna. Encarrega-se da classificação dos oficiais no serviço, da designação dos casos clínicos que cada enfermaria de medicina deve tratar, da conduta técnica dos trabalhos e da administração das enfermarias de medicina. É o órgão técnico consultor de medicina interna do hospital. O serviço instala diversas seções. A parte os maiores hospitais, duas ou mais destas seções podem funcionar juntamente. Os chefes das seções são os consultores técnicos das suas especialidades, quando convenientemente autorizados pelo chefe do serviço de medicina.

1. *Seção de medicina geral.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em medicina geral. Atende a todos os casos clínicos que não dependam das seções especializadas de medicina. Nos hospitais menores, absorve várias outras seções de medicina.

2. *Seção de doenças contagiosas.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em doenças contagiosas. Atende a todos

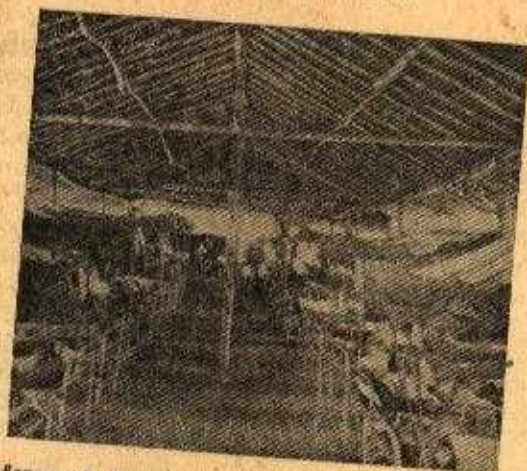


Fig. 135 — Enfermaria de hospital de guarnição, no Sul do Pacífico

os casos de doenças que exijam técnica de isolamento, quer entre si, quer do resto do hospital. O pessoal deve ser bem treinado nesta técnica.

3. *Seção de neuropsiquiatria.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em desordens nervosas e mentais. É o consultor da especialidade. Atende a todos os casos de neuroses e psicoses. Os casos de tratamento demorado devem ser evacuados para os hospitais gerais ou para os especiais (hospital geral NP).

4. *Seção de doenças gastro-intestinais.* — Esta seção é chefiada por oficial experimentado em doenças gastro-intestinais. Atende os casos de afecções, sendo os de doenças contagiosas encaminhados para a competente seção.

5. *Seção de afecções cardiovasculares.* — Esta seção é chefiada por oficial médico experimentado em afecções cardiovasculares. Atende aos casos de hipertensão, doenças reumáticas do coração e doenças vasculares e periféricas.

6. *Seção de oficiais.* — Esta seção é chefiada por oficial médico treinado em medicina geral. Trata de todos os oficiais indistintamente, quer sejam doentes ou feridos. Em casos especiais de doenças ou de intervenções cirúrgicas, os especialistas serão consultados, encarregando-se do tratamento, sem retirar o paciente da enfermaria de oficiais, a menos que o comandante do hospital decida em contrário. Os oficiais em tratamento ambulatorio comem no refeitório de oficiais.

(c) *Serviço de radiologia.* — Este serviço é chefiado por oficial médico que tenha recebido treinamento especial de radiologia e saiba manejar praticamente o equipamento radiológico de campanha. Nos hospitais menores, o serviço poderá funcionar como seção do

serviço de cirurgia. Encarrega-se de tirar as radiografias na própria dependência (barraca ou edifício) ou nas enfermarias; faz fluoroscopia, localiza corpos estranhos, prepara e interpreta os filmes, e cuida dos respectivos fichários e arquivos.

FIGURA 136



Fig. 136 — Laboratório de hospital de guarnição, no Sul do Pacífico

(d) *Serviço de laboratório.* — Este serviço é chefiado por oficial médico treinado em trabalhos de laboratório. É encarregado dos exames de laboratório, como hematimetria, uranálise, provas imunológicas e bacteriológicas, testes bioquímicos do sangue, classificação do sangue, exames de pús, escarro, etc.; atende ao necrotério, faz as necropsias e prepara os cadáveres para os funerais.

(e) *Serviço dentário.* — Este serviço é chefiado por oficial dentista, o consultor de odontologia do hospital. Instala ambulatório e enfermaria. É encarregado da dependência dentária, dos tratamentos dentários usuais e da escrituração dos registos e fichários.

(f) *Serviço de recepção e destino.* — Este serviço é comandado por oficial médico. Encarrega-se do seguinte:

1. — Exame e classificação dos pacientes entrados ou transferidos dos dispensários das unidades e sua distribuição pelas enfermarias.
2. — Instauração dos registos de saúde regulamentares.
3. — Conferência e guarda dos valores dos pacientes.
4. — Conferência do fardamento dos pacientes e distribuição da roupa do hospital.
5. — Ranchos e desinfestações.

6. — Encaminhamento dos pacientes às enfermarias indicadas.
7. — Câmbio de material-carga com as ambulâncias.
8. — Registo-arquivo de baixas, altas e evacuações.
10. — Inspeção de saúde determinadas pelas autoridades competentes.
11. — Instalação de dispensário, para pacientes ambulantes e o pessoal do hospital.
12. — Encaminhamento dos pacientes ambulantes aos adequados serviços (dentes, olhos, ouvidos, nariz e garganta, etc.).
13. — Informações sobre pacientes.

(g) *Farmácia*. — Da farmácia é encarregado um sargento, sob as ordens de oficial indicado pelo comandante. É responsável pela preparação e distribuição de drogas e receitas; e pela guarda e escrituração do receituário, do respectivo fichário, e do registo dos narcóticos.

(h) *Oficial de dia técnico*. — O oficial de dia técnico, escalado entre os oficiais dos serviços técnicos, responde por estes fora do expediente, recebe as baixas, ronda as enfermarias, atende os casos de urgência.

220. **INSTALAÇÃO**. — O ajuste topográfico da instalação depende dos seguintes fatores: montagem em abrigo preexistente, em abarracamentos, em pavilhões de Nissen ou outras construções de meia-confeccção, em combinação de todos estes; natureza do terreno, amplitude do hospital, existência de esgotos, de canalização hídrica, e outros quesitos. Raramente tôdas estas condições serão ideias. Todavia, a relativa permanência da instalação permitirá freqüentes melhoramentos, aproveitando-se pavilhões semiconstruídos, sistemas de esgoto e de adução de água, etc. As dependências mais importantes podem ser instaladas em construções especiais, como a sala de operações, os meios de esterilização, o aparelhamento radiológico, as cozinhas, etc. A figura 137 mostra planta convencional de hospital de guarnição de 500 leitos, montado em barracas previstas na TOE correspondente. Na montagem devem-se observar os seguintes princípios.

- a. — As dependências que devam servir a todos os pacientes, como rancho, radiologia, laboratório, etc., serão localizadas centralmente.
- b. — O serviço de recepção e destino pode ser instalado em única barraca.
- c. — Cada serviço elementar, exceto rancho, deve ser convenientemente isolado, para permitir vigilância e afastamento dos pacientes graves.
- d. — As sinalizações convencionais do terreno, quando usadas, devem ocupar posições bem ostensivas.

é mais aperfeiçoado e menos portátil que os dos demais hospitais de evacuação e de campanha. É o seguinte:

- a. — Equipamento de escritório, como mesas, cadeiras, estantes, mimiógrafo, máquinas de escrever.
- b. — Desifestador e artigos de limpeza.
- c. — Mesas de operação, articuláveis e não-articuláveis (V. fig. 134) grandes autoclaves; sortimento completo de instrumentos, como cistoscópio, protoscópio, coleção eletro-cirúrgica, instrumental de operação para cirurgia geral e especial (otorrino, cérebro, etc.); aventais, lâmpadas, mesas de instrumental, lâmpadas de infravermelho e ultravioleta.
- d. — Camas dobráveis (V. fig. 135), lençóis, travesseiros, mantas, mosquiteiros, utensílios de cama, comadres, carrinhos de curativo e de refeições, estantes de remédios, fogareiro de duas bocas para enfermaria, mesas de cabeceira, outros artigos de enfermaria.
- e. — Esterilizador de pratos, mesas de refeitório, pratos e outros artigos de rancho.
- f. — Equipamento completo de radiologia para filmes dentários e de 20 x 35cm, vertical e horizontal, portátil para cama, com escrínio fluorescente, câmara escura e material de revelagem.
- g. — Centrifugador, microscópio, estufa, aparelhagem para reações de Wasserman e Kahn, para bioquímica do sangue, bacteriologia, serologia, exames de sangue, fezes, escarro, para necropsias.
- h. — Equipamento para tração óssea, para transfusão, infusão e injeção, para anestesia inalante, local, endovenosa, raquidiana.
- i. — Balança granatária, copos, provetas, garrafas, etc.
- j. — Equipamento dentário para qualquer trabalho odontológico, inclusive prótese.
- k. — Geradores elétrico e a vapor, máquinas de lavar, aquecedores de água e outros artigos similares.
- l. — Pequena mas completa biblioteca de medicina.

222. **TRANSPORTE.** — O transporte basta à administração habitual do hospital, mas é insuficiente para carregar o equipamento. Varia com o tamanho do hospital, mas em geral consiste de algumas ambulâncias e alguns caminhões leves e pesados. O mecânico do hospital executa manutenção de motores de segundo escalão. As ambulâncias recolhem baixas locais e fazem evacuação local, porém não estão em condições de empreender as evacuações correspondentes às funções do hospital de evacuação.

223. **INSTRUÇÃO.** a. *Generalidades.* — O comandante do hospital é o responsável por toda a instrução, menos pela combinada com outras unidades, cuja responsabilidade compete às autoridades

superiores. Não existindo oficial de planos e instrução no estado-maior da unidade, a efetiva direção da instrução individual cabe ao comandante do destacamento, que é designado pelo comandante do hospital, sob cujas diretivas e orientação, pendente de prévia aprovação, ele prepara os programas e planos de instrução, nomeia os instrutores e fiscaliza os exercícios. O comandante do hospital inspeciona periodicamente a instrução, certificando da exaço do seu progresso e dos resultados alcançados.

b. *Individual.* — Esta fase da instrução é muito importante em razão da grande diversidade de encargos de um hospital. Além do adestramento técnico básico, alguns devem ser treinados em escolas técnicas de saúde especiais; outros, em hospitais permanentes, a que esteja adida a unidade, para efeito de instrução; outros, em cursos técnicos organizados na própria unidade.

(1) — O pessoal administrativo deve ser treinado em administração de pessoal, em correspondência, datilografia, aprovisionamento geral e de material de saúde, em várias modalidades de escrituração sobre doentes e feridos.

(2) — O pessoal do rancho deve ser treinado em arte culinária, preparo de vegetais e carnes, cozedura, preservação e serviço dos alimentos, dietas, e em administração do rancho.

(3) — O pessoal de instalações deve ser treinado no manêjo das usinas elétricas, em sistemas de suprimentos de água, em meios de aquecimento, em meios de ligação, em rês de esgotos em outros encargos afins. O pessoal de transporte deve ser treinado em condução de veículos e em primeiro escalão de manutenção de motores. Deve ser capaz de conduzir comboios, com ou sem luz, de esconder e disfarçar veículos. É imprescindível um bom mecânico; e o sargento motorista deve conhecer bem a administração de motores.

(4) — O pessoal de cirurgia deve ser treinado em técnica de esterilização, em esterilização de material, em nomenclatura do instrumental, em aplicação de pensos e curativos, em preparação do gesso, no uso do equipamento de infusões, em preparação do campo operatório para cirurgia, em aplicação de injeções, etc. Mecânico ortopedista é necessário.

(5) — O pessoal de medicina deve ser treinado em enfermagem, em arrumação de camas, em banhos de pacientes, no emprêgo de remédios, em aplicação de clisteres, em verificação de temperatura, pulso e respiração, em técnica de isolamento, em classificação de dietas.

(6) — O pessoal de laboratório deve ser treinado no uso do microscópio, do hemetímometro, em uranálises, bacteriologia, sorologia, bioquímica do sangue e no emprêgo do equipamento de laboratório.

(7) — O pessoal da farmácia deve ser treinado em nomenclatura, armazenagem e composição de drogas, em interpretação e aviamento de receitas, em administração de farmácia.

(8) — O pessoal de radiologia deve ser treinado em instalação e manêjo dos aparelhos de radiologia de campanha, em técnica de tirar e revelar chapas radiográficas, em escrituração de fichários de radiologia.

(9) — Os padioleiros devem ser treinados em padiolagem a braço e em carrinhos porta-padiolas; em cuidados a dispensar aos diferentes tipos de ferimentos.

(10) — Os outros especialistas que devem ser bem treinados são os carpinteiros, os técnicos dentários e os coadjutores de capelão.

c. *Conjunta.* — Sob as ordens dos chefes de serviços, o treinamento em grupos comporta enfiamento e desenfiamento do equipamento de cada serviço e da instalação da parte do hospital pela qual é responsável o serviço correspondente. A capacidade de funcionar conjuntamente em turma é essencial. A instrução conjunta deve compreender a montagem e a desmontagem do hospital. O pessoal deve saber armar com rapidez e desembaraço as barracas pesadas; carregar o equipamento em caminhões e carros ferroviários com habilidade e destreza.

d. *Combinada.* — Este treinamento só é possível em manobras de grande escala.

e. *Formaturas e cerimoniais.* (1) *Formaturas.* — A unidade forma a pé, de conformidade com o FM 22-5. Exceto durante as operações em campanha, todo o pessoal, sem restrição de especialidades técnicas, deve receber instrução moderada de ordem unida, por que, a par do próprio benefício decorrente do exercício, ela desenvolve qualidades militares úteis, sem as quais o funcionamento do hospital tornar-se-ia displicente e ineficaz.

(2) *Cerimoniais.* — A unidade participa de cerimônias de revistas e formaturas de entrega de medalhas. Conforme o tamanho do hospital, forma como batalhão ou companhia de infantaria, apimentados do pessoal dos estados-maiores (V. FM 22-5).

224. *ADMINISTRAÇÃO.* a. *Pessoal.* — O estado-maior do hospital encaminha as partes diárias e demais documentos e informações referentes a pessoal ao estado-maior da guarnição, conforme as disposições vigentes. Para cobrir as necessidades de arraçamento, mapa semelhante dos pacientes hospitalizados é também enviado.

b. *Saúde.* — A ficha de evacuação (mod. WD AGO 8-26) e o registo de saúde de campanha (mod. WD AGO 8-27 e i-28) são mantidos com cada paciente. A folha de informações (mod. WD AGO 8-23) junta com os modelos referidos dos pacientes que tive-

ram alta e foram recambiados para as unidades de origem, são encaminhadas mensalmente ao chefe do serviço de saúde da guarnição; a quem é também remetido, segundo as disposições em vigor, o mapa estatístico (mod. WD AGO 8-122). Registo sumário deve ser feito de todos os pacientes entrados, com os respectivos destinos. Outros documentos e informações são encaminhados, segundo as normas regulamentares. Registos clínicos e outros modelos de uso interno são escriturados de acôrdo com as indicações do comandante do hospital.

c. *Aprovisionamento*. (1) — Os suprimentos automáticos da classe I são recolhidos diariamente pelo oficial aprovisionador do ponto de aprovisionamento da guarnição designado. Este entrega-os ao oficial do rancho.

(2) — O material de saúde é obtido do depósito da zona de comunicações de uma das seguintes maneiras: mediante pedido, por saque contra crédito, em pedido de transporte do hospital; por despacho do depósito à mais próxima cabeça ferroviária ou de variante do hospital; por via aérea; ou, mais raramente, pelos próprios veículos do depósito.

(3) — Os outros suprimentos são conseguidos, por pedidos através do comandante do teatro de operações, do mais próximo depósito correspondente.

d. *Assistência a doentes e acidentados*. — O serviço de recepção e destino instala dispensário para o pessoal do hospital, que pode ser internado na enfermaria conveniente.

SEÇÃO III

HOSPITAIS GERAIS

225. GENERALIDADES. — Os hospitais gerais são hospitais permanentes. São de dois tipos: de zona do interior e de zona de comunicações. Os tipos ZI são instalados para 500 a 4.000 leitos ou mais; são usualmente denominados pelo nome de membros ilustres falecidos do serviço de saúde, como, por exemplo, o "Hospital Geral de Walter Reed". Os tipos ZC são instalados em abarracamento ou construções improvisadas na zona de comunicações do teatro de operações, sendo numerados em série, como, por exemplo, o "24.º Hospital Geral". Será descrito aqui o tipo ZC, que compreende ainda dois tipos: o hospital geral (TOE 8-550) e o hospital geral NP (TOE 8-550S). Os hospitais gerais numerados são de três ordens: de 1.000, 1.500 e 2.000 leitos.

HOSPITAL GERAL

226. ORGANIZAÇÃO. — O hospital geral compõe-se de estado-maior, grupo de serviços administrativos e grupo de serviços técnicos (V. fig. 138i. Cada serviço é diretamente subordinado ao comandante. O número de oficiais e praças de cada serviço varia com o tamanho do hospital. Turmas da série-500 podem-lhes ser destacadas, quando necessárias (lavandaria, correio etc.).

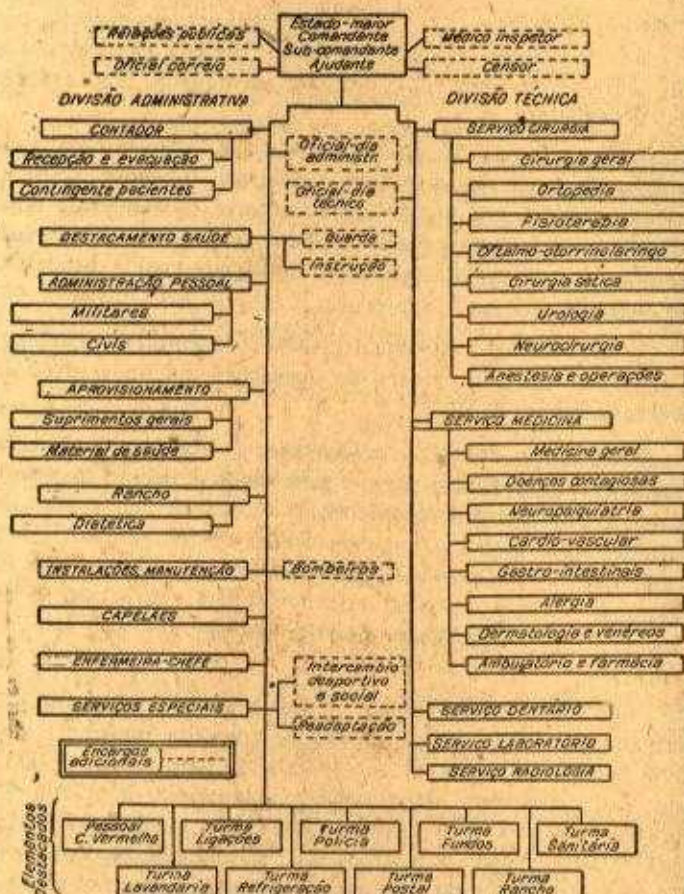


Fig. 138. Organização do hospital geral

227. FUNÇÕES. a. Generalidades. — Os hospitais gerais numerados executam o quarto escalão do serviço de saúde, recebendo as baixas dos hospitais de evacuação da zona de combate, pelos trens

hospitais, pelas ambulâncias motorizadas ou pelos aviões de transporte de saúde; são localizados na zona de comunicações. Embora os pacientes recebam geralmente tratamento completo nos hospitais de evacuação, a sua permanência neles é habitualmente limitada a poucos dias; para tratamento complementar, até período máximo fixado para cada teatro de operações, habitualmente de 120 a 180 dias, os pacientes são internados em hospitais gerais numerados. Si houver necessidade ainda de tratamento suplementar, além destes limites tolerados, os pacientes serão, então, encaminhados para os hospitais gerais nominados, da zona do interior. Si o paciente melhorar suficientemente, necessitando apenas de observação médica e restabelecimento antes de voltar ao efetivo serviço, é mandado do hospital geral para hospital ou estação de convalescença. Os hospitais gerais são os órgãos de saúde que, no teatro de operações, contam com os mais aperfeiçoados equipamentos; sendo, portanto, os mais credenciados para qualquer tratamento ou intervenção cirúrgica. Enquanto os hospitais de guarnição executam apendicectomias e outras intervenções rotineiras, os casos mais complicados devem ser transferidos para os hospitais gerais. Dois ou mais hospitais gerais podem associar-se, sob as ordens de órgão de comando (estado-maior) independente (V. cap. 7), constituindo "centro hospitalar". Nestas condições, um hospital geral pode ter missão muito especializada, adstringindo-se ao tratamento de bem especificados casos clínicos, com grande economia de pessoal e material administrativo e técnico.

b. *Particularidades.* (1) *Estado-maior.* (a) *Comandante.* — Oficial médico é o responsável pela organização, administração, instrução, disciplina e pelo funcionamento do hospital. Firma doutrina e sistematiza o regimento interno do hospital. Faz as classificações do pessoal, como julgar oportuno para o serviço. Sem cogitar de minúcias, exerce pleno controle sobre os seus subordinados, para assegurar o êxito dos trabalhos das equipes. Mantém constante ligação com o chefe do serviço de saúde da zona de comunicações, em relação à situação do hospital, sobre entrada e saída de pacientes, suas necessidades de transportes, trens hospitalares, ambulâncias, de turmas cirúrgicas suplementares. Deve prever emergente amplificação dos meios hospitalares.

(b) *Subcomandante.* — É o principal auxiliar do comandante, sendo o chefe do seu estado-maior; goza de sua inteira confiança, estando a par dos seus designios e orientação. Cuida da parte administrativa que não exija a ação pessoal do comandante, em cuja ausência toma as providências necessárias, de acordo com o critério por ele estabelecido, em tais circunstâncias, notificando-lhe, na primeira oportunidade, as medidas tomadas. O subcomandante exerce cumulativamente o cargo de médico inspetor (V. AR. 40-270), po-

dendo também ser o inspetor do hospital. Nesta qualidade, procede inspeções periódicas no hospital, sobre as condições sanitárias das instalações, do rancho, das enfermarias, certificando-se da exatidão da escrituração, dos registos clínicos, do balanço dos narcóticos, dos fichários e arquivos em geral, apresentando de tudo relatório circunstanciado ao comandante. Pode também ser encarregado das relações públicas do hospital.

(c) *Ajudante*. — É o responsável pelo recebimento e pela expedição da correspondência e das ordens, pela fiscalização das verbas, pela censura do hospital. Pode supervisionar o serviço postal, controlar as finanças e fiscalizar outras seções.

(2) *Serviços administrativos*. (a) *Contador*. — É o responsável pelos mapas de doentes e feridos, cujos registos e obituário controla e escreve. É auxiliado por oficiais e praças.

1- *Comandante do contingente de pacientes*. — O contador pode também ser o comandante do contingente de pacientes (todos os do hospital); e como tal é o responsável pelo bem-estar, pela disciplina, pelo pagamento, pelos registos e pelos pertences deles.

2. *Seção de recepção e destino*. — A esta seção pode ser concedida categoria de serviço independente; si assim parecer ao comandante do hospital. Sob a sordens de oficial médico, a seção é encarregada do seguinte:

a) Conferência, exame, triagem e distribuição de todos os pacientes entrados pelas enfermarias apropriadas.

b) Instauração dos registos de saúde, nos modelos adequados (WD AGO 8-27 e 8-28), e a organização de fichário de todos os pacientes entrados e saídos.

c) Verificação do fardamento e dos valores dos pacientes; e distribuição a eles de roupa branca e de cama do hospital.

d) Banhos e desinfestações.

e) Encaminhamento dos pacientes às enfermarias correspondentes.

f) Câmbio de material-carga com as ambulâncias, trens e aviões.

g) Devolução de fardamento e valores aos pacientes saídos; e recolhimento das roupas do hospital a eles distribuídas.

h) Conferência e arrolamento dos pacientes saídos, fornecendo relação deles ao oficial encarregado da evacuação (ambulância, trem, navio).

i) Notificação ao contador de tôdas as baixas (entradas).

j) Informação sobre os pacientes.

k) Instalação de dispensário para o pessoal do hospital, com auxílio de enfermeiras e praças.

(b) *Comando do destacamento de saúde*. — Esta dependência, comandada por oficial de administração do serviço de saúde, auxiliado por outro, é encarregada do comando, da administração, das classifi-

cações do aprovisionamento, da disciplina das praças do hospital. O expediente do pessoal é feito na seção do pessoal. O comandante do destacamento pode ser designado oficial de instrução (S-3), supervisionando, sob as ordens do comandante, o treinamento das praças do hospital; pode ser encarregado da segurança do hospital, tendo a guarda diretamente sob as suas ordens. A guarda é escalada entre as praças do destacamento.

(c) *Administração do pessoal.* — As ordens de oficial encarregado do pessoal desta dependência, trata da administração de todo o pessoal do hospital, como folhas de pagamento, alterações de serviço, etc. Encarrega-se também do pessoal civil empregado do hospital.

(d) *Aprovisionamento.* — Este serviço, sob as ordens de oficial, divide-se em duas seções:

1. *Seção de suprimentos gerais.* — Esta seção, as ordens de oficial, é encarregada dos pedidos, da aquisição, da armazenagem e da distribuição de todos os suprimentos, salvo material de saúde, usados pelo hospital. Os suprimentos destinados às praças são entregues ao oficial aprovisionador do destacamento; os de classe I, ao oficial do rancho.

2. *Seção de material de saúde.* — Esta seção, sob as ordens do oficial aprovisionador de material de saúde, é encarregada dos pedidos, da aquisição, armazenagem e distribuição de todo o material de saúde usado no hospital. O material é distribuído à farmácia, ao laboratório e às várias enfermarias e seções..

(e) *Rancho.* — Este serviço, comandado por oficial de administração do serviço de saúde, auxiliado por técnico em dietética oficial, é encarregada das mesmas atribuições que a seção homônima do hospital de guarnição, inclusive da instalação dos ranchos separados para pacientes, para praças e para oficiais e enfermeiras. Pode contar com turma de rancho da TOE 8-500, destacada, si necessário.

(f) *Oficial de instalações e manutenção.*

1. *Seção de instalações.* — Esta seção é encarregada da montagem, conservação e dos reparos de tôdas as instalações e do equipamento em geral do hospital, a saber, água, esgoto, aquecimento, máquinas a vapor, ligações, eletricidade, gestão da lavanderia. Turma de lavanderia da TOE 10-500 pode ser destacada nesta ou na seção de suprimentos gerais, para lavagem de roupa do hospital e dos pacientes. Turma de ligações (transmissões) da TOE 11-500 pode instalar rede de ligações internas no hospital. Esta seção também constrói e conserta barracas, armações, abrigos, etc. O oficial chefe desta seção pode comandar os bombeiros e encarregar-se dos meios e das medidas contra incêndios.

2. *Seção de transporte.* — Esta seção é encarregada da manutenção de motores de primeiro e segundo escalões, de todos os veículos do hospital.

(g) *Capelães.* — Três oficiais do corpo de capelães são classificados no hospital. Para os seus deveres, ver TM 16-205.

(h) *Administração das enfermeiras.* — As enfermeiras desta dependência são as mesmas que à sua homóloga do hospital de guarnição.

(i) *Dependência de serviços especiais.* — O oficial de serviços especiais é o responsável pelas atividades educativas, recreativas e sociais referentes ao pessoal do hospital e aos pacientes baixados. Elas constam de cinema, jogos, esportes, cursos especiais, jornais e outras publicações internas, representações, palestras e outros divertimentos. Este oficial pode ser nomeado para superintender o intercâmbio desporto-social do hospital; e as atividades de reaproveitamento e readaptação, tais como educação física, exercícios, formações, etc.

(3) *Elementos destacados.* — Diversas "turmas" ou destacamentos (V. § 13) de tropas estranhas ao serviço de saúde podem ser destacadas no hospital, para encarregarem-se de trabalhos especiais; podem ser subordinadas diretamente ao estado-maior do hospital ou ficar sob a dependência de determinados serviços e seções.

(a) *Pessoal da Cruz Vermelha.* — O pessoal civil da Cruz Vermelha Americana destacado pode tratar de assuntos pessoais dos pacientes, do seu bem-estar, da organização de diversões, espetáculos, etc.

(b) *Turma de lavandaria.* — A turma de lavandaria destacada pode tratar da lavagem de roupa do hospital, do seu pessoal e dos pacientes; ficando sob a dependência do oficial de instalações ou do de suprimentos gerais.

(c) *Turma de transmissões.* — A turma de ligações destacada pode instalar rede interna telefônica; ficando sob a dependência do oficial de instalações.

(d) *Turma de refrigeração.* — A turma de refrigeração destacada pode manejar o equipamento de ar condicionado e prover desta ventilação, quando oportuno e praticável, as salas de operações e enfermarias; ficando sob a dependência do oficial de instalações.

(e) *Turma de polícia.* — A turma de polícia destacada pode fornecer guarda para os prisioneiros em tratamento, regular o tráfego e exercer outras atribuições necessárias; ficando sob as ordens do oficial de segurança.

(f) *Turma postal.* — A turma postal destacada pode instalar agência postal de exército, para a distribuição da correspondência do pessoal do hospital e dos pacientes, e de outras atividades afins; ficando sob a dependência do oficial de correio (ajudante do hospital).

(g) *Turma de fundos.* — A turma de fundos destacada pode encarregar-se de financiamentos e operações decorrentes, para o pagamento de militares e dos civis que possam ser empregados pelo hospital.

(h) *Turma de rancho.* — A turma de rancho destacada pode complementar, quando necessário, o rancho do pessoal orgânico; ficando sob a dependência do oficial do rancho.

(i) *Turma sanitária.* — A turma sanitária destacada pode fornecer mão de obra e recursos sanitários julgados necessários pelo comandante do hospital, tais como o controle das moscas e dos mosquitos nos arredores da organização.

(4) *Oficial de dia administrativo.* — Este oficial tem as mesmas atribuições que o seu homônimo do hospital de guarnição. É escalado entre os oficiais da divisão administrativa do hospital.

(5) *Serviços técnicos.* (a) *Serviço de cirurgia.*

1. — Este serviço é chefiado por oficial médico, que classifica os oficiais, indica os casos clínicos que devem ser tratados em determinadas enfermarias, sendo responsável pelos processos cirúrgicos adotados, pelos trabalhos e pela administração das enfermarias de cirurgia. Pratica intervenções cirúrgicas e é o consultor técnico de cirurgia do hospital. O serviço é constituído de diversas seções, cada uma das quais é chefiada por oficial médico e tem função correspondente à sua homônima do hospital de guarnição. Do serviço de cirurgia constam:

- | | |
|------------------------------------|---|
| a) Seção de cirurgia geral. | b) Seção de ortopedia. |
| c) Seção de fisioterapia. | d) Seção de oftalmo-otorrinolaringologia. |
| e) Seção de cirurgia sética | f) Seção de urologia. |
| g) Seção de neurocirurgia. | h) Seção de cirurgia torácica |
| i) Seção de anestesia e operações. | (só nos hospitais de 2.000 leitos) |

2. — Os chefes destas seções, convenientemente autorizados pelo chefe do serviço de cirurgia, são os consultores técnicos das próprias especialidades. Nelas geralmente não há tratamento ambulatorio. O serviço pode ser suplementado, si necessário, por turmas técnicas de cirurgia (v. cap. 18). Podem ser praticadas intervenções mais delicadas e complicadas que as feitas no hospital de guarnição. A seção de fisioterapia dispõe de técnicas oficiais fisioterapistas e funciona sob a orientação da seção de ortopedia.

(b) *Serviço de medicina.* 1. — O serviço é chefiado por oficial médico e desempenha as mesmas atribuições que o seu homô-



Fig. 139 — Enfermaria de fisioterapia de hospital geral, na Irlanda do Norte

nimo do hospital de guarnição. Compreende as seguintes seções, todas chefiadas por oficial médico:

- | | |
|--|-------------------------------------|
| a) Seção de medicina geral. | b) Seção de doenças contagiosas. |
| c) Seção de neuropsiquiatria. | d) Seção gastro-intestinal. |
| e) Seção cardio-vascular. | f) Seção de alergia. |
| g) Seção de dermatologia e doenças venéreas. | h) Seção de farmácia e ambulatório. |

2. — Convenientemente autorizados pelo chefe do serviço de medicina, os chefes das seções são os consultores técnicos das suas especialidades. As vezes a seção de neuropsiquiatria tem caráter de serviço independente; o seu chefe é auxiliado por psicologistas oficiais técnicos (não são oficiais médicos).

3. — A seção de ambulatório e farmácia pode constituir seção a parte do serviço de medicina; há, todavia, poucos pacientes de ambulatório no hospital, porque a maioria deles é internada. Dispensário para atender ao pessoal do hospital pode funcionar conjuntamente com a dependência de recepção.

(c) *Serviço de radiologia.* — Este serviço é chefiado por oficial médico auxiliado por outro. O chefe deve ser experimentado em radio-terapia. O serviço tira os filmes tanto na própria dependência como nas enfermarias; faz fluoroscopia, localiza corpos estranhos, aplica rádio-terapia, prepara e interpreta as chapas, organiza o respectivo arquivo e mantém os fichários.

(d) *Serviço de laboratório.* — Este serviço, chefiado por oficial médico, compõe-se de três seções:

1. *Seção de laboratório clínico.* — Esta seção é dirigida pelo chefe do serviço; e é encarregada dos exames rotineiros de urina, de sangue, provas anatomopatológicas e microscópicas; e das necropsias.

2. *Seção de bacteriologia.* — Esta seção executa todos os exames e testes bacteriológicos e sorológicos, inclusive as reações de Wasserman e de Kahn.

3. *Seção de Bioquímica.* — Esta seção executa todas as provas bioquímicas, tais como as dosagens glicêmicas, determinação do azoto não protéico, etc.

(e) *Serviço dentário.* — Este serviço é chefiado por oficial dentista e compreende protodontista, oro-cirurgião e praças técnicas auxiliares. É encarregado de toda a técnica dentária, inclusive radiologia, trabalhos de laboratório e organização de arquivo e fichários. Atende normalmente a pacientes internados. O chefe do serviço é o consultor técnico do hospital.

(f) *Serviço de farmácia.* — Este serviço, executado por sargento especialista, é dirigido por oficial designado pelo comandante do hospital. A farmácia é encarregada da preparação e distribuição de drogas e receitas e da organização e guarda dos fichários e registros, inclusive o dos narcóticos. Pode funcionar sob o controle da dependência de recepção e evacuação.

(6) *Oficial de dia técnico.* — Este oficial tem os mesmos encargos que o seu homônimo do hospital de guarnição. É escalado entre os oficiais dos serviços técnicos. Podem também ser escalados dentista e cirurgião de dia.

228. **INSTALAÇÃO.** — A unidade instala hospital de 1.000, 1.500 ou 2.000 leitos, conforme a TOE pela qual é organizada (V. fig. 140). Todas as questões e os princípios discutidos sobre a instalação do hospital de guarnição são aqui debatidas, resalvando que os meios de recepção e evacuação devem ser mais amplos, possibilitando movimentação conjunta de entradas e saídas em grande escala. Entretanto, a localização do hospital geral depende dos meios de transporte para a frente e a retaguarda, rodovias, portos. Quando a instalação for montada em abarracamento, aplicam-se os preceitos descritos sobre o hospital de evacuação. Se construções especiais forem projetadas, as plantas serão traçadas de acordo com o serviço de engenharia.

229. **EQUIPAMENTO** (V. TOE 8-550). — o equipamento do hospital geral é praticamente o mesmo que o do hospital de guarnição de tamanho aproximado. Adicionalmente, o laboratório dispõe de meios para organizar seções de microscopia e realizar metabolismo

basal. O serviço dentário possui melhor equipamento de radiologia; a seção de oftalmo-otorrinolaringologia conta com máquina sinusoidal; e há outros meios de que não dispõe o hospital de guarnição.

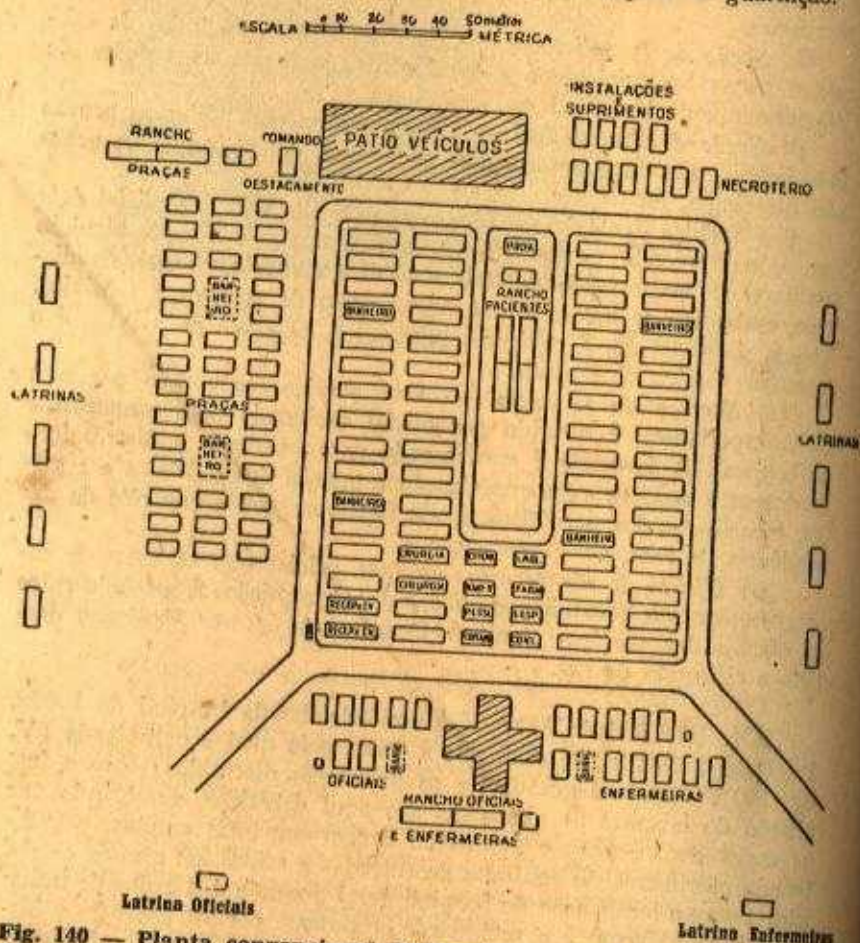


Fig. 140 — Planta convencional de hospital geral de 1.000 leitos, em abarracamento, segundo a TOE.

230. TRANSPORTE. — Os meios de transporte são suficientes para a administração normal do hospital, mas não deslocá-lo. As ambulâncias fazem os transportes locais para o dispensário, mas não bastam para evacuações em grande escala. As viaturas consistem em ambulâncias reboques de 1 e 1 1/2T, pipa-reboque de 950 litros, jipes, caminhões de 3/4T para todo o transporte, de 1 1/2T para carga, de

1 1/2T com bscula, de 2 1/2T para carga. A manuteno de motores de primeiro e segundo escales  feita pela seo de transportes.

231. INSTRUO. —  similar  do hospital de guarnio.

232. ADMINISTRAO. a. *Pessoal*. — As partes dirias, e a demais documentao referente a pessoal, so encaminhadas ao estado-maior da zona de etapas, conforme as disposies vigentes. Os pacientes fazem parte do contingente de pacientes do hospital e so considerados ai destacados. As alteraes dos pacientes so arquivadas pelo comandante do contingente. O hospital fica diretamente subordinado ao quartel general da zona de comunicaes, a menos que faa parte de centro hospitalar.

b. *Sade*. — Os mapas de duentes e feridos e o estatístico so encaminhados ao chefe do servio de sade da zona de comunicaes; e os outros documentos e informaes, remetidos a quem de direito (V. § 224).

c. *Aprovisionamento*. (1) — Os suprimentos de classe I so automaticamente recolhidos pelo oficial aprovisionador geral dos pontos de aprovisionamento (distribuio) designados da zona de comunicaes. So logo entregues ao oficial do rancho.

(2) — O material de sade  obtido do depsito de material de sade da zona de comunicaes em pedidos normais, em saque contra crdito ou em requisiies extraordinrias. As entregas so feitas nos depsitos aos caminhes do hospital; ou por despacho do depsito em ferrovia ou rodovia.

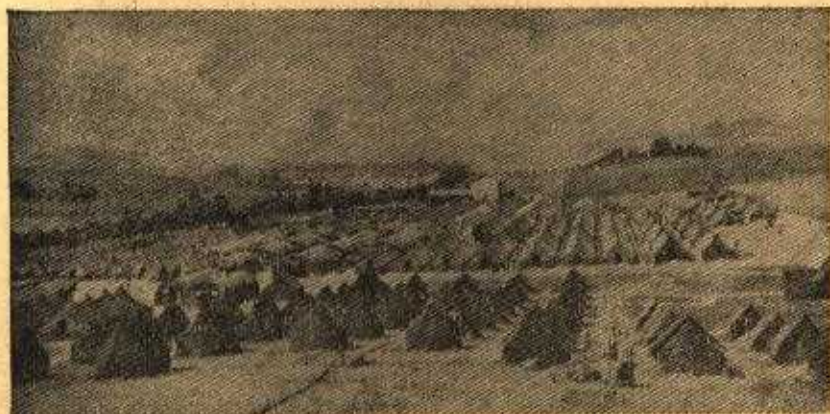


Fig. 141 — Hospital geral montado em barracas, em Constantina, Africa do Norte. As barracas das enfermarias, no primeiro plano; os barraces de enfermarias e das salas de operaes, no centro; as barracas das praas, no plano do fundo

(3) — Os outros suprimentos são obtidos por pedidos aos mais próximos depósitos correspondentes.

d. *Assistência a doentes e acidentados.* — O serviço de recepção e destino instala dispensário para o pessoal do hospital. O internamento é feito nas enfermarias adequadas.

HOSPITAL GERAL (NP)

233. ORGANIZAÇÃO. — O hospital geral (NP) é organizado fundamentalmente para tratamento de neuropsicopatas. A sua organização é idêntica à do hospital geral, salvo quanto aos serviços técnicos. Os serviços de cirurgia e de medicina são restritos, não se subdividindo em seções; mas há dois novos serviços, o neurológico e o psiquiátrico, que, por si sós, constituem a maior parte do hospital (V. fig. 142).

234. FUNÇÕES. a. *Generalidades.* — Este hospital presta serviço de saúde de quarto escalão para os pacientes portadores de afecções nervosas e mentais. Recebe as baixas principalmente dos hospitais de evacuação; e retém para tratamento somente aquelas que tenham probabilidade de ter alta curadas dentro de período prefixado, habitualmente 180 dias. Quando não existir esta possibilidade, devem ser evacuadas para os hospitais gerais da zona do interior. O hospital geral (NP) pode ser um dos hospitais gerais do centro hospitalar que for designado para tratar dos neuropsicopatas ali internados.

b. *Particularidades.* (1) *Estado-maior.* — aproximadamente o mesmo que o do hospital geral.

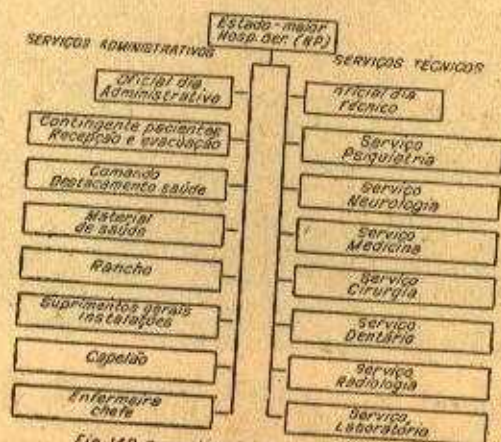


Fig. 142. Organização do hospital geral (NP)

(2) *Serviços administrativos*. — São praticamente os mesmos que os do hospital geral.

(3) *Serviços técnicos*. (a) *Serviço psiquiátrico*. — É chefiado por oficial médico psiquiatra; é o maior serviço do hospital, porque atende à maioria dos pacientes. Além do chefe, conta com vinte e três oficiais médicos e um psicologista, que não é oficial médico.

(b) *Serviço neurológico*. — É chefiado por oficial médico neurologista auxiliado por dois outros oficiais. Atende a todos os casos de neurologia do hospital.

(c) *Serviço de medicina*. — É chefiado por oficial médico auxiliado por dois outros oficiais. As suas principais atribuições consistem em atender às complicações ocorridas em neuropsiquiatria.

(d) *Serviço de cirurgia*. — É chefiado por oficial médico auxiliado por outros dois. As suas principais atribuições consistem em atender às complicações cirúrgicas ocorridas em neuropsiquiatria.

(e) *Serviço dentário*. — É chefiado por oficial dentista auxiliado por um outro. As suas principais atribuições consistem em atender às complicações dentárias ocorridas em neuropsiquiatria.

(f) *Serviço de radiologia*. — É chefiado por oficial médico auxiliado por outro. Atende às necessidades radiológicas ocorridas em neuropsiquiatria.

(g) *Serviço de laboratório*. — É chefiado por oficial médico auxiliado por outro. Executa os trabalhos de laboratório decorrentes de neuropsiquiatria.

(h) *Oficial de dia técnico*. — É encarregado de atender aos assuntos técnicos fora das horas normais de expediente. É escalado entre os oficiais dos serviços técnicos.

235. **INSTALAÇÃO**. — A unidade instala hospital de 1.000 leitos. É a mesma adotada para hospitais gerais, com diferença de que deve dispor de meios seguros de isolamento e segregação para os dementes violentos; e cerca bem guardada em todo o circuito da instalação.

236. **EQUIPAMENTO**. — É o mesmo que o utilizado pelo hospital geral, crescido principalmente de diversos instrumentos de neuropsiquiatria, como diapasões, agulhas para punção raquidiana, otoscópio, oftalmoscópio, audiômetro, cadeira de Barany, camisas de força, electroencefalógrafo e muitas banheiras.

237. **TRANSPORTE**. — É bastante para a administração normal do hospital, mas insuficiente para transportar o equipamento. Consiste de ambulâncias, pipas reboque de 950 litros e caminhões

leves e pesados. A seção de transporte executa a manutenção de motores de primeiro e segundo escalões.

238. INSTRUÇÃO. — É semelhante à do hospital geral, com a particularidade de que os técnicos dos serviços de psiquiatria e neurologia devem ser bem experimentados em lidar com os pacientes e com o equipamento aí usado. É conveniente que esse adestramento seja feito em hospitais permanentes especializados da zona do interior.

239. ADMINISTRAÇÃO. — É a mesma que a do hospital geral.

SEÇÃO IV

CENTRO HOSPITALAR

240. GENERALIDADES. — Um centro hospitalar não consiste somente do "centro hospitalar" previsto na TOE 8-500; deve compreender dois ou mais hospitais gerais e outros órgãos. Tal agrupamento tem as seguintes vantagens sobre único hospital geral isolado:

a. — Economia de meios pessoais e materiais de administração e instalações, pela exclusão de órgãos idênticos e o aproveitamento conjunto de órgãos privativos.

b. Obtem-se mais perfeição nas especialidades restringindo-se determinados tratamentos a certos hospitais gerais adrede preparados. Habitualmente ao menos três hospitais devem ser agrupados em um centro, para justificar qualquer acréscimo de pessoal necessário. A amplitude do centro, contudo, não deve ser demasiada, para não sobrecarregar os meios de instalação existentes na localidade, como habitação, esgotos, água, etc. O centro hospitalar funciona sob as ordens do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações.

241. ORGANIZAÇÃO. — O centro hospitalar (V. TOE 8-500AF) consiste de comando e estado-maior especial constituído de oficiais dentista, veterinário, médico inspetor e enfermeira. Destacados no centro há dois ou mais hospitais (TOE 8-550), habitualmente estação de convalescentes e destacamentos de outros órgãos, como independência, fundos, etc. (V. fig. 143). Certas seções dos hospitais gerais podem ser centralizadas sob as ordens do estado-maior do centro, para economia de meios, como, por exemplo, o laboratório, a seção de recepção e evacuação e a de material de saúde.

b. *Particularidades.* (1) *Estado-maior.* (a) — O comandante é o responsável pela organização, administração, disciplina e pelo funcionamento do centro. Tem atribuições de comandante de "guarni-

ção" (post), sobretudo as referentes às atividades internas de vigilância, administração, aprovisionamento, etc.; e às de construções e instalações. Mantém ligação com o chefe do serviço de saúde da zona de comunicações sobre as condições gerais do centro, a afluência de pacientes, as necessidades de transporte, em ambulâncias e trens hospitalares.

(b) — O subcomandante é o principal do comandante, supervisionando os trabalhos do resto do estado-maior.

(c) — O ajudante, habitualmente auxiliado por subtenente (encarregado do expediente dos oficiais), sargento ajudante (major), escrevente chefe (encarregado do expediente das praças) e outros escreventes, tanto do estado-maior como dos órgãos destacados, executa a administração normal do centro, como correspondência, preparação de ordens, expediente do pessoal, ratificação de mapas e informações, etc. Os hospitais gerais encarregam-se da administração do próprio pessoal.

(2) *Dentista*. — Oficial dentista, como consultor técnico, coordena os diversos serviços dentários dos hospitais constitutivos do centro. Encarrega-se da administração dentária do centro e faz parte do estado-maior especial do seu comandante.

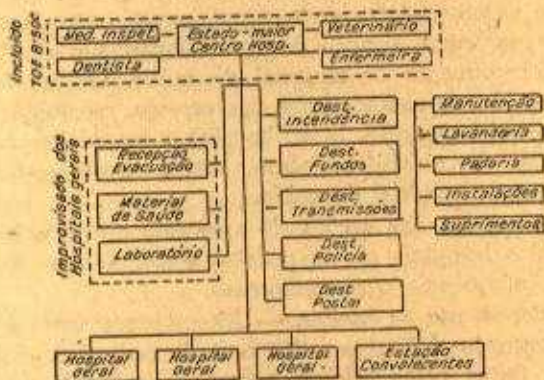


Fig. 143. Organização de centro hospitalar tipo

(3) *Veterinário*. — Auxiliado por técnico, oficial veterinário realiza os trabalhos de estado-maior especial para o comandante do centro, encarrega-se da administração veterinária e inspeciona carnes e laticínios distribuídos ao centro.

(4) *Médico Inspetor*. — Oficial é encarregado de inspecionar as condições sanitárias do centro, inclusive das enfermarias dos hospitais. Encaminha relatórios periódicos dessas inspeções ao comandante

do centro. Pode também ser encarregado de inspecionar os arquivos de receituários e narcóticos e os registros das enfermarias.

(5) *Enfermeira*. — Enfermeira coordena e supervisiona as atividades das outras enfermeiras classificadas nos hospitais do centro. Desempenha funções de oficial de estado-maior especial junto ao comandante do centro e encarrega-se da administração do corpo de enfermeiras do exército.

(6) *Turmas ou destacamentos destacados*. — Estes destacamentos ou estas turmas são geralmente organizados segundo a TOE da série-500 dos diferentes ramos das Forças dos Serviços do Exército.

(a) *Destacamento de intendência*.

1. — Este destacamento, auxiliado pelo pessoal necessário fornecido pelos hospitais, é encarregado do seguinte:

a) — Instalação da garagem mixta do centro, para manutenção de motores de segundo e terceiro escalões. O pessoal de manutenção dos hospitais pode ser incorporado a esta dependência.

b) — Instalação da padaria do centro, para o seu abastecimento de pão e pastelaria.

c) — Instalação da lavandaria do centro, para a lavagem de roupa e a gestão da rouparia do centro inteiro.

d) — Conservação e montagem de tôdas as instalações do centro, inclusive esgotos, eletricidade, água, aquecimento, etc.

e) — Atuar como serviço de aprovisionamento de "guarnição", salvo para fornecimento de material de saúde. Os suprimentos, inclusive rações, são requisitados por este serviço, recolhidos nos vários pontos de aprovisionamento (distribuição) e guardados no armazém de intendência. As unidades podem, então, suprir-se neste serviço de tudo, menos de material de saúde.

2. — O pessoal das seções de aprovisionamento, instalações e manutenção dos hospitais gerais pode-se conjugar com o dos destacamentos de intendência correspondentes.

(b) *Destacamento de fundos*. — Este destacamento é encarregado do pagamento dos militares e dos civis do centro. As folhas de pagamento são feitas pelos oficiais encarregados do pessoal de cada órgão.

(c) *Destacamento de transmissões*. — Este destacamento é encarregado da instalação e conservação de todos os meios de ligação do centro, inclusive telefônios, telégrafos e dos centros de ligação.

(d) *Destacamento de polícia*. — Este destacamento é encarregado do policiamento, do controle do tráfego e da guarda do centro. O pessoal da guarda é fornecido pelos vários órgãos do centro.

(e) *Destacamento postal*. — Este destacamento é encarregado do funcionamento de agência de correios de exército para o centro.

(7) *Serviço de recepção e evacuação.* — O pessoal das seções de recepção e evacuação dos hospitais gerais constitutivos do centro pode ser conjugado e, sob as ordens do estado-maior do centro e do mais graduado oficial das seções, instalar única dependência de recepção e evacuação para o centro inteiro. As suas atribuições para com o centro serão as mesmas que as de cada seção para com os respectivos hospitais (V. sec. III).

(8) *Material de saúde.* — O pessoal das seções de material de saúde dos hospitais gerais constitutivos do centro e as praças do estado-maior do "centro hospitalar", podem ser conjugados e, sob o controle do estado-maior do centro e do mais graduado ou antigo oficial médico aprovisionador, instalar única seção de material de saúde para o centro inteiro. Funcionará então como serviço de material de saúde de "guarnição", requisitando os suprimentos dos depósitos de zona de comunicações, recolhendo-os e armazenando-os. Os órgãos obterão, assim, o material de saúde deste serviço.

(9) *Laboratório.* — Com os oficiais laboratoristas previstos na TOE 8-500, as seções de laboratório dos hospitais gerais integrantes do centro podem conjugar-se para instalar laboratório geral do centro, sob o controle do estado-maior do centro e o mais graduado ou antigo oficial dos laboratórios. Nestas condições, todos os hospitais farão os seus pedidos ao laboratório do centro.

(10) *Hospitais gerais.* — O centro pode ser formado por dois a dez hospitais gerais. Cada hospital (excluído o pessoal de aprovisionamento, manutenção, instalações, laboratório e recepção e evacuação) pode ser encarregado do tratamento de bem especificados tipos de casos clínicos: um para ortopedia, um para impaludismo, outro para neuripsiquiatria, etc. Cada hospital trata da sua própria administração interna e dos seus registros de doentes e feridos. Como cada hospital tem lotação para 1.000 ou mais leitos, a capacidade disponível do centro será determinada pelo número de hospitais integrantes.

(11) *Estação de convalescentes.* — A estação (campo) de convalescentes poderá ou não existir em centro hospitalar. Os pacientes ainda não perfeitamente restabelecidos, mesmo que já não precisem tratamento, não completamente aptos para o efetivo serviço, podem ser organizados em companhias de convalescentes (V. sec. II, cap. 9), onde recebem instrução e treinamento militares; cumprem programas bem especializados de readaptação, que os capacitam a voltar ao serviço ativo em boas condições físicas e mentais.

243. **INSTALAÇÃO.** — O centro hospitalar, instalação de vastas proporções, deve ser abrigado em edifícios permanentes ou temporários ou em barracas assoalhadas, dispondo de eletricidade, água e esgoto. Deve ser situado geralmente perto do principal porto de

desembarque do teatro de operações, com franco acesso rodq e ferroviário para a frente e fáceis vias de comunicação terrestres ou marítimas para a retaguarda. Os mesmos princípios gerais de montagem e instalação dos hospitais gerais aplicam-se ao centro hospitalar, com a particularidade de que o rancho costuma ser descentralizado.

244. EQUIPAMENTO. — O equipamento do estado-maior do centro (centro hospitalar, TOE 8-500) consta do seguinte:

- a. — Equipamento distribuído comumente às organizações de campanha.
- b. — Mesas, cadeiras, máquinas de escrever, de calcular, cofre e outros artigos de escritório.
- c. — Barraca pequena de paredes.

245. TRANSPORTE. — Os meios de transporte do estado-maior do centro (centro hospitalar, TOE 8-500) são só suficientes para as suas necessidades administrativas normais. Os meios de transporte do centro reúnem-se habitualmente sob as ordens do oficial de motores do serviço de intendência (destacamento), onde funcionam e recebem manutenção.

246. INSTRUÇÃO. a. *Individual*. — Além do treinamento básico, os seguintes técnicos devem ainda receber instrução especial em cursos da própria unidade ou em escolas técnicas: pessoal de aprovisionamentos, escreventes, estenógrafos, inspetores de carne e lacticínios e condutores.

b. *Conjunta*. — Quando a instrução individual estiver suficientemente adiantada, para que os seus princípios propedêuticos possam ser aproveitados, os membros de cada seção devem ser treinados no funcionamento conjunto e coordenado dela. O adestramento pode ser empreendido na prática execução do próprio serviço.

c. *Combinada*. — Este treinamento é feito no exercício prático dos trabalhos diuturnos dos hospitais gerais integrantes do centro, que pode constituir órgão de instrução para os hospitais gerais isolados.

247. ADMINISTRAÇÃO. a. *Pessoal*. — As partes diárias e os demais documentos referentes a pessoal são encaminhados pelos hospitais gerais e os destacamentos, por intermédio do estado-maior do centro, ao quartel-general da zona de comunicações. Os registos em modelos relativos a pessoal dos destacamentos podem ser elaborados na dependência de pessoal do centro, com auxílio dos escreventes desses destacamentos.

b. *Saúde*. — O mapa de doentes e feridos e o estatístico são preparados em cada hospital geral e encaminhados ao chefe do serviço de saúde da zona de comunicações, por intermédio do estado-maior do centro (V. § 232).

c. *Aprovisionamento*. (1) — Os suprimentos de classe I são recolhidos diariamente pelo destacamento do serviço de intendência e distribuídos aos ranchos das unidades.

(2) — O material de saúde é obtido, pelo oficial de material de saúde do centro, do depósito de material de saúde da zona de comunicações, em requisição, por intermédio do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações. O oficial de material de saúde do centro atua como oficial de material de saúde de "guarnição", distribuindo-o aos hospitais gerais à medida das necessidades. O material é recolhido pelos veículos do centro do próprio depósito ou das mais próximas cabeças de rodovia ou ferroviárias.

(3) — Os outros suprimentos são obtidos, pelo destacamento do serviço de intendência, mediante pedido, das mais próximas depósitos correspondentes.

d. *Assistência a feridos e acidentados*. — A dependência de recepção e evacuação instala dispensário para o pessoal do centro. A hospitalização é feita nas próprias enfermarias do hospital convenientemente.

(Continua)

REVISTA DO COMÉRCIO

E O ÓRGÃO DAS CLASSES PRODUTORAS

Mensário magnificamente ilustrado com mais
de 100 páginas!

Publicidade e assinaturas 23-0601



O Melhor Roteiro Econômico do Brasil

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

"O homem que com as forças de sua inteligência, de sua vontade e de seu caráter, terá que conduzir a guerra total para a conservação da vida do povo, é o general em chefe. Ninguém poderá diminuir o peso da responsabilidade que então recairá sobre si. Mas aquele que, chamado a dirigir a guerra, não se mostrar mais do que um executante das ordens e que, por assim dizer, procurar manejar a guerra no intervalo das refeições, esse não é chefe, não está em condições de ocupar um posto que exige rudes esforços, grande capacidade e vontade inquebrantável. Que homens assim se abstenham; eles apenas poderiam profanar a magnitude da função."

(Gen. Ludendorff)

"A nação que luta melhor é aquela que melhor compreende a guerra".

(Tom Wintegham)



A Biblioteca Tasso Fragoso na E. E. M.

Palavras do General FRANCISCO GIL CASTELLO BRANCO, Comandante da Escola de Estado-Maior, por ocasião da inauguração da Biblioteca TASSO FRAGOSO.

Aqui estamos reunidos para inaugurar a sala TASSO FRAGOSO, em que serão guardados todos os livros do saudoso General, doados à biblioteca da Escola de Estado-Maior, num gesto espontâneo e altruístico de sua ilustre família.

Trata-se de preciosa coleção, quer considerada do ponto de vista quantitativo, como do qualitativo. Estas obras, escritas em vários idiomas, foram colecionadas durante mais de meio século e constituem matéria variada, que influiu de maneira decisiva na formação de uma das mentalidades patrióticas mais robustas de nossa época.

A importância material desta biblioteca junta-se, assim, valor intrínseco inestimável.

Mudaram os volumes de aspecto com a encadernação uniforme, mas quando os abrimos, ao acaso, encontramos logo os lampejos de um espírito fulgurante, esparsos em anotações marginais — que esclarecem ou destacam o pensamento dos autores — e talvez, ainda, as impressões digitais daquele que os manuseava constantemente com carinhoso desvêlo.

Não penso traçar aqui uma biografia diante da família que, no recesso do lar, se inspirou tôda a vida nos exemplos do Chefe. Seria, para mim, tarefa de grande fôlego a que daria desvalioso desempenho, sem igualar os resultados já alcançados por alguns de seus amigos, em exposição exata e bem documentada.

No momento em que alinhamos definitivamente nestas estantes os objetos mais caros ao saudoso General, desejo apenas evocá-lo e prestar-lhe o tributo de nossas homenagens respeitosas.

Os oficiais da Escola, presentes a esta cerimônia simples, mas expressiva, são os mesmos que, em impecável postura militar e com as espadas em posição de funeral, renderam-lhe honras militares na casa do soldado, enquadrando, compungidos, seus despojos e fazendo-lhe no cemitério a derradeira continência. Conhecem, portanto, a trajetória luminosa que traçou através da vida a individualidade excelsa de TASSO FRAGOSO.

Ninguém melhor do que êle próprio, retratou, sem sentir, suas aspirações iniciais à perfeição e á elevação moral de seus propósitos de jovem ardoroso. Descreveu êle, em páginas memoráveis, a formação de sua geração na antiga Escola Militar da Praia Vermelha onde "não havia glória maior do que ascender sem pedir, do que chegar ao primeiro degráu elevado da hierarquia militar sem aviltamento de caráter, nem preterição dos companheiros" mas, através do esforço próprio julgado em exames rigorosos por mestres notáveis e justiceiros.

A mocidade dessa têmpera,   proporção que ampliava o saber, não esmorecia em seus ideais de justiça e lealdade, interessando-se vivamente pelos fen menos de ordem social peculiares ao cenário histórico da época. Interessou-o, no início, o problema de libertação dos escravos e as suas preferências, mais tarde, devia voltar-se para a forma republicana de governo, por acreditar a única capaz de garantir "a mais completa liberdade espiritual, a mais absoluta honestidade e desinteresse no trato da causa pública e a escolha dos mais competentes para as funções sociais".

Benjamin Constant foi o  dolo daquele núcleo de idealistas, não s mente pelas qualidades de mestre incomparável, que lhes iluminava o espírito, mas, sobretudo, pelo desprendimento das coisas materiais que o levava, com seus pros litos, a protestar contra o aumento de soldo e a promoção por serviços relevantes.

A sinceridade do entusiasmo de TASSO FRAGOSO pelo "espírito da Escola Militar", seria demonstrada no decorrer do tempo. Talvez outros evoluissem no mau sentido;  le continuou fiel aos ideais da mocidade, numa rara e exemplar coerência de atitudes.

Longe de ser acomodat cio, foi um incorruptível, desprezando proventos e honrarias, batendo-se, com singular elegância moral, para que camaradas menos qualificados recebessem antes dele os bordados de General, rejeitando cargos na política e também, na diplomacia, o de embaixador na Argentina.

Com a idade, acentuou-se cada vez mais a harmonia de suas faculdades e os dotes intelectuais emparelharam com as qualidades morais. Cresceu e afirmou-se sua fidelidade à carreira militar.

O oficial que se consagra sem reservas   prática do dever, alimenta um ideal que plana acima das competições mesquinhas da humanidade; é para a Pátria que trabalha e não para  le próprio. O General TASSO foi, sobretudo, um soldado, revelando sempre inatacável probidade profissional

e conservando, invariavelmente, o lugar de "primus inter pares" em todos os postos que ocupou, com os resultados brilhantes por nós conhecidos.

E por isso mesmo tinha ascendente marcado sobre os comandados, inspirando-lhes confiança que fascinava.

De sua força de caráter emanava êsse espírito de justiça, inseparável de todos os seus julgamentos. Para isso fazia-se mistér resistir às tentações do favoritismo, o que não lhe custava, dada sua abnegação pessoal ilimitada.

A capacidade intelectual de TASSO FRAGOSO era proclamada em todos os meios. O saber, por êle acumulado, compreendia não somente os conhecimentos profissionais, isto é, ótima instrução militar e técnica, mas ainda sólida instrução geral.

Apoiado nesta última, foi um grande técnico, na acepção ampla do vocábulo, sem prejuízo, porém, de seu reconhecido senso-tático.

Graças ao seu poder de assimilação, lia um pouco de tudo, mas nunca em detrimento dos assuntos profissionais, nem dos conhecimentos gerais indispensáveis.

O espírito de precisão de que era dotado, impedia-lhe estudar qualquer assunto superficialmente; ia sempre ao fundo das coisas. Nada de apreciações superficiais que mascararam os falsos intelectuais. Além de claros e precisos, todos os seus conhecimentos, adquiridos e completados metódicamente, apresentavam-se em ordem à sua memória, e isso lhe permitia rapidez de concepção e de ação, apanágio dos chefes militares de escôl.

Todo êsse saber concentrado, tôda essa pujança intelectual por vezes apreciada no estrangeiro — foi adquirida pelos instrumentos de trabalho que se alinham diante de nós — seus livros.

E volto, assim, ao tema que aqui nos congrega. Todo êsse material de estudo provém do local em que erigiu sua tenda de trabalho: da biblioteca da rua David Campista,

onde se faz mistér situar o General TASSO FRAGOSO para melhor compreendê-lo e, ainda mais, venerá-lo.

Nessa ampla sala, passava tôdas as horas que não eram dedicadas ao serviço e à peregrinação pelos arquivos e livrarias. Nela recebia, com a simplicidade de sua acolhida e com a franqueza de maneiras, pois nada dissimulava sob o brilho da atraente personalidade.

Mais tarde, depois de aposentado de seus afazeres pelas leis do Estado, quedava-se, mais ainda, entre os livros, cercado por uma bela coleção de retratos dos eleitos pela amizade.

Nunca teve cátedra em nossas escolas militares mas, como verdadeiro mestre, ensinou e doutrinou em todos os postos de comando. De seu gabinete de trabalho saíam livros, documentos e indicações, distribuídos no afã constante de ilustrar os camaradas. Tudo quanto sabia, transmitia a quem quizesse, integralmente e sem reservas mentais.

Em plena maturidade de espírito passou, como Renan, a considerar a história a mais alta e a mais digna ocupação de um homem votado aos labores intelectuais. Estou seguro de que para isso contribuiu, sobretudo, o seu grande espírito de brasilidade. Quiz fazer justiça aos patrícios, e com êsse intuito escreveu as obras de fôlego que conhecemos, estilizando, na maior dentre elas, as campanhas de nossos cabos de guerra, em que se encontram, conforme demonstra, batalhas com o sabor das manobras clássicas de Napoleão.

Na descrição das campanhas em tôrno do Rio da Prata, arranca sua narração dos primeiros embates entre castelhanos e portugueses, para a conquista da terra americana. Descreve tudo o que fizemos para conservar a homogeneidade territorial e da raça, profligando as ações injustas e louvando-nos quando bem procedemos.

A segurança do julgamento, a copiosa documentação de base e inflexível sentimento de justiça, fizeram dessas obras um relicário para os jovens oficiais. E para êles foram escritas a fim de que não encontrassem, como seu autor, di-

ficuldades irremovíveis na compreensão do sentido exato dos acontecimentos, referentes à formação da nacionalidade brasileira.

Mas a moléstia progrediu insidiosamente. Enfraqueceram-se os membros. O espírito guardou, entretanto, por muito tempo, grande lucidez. Mesmo assim, não ficava alheio às coisas da profissão, à luta mundial pela democracia, aos acontecimentos marcantes de ordem política e às injustiças sociais.

Esteve sempre acompanhado dos amigos, cuja presença lhe dava real prazer. Em sua casa as portas abriam-se hospitaleiras aos camaradas que o procuravam, com frequência, para pedir-lhe um livro, ou um conselho, ou para submeter à sua apreciação os resultados de determinados trabalhos pessoais.

Os êxitos profissionais e as ações meritórias dos companheiros recebiam logo seu elogio, sóbrio mas sempre preciso e sincero, e o seu julgamento favorável equivalia, para todos, a uma verdadeira recompensa.

A quantos injustiçados não elevou o moral? Aconselhava invariavelmente atitudes dignas, compatíveis com a disciplina e os estimulava para que persistissem em seus bons propósitos.

Acabou católico praticante. Contrariamente ao que sucedeu a Calogeras, cuja conversão ao catolicismo foi, em parte, devida à interferência hábil de um talentoso sacerdote da Companhia de Jesus, sua volta à Igreja, além de consciente, foi espontânea. O retorno à Cruz de Cristo, religião de seus antepassados, processou-se pelo raciocínio puro, pela meditação sistemática e, talvez, pelo culto dedicado à memória da companheira que, na opinião de amigos piedosos, obteve êsse milagre dos altos desígnios da Providência Divina.

A morte já rondava em torno da presa escolhida e sentia-se que vivia seus últimos dias. Não obstante, nada reclamava e não proferia uma única queixa. Pedia somente,

ainda, que o transportassem, diariamente, à biblioteca, onde se quedava, pelo espaço de uma hora, entregue às recordações e no meio dos livros queridos que já não podia abrir.

Não se iludia sobre o fim próximo, mas seus lábios balbuciantes tentavam ainda distraír a família e os amigos, da idéia do próximo desenlace.

Recebeu a morte com a resignação dos justos e com a serenidade dos iluminados e dos que têm a consciência tranquila. Podemos aplicar ao General TASSO a frase imortal de MARCO AURÉLIO: "É necessário conformar-se com a natureza nesse instante fugidio que vivemos; é preciso deixar a vida com resignação, como a oliveira que dá beneficiando a terra, sua nutriz, e dando graças à árvore que a produziu".

Não morreu na biblioteca, mas para lá foi transportado antes de partir para o círculo de seus pares, que o queriam velar. E desta vez tinha-se a impressão de uma despedida a esses mesmos livros, arrumados em altas estantes e emoldurando sua câmara ardente.

Dou aqui meu testemunho sincero: Dos homens com que privei foi aquele que, pela correção de seus atos, pela pureza de suas intenções e pela bondade de seu coração, mais se aproximou do ideal de perfeição humana.

O que acabo de dizer, por demais desvalioso para enaltecer o saudoso General, além do intento de homenageá-lo, tem o fito de tranquilizar sua família quanto ao destino destes livros. Sabemos seu valor real e estamos imbuídos das tradições que encerram. E, queremos, por isso mesmo, dizer-lhes que os saberemos guardar e conservar.

No início, qualifiquei de altruística a doação feita pelos membros da família FRAGOSO. O vocábulo é pobre e o retifico agora porque o gesto de fidalguia é ainda muito mais amplo. Não se despojaram apenas de bens materiais — o que tem importância secundária para gente de tal li-

nhagem espiritual; ofereceram-nos parte de um patrimônio afetivo.

Para eles a venda dos livros de seu chefe venerado, importaria em degradá-los e daí a preferência de confiá-los àqueles que o conheceram e apreciaram devidamente.

Agradeço em nome da Escola de Estado-Maior, o valor da oferta e a confiança nela depositada.

Senhores oficiais :

Faço votos para que esses livros, agora incorporados ao patrimônio material e moral da Escola, sejam bem aproveitados e cooperem eficientemente na formação dos futuros oficiais de Estado-Maior.

Tenho a certeza de que, no decorrer da leitura, será evocada com frequência a memória de quem tanto honrou a Pátria, o Exército e a Família, e cuja figura serena e simpática está materializada no retrato que se alteia aqui, em lugar de honra.

Que dessa evocação venha a inspiração necessária aos que buscam aperfeiçoar os dotes intelectuais e as forças morais com o intuito de bem servir ao Brasil e às suas instituições, como o fez exemplarmente o patrono desta biblioteca.

Industrialização e Soberania Nacional

Adaptação do Cap. Octávio A. Velho

O valor de um exército não reside apenas no número e qualidade de seus efetivos; consiste sobretudo no poder de seu armamento. Já longe vão os tempos em que uma "leva em massa" podia ser improvisada com chuços e arcabuzes para aniquilar pela força numérica uns poucos regimentos mercenários, como se deu em Tabocas ou nos Guararapes.

A indústria moderna colocou à disposição dos combatentes aparelhamentos formidáveis de construção e os povos dotados de um equipamento inferior, por mais valentes e ardorosos que sejam, estão desaparecendo, dia a dia, do mapa político. Hoje quando se fala em efetivos, estes só podem significar unidades armadas com materiais modernos. É evidente, portanto, que as nações desprovidas dos meios modernos de combate, dependendo de outros para obter o equipamento necessário à sua defesa terão, na hora mais perigosa, de ficar numa situação trágica de vassalagem.

Se a autarquia é mais ou menos utópica, em se tratando da vida econômica em geral, é porém um imperativo indeclinável no caso do armamento.

Por conseguinte, nos dias de hoje *soberania nacional* torna-se expressão sinônima de *armamento nacional*. Mas, será sempre possível esta independência de armamento?

Se for, o Governo poderá resistir à pressão e cobiça dos vizinhos e seguir uma orientação autônoma, sem pensar em mais coisa alguma, a não ser os interesses vitais da nação. No caso negativo, será forçado a formar uma aliança ou captar a amizade de um Estado vizinho melhor equipado; mas a aliança com um Estado mais forte é uma forma de dependência que pode passar de vassalagem a protetorado ou quicá a uma anexação.

Poderão todos os Estados soberanos fabricar, cada um para si, o material necessário à sua defesa? E se alguns não o conseguirem, que sucederá à sua soberania e à sua segurança?

Tal o problema objetivo que constitui a preocupação máxima dos líderes políticos e chefes militares. E' essencialmente um problema técnico; porém, a sua repercussão sobre o futuro da nacionalidade reveste-o de capital relevância, colocando-o entre as questões vitais para os povos.

AS INDÚSTRIAS-CHAVE

Todq exército moderno compõe-se de três elementos essenciais: *homens* que constituem as unidades de combate ou asseguram o funcionamento dos diversos serviços; *armas e munições*, que fazem parte do equipamento do soldado; *meios de transporte*, que servindo tanto para o soldado como para seu equipamento, são para os chefes fator indispensável nas cogitações estratégicas.

Os homens, obtêm-se pela mobilização geral, da qual resulta uma força mais ou menos proporcional à importância do Estado e ao território a proteger. Mas para o restante a coisa não é tão simples.

Os armamentos modernos são muito complexos: — canhões de todos os calibres, desde o "Big-Bertha" aos canhões-automáticos, metralhadoras e fuzis-metralhadores, fuzis-automáticos, pistolas e revólveres, granadas e morteiros, bazucas... Cada uma destas armas é por si só bastante complicada; geralmente são compostas de vários tubos de aço especial para resistir à tremenda pressão dos gases desenvolvidos pela combustão dos explosivos. E para os freios e recuperadores hidráulicos e hidro-pneumáticos, dispositivos de funcionamento automático e semi-automático, etc., é necessária uma infinidade de peças e molas delicadas, cujo fabrico e montagem requerem mecanismo de alta precisão e pessoal sumamente adestrado.

Para os transportes, a-par das vias-férreas, locomotivas e vagões de toda a natureza, precisa-se ainda de rodovias e uma variedade enorme de veículos automóveis — caminhões, motocicletas, tratores, carros de combate... Nos mares e sob eles os navios-mineiros e caça-minas, torpedeiros e contra-torpedeiros, cruzadores e encouraçados, caça-submarinos e porta-aviões, navios-hospitais e cruzadores-auxiliares, navios tanques e oficinas, constituem frota e mais frota para defender as costas e sulcar os oceanos. Nos ares, aviões de caça, de ataque, de bombardeio e de transporte, sem falar nas aeronaves auxiliares, nos aeróstatos e nos dirigíveis, constituem verdadeiros enxames numa campanha hodierna.

Tudo isto implica em uma indústria poderosa de construções mecânicas, com oficinas e docas especiais, estaleiros e arsenais, hangares e depósitos, máquinas fantasmagóricas e um corpo imenso de engenheiros, técnicos e artífices ultra-especializados.

E isso não é nada em comparação com o que sucede na indústria de munições. Já passou, há muito, o tempo em que para fazer pólvora bastava misturar carvão, salitre e enxofre. Não há dúvida que o principio ainda é o mesmo: — temos de ligar um combustível de base carbônica a um agente inflamável contendo oxigênio, que para não se inflamar imediatamente tem de ser associado a um elemento não-combustível, o azoto ou nitrogênio; neste caso temos o ácido nítrico. Entramos francamente nos vastos domínios da *Química*.

O carbono é encontrado com o mínimo de impurezas no algodão. A combinação do ácido nítrico com o algodão origina o algodão-pólvora ou piroxina, base das pólvoras-sem-fumaça. A falta, porém, do algodão, podem-se usar hidro-carbonetos, encontrados em grande quantidade no alcatrão, na celulose, na glicerina, etc. Estes diversos produtos, associados ao ácido nítrico, dão-nos toda a escala de tremendos explosivos imprescindíveis à arte bélica moderna. Para assegurar a estabilidade das pólvoras e a eliminação dos resíduos por ocasião da deflagração, são necessários diversos solventes, tais como o álcool e o eter. Finalmente, para o fabrico de gases de combate tem-se recorrido a todas as combinações possíveis, em que o cloro, o fósforo, o arsênico e o bromo, desempenham papel relevante.

Nenhum destes produtos, todavia, se encontra na natureza completamente puro. Para obtê-los em quantidades utilizáveis, torna-se mister construir grandes e dispendiosas fábricas com instalações intrincadas servidas por pessoal capaz e bem treinado.

Portanto, uma nação que valoriza a sua soberania e quer assegurar sua independência em matéria de armamentos, ver-se-á obrigada a possuir em seu território duas indústrias essenciais: — uma importante indústria mecânica e uma desenvolvida indústria química.

Todos os estadistas têm conhecimento deste fato; é por tal razão que vemos pequenos países agrícolas instalando fábricas custosas que não estão em relação com as suas exigências normais e vêmo-los também serem riscados do rol das nações livres pela ponta das baionetas e pelo peso dos carros e das bombas do *mais forte*. Isto porque muitos deles erroneamente julgaram que com umas poucas fábricas de explosivos e algumas oficinas mecânicas tivessem conseguido realizar a sonhada autonomia bélica.

A indústria de máquinas é apenas uma indústria de transformação. Trabalha com ferro e aço em lâminas e em barras, e com todas as qualidades de peças produzidas pelas suas forjas, em aparelhos tais como as fleiras, os reverberos, os fornos "Martín", as retortas "Bessemer", etc.

Esse conjunto representa uma série de instalações caras mas absolutamente exigidas pela defesa nacional. Pois que espécie de inde-

pendência será a de um exército que em caso de guerra tiver de recorrer ao estrangeiro para o abastecimento de aço e de armas?

Os altos-fornos, porém, necessitam de minério de ferro e de carvão.

Este último é absolutamente imprescindível; sem ele não pode haver aço para a fabricação de armamentos, nem alcatrão para a de explosivos. Temos de considerar igualmente o fato de ser fornecido por ele o calor que põe em marcha não só a enorme quantidade de máquinas a vapor, como também certos meios de transporte empregados na condução de tropas, animais, materiais e mantimentos.

Todavia, tudo que foi dito não é ainda suficiente. Para colocar nas estradas uma vasta multidão de veículos motorizados, no ar milhares de aeronaves, no mar a grande variedade de vasos de guerra e sob as águas cardumes de submarinos, é preciso um motor de combustão interna, que requer um combustível especial, líquido e de fácil volatilização: — gasolina, óleo combustível, álcool, benzol... Temos por outro lado de considerar a infinidade de peças e molas desses mecanismos que exigem óleos lubrificantes extraídos dos resíduos do petróleo para evitar o super-aquecimento e eliminar o atrito (1).

Portanto, toda indústria de guerra carece de três elementos fundamentais: *FERRO, CARVÃO e PETRÓLEO*. O país que não possuir em seu território quantidades suficientes destas matérias-primas, não pode armar ou movimentar suas tropas sem autorização dos países fornecedores. "*Sem um carburante nacional não pode haver independência nacional*", afirmou o General *DENVIGNES*. E Lord *CURZON*, que sabia bem o que estava dizendo, declarou: — "*Quem tem petróleo tem o Império*".

Há ainda uma outra indústria não menos valiosa. O ácido nítrico, como vimos, é a base de todos os explosivos, pois contém o oxigênio que queima o carbono do algodão, a celulose, e o nitrogênio que retarda a combustão (até o momento em que o detonador, liberando o oxigênio, produz a deflagração). Por muito tempo esse ácido era encontrado apenas em estado natural no salitre, nos depósitos de nitrato de potássio do Chile e do Perú. A distância, porém, das jazidas, forçou os europeus a procurarem outra solução e isso conseguiram fixando o nitrogênio do ar e o hidrogênio da água em sulfato de amônio. O professor alemão *HABER* conseguiu isto utilizando a alta pressão e o cientista francês *GEORGES CLAUDE*, recorrendo ao gás dos altos.

(1) Foi por falta de lubrificantes que o Estado-Maior do Exército Alemão, na primeira guerra mundial, mau grado terem as tropas penetrado por diversas vezes nas linhas francesas, não conseguiu manter o ímpeto de sua ofensiva, devido ao estado do material rodante. E modernamente, tudo que se refere ao petróleo constitui objetivo de alta prioridade para as Forças Aéreas.

fornos; outros há que produziram cianamida por electrólise. Estes processos, no entanto, demandam calor ou pressão obtidos à custa de electricidade; logo, nos países em que não existe o salitre natural, só se podem fabricar explosivos pedindo auxílio à energia elétrica.

Outrossim, a fabulosa quantidade de motores de explosão que movem rodas e hélices não podem prescindir de equipamento elétrico. Precisa-se também de inúmeros aparelhos de telegrafia e rádio, telefones, lâmpadas e válvulas, equipamento elétrico para radar e projectores e os milhares de materiais de transmissão que permitem ao Comando coordenar as operações, receber informações, transmitir das centrais para os diversos setores as decisões do Chefe. Ficando repentinamente sem todos estes recursos o exército mais poderoso nada mais seria que um corpo inerte nas mãos de um Chefe cego. E é preciso não esquecer que toda esta aparelhagem para funcionar requer geradores poderosos com sua represas, turbinas e dinamos, cabos condutores para corrente de alta-tensão, transformadores que adaptem esta às diferentes necessidades, pilhas e acumuladores, fios de toda espécie e natureza, etc.

Resumindo, vemos que existem de fato quatro indústrias básicas no problema do armamento, e constitutivas do arcabouço da independência nacional: as indústrias de ferro e aço, as químicas, as elétricas e as de combustíveis e lubrificantes.

Como na guerra atual as armas de tiro rápido utilizam quantidades fabulosas de munições e se desgastam com relativa brevidade, tais indústrias devem ser potentes, mesmo em tempo de paz, pois nem as máquinas, nem o pessoal, podem ser improvisados de um momento para outro.

Conclui-se daí que o Estado que quiser controlar efetivamente seu armamento, terá de empatar rios de dinheiro desde o tempo de paz, na construção e manutenção de fábricas que poderão por muito anos manter-se num estado de aparente inutilidade.

POTENCIAL DE PAZ E POTENCIAL DE GUERRA

Felizmente as quatro indústrias-chaves, como o deus Jano bifronte, são suscetíveis de crear material produtivo, tanto quanto material de destruição, atendendo assim simultaneamente às exigências bélicas e às necessidades civis. A cada produto necessário para a guerra — armas, munição, transportes — corresponde um outro útil ao homem em tempo de paz, e ambos os produtos podem sair das mesmas fábricas.

A fundição de canhões e chapas blindadas é feita pelos mesmos aparelhos "BESSEMER, as mesmas prensas hidráulicas, etc. Tudo o que se refere a encouraçados e cruzadores é produzido nos mesmos

estaleiros onde se constroem os grandes transatlânticos, que poderão ser também eventualmente transformados em cruzadores-auxiliares ou navios-transporte.

Os torpedeiros e submarinos trabalham com o mesmo motor Diesel que serve aos rebocadores e às pequenas indústrias. Os aviões militares, tratores e carros de combate podem sair das mesmas fábricas que produzem as aeronaves civis, automóveis e tratores agrícolas.

As mesmas máquinas de estampagem e de tornear que produzem máquinas de escrever e de calcular, podem, com pequenas adaptações, produzir fuzis e metralhadoras.

As vias-férreas e as estradas de rodagem podem servir para transportar as tropas e seu material, como servem normalmente para as atividades civis do país.

Tudo isto é produzido em oficinas, estaleiros, forjas, cujos maquinismos, por sua vez, saem dos altos-fornos, como os ramos de uma única árvore saem todos do tronco.

O mesmo acontece com as munições. Do alcatrão a indústria química obtém o fenol, o cresol e o tolueno, que tanto servem para produtos farmacêuticos como para explosivos (melinite, cresolite, toluite), e o benzol, que pode tanto produzir corantes para tinturaria e pintura como gases lacrimogênicos, sem falar no gás mostarda (iperita).

A celulose pode ser empregada, quer na produção da seda artificial, quer na de pólvoras e papéis sem-fumaça. Com a glicerina podem-se fazer o sabão e a dinamite. Do cloro surgem a caseira água-de-Javel e os terríveis gases vomitantes; o foscênio com a bromina podem dar chapas fotográficas ou gases lacrimogêneos.

Existe, pois, uma série de produtos mistos, úteis, ao mesmo tempo, para o Exército e para a vida corrente. São produzidos em grande quantidade, em tempo de paz, de maneira que uma nação possuidora de poderosa indústria química, incluindo a refinação do petróleo, tem da mesma forma ao seu dispor, e sem prejuízo financeiro, material suficiente para suprir as suas necessidades em ocasião de guerra. Idênticamente, uma nação senhora de grandes indústrias elétricas e metalúrgicas, tem máquinas de duplo emprego, adaptáveis às contingências de uma mobilização.

E' natural, porém, que semelhante adaptação envolva uma série de modificações. Assim como existem certos produtos como o foscênio e aparelhamentos como automóveis, aviões auxiliares e estradas, que podem ser utilizados na guerra sem transformações, existem outros que as não dispensam, e elas levam frequentemente semanas ou meses para sua completa efetivação. Estes casos, contudo, já devem ter sido previstos e as devidas precauções tomadas em tempo de paz.

Em novembro de 1930, o Coronel F. H. PAYNE, do Departamento da Guerra dos Estados Unidos — quando ainda se não vislumbrava a menor possibilidade de um conflito internacional — já anunciava ter relacionado 3.876 produtos da indústria de paz reputados estratégicos. Disse também haver estudado a adaptação de 261 fábricas para as eventualidades da guerra.

Por conseguinte, toda a grande indústria em tempo de paz representa um arsenal em estado latente. É tão verdadeiro este fato que a grande maioria das nações tem preparada de antemão a mobilização geral das indústrias, constituindo comissões especiais para elaborar projetos a respeito e *conservá-los atualizados*. Quanto aos arsenais propriamente ditos, em tempo de guerra assumem um caráter de laboratórios e estações experimentais para treinamento do pessoal técnico, provas de novos materiais, e manufatura de certos produtos especiais.

Vemos assim, que o poder de uma nação não se encontra apenas nos efetivos existentes ou no orçamento, mas sobretudo no seu poder industrial em tempo de paz. Este foi o motivo que permitiu ao *General DENVIGNES* apresentar esta aparentemente espantosa frase: "*No atual estado da técnica o potencial de guerra iguala-se ao potencial de paz* (2).

Tal fato domina a orientação de todos os Estados modernos. Observamos inicialmente que a grande indústria está desigualmente distribuída pelo mundo. Na base de tudo encontra-se o carvão, que, associado ao ferro e aos altos fornos, produz aço, a matéria-prima para todos os maquinismos. O mesmo carvão, graças a processos de destilação em fornos de coque, produz o alcatrão, matéria-prima essencial das indústrias químicas e que em estado natural fornece o carburante para inúmeros motores. Tem sido chamado "o pão da indústria", e é, portanto, também, "o pão da guerra", tão necessário para armar como para alimentar as tropas. As fábricas de ferro e aço, as de produtos químicos e mesmo as estações de energia elétrica, só se desenvolvem plenamente nas regiões carboníferas.

A geologia da Europa concentrou estas regiões num espaço muito reduzido. Se traçarmos uma linha passando aproximadamente sobre Estocolmo, Danzig, Cracóvia, Budapeste, Florença, Barcelona e Bilbao, em volta da França e da Inglaterra passando por Glasgow, ligando depois com Bergen e Estocolmo, verificamos que neste pequeno círculo se encontram as grandes jazidas carboníferas, as grandes indústrias metalúrgicas e químicas, todas as grandes fábricas de material elétrico, os grandes estaleiros, etc.

(2) Naturalmente esta afirmação refere-se apenas ao poderio agrícola e industrial.

Nos Estados-Unidos, pelos mesmos motivos, as referidas indústrias estão concentradas em um quadrado mais ou menos limitado por Boston, Chicago, St. Louis e Baltimore (3).

Embora a população maior e certos recursos técnicos dêem à Europa um maior potencial de guerra que o dos Estados-Unidos, os 48 Estados de Tio Sam formam, devido à sua constituição federal e unidade nacional, um poderio militar e espiritual muito superior, o que ficou sobejamente patenteado na recente conflagração.

O poder "H.P." da Europa encontra-se dividido por 13 nações soberanas (4), de dimensões muito desiguais. Por tal motivo a Bélgica, a Holanda, os países escandinavos, a Suíça e a Áustria, antes do conflito atual fabricavam certos produtos mistos (classificados como estratégicos) em quantidades que exediam bastante as necessidades de seus pequenos exércitos, e outros em quantidades assás insuficientes. Portanto, isto obrigou-as a formar alianças militares com nações vizinhas, de quem eram uma espécie de arsenais suplementares, ou a servir, em caso de guerra, de centros de contrabando de armamento para os beligerantes. Antes de 1939 existiam apenas 3 Estados na Europa capazes de suprir dentro de certos limites todas as exigências de seus exércitos: — a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha. A Rússia até então permanecia uma terrível indeterminação, só hoje levantada.

Do exposto chegamos à conclusão, já hoje lugar-comum, de que um Estado sem indústria nunca está armado.

Sem dúvida poderá instalar no seu território algumas fábricas de mecanismos ou munições, auxiliadas por grandes subvenções e tarifas alfandegárias, devido às quais poderá armazenar uma certa quantidade de material bélico para enfrentar o primeiro choque.

Se a guerra, todavia, se prolongar, bem cedo terá de requisitar matérias-primas e produtos manufaturados a um aliado, melhor dotado, o qual não deixará de impor condições.

Assim foi o caso, em 1914-18, com todos os Estados balcânicos, e em 1940 com a Grécia. Todos eles viram-se obrigados a pedir a Londres, Paris, Berlim e Nova York equipamento para as suas forças armadas. O mesmo se deu com a Bolívia e o Paraguai na guerra do Chaco, em 1936. E o mesmo se repetirá com os países sul-americanos que tiverem de enfrentar um conflito de certa importância dentro dos próximos anos, como sucedeu com o Brasil na guerra que agora findou.

(3) Verificamos assim a incongruência de estarem os nossos centros industriais sendo atraídos pela Capital da República, ao invés de se localizarem nas regiões carboníferas do Sul, ou nas de grande potencial hidro-elétrico.

(4) Não tomando em consideração a situação político-social, transitoria, do continente europeu.

Quer queiram quer não, nenhum Estado agrícola pode ter exército sem auxílio dos grandes Estados industriais, senhores do armamento. Em caso de guerra são intimados a optar e nenhuma neutralidade é hoje possível; sua soberania fica à-vontade do fornecedor.

Estas verdades indiscutíveis devem ser proclamadas e repetidas em tôdas as nações onde ainda há ilusões sôbre as relações entre a indústria e a guerra.

E nós, Brasileiros, tantos anos embaídos pelo lirismo de poetas e pelos sonhos de visionários, precisamos fixar tais conceitos em nossa mente, agora que estamos em pleno reerguimento nacional e em que a vontade do povo traduz-se num anseio único de engrandecimento e emancipação econômica.

A soberania deixou de ser hoje um fato de Direito. Tornou-se um fato industrial, econômico, de riqueza e de força.

Armazem São Jorge

Secos e Molhados — Gêneros de Primeira Qualidade —

Bebidas Finas, Nacionais e Estrangeiras

PREÇOS SEM COMPETIDOR

Manoel Abreu de Barros

ESTRADA DA MAGARÇA, 36-E

MONTEIRO

=[]=[]=

CAMPO GRANDE

Caxias e a Realidade Nacional

(Síntese de uma conferência)

Major RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

A personalidade inconfundível de Caxias apresenta-se sempre fulgurante e cheia de grandes ensinamentos, não só para aqueles que vestem a farda do nosso Exército, que êle tanto honrou e dignificou, elevando-se aos mais altos luzimentos, como para todos os cidadãos e patriotas, por isso que a uns a outros o insigne brasileiro pode e deve servir de modelo inimitável e de guia exemplar e incomparável.

Tôda a vida de Luiz Alves de Lima, com efeito, oferece um campo fértil de exemplos magníficos, constitui seara vastíssima de ensinamentos brilhantes, de tal forma que é verdadeiramente impossível tentar resumir-lhos em algumas linhas, podendo, mesmo, dizer-se que correspondem rigorosamente a êsses exemplos e ensinamentos todos os acontecimentos que assinalam a existência sem igual do grande artifice da unidade nacional. Entretanto, a despeito dessa dificuldade, não se podendo acompanhar, feito por feito, todo o desenrolar de epopéias, que é a vida de Caxias, é sempre possível tirar de sua atividade incessante durante mais de meio século, motivos preciosos para algumas oportunas e proveitosas meditações. Basta, para isso, uma ligeira recordação de episódios diferentes, que retracem, todavia, admiravelmente, seu caráter nobre e suas virtudes heróicas.

Um dos atributos notáveis desse caráter foi, sem dúvida, o respeito sincero e profundo que o grande lidador dispensava sempre aos seus adversários. Em todas as lutas internas do País, tanto na capital do Império, como na Bahia, Maranhão, São Paulo, Minas e, finalmente, no Rio Grande do Sul, a figura de Caxias aparece, primeiro, como general, derrotando os que atentavam contra o regime, a ordem e a lei, em seguida como administrador e organizador incansável, mas sempre consagrando aos que lhe eram contrários, tôdas as considerações possíveis. Esse mesmo critério de homem digno e de soldado honrado, presidiu sua conduta em face do inimigo estrangeiro, como nos indicam claramente as palavras de sua

célebre proclamação de 1851, antes de iniciar a ação fulminante contra a tirania de Rosas e Oribe, assim como, mais tarde, sua admirável "Ordem do dia nº 61", em que o grande chefe exalta a "coragem do verdadeiro soldado: nobre, generosa e respeitadora dos princípios da humanidade."

E' certo que, nessa plasticidade admirável, nessa adaptação inteligente às circunstâncias do meio e do momento que vivia com suas tropas residia uma das características essenciais da personalidade do egrégio brasileiro. Não tinham, com efeito, muitas vezes, cessado ainda de todo os fragores da luta armada e já o guerreiro inexcedível cedia o lugar ao administrador e ao estadista, que realizava como nenhum outro a obra serena e fecunda da paz e da concórdia, respeitando o vencido nem sempre ainda convencido, como que a repetir a lenda delicada do herói da Iliada, cuja espada trazia na ferrugem miraculosa o bálsamo cicatrizante das próprias feridas que havia aberto.

Mas, o que se pode considerar como traço verdadeiramente incisivo e marcante, na longa e acidentada existência de Caxias, é, indiscutivelmente, sua brilhante atuação em prol da integridade pátria, de que êle foi o construtor exímio e sem igual. Não escapou a seu espírito esclarecido a observação clara e perfeita da realidade nacional, na época tormentosa em que decorreram os seus dias. Com admirável senso de previsão, com uma visão nítida das coisas e dos homens, o grande patriota compreendeu e praticou a idéia da unidade brasileira, não cessando de preconizar os meios — os únicos meios possíveis — de realizar e levar a efeito esta política salvadora e indispensável a qualquer país que queira ser respeitado e acatado no concerto dos demais povos. Diversas passagens de sua riquíssima biografia servem para ilustrar essa afirmação. Recordemos, porém, apenas duas entre as muitas.

Processava-se a Revolução de 35. Aos 17 de março de 1843, quando se vai iniciar a fase da luta que poria termo à campanha fratricida, o grande general lança aos intéprios farrapos estas palavras proféticas, a que os fatos posteriores deram inteira confirmação:

"Lembraí-vos de que, a poucos passos de vós, está o inimigo de nós todos, o inimigo de raça e de tradição... Abraceme-nos e unamo-nos, para marchar não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é nossa mãe comum."

Alguns anos mais tarde, quando da célebre "Questão Christie", em documento íntimo, exprime o extraordinário soldado as aflições de sua alma nobre, escrevendo ao Visconde do Ri o Branco:

"Que me diz da questão inglesa? Não se pode ser súdito de nação fraca... Tenho vontade de quebrar a minha espada, quando não se pode servir para desafrontar o meu País de um insulto tão atroz."

A conhecida pendência não estava encerrada e nuvens sombrias começam a toldar os horizontes pátrios, adensando-se cada vez mais lá pelas bandas do Sul. A diplomacia entra em ação, mas Caxias, sempre vigilante, não cessa nem por um momento de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos. E, em outra carta ao mesmo Visconde amigo, datada de dezembro de 1864, manifestava dêste modo o seu ponto de vista:

"... as cousas estão em ponto de serem decididas pelas armas... Nós temos precisão, segundo vejo pelas notícias daí vindas, de pôr em armas, já, um Exército de 40.000 homens das três armas; e como conseguir isto no Brasil, com panos quentes?"

Tôda essa missiva de fins de 1864 é um brado de alarma, um alto grito de alerta em face do perigo já agora inevitável, ante a tempestade a bem dizer já deflagrada. Apesar de tudo, entretanto, as palavras enérgicas e avisadas do invicto batalhador não conseguiram vencer as resistências da época e nem Caxias, com todo o seu prestígio e a despeito de seus indiscutíveis merecimentos, logrou convencer os responsáveis pela situação dominante. E não poucos males e não pequenas desgraças nos veio a custar essa desobediência a uma voz tão autorizada e previdente...

— oOo —

Luiz Alves de Lima, Duque de Caxias, há mais de 60 anos deixou de existir. Quasi um século já decorreu desde aquele período trágico da vida nacional, em que o acendrado patriotismo do cidadão — soldado até hoje não sobrepujado lhe inspirava as advertências angustiosas que se contêm em sua correspondência particular.

Como consequência inelutável da hora turbilhonante que vive o mundo, presentemente, nosso País se encontra, também, como em vida do imortal Duque, na agitação da grande borrasca. Mas, o roteiro a seguir — o único e infalível roteiro para chegarmos ao porto indicado pela nossa dignidade e pela nossa soberania — está desde há muito nitidamente demarcado e conhecido. Traçou-o a figura exponencial e cada vez mais gloriosa de Caxias, com admirável senso de previsão, verdadeira intuição profética e rara oportunidade em qualquer ocasião, principalmente nos tempos atuais:

"Não se pode ser súdito de nação fraca."

Situação Econômica da Bolívia

Resumo da exposição feita pelo Delegado da Bolívia, ALFREDO PACHECO, perante a Junta Interamericana de Defesa, na sessão de 12 de junho de 1945, publicada pelo Boletim da União Pan-americana.

O território da Bolívia é relativamente grande, e de considerável riqueza latente. Suas grandes, inesgotáveis jazidas minerais foram exploradas desde antes da conquista espanhola. Até hoje, porém, a Bolívia é conhecida como o país mineiro por excelência.

Muito embora seja a Bolívia conhecida no mundo como um dos países mais ricos em minerais, cumpre ponderar que $\frac{2}{3}$ de seus habitantes se ocupam nas fainas agrícolas. Sua incipiente indústria emprega apenas 12 mil operários, e a mineração 60 mil. Não obstante o fato de ser avultada a proporção dos que se dedicam à lavoura, os produtos agrícolas não bastam para o consumo nacional, complicando-se o problema com a escassez de meios de transporte, que restringe os mercados, dificultando a permuta de produtos.

A indústria da mineração domina completamente a economia boliviana, correspondendo a 95% do valor das exportações, e fornecendo ao fisco 50% de sua receita. Os artigos de 1.^a necessidade, incluindo alimentos, são trocados pelos produtos minerais do país. A estabilidade da moeda se acha intimamente ligada ao estanho, volfrâmio, antimônio, e outros minerais de menor importância. O perigo que assoma no horizonte nacional é o de ser a Bolívia um país mono-produtor, o que se vem procurando remediar, pela subordinação da economia artificial da mineração à economia baseada na agricultura, e estabelecendo vias modernas para o transporte de gêneros alimentícios a todos os pontos do país.

O futuro econômico da Bolívia apresenta-se entremeado de questões étnicas e culturais tão complexas quanto importantes. Não há negar que a integração do índio na vida econômica nacional é um fator que se impõe para o progresso no porvir. A maneira por que se operar essa evolução determinará em grande parte o futuro da nação.

Para o entendimento perfeito da economia boliviana é necessário lançar os olhos para a configuração topográfica do país, pois

que à tirania de sua conformação física se encontra presa, mais do que alhures, a vida boliviana.

O Planalto, cuja altitude média orça em cerca de 3.925 metros, compreende mais ou menos 14% do território nacional. É aí que se encontram as maiores cidades, os centros mineiros, as rédes ferroviárias, e, pode-se afirmar, grande parte das fontes vivas do país. A despeito da aridez e diminuta fertilidade do território em apreço, o índio, em luta eterna contra a natureza, logrou o milagre de arrancar da terra os produtos para o seu sustento. Assim consegue um pouco de cereais tais como milho, quinua (arroz miúdo), cañahua (espécie de milho), ocas, batatas e algumas hortaliças. Os rebanhos ovinos criados nessa meseta chegam a 5 milhões de cabeças; e a lhama, ao mesmo passo que constitui o meio de transporte dos indígenas, fornece-lhes carne, e lã para sua vestimenta. O panorama pecuário, que não é tão apoucado quanto se crê, é completado pelas manadas de alpacas e vicunhas que esmaltam a paisagem solitária.

Na região entre as cordilheiras e a planície, nos vales, medram inúmeras plantas. Caracteriza-se a zona do Norte por suas matas ricas em madeiras e produtos semi-tropicais, e por sua alta potencialidade hidráulica oriunda dos rios que, saindo das entranhas dos montes, vão lançar-se no Amazonas. Sua temperatura é semi-tropical, variando de acôrdo com a altitude local. Laranjas, limões, café, cana de açúcar, trigo, milho, cevada, batatas — eis os produtos principais da região. Nos vales tépidos cresce a coca, de que se extrai a cocaína.

A zona chã é francamente tropical. São abundantes as chuvas em sua parte norte, diminuindo, à semelhança de outras regiões bolivianas, ao se avançar para o sul, fato êsse que torna necessário obras de irrigação para fins agrícolas. Ao nordeste, isto é, na bacia do Amazonas, os produtos mais importantes são a borracha e a quina, seguindo-se-lhe a cana de açúcar e o arroz. Calcula-se atingirem mais de milhão os bovinos aí existentes. O mercado para êsses produtos, todavia, se restringe às pequenas povoações dessa zona opulenta.

Acompanhando a linha dos meridianos para leste, especialmente nos últimos contrafortes da cordilheira, encontram-se as jazidas petrolíferas, ainda quase inexploradas.

No momento presente os acidentes topográficos travam a marcha do progresso, dificultando e encarecendo o transporte entre a planície e a montanha. As ferrovias para Cochabamba e Sucre diminuíram, por certo, as proporções do problema, ao passo que o serviço de caminhões tem contribuído para o transporte de gêneros, especialmente de frutas, para La Paz e outras cidades, não obstante o que continuam a ser muito pouco satisfatórios os meios de comunicação na região baixa do país.

Indústria mineira — Pedra angular da vida econômica da Bolívia, dela tiram seu sustento cerca de 100 mil indivíduos, isto é, pouco menos de 3% da população total, e a ela se prende a causa do desenvolvimento atual do país.

A mineração, desde os tempos coloniais, deveu seu sustento a relativamente densa população do Planalto; a ela, igualmente, se devem outras benfeitorias, como, por exemplo, a construção das principais estradas de ferro e rodovias. Suas exportações constituem a principal fonte de divisa estrangeira do país, e os impostos que paga correspondem à metade das rendas tributárias do Estado.

A faixa das jazidas do estanho boliviano, cuja produção desde 1920 tem variado entre 19 mil e 46 mil toneladas, se estende ao longo das grandes alturas da Cordilheira Central, na direção geral norte-sul. Poucas são as minas situadas a menos de 3560 metros havendo mesmo algumas em altitudes de 5200 metros.

A exploração dessas minas está nas mãos de proprietários conhecidos. Três grandes companhias produzem entre 70% e 80% do total, dividindo-se o restante entre 500 proprietários, classificados como mineiros médios e pequenos. Os lucros anuais dos pequenos mineiros não excedem, em média, 5 mil dólares, ao passo que as minas de Patiño deram como resultado uma das fortunas mais fabulosas do mundo.

Em 1929, as exportações de Patiño corresponderam a 60% do valor das exportações do estanho boliviano, mas em 1941 haviam descido a 50%. Mauricio Hochschild, que deu início a suas operações lá pelo ano de 1920, obteve cerca de 10% da produção de 1929, chegando a atingir 25% em 1941.

A terceira grande companhia, que é uma corporação suíça, controlada em parte pela família boliviana Aramayo, fornece aproximadamente 5% do estanho do país.

Foi em 1929 que se verificou a maior produção jamais atingida pelo estanho, em que as minas renderam 46 mil toneladas. Em virtude da concorrência das jazidas estaníferas dos Estados Malaios, Índias Orientais e outras regiões produtoras, assim como pela falta de braços ocasionada pela luta decenal do Chaco, depois disso baixou um tanto a produção. Em 1942, entretanto, subiu novamente a 39 mil toneladas, não sendo improvável que a cifra registrada em 1929 possa ser outra vez alcançada.

Apesar do papel dominante do estanho, a Bolívia é ao mesmo tempo um dos primeiros produtores de volfrâmio ou tungstênio, cuja produção, em 1942, chegou a 3363 toneladas. O antimônio, no mesmo ano, somou 17642 toneladas, e o zinco 10 099. Esses números demonstram aumento considerável sobre a produção dos anos anteriores.

Pode-se avaliar a importância da produção mineira da Bolívia, especialmente a estanifera, não só pelos benefícios que dela redundam ao país, mas também pelo fato de ser hoje ele o centro mais importante de estanho no mundo. Deve-se essa situação privilegiada à queda de outros centros produtores no Pacífico, que haviam estado nas mãos dos japoneses.

A maior contribuição feita pela Bolívia à causa da vitória dos Aliados foi o estanho, colocando-se os outros metais citados em segundo plano, importando apenas acrescentar-se-lhes algumas toneladas de borracha e de quinino.

Antes da guerra, o estanho era quase todo transportado à Inglaterra, onde era fundido. Atualmente, cerca de 50% da produção é refinada no Texas, nos Estados Unidos. Ao crescer a procura do estanho ante as exigências do conflito, firmou-se um acordo especial entre a "Metals Reserve Co." e os produtores desse metal, de modo a garantir-se a exportação, em minério, da quantidade requerida para a produção anual de 18 mil toneladas de estanho refinado durante o espaço de 5 anos. O contrato, que caducou este ano, foi renovado por mais algum tempo em condições quase análogas. A refinadora do Texas foi planejada e construída, com uma subvenção do Governo norte-americano, especialmente para o estanho boliviano, chegando a refinar anualmente 25 mil toneladas desse metal.

As principais companhias de estanho exploram os outros minerais de menos importância. Apontam-se duas exceções a esta regra, no caso do cobre, que é explorado pela "American Smelting Co.", e do antimônio, que é extraído de pequenas minas.

Indústria do petróleo — A zona petrolífera boliviana, como já dissemos, abarca quase todo o território ao longo da Cordilheira Oriental, seguindo a linha geral traçada pelos seus últimos contrafortes.

Em 1920 começou-se a cogitar dessa nova fonte de riqueza nacional, de que se descuidara até então, ante a grande prosperidade da indústria mineira. Até o presente a exploração petrolífera não conseguiu suprir o mercado interno, tendo-se de importar cerca de 80% desse produto e seus derivados para o consumo do país.

A causa principal dessa situação se deve à deficiência e alto custo dos meios de transporte. Repete-se aqui o mesmo problema que tolhe a agricultura, podendo-se na Bolívia, talvez com maior exatidão que alhures, aplicar às vias de comunicação a designação de "artérias vitais".

A organização autárquica "Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos", acha-se encarregada de incrementar, estudar e explorar o petróleo nacional, esperando-se que em breve seus esforços se concretizem nos frutos desejados.

O interesse dos países vizinhos no tocante ao petróleo se tem expressado em convênios, firmados tanto com a República Argentina como com o Brasil, nações essas que têm facilitado capitais para a construção das ferrovias de Santa Cruz respectivamente a Yacuiba e Corumbá, e às quais se concederam, em compensação, privilégios especiais.

O que se projeta, para futuro próximo, é, em primeiro lugar, a construção de estradas de ferro e rodovias, e a de oleodutos para a zona alta, de maior densidade demográfica.

A produção alcançada em 1942 não ultrapassa 10 milhões de galões, *grande parte dos quais foram enviados à Argentina, em cumprimento aos tratados existentes.*

— o O o —

Situação financeira — A partir da terceira década do presente século, passou por uma transformação radical a situação financeira da Bolívia.

Para se reorganizar completamente o sistema financeiro do país, contrataram-se os serviços da missão Kemmerer. Atendeu-se a quase todas as recomendações dessa comissão de peritos, criando-se o Banco Central da Bolívia, a Fiscalização Geral da República, a Superintendência dos Bancos, a Companhia Nacional de Arrecadação, etc. Posteriormente foi esta última substituída pela Diretoria Geral de Impostos Internos.

Baixou-se em 1939 um decreto para nacionalização do Banco Central da Bolívia, única organização que emite papel-moeda, fundando-se no mesmo ano o Banco Mineiro da Bolívia, encarregado de fomentar a indústria mineira. Mais tarde procedeu-se à criação do Banco Agrícola, projetando-se ainda a fundação do Banco Industrial. Todos esses estabelecimentos bancários foram formados com capitais fornecidos pelo Governo. No correr dos últimos anos, abriram-se sucursais bancárias no Peru e na Argentina.

A balança comercial é favorável à Bolívia. As principais exportações são minerais (95% do total), constando as importações de produtos manufaturados (50%), víveres (26%), matérias primas (15%), e o restante, de gado.

A indústria manufatureira se encontra ainda em estado embrionário, donde exercer extraordinária importância a situação econômica dos importadores de matérias primas.

Tanto nas exportações como nas importações figuram os Estados Unidos em 1.º lugar, vindo depois a Argentina, Inglaterra, Perú, Chile, etc. (*)

As inversões estrangeiras no país orçam em 100 milhões de dólares, no caso dos Estados Unidos, seguindo-se a Inglaterra com 50 milhões, e outros países com menores importâncias.

Atualmente a preocupação máxima é restabelecer o equilíbrio econômico da nação, para o que foi fundada pelo Governo, com a assistência dos Estados Unidos, a "Corporación Boliviana de Fomento", que além de projetos de longo alcance no campo da agricultura e das comunicações, visa igualmente incentivar a mineração, a exploração petrolífera e a educação popular.

(*) — O Brasil, como sempre no que diz respeito à política econômica, prima pela ausência. E no entanto nos achamos em posição privilegiada com relação à Bolívia, país com o qual temos justamente a maior linha de fronteiras, numa extensão de 3127,129 km. ou sejam 13,22% do contorno territorial brasileiro (Dados do Anuário Brasileiro de Estatística — I.B.G.E., 1939/1940).

Tamancaria «Campo Grande»

Grande fábrica de tamancos de todos os tipos.

TEIXEIRA, RODRIGUES LTDA.

RUA BARCELLOS DOMINGOS N.º 39

CAMPO GRANDE ——— DISTRITO FEDERAL

HISTÓRIA E GEOGRAFIA MILITAR

"A medida que se amplia o domínio da guerra, o espírito dos que a fazem deve também se ampliar. O oficial de real valôr não mais se pôde contentar com a cultura profissional, com o conhecimento da conduta das tropas e da satisfação de suas necessidades, nem se limitar a viver isolado. As tropas são, em tempo de paz, a fração mais jovem e viril da Nação e, em tempo de guerra, a própria Nação em armas. Como, sem uma constante intercomunicação com o espírito que anima o país, poderá o oficial explorar semelhantes meios? Como poderá encarar os fenômenos sociais característicos das guerras nacionais, sem uma certa cultura moral e política, sem conhecimentos históricos que lhe expliquem a vida nacional, no passado e no presente? Cumpre repeti-lo: a técnica por si só já não é suficiente. E' preciso reforçá-la com uma grande soma de outros conhecimentos."

Marechal Foch

SÔBRE GENGIS CAM

(Continuação)

Cel. J. B. MAGALHÃES

VII

AS OUTRAS CONQUISTAS

Em 1214, Gengis Cam retornou pela quarta vez à China e desta vez aí fixou seu poderío, extendendo-o até a Mandchuria e a Coréa. Apenas o Sul e o Tibet Chinês, continuavam livres.

Gengis deu o Comando da invasão a *Orkhon*, o mesmo que fez mais tarde tremer a Europa, e assistiu à campanha de seu acampamento fora das muralhas.

Terminada a guerra organizou a conquista. Deixou um filho como autoridade militar suprema e deu os postos

civís aos chineses seus aliados do Norte. Soube admirar a coragem dos letrados e mandarins que combateram mesmo abandonados por seu Imperador. Respeitou os sábios.

Depois retirou-se para o Gobi, onde fizera de Caracoro sua séde imperial, trazendo tesouros e mestres para o seu povo.

O sábio chinês Chutsai, que o acompanhava, exerceu depois grande e benéfica influência junto a êle e ao filho que o sucedera.

Porque não se instalou Gengis Cam na China? E' que não se deixára perturbar pelas suas maravilhas, de uma civilização muito superior à de seus nomadas, as quais no entanto, soubera admirar e julgar.

Duas razões parece haverem dominado em seu espirito: — uma, ter compreendido que sua força resultava das sinergias da vida nomada, cujos costumes não queria totalmente abandonar; — outra, é que de lá, de Caracoro, poderia superintender melhor o seu Império que agora intencionava talvez estender para o Sul e para o Oeste.

E não tardou em fazê-lo. Mas primeiro pôs em ordem o que já era seu. Repartiu as funções públicas pelos que mostravam mais aptidões e conforme a capacidade de cada qual.

Policiou o Império de tal modo que era possível viajar através dêle, de um extremo a outro, sem correr perigo. Criou uma rêde de grandes estradas. Desenvolveu o comércio. Aproveitou os mestres chineses para instruir seu povo, e a atração das caravanas que agora afluíam para sua rústica capital, para enriquecer a sua gente e dar-lhe bem estar, sem a enfraquecer.

Não se descuidou do seu Exército. Nêle também soube aproveitar o que de bom encontrou na China, inclusive a pólvora e alguns generais.

Dos contactos de fronteira e por intermédio do comércio das caravanas, conheceu muito da existência e vida dos povos do Sul e de Oeste. Soube que havia países onde a

neve jamais caía e outros onde se faziam laminas de fino aço, artigos de marfim, jóias de pedras preciosas, ricos tapetes e outras raridades.

Sentia quanto isto era atraente e também quanto êle mesmo já impressionava o mundo asiático, pois enviavam-lhe embaixadores, cresciam os visitantes e as caravanas eram mais frequentes, não obstante haverem de transpôr, para chegar a Caracoro, as mais altas paisagens do mundo. Conheceu também um pouco da história dêsses povos, de seus costumes e crenças, pois jámais perdia oportunidade em aprender cousas úteis.

Tinha tropas bem comandadas por Chépé Noyon e Orkhon acampadas nas altas montanhas guardando as fronteiras do Sul, mas não pensava ainda em guerra, pois então mais lhe interessava o comércio. Mostrava particular interêsse pelos artigos maometanos, notadamente, as suas armas de combate.

Nesta ordem de idéias, enviou ao seu vizinho do Sul, mais próximo e poderoso, senhor de um grande domínio, o Xá de Karesm, uma embaixada propondo-lhe amizade e comércio. Seus enviados levavam numerosos e ricos presentes e uma mensagem em que tratava o Xá de seu querido filho.

Êste tratamento desagradou o monarca maometano, pois, si o aceitasse, colocar-se-ia na situação de protegido. Sentiu-se humilhado, tanto mais quanto pouco sabia pessoalmente, por orgulho, a respeito de Gengis Cam, bárbaro do Norte. Todavia recebeu os embaixadores e crivou-os de perguntas, mostrando dúvidas a respeito do que diziam dos feitos de seu imperador.

Só ficou satisfeito quando lhe responderam que seus exércitos eram mais numerosos que os dêle.

Aceitou fazer um acôrdo comercial por um ano. Não obstante, porém, êsse acôrdo, uma caravana mongólica, foi logo aprisionada na fronteira e os comerciantes que a levavam, sob o pretexto de serem espiões, todos massacrados.

Gengis Cam ao saber disto, indignou-se e protestou. Os novos embaixadores que por esse motivo enviou ao Xá, foram também mortos a mando deste. Então, Gengis Cam decidiu-se pela guerra. "Não podem haver, concluiu êle, dois sóes no céu, nem dois supremos senhores na terra". Votou ódio intenso aos povos do Islã.

Depois de se informar bastante sobre os seus novos inimigos e de tudo haver minuciosamente preparado, mandou dizer ao Xá: "escolheste a guerra, o que vai succeder só o ceu pode saber".

Reuniu os chefes e lhes disse que iam vingar-se do homem que havia escarnecido dêles. Em seguida, foi visitar os acampamentos.

Iniciou, então, a nova campanha, aos 56 anos de idade. Seu numeroso exército que compreendia agora forças de vários povos, inclusive chineses, pôs-se lentamente em marcha. Levava interpretes e mandarins para a administração das conquistas e junto ao Comando Supremo o sábio Chutsai. (6) De nada Gengis Cam se havia descuidado, nem mesmo esquecera os destacamentos destinados a recuperar as cousas perdidas.

Chepté Noyon, que guardava a fronteira das altas montanhas, foi reforçado com duas *tumans*, comandadas por Juchi, filho de Gengis. Não tardou em iniciar a invasão. Ainda o grosso vinha em marcha e já esse destacamento começava as operações o que levou o Xá a se enganar.

Transpostas as regiões altas e geladas, o exército apressou sua marcha, aproveitando todos os caminhos utilisáveis

(6) — Ye-Lui-Chut-Sai, era tártaro de origem mas se fizera letrado chinês eminente. Exerceu grande influência em Gengis Cam e foi depois o principal ministro de seu filho Ogotai a quem êle fizera seu sucessor. Dêle diz Pierre Laffitte: "iniciado em todas as ciências da China e ao mesmo tempo nos conhecimentos astronomicos mais profundos dos mussulmanos. Além de ter introduzido tais conhecimentos na China, fez compreender a seu Senhor a importância, a necessidade de se servir dos letrados como juizes e administradores. Começou assim com devotamento e habilidade a incorporação dos conquistadores na civilização chinesa, de maneira a assegurar a continuidade do progresso desta civilização".

e, ao cabo de um percurso de dois mil quilômetros, alcançou as fronteiras do Islã, onde dominava o Xá. Aí se concentrou.

Entrementes Chepté e Juchi, travavam feroz batalha na qual a superioridade de forças do inimigo levou-os de vencida. Foram recalçados para as montanhas.

No entanto, as perdas sofridas, a impetuosidade das cargas e o modo de combater dos mongólicos haviam impressionado fortemente o Xá, que antes os depresara. Mas onde estava Gengis? Isto certamente já o inquietava.

O Chefe dos mongólicos informado do que ocorrera, mandou a seu filho Juchi um pequeno reforço de cinco mil cavaleiros, o que facilitou a êste e a Chepté retomar a ofensiva, justo no momento em que êle empenhava uma tremenda batalha mais além e numa larga frente.

Entrara Gengis Cam na luta. Surgira inesperadamente no vale do Syr que transpuzera não se sabe onde e avançava contra Bocara e Samarcão as duas mais importantes cidades do Xá nessa região fronteiriça.

Depois do encontro com Chepté e Juchi, o Xá embora vitorioso, ficou com receio do que poderia acontecer futuramente e, tratou de mandar buscar recursos no sul de seus domínios, dispondo-se a aguardá-los na defensiva. Preocupado com a defesa de Bocara e Samarcão repartiu por elas e pelas passagens do Syr, para as cobrir, seus efetivos.

Enquanto assim se enfraquecia, mesmo sem saber por onde andavam as forças de Gengis, sem ter informações bastantes, decidindo a priori por mera suspeita ou efeito de sua imaginação, aquele avançava com várias colunas convergentes sobre o Syr, e progredia na direção de Bocara.

O Xá, ao ter conhecimento disto ficou atônito e tanto mais quanto não tardou em saber que forças mongólicas, as de Noyon, desciam sobre seu flanco ameaçando sua retaguarda e cortando os caminhos por onde esperava receber reforços. Sentindo o perigo, deixa Bocara e dirige-se para

Samarcão sob o pretexto de ir ao encontro dos reforços que esperava.

Era muito tarde, porém. Já as colunas de Gengis atingiam Bocara cuja guarnição de 20.000 homens, sentindo-se desamparada nem sequer aceitou a luta. Eram turcos que à noite se escaparam para irem juntar-se ao Xá.

Gengis Cam de posse de Bocara, não se deteve aí mais de duas horas. Continuou para Samarcão em perseguição do Xá. No caminho reúne a si outras forças. Aborda sem perda de tempo essa cidade que era o mais forte baluarte do seu adversário, bem fortificada e defendida por cem mil homens.

Não dispunha de um tão grande efetivo no momento, mas soube aparentar possuir forças numerosas. Sitiou a cidade e, para executar os respectivos trabalhos, fez vir os cativos de Bocara e reuniu povo das proximidades da cidade.

O Xá, vendo a multidão de trabalhadores, deduziu que a *horda* era muito mais potente do que na realidade. Todavia tentou uma sortida que fracassou e sofreu numerosas perdas, o que mais o convenceu da superioridade numérica que graciosamente atribuiu ao seu adversário.

Nêsse estado d'alma estava e sentiu-se definitivamente batido. E tratou de abalar em busca de lugar seguro. Gengis Cam, porém, não lhe dá tempo de encontrar o que procurava. Manda-o perseguir até as bordas do Caspio, numa de cujas ilhas o infortunado rei e já desamparado monarca, pode homisiar-se a salvo da cavalaria do povo que desde n'hara. E esta, então, na carreira que levava chegou até a Rússia, tomando o primeiro contacto com o Ocidente...

Em Samarcão, para o Grande Chefe, estava terminada a campanha. Não tratou, porém, os povos maometanos como tratara os chineses. Detestava-os e foi cruel. Arrazou cidades, escravizou e massacróu populações. Depois tornou ao Gobi, de onde continuou a melhorar o seu Império, incorporando nêle as novas conquistas, os antigos domínios do Xá que se estendiam até a Índia.

Não poudé, porém, desde logo dedicar-se inteiramente às suas pacíficas tarefas. Remanescentes dos domínios do Xá levantavam em guerra o estandarte do Islã, e, com o Afeganistão, reuniam efetivos da ordem de sessenta mil homens.

Ao saber disto Gengis Cam avança contra êles e invade a Índia com forças numericamente equivalentes. Manobra de modo a impedir a junção das tropas do Afeganistão com as da Índia, para assim adquirir superioridade numérica contra seu inimigo principal. Não obstante, tropas turcas do Afeganistão, tendo batido um dos seus destacamentos, haviam logrado reunir-se às da Índia.

Gengis Cam ao saber disto fica furioso e ataca impetuosamente a primeira cidade islamica que tem em sua frente. Toma-a, arraza-a e massacra a população. Procede com tal crueldade que até mongóis se surpreendem.

Depois reuniu a si as forças batidas de que *Orkhou* era o chefe. Recebeu a êste friamente. Levou-o ao campo de batalha onde fôra batido e apontou-lhe os erros que cometera. As suas tropas dirigiu-se com exortações para que fossem devotadas.

Em seguida, tomadas certas precauções contra o Afeganistão, continuou a avançar na direção do inimigo principal, que se retira em busca do Indús.

Mas Gengis o alcança em breve. Nem lhe dá tempo para postar-se atrás da impetuosa corrente.

A posição que os maometanos ocupam é bastante forte com um flanco apoiado no rio e o outro em montanhas julgadas inacessíveis. Sabiam, por não poderem transpor o curso d'água em segurança, que só lhes restava matar ou morrer.

Não demoram os adversários em estabelecer o contacto em toda a frente. O Grande Chefe mongólico avança a retaguarda do centro de sua linha de batalha, com o seu estandarte e sua guarda de dez mil homens, como reserva.

Desde que os maometanos o veem bastante perto, atiram contra a sua ala esquerda a respectiva ala direita, em regra, a mais forte nos seus exércitos. A esquerda dos mongóis recua e se dispersa. Depois reúne-se sob as ordens de um filho de Gengis e retoma a luta.

A direita mongólica também se chocara, quasi no mesmo instante com a esquerda dos contrários, mas não pudera avançar, pois esta fôra rapidamente reforçada pelo seu denodado chefe. Este, vendo a situação pouco definida e determinado a tudo arriscar, carrega furiosamente, com o escol de sua gente contra o centro mongólico e rompe-o, orientando-se pelo estandarte de Gengis, certo de ir ao seu encontro. O Grande Chefe, porém, já não estava lá.

Havendo notado a fraqueza de sua esquerda, e a situação do inimigo, para aí se dirigira, depois de lançar seu ardente lugar-tenente Noyon através das *montanhas inacessíveis* para contornar a frente adversa e cair contra sua retaguarda.

Atacava-o assim no ponto mais sensível da batalha sem se importar com o que se passava alhures. Repelida a ala forte do inimigo dirige-se sôbre o seu centro tomando-o de flanco, enquanto Noyon chega de través.

Estava ganha a partida. O Chefe maometano, no entanto, conseguira escapar com um grupo de cavaleiros que não chegavam a um milhar de homens, dirigindo-se para o rio. Só êle, porém, se salva lançando-se à impetuosa torrente. Estava terminada a conquista dos domínios do Xá.

Gengis ficava assim, doravante, senhor incontestado de um vasto império, do Tibet ao Caspio e que avançava para o Sul até dentro da India. Regressa ao Gobi e continua sua obra organizadora e pacífica.

Reparte as regiões conquistadas por seus filhos e principais chefes mongólicos e fica governando de longe em Caracoro.

Não podia ainda, porém ficar tranquilo. Na China do Sul e no Tibet manifestam-se resistências a eliminar.

Pôs-se então novamente em campanha. Lançou o seu grande general Sabutai, o que mais tarde foi incumbido da invasão da Rússia, contra os Yung da China do Sul e foi em pessoa lutar no Tibet onde a tarefa era mais difícil. De fato, aí se haviam reunido todos os remanescentes dos seus antigos inimigos, chineses e turcos principalmente, que haviam escapado ao cruel destino dos prisioneiros.

Marchou no inverno. Encontrou o exército inimigo e bateu-o. Nessa luta, morreram ainda tresentos mil homens.

Entrementes a campanha na China prosseguia fraca. Batido portanto o Tibet é contra ela que Gengis vai atuar diretamente, disposto a tudo destruir.

Mas o sábio Chutsai, atreveu-se a protestar contra o aniquilamento de seus patrícios. Interpela-o: "Si este povo morrer, como te poderá ajudar e reunir riquezas para os teus filhos?" O argumento era forte e o animo de Gengis Cam se abrandava... Responde-lhe: "Governarás então, estes povos para servirem fielmente a meus filhos". Mas continuou a avançar. Não chegará, porém, ao fim. No vale do rio Amarelo, sabe da morte de seu filho Juchi, e isto o abala profundamente. Sentiu dor profunda, sem nada, porém, deixar transparecer. No exército tudo continuou a se passar como se cousa alguma de extraordinário houvesse acontecido.

Pouco depois morre o filho de Ogatai, seu neto, e o Cam proíbe o pai de chorar!...

Mas a morte de Juchi o ferira demasiado fundo. Chama para junto de si Tuli, também seu filho. Reune os generais e lhes explica como devem prosseguir na campanha. Reparte as terras por eles: Tuli governará a China; Chagatai ficará no Oeste; Ogatai será o Grande Cam, em Cáracoro.

Depois, sem um queixume, expira. Foi em 1227. O mundo que deixava em herança abarcava a China, inclusive a Coreia, o Turquestão, a Persia, a Armênia, a Índia até o Lahore, império que se ia estender depois por todo o

sul da Rússia até a Hungria e a Silesia. E tudo estava em ordem, havia estradas e uma administração bem organizada, regendo um comércio intenso.

VIII

DEPOIS DA MORTE DE GENGIS CAM

Passados dois anos do desaparecimento do Grande Cam, reúnem-se em Caracoro seus filhos e grandes chefes militares para aclamar Ogotai escolhido por seu pai para substituí-lo, por ser o mais generoso, sincero, simples e franco dos seus herdeiros, embora não fosse o mais velho dos seus filhos vivos. Mas Ogotai reluta em aceitar o cargo e somente se investe da grande responsabilidade, passados quarenta dia, quando vê seu irmão mais velho, logo seguido de todos os demais soberanos e generais, vir se ajoelhar a seus pés e rogar que aceite a sua obediência.

O sábio Chutsai, ficou sendo seu conselheiro e grande ministro.

Em 1235, Ogotai solta a avalanche que, com Sabutai à frente penetra pela Rússia até a Hungria e a Silésia, levando tudo de roldão. Então, como seu pai o fôra pelos maometanos, os cristão o chamam de *flagelo de Deus...*

Em 1241, Ogotai morre e é sucedido por Kubilai, filho de Tuli, o qual já imperando na China aí fundara uma nova dinastia, a dos Yung. Não veio mais este Cam residir em Caracoro. Ficara em Peking que erigira em capital da China. E já mais chinês do que mongolico. Fôra absorvido, como muitos outros invasores, pela superioridade de civilização do povo conquistado.

Com isto a China lucrara, mas o Império de Gengis Cam se enfraquecera, pois *Peking* era muito longe para um governo com responsabilidades até além do Caspio. Os contactos entre os chefes secundários e o chefe supremo foram rareando e acabaram por se tornar inexistentes, rompendo-se os laços que os prendiam.

Não tardam a surgir sintomas de decadência e consequente desmembramento.

Em 1260, tropas do Egito infligem a primeira grande derrota aos mongóis, barrando-lhes a penetração pelo sul do Mediterrâneo. Em 1369, há um revigoração de suas energias com Tamerlão, não mais com a mesma pujança de outrora e orientadas sómente para o sul, a Índia.

Em 1480, os russos sacodem o jugo, não pagam tributo nem prestam mais homenagens ao Grande Cam.

Nêsse largo periodo, a pouco e pouco, os conquistadores foram sendo absorvidos pelos conquistados. Adotam costumes, hábitos, crenças e mentalidade daqueles que sujeitaram. O vasto Império se decompõe em numerosos Estados.

IX

CONCLUSÃO

APRECIÇÕES E JULGAMENTOS SÔBRE A OBRA DE GENGIS CAM

- 1) — "A despeito da selvageria mongólica durante as guerras eles eram surpreendentemente humanos para os povos conquistados. Admiraram a cultura chinesa e se interessaram por seu desenvolvimento. Os Grandes Cans compreendiam o valor do concurso estrangeiro. Utilizaram os letrados e generais chineses. Empregaram engenheiros chineses até no Eufrates. Foram os mongólicos que construíram o grande canal para o transporte de arroz de *Hangchow* à *Gumbuluc* e *Peking* pelo *Tientsin*. Patrocinaram o drama, a novela e as danças."

Depois foram decaindo até a loucura da inflação :
"Metals, always scarce in China, had in this period been augmented by gold and silver which came from Europe in payment for silk. But instead of keeping it as a reserve for their paper concurrency they foolishly wasted it in large gifts to the imperial family and to

victorious generals." (Extraído de — *A Short History of the Chinese* — por Mary A. Nourse).

- 2) — "Os mongóis aparecem de súbito na História. Mostravam conquistas sem precedentes. Eram um povo nomada que sucedia aos hunos".

... "Suas operações militares, extendendo-se do baixo Vistula à Transilvânia, fôram na verdade, conduzidas com ordem e arte notáveis. Nenhum chefe militar europeu dessa época poderia conceber semelhante campanha e nenhum exército teria sido capaz de executá-la. Nenhum general da Europa até Frederico II da Prússia chegava aos pés de Sabutai. Notemos que os mongóis não se aventuraram a essa empresa militar senão com pleno conhecimento da situação política da Hungria e da Polónia, que a espionagem lhes havia permitido estudar minuciosamente. Os húngaros e as potências cristãs do lado contrário, como bárbaros ainda na infância nada sabiam a propósito dos seus inimigos". (*História do Mundo* de H. G. Wells — Trad. de Gustavo Barroso).

- 3) — "A despeito da Grande Muralha, os tártaros invadiram a China e conquistaram grandes áreas ao Norte. E assim como os hunos quebraram a organização do Império Romano e ajudaram a mergulhar a Europa na Idade Média para uma longa noite de cem anos, assim também as invasões dos tártaros desorganizaram a vida da China e lhe interromperam a marcha da civilização. Mas podemos julgar do caráter e da cultura dos chineses pelo fato de que a perturbação não conseguiu os mesmos resultados que produziu em Roma. Depois de um intervalo de guerras, de caos e de mistura racial com os invasores, a civilização chinesa retomou seu curso, numa brilhante ressurreição. E o sangue tártaro serviu para revigorar o sangue de uma nação talvez já cansada. Os chineses aceitaram os conquistadores, fundiram-nos, civilizaram-nos e retomaram a marcha para

o zênite de sua história". (História da Civilização de W. Durant — 1.^a Parte — Tradução de M. Lobato).

- 4) — "Esta dinastia de conquistadores pode ser considerada entre as que mais contribuíram para a grandeza da China. Foi Hu-pi-li (7) que fez *Peking* a Capital do Império. Foi em seu reinado que se introduziu o *la-maismo*, vindo do Tíbet, cuja característica é a organização clerical. Morreu em 1294 tendo aperfeiçoado a administração chinesa e dado mais firmeza às instituições militares. Em suma, manteve esta dinastia a grandeza do Império e contribuiu para o seu desenvolvimento interior". (Cons. Gerais sobre o Conjunto da Civilização Chinesa, etc. — de Pierre Laffitte).
- 5) — A influência revigorante, organizadora e aglutinante da obra de Gengis Cam não se limitou à China. Foi muito útil à Rússia, onde pela ordem aí estabelecida e a introdução de um sistema de administração permitiu a reunião de todo o sul daquele imenso país em torno de Moscou e depois a incorporação do Norte.

A superioridade de seu sistema político, apoiado em sua força militar submeteu e disciplinou os povos cristão os quais, mercê da tolerância religiosa dos invasores, puderam reunir-se e fazer-se solidários sob o estandarte da cruz de Cristo. O termo que puzeram nas lutas entre os diversos príncipes russos e a preponderância dada ao príncipe de Moscou, foram o elemento central da construção da unidade russa e da criação de sua própria força, o que lhe permitiu mais tarde, com a decadência dos Cans reagir sem se decompôr.

(8).

(7) — Nome chinês de Kubilai, filho de Tuli e neto de Gengis Cam.

(8) — Ver o Fenômeno Militar Russo — Do autor.

Brasil — Atlântico — Marinha

CAP. JOSÉ CAMPOS DE ARAGÃO

A necessidade de uma grande Armada Nacional é consequência lógica da expressão geográfica do Brasil no Atlântico

Com uma fronteira marítima de mais de 6000 km de extensão, partindo quase do mar das Antilhas e indo até quase o estuário do Prata, é o Brasil o país sul-americano cuja situação geográfica tem maior repercussão sobre as águas do lendário Atlântico.

Por outro lado, a recíproca é verdadeira: nenhum país sul-americano, pela sua posição geográfica, mais depende das águas deste grande oceano do que o nosso.



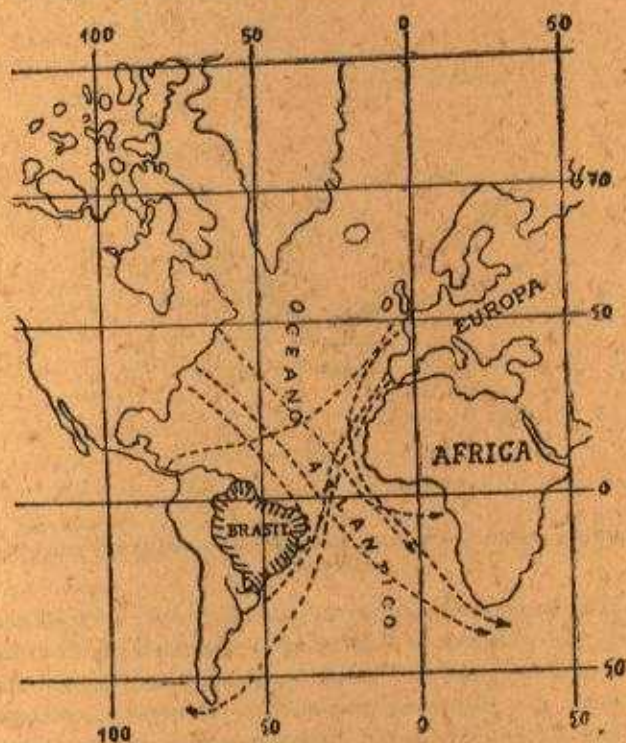
Mais de 6.000 km. de fronteira marítima

Decisivo tem sido o seu papel nos destinos da terra brasileira.

Nos campos econômico social e político tem sido o Atlântico a grande via através da qual nos tem chegado, das civilizações mais evoluídas, todas as bases em que se assentam o progresso cultural e material de nossa Pátria.

Em período normal, foi sempre o mais transitado dos mares. Suas linhas de navegação somam quase um terço das que se desdobram em todo o globo. Tal fato, por si só, dispensaria qualquer consideração sobre sua importância.

Não será, pois, exagero atribuir como fator preponderante à crise mundial, verificada em muitos países, durante a guerra, a perda da liberdade de ação da navegação atlântica.



Visão esquemática do feixe de linhas de navegação que interessam ao Atlântico Sul

Verdadeiro descalabro provocou a atuação submarina alemã.

Para nós ela chegou a tal ponto que, em certo momento, tivemos praticamente o Brasil fendido ao meio. Chegaram a campear, com tal audácia, os sanguinários submersíveis, em nossas águas, que por meses manteve-se paralisada, até mesmo, a navegação de cabotagem.

Circunstâncias alheias à vontade nacional levaram a guerra a nos colher com lacunas graves na dotação material de nossa frota de guerra, ou melhor, em situação que muito deixava a desejar, para um país como

o Brasil, cuja vida se entrosa com tanta intimidade no destino do Atlântico. Pelo que ficou evidenciado, na guerra, temos, talvez por forças imponderáveis, nos atrasado no problema naval, nas proporções que a nossa projeção geográfica, assim exige.

De uma ligeira análise de posição geográfica do Nordeste ressaltam logo vantagens militares acentuadas que se contrabalançam, contudo, com desvantagens, também acentuadas.



O triângulo estratégico que possibilita o estrangulamento do Atlântico

Esta lança da terra brasileira, voltada na direção África-Europa, cuja ponta se pode considerar o arquipélago de Fernando de Noronha, é na realidade uma arma poderosa. Permite a possibilidade de estrangular o Atlântico, desde que se possua uma marinha numerosa e potente. Além disto, as bases aéreas desta região podem assegurar, também, um controle até mesmo no mar das Caraíbas.

Precisamos não esquecer que o famoso triangular:

RECIFE

NATAL

F. NORONHA

foi, no dizer do operoso Almirante Jonas H. Ingram, o trampolim da vitória na África.

Mas se por outro lado, não devotarmos ao problema naval o grão de importância que êle exige não teremos aproveitado os ensinamentos da guerra.

Em certo momento do conflito, quando os alemães ameaçavam Dakar, o triangulo tinha outra significação para nós.

Aparecia com a fragilidade de um saliente que poderia servir de presa fácil e cabeça de ponte prestimosa, em caso de sucessos germânicos mais pronunciados no continente negro.

Felizmente, a política acertada de cooperação inter-americana veio trazer-nos o valiosissimo auxílio não só da Marinha de Tio Sam, como também de sua excepcional fôrça aérea.

E ficou por demais provado que foram as patrulhas ianque-brasileiras o fator preponderante no dominio do Atlântico-Sul, a partir da fase média da guerra.

Não será nunca de mais ressaltar o desassombro dos nossos marujos, principalmente antes da cessão das bases aéro-navais aos americanos do norte.

Quanto ao preparo moral e técnico dos nossos marinheiros constituiram conforto e mesmo orgulho para nós.

Somos testemunhas pessoais da abnegação dos nossos homens do mar. Centenas de missões foram por êles realizadas, seja em proteção de comboios, seja em patrulhas de vigilância, seja, mesmo, a caça de submarinos inimigos.

Uma página digna de grifos na histórias da atuação da Armada é a que se refere aos nossos "Caça-Minas".

Navios pequeninos, aptos a operações especializadas de minas, dotados de armamento pouco potente, tiveram, entretanto, inumeras vezes que arcar com missões, muitas vezes, exigindo navios de classe duas ou três vezes superior.

Comboios importantissimos largaram de portos brasileiros do Sul e do centro, para as plagas do Nordeste e Norte, sob a guarda destes intrepidos navios, que, para nosso maior orgulho, saíram da mão de obra nacional, dos estaleiros da ilha do Viana.

Para se fazer um juizo perfeito da atuação de nossas corvetas, transcrevemos aqui os dados oficiais colhidos numa publicação oficial do Ministério da Marinha, no que diz respeito a uma delas.

"Atividade da CV "CARIOCA", em operações de guerra até 12-2-945.

Milhas navegadas	79422
Navios comboiados em completa segurança	776
Mercantes afundados ou avariados em escoltas integradas pela CV "Carioca"	0
Ataques efetuados contra submarinos	19
Submarinos avariados, com absoluta certeza e confirmação . . .	1

Naufragos recolhidos	61
Reboques em alto mar a navio estrangeiros	1

De todos os sacrificios impostos à nossa marinha mercante o que mais nos calou no espirito foi a convicção de que estes sacrificios tiveram maior amplitude pela nossa marcante fragilidade no mar.

Não se precisa ser técnico em assuntos navais para compreender que dada a imensidade de nossas costas e a posição geográfica das mesmas, só em caça-submarinos e caça-minas é de algumas centenas a nossa necessidade, se quisermos, mesmo com economia, dar eficiência positiva à defesa de nossa águas territoriais.

Quanto aos navios de maior potencial deixamos de fazer considerações, por sabermos que as possibilidades de adquiri-los ou mesmo de construi-los são problemas de alta transcendencia no momento.

Precisando para viver equilibradamente o Norte do Sul e ao contrário o Sul do Norte, pois é esta politica econômica brasileira, foi sempre a estrada atlântica o caminho de maior rendimento no intercambio, como também o maior elo de brasilidade.

Mesmo que venhamos a possuir no futuro ligações ferro e rodoviárias de grande monta, não se pode pensar em passar para plano secundário a ligação através da via atlântica, pois sob o ponto de vista econômico esta oferece vantagens superiores.

De tudo concluímos que o Brasil é pois, um país cuja vida depende essencialmente do Atlântico.

Que fique latente, como maior ensinamento do conflito, a necessidade imperiosa de que não sofra qualquer solução de continuidade o plano de reestrutura de nossa Armada, já iniciado.

Só assim mostraremos ao mundo que compreendemos, em toda plenitude, o que significa a nossa situação geográfica, face ao aglomerado de continentes atlânticos, e, finalmente, que dada essa mesma expressão geográfica é quase impossível o nosso alheamento a um conflito de proporções neste lado do mundo.

UM POUCO DE BOM HUMOR...

I

Pelo Cel. X.

Depois de ler duas centenas de páginas graves, eruditas e substanciosas, parece aconselhável, como higiene mental, ler algumas que provoquem um sorriso distensor dos nervos.

Com esse intuito, nada parece mais apropriado do que a recordação de um episódio que é, em si, uma demonstração do bom humor reinante entre os primeiros oficiais que acorreram, cheios de fé e resolutos, à velha Escola de Estado-Maior, do Andaraí, então sob a orientação do incomparável Mestre, o Senhor General Gamelin, do seu não menos insigne imediato, o saudoso Cel. Derougemont, e da brilhante plêiade de instrutores que integravam a primeira Missão Militar Francesa.

Realizava-se a última manobra de quadros, na carta, a qual encerrava o ano letivo de 1921.

Estamos na mesa da 3.^a Seção do E. M. do Exército de Manobras; à cabeceira, o Chefe da Seção, o saudoso então Major P. de A. e, aos lados, seus adjuntos: o Cap. L. de C. e nós. A manobra chegara ao termo, haviam-se expedido as últimas ordens, e tudo i. bem.

Eis, entretanto, que, da Direção da Manobra, nos chega uma informação, expedida por pombo-correio, pelo nosso agente secreto de informações da cidade de X. em zona inimiga, mas situada numa direção que não interessava diretamente às operações. As notícias eram de estarrecer! A cidade fóra ocupada por forças inimigas consideráveis; outras colunas, não menos importantes, eram assinaladas em tais e tais regiões, etc., etc. Tudo perfeitamente inesperado e perigoso para as operações em curso.

Que fazer? Os minutos voavam, as seis orelhas se avermelhavam, olhos ansiosos buscavam na carta uma solução para o grave incidente. Discute-se.

A um dado momento chegam à Seção o General Game-lin, o Cel. Derougemont e o inesquecível Major Souza Reis, seu adjunto.

— Então? perguntou o General com o ar mais despreocupado, que há de novo?

— Há isto, responde o Major P. de A.; e expõe a nova situação.

— E qual é sua impressão, que pretende fazer?

O Chefe da Seção expõe suas decisões. O Cap. L. de C., também interrogado pelo General, expõe suas idéias. O General insiste, analisa a informação do agente, faz objeções, até que nós, bisonha e timidamente, arriscamos: — Mas, a informação é de fonte segura, veio por pombo-correio e está redigida de acôrdo com a última chave criptográfica remetida ao agente...

Era a "deixa" que o General esperava! Sua fisionomia expandiu-se num franco sorriso, cousa rara, e satisfeitiíssimo com o êxito completo do "piège" que preparara, no qual caíramos como "patinhos", deu-nos uma lição: — E' preciso não dar crédito imediato a informações extravagantes como esta; é necessário obter "recoupements", antes de agir, mesmo quando nos pareçam provir de fonte segura. O que se passou foi o seguinte: — a contra-espionagem do inimigo descobriu e prendeu nosso agente que, a estas horas, já deve ter sido fuzilado, e serviu-se dos pombos e da cifra para dar informações falsas. E se foi, prazenteiro, deixando-nos tranquilos, mas um tanto "encabulados"... Fôra uma lição bem humorada do Grande Chefe.

Mas o nosso Major P. de A. era também dotado de bom humor... E êle o manifesta de maneira, e por motivos diferentes, como vamos ver.

Havia, naquele tempo, uma oposição surda aos cursos da Missão: a uns, faltava-lhes coragem para enfrentá-los, ou-

tros, eram certos "azes" que não queriam ser "embaralhados" com as outras "cartas" de menor valor... Se as cousas ficassem por aí, nada havia que objetar. Mas, o caso é que alguns "ases", quando nos viam debruçados sobre as cartas, discutindo a sério aquilo que lhes parecia pura fantasia, dirigiam-nos uns sorrizinhos de mófa e talvez de comiseração... E isto causava uma certa quizília... tínhamos que tomar uma "revanche".

Foi então quando o bom humor do nosso P. de A. lhe inspirou a redação da última "Ordem de Operações", acompanhada do respectivo "Boletim de Informações", cuja distribuição se limitaria a alguns camaradas mais íntimos, do Q.G. do Ex. de manobra. Nesses "documentos", os tais eram designados por "apelidos", os mais "importantes", e genericamente, os outros. Seria despropositada qualquer identificação agora. Vamos ler êsses "documentos", para cuja melhor compreensão, faz-se mister explicar que havia quem procurasse obter vantagens, à margem da Missão, e os que andavam "assustados", com a idéia corrente de que a idade para a reforma compulsória ia ser diminuída de dois anos, a fim de acelerar o acesso dos oficiais portadores dos novos cursos...

Exército Verde e Amarelo.

E. Maior

2.^a secção

N.^o 1/2

Carta do Brasil:

Qualquer escala.

Q.G. na E.E.M., 14 de Dezembro de 1921, às 10 (dez) horas.

Boletim de Informações n.^o 1

I — Identificações :

a) — Confirma-se a presença das 5.^a e 6.^a D.I. no planalto do *Despeito*.

b) — O grosso composto da 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a D.I., na região da *Má Vontade*.

A 1.^a D.C. nas cabeceiras do arroio da *Ignorância*.

c) — Um desertor do 1.º Regimento de Trepadores declara que foi ontem publicado um novo código de trepação.

d) — Foram aprisionados dois oficiais de reserva que declararam pertencer ao 2.º Regimento de Inertes, destacado no flanco esquerdo do inimigo, sobre as alturas que dominam o arroio do *Carrancismo*.

e) — O agente destacado no cêrro da *Perspicácia*, assinala o aparecimento do 2.º Btl. de Cavadores, entre o rio da *Inconsciência* e a vila da *Desilusão*. Este Btl. dispõe de picaretas de um modelo especial.

f) — Um avião da Esquadrilha dos Águias caiu sobre o cêrro da *Reação*, ficando completamente inutilizado. O seu piloto declarou que, nas camadas superiores, o barômetro acusara uma queda compulsória de dois graus.

g) — Um prisioneiro da Cia. de Avançadores informa que ouviu uma conversa entre oficiais do seu Regimento, na qual elogiavam a tática de seu Comandante, que empregara o "método confuso" na instalação defensiva de sua unidade.

II — Aviação :

Colunas de tôdas as armas na zona da *Mã Vontade* e, principalmente, no vale do *Comodismo* e nas alturas da *Pretensão*.

Viaturas dirigindo-se para o S., no vale da *Inveja*.

III — Serviço Especial de Informações :

De um agente, por pombo-correio :

"O inimigo emprega, para informações, araras amestradas.

P. A.

Marrêta.

Chefe de E. M.

(Ass.) General Futuro
Cmt. do Ex.

Exército Verde e Amarelo.

E. Maior

Q.G. na E.E.M., 14 de Dezem-

2.^a secção

bro de 1921, às 10 (dez) horas.

N.º 1/3

Carta do Brasil:

Qualquer escala.

Ordem Geral de Operações n.º 1

I — *Informações sobre o inimigo* — Parece que o inimigo instalou-se na defensiva. Sua posição principal está estabelecida nas alturas do *Despeito*, entre os arroios da *Ignorância* e do *Carrancismo*. (Vide Boletim n.º I).

II — As Vanguardas de 1920 estão em presença de seus Postos Avançados.

III — A missão do Exército é passar a ofensiva desde que o Grosso, constituído pelas D.I. de 1921, 1922, 1923, tenha atingido o dispositivo que lhe foi determinado. (Vide Instrução Patriótica e Secreta n.º 1).

IV — As D.I. 1910 e 1921, conquistarão, por ações locais e sucessivas as Posições avançadas. As D.I. 1922 e 1923 farão o esforço principal, procurando desbordar a posição inimiga pelo vale do *Arroio Ignorância*.

— O General pensa que a posição cairá pela manobra, porquanto o inimigo dispõe de pouca força moral, e a superioridade profissional das D.I. é incontestável.

V — As D.I. assegurarão, com os ensinamentos táticos e técnicos, as missões de tiro em suas respectivas zonas de ação.

VI — Meios postos á disposição das D.I.: Todas as Conferências distribuídas, Regulamentos e Ensinamentos de Manobras.

O Exército põe, também, á disposição das D.I., quatro Batalhões de Tenacidade.

VII — Aeronáutica — A E.A. do *Campo dos Afonsos*, cooperará, com todos os seus meios para que seja facilitada a missão do Exército.

— As esquadrilhas 1910-1921, farão reconhecimentos.

— As esquadrilhas 1922-1923, o bombardeio das Reservas que foram identificadas na zona da *Má Vontade*.

VIII — Q.G.

Da D.I. 1920 — *Coragem*Da D.I. 1921 — *Abnegação*Da D.I. 1922 — *Tenacidade*Da D.I. 1923 — *Constância*— Q.G. do Exército : — *Doutrina.*IX — *Ligações :*

Os eixos de Solidarietà entre as D.I. devem desde já ser estabelecidos com a máxima discreção, para não despertar a atenção do inimigo. Tôdas as D.I. se ligarão, no menor tempo possível, ao Q.G. de *Doutrina.*

X — Prescrições relativas aos C.B.A.D.

— A E.I.G. — destacará às Seções de 1921, 1922, 1923, para marcharem atrás das Vanguardas.

XI — O aproveitamento do êxito será feito na direção das alturas do Engrandecimento da Pátria.

P.A. O Chefe de E. M.
Marrêta.

O General Cmt do Exército
Futuro.

ASSUNTOS DIVERSOS

BOLETIM

Registramos, com grande prazer, a transcrição pela "Military Review", órgão oficial da Escola de Comando e Estado-Maior dos Estados Unidos, em suas edições em inglês, espanhol e português, de junho último, de um artigo do nosso Diretor-Presidente, Coronel Renato Batista Nunes.

Trata-se do trabalho intitulado "A Escola de Estado-Maior e a instrução", que foi publicado em nosso número correspondente aos meses de outubro e novembro do ano findo. Sendo a primeira vez que aquela publicação, que difunde a orientação técnico-pedagógica dum elevado estabelecimento de ensino militar norte-americano, transcreve um artigo firmado por autor patricio, vemos no fato um motivo de natural orgulho, não só para o seu ilustre autor, como para todos nós militares brasileiros, pela realização concreta do intercâmbio cultural que a Defesa promove, no sentido de uma compreensão mais perfeita entre os soldados da América.

Outros colaboradores nossos viram trabalhos seus transcritos recentemente por órgãos militares estrangeiros: o Coronel João Batista de Magalhães, cujo artigo "O que todos devem saber sobre o Comando e sua preparação" foi inscrito no número de outubro de 1945 da "Revista Militar da Bolívia" e o Tenente-Coronel Hugo de Matos Moura, de quem a "Revista Militar Argentina", em seu número de janeiro de 1946, traduziu o seu "Divisões Blindadas e missões da Cavalaria".

Aos dignos camaradas, nossos cumprimentos.

Em 29 de abril do corrente ano o General Mascarenhas de Moraes, ilustre chefe que comandou a gloriosa F.E.B. no Teatro de Operações da Itália, visitou a Escola Preparatória de Porto Alegre. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos do discurso com que o atual Comandante do 1.º Grupo de Regiões Militares foi saudado pelo Coronel Rinaldo Pereira da Câmara, cmt. da Escola.

"Cada chefe tem, realmente, a tropa que merece, e foi portanto, V. Excia., meu General, que em magnífica arrancada de 750 km, impulsionou o exército brasileiro das planícies do Arno aos alcântis do Monte Castelo.

Foi V. Excia. que o conduziu de vitória em vitória através de regiões escarpadas e cobertas de neve, conquistando mais de 20 mil prisioneiros. Foi V. Excia. que, por meio de suas combinações estratégicas, dignas dos grandes capitães, impôs a espetacular rendição de Collecchio. Foi V. Excia., Sr. General, libertador das históricas re-

giões de Toscana e Emilia, da Lombardia e do Piemonte, onde o jovem Bonaparte de 27 anos, realizou pela vez primeira, plena aplicação dos princípios que o imortalizaram. Foi V. Excia. o herói de Montese e de Parga, de Monte Prans e da Via Toro. Foi a vontade firme de V. Excia. que transpôs o Arno e conquistou a Linha Gótica, que garantiu a posse de Viareggio e o entroncamento ferroviário de Camponne, e depois, de sucesso em sucesso, tomou de assalto as posições de Monte Boreo e Aguto, de Camaiore e Piedra Santa".

"A glória, pois, conquistada por V. Excia., Sr. General, é imortal! Seu nome há de figurar na galeria dos nossos grandes chefes militares, ao lado de Caxias e Osório, de Andrade Neves e Mena Barreto, de Marques de Souza e Sampaio!"

E finalizando:

"Felizes os que puderam participar desta gloriosa arrancada. Glória eterna aos que deram sua vida pela redenção do mundo. Honra e glória, pois, à Força Expedicionária Brasileira, personificada no preclaro chefe ao qual temos a honra de apresentar a nossa saudação militar muito cordial, entusiástica e respeitosa, em nosso próprio nome e no dos corpos docente e discente deste estabelecimento de ensino".

* ————— *

No prosseguimento de sua brilhante carreira, em que sempre se impôs principalmente como instrutor e educador, vem de se empossar no elevado cargo de Comandante da Escola de Estado-Maior, o General Tristão de Alencar Araripe, ilustre consócio e ex-Presidente de "A Defesa Nacional". Por sua vez deixou o Comando do nosso mais elevado estabelecimento de ensino, outro digno membro de nossa Cooperativa, o General Francisco Gil Castelo Branco, promovido ao mais alto posto da hierarquia e nomeado Comandante da 9.^a Região Militar.

Aqui flectam os sinceros votos de pleno êxito aos ilustres chefes, que lhes fazem todos os camaradas membros desta Cooperativa.

* ————— *

O início dos trabalhos de fundição da usina de Volta Redonda, já por nós jubilosamente assinalado, é agora seguido do surto da produção industrial da Fábrica Nacional de Motores. Fruto como aquela, não só do esforço e dedicação de inúmeros patricios, mas sobretudo do idealismo pertinaz e inteligente de um ilustre camarada — o Brigadeiro Antonio Guedes Muniz — não poderíamos deixar de patentear nestas páginas a alegria patriótica ante tão auspicioso evento. E o fazemos cheios de fé e de crença nas belas perspectivas que o futuro reserva para esses dois pontos basilares de nossa estruturação industrial. As indústrias pesadas que, por certo, darão ao gigante brasileiro os meios para produzir na escala exigida pelo século XX, os elementos de transporte indispensáveis para eliminar o insulamento secular em que vivem nossas diversas regiões geo-econômicas e melhor perspectiva para a racionalização e mobilização das indústrias de transformação em que já estamos

atingindo o nível médio necessário, mas que delas também se beneficiarão.

As "Leis Básicas do Exército" recém-publicadas, em boa hora prevêm, entre muitas outras coisas, a criação do novo tipo de Grande Unidade consagrado na recente conflagração mundial: — a Divisão Aero-Terrestre. Este fato, a par da organização do Núcleo de Formação de Pára-quedistas, e do regresso da primeira turma de oficiais e sargentos que foi adestrar-se na técnica da nova modalidade de combate nos Estados Unidos, abre amplas perspectivas.

Considerando as nossas peculiaridades geo-militares — de um lado, as dimensões que tornam o Brasil um dos países-continente, e de outro as dificuldades de toda ordem que se antepõem aos problemas capitais de mobilização e concentração — ressalta aos olhos de qualquer um a tremenda importância que tem, para a defesa nacional, a solução racional e progressiva da formação de especialistas idôneos e de uma reserva de material indispensável para a manutenção eficiente das GU Aero-Terrestres.

Cumprir não esquecer, entretanto, a necessidade premente de criar mentalidade adequada ao emprego, com o máximo rendimento, dos nossos meios. Não só dessas G. U. em particular, mas sobretudo de sua combinação feliz e oportuna com a ação das Divisões Blindadas e das de Infantaria, Motorizadas e de Cavalaria. Do contrário, pouco ou nada se obterá, pois mais do que nunca os grandes chefes ressaltam a predominância indiscutível e eterna do homem. "único capaz de guiar e dirigir na terra, no ar ou no mar, todos e quaisquer engenhos de guerra existentes ou que venham a ser criados".

E nesta época em que, nossos quadros começam a aperceber-se da influência ponderável que os conhecimentos de Psicologia e Pedagogia exercem na preparação para a guerra, não será demais frisar que o pára-quedista, mais mesmo do que o aviador e o blindado, é um ser vivo feito de nervos e emoções.

O Peru tomou uma importante medida no campo da educação. Referimo-nos ao decreto aprovado pelo Congresso daquela nação irmã em 27 de outubro de 1945, estabelecendo a gratuidade do ensino secundário para todos os estudantes que tenham sido aprovados no curso primário e para os que, no 1.º ano do ensino secundário — que lá é de 5 anos — não tenham sido reprovados em mais de duas matérias.

No ano de 1945 a Colômbia deu grande impulso à execução de obras públicas, maugrado o aumento de 50% dos salários dos trabalhadores, a escassez de equipamento mecanizado e o aumento exorbitante do preço de construção das estradas por quilômetro que vem se fazendo sentir desde 1936.

Durante o período compreendido entre junho de 1944 e julho de 1945 inverteu-se a soma de 13684000 pesos colombianos, proveniente de saldos comuns, de saldos de empréstimos do "Export and Import Bank" dos Estados Unidos, e do Banco de la República, em trabalhos rodoviários abrangendo 87 setores diversos.

As rodovias da região sul e o acesso às planícies orientais constituíram o programa fundamental, por ser de grande importância a vinculação desses territórios ao interior do país, ressaltando especialmente a utilidade de se estabelecer comunicações entre este e o principal porto colombiano — Cauca — sobre o rio Putumayo. Entre outros projetos figura o da construção da estrada-tronco ocidental, partindo de Rumichaca, na fronteira com o Equador, e terminando em Cartagena, a qual se espera concluir em fins de 1946. Há previsão igualmente da estrada-tronco oriental que terminará em Cúcuta, e a estrada-tronco central que parte de Bogotá e termina em Richacha, estando esta última já em tráfego. No fim do ano passado a rede rodoviária do país contava com cerca de 11000 kms. de extensão.

Quanto às ferrovias, atingem 2218 kms. Acha-se ainda em organização a "Compañía Nacional de Navegación y de Cabotaje", que projeta, entre outras coisas, o melhoramento da navegação dos rios no Sul do país. O capital subscrito para essa empresa atinge três milhões de pesos colombianos e já tem em serviço o vapor "Eugenia" nos rios Meta e Orinoco, com os respectivos reboques para o transporte de carga pesada e gado.

O sistema de tarifas aplicado atualmente no transporte automotor por estradas é o chamado parabólico, no qual a taxa quilométrica decresce à medida que aumenta o percurso total, e se levam em consideração as condições das rodovias, o custo do transporte e a falta de compensação adequada ao serviço de carga ou passageiros.

Nas empresas de obras públicas adiantou-se, por meio de sociedades comerciais de responsabilidade limitada, a construção das usinas centrais hidro-elétricas de Anchicayá, no Departamento de Calle, e do Lebrija, no de Santander. Os estudos para a central de Caldas estão bastante avançados. Encontram-se em organização sociedades para a construção de usinas centrais em Zulía e em García Rovira, subindo a 14 o número de usinas hidro-elétricas já construídas.

A Assembléia Geral das Nações Unidas reuniu-se pela primeira vez em Londres, a 10 de janeiro de 1946. Entre os sete vice-presidentes presentes à reunião, que foi presidida interinamente pelo Dr. Eduardo Zuleta Angel, da Colômbia (o qual já estivera à frente da Comissão Organizadora), viam-se os chefes das delegações dos Estados Unidos e da Venezuela.

As atuais comissões da O. N. U. são as seguintes: Conselho Geral — composto provisoriamente de 14 membros, a saber: o Presidente da Assembléia Geral, os seus sete vice-presidentes e os presidentes dos seis Conselhos seguintes: de Política e Segurança; Econômico e Financeiro; Social, Humanitário e Cultural; de Administração Territorial; de Orçamentos; Jurídico.

Com exceção do Conselho Geral, todos os demais se acham integrados por representantes das 51 Nações Unidas. A América se acha representada por três, do total de onze membros, no Conselho de Segurança: Estados Unidos, em caráter permanente; Brasil, até 1948; México, até 1947.

A Comissão Militar é integrada pelos Chefes dos Estados-Maiores — ou seus representantes — dos Estados Unidos, Inglaterra, União Soviética, França e China.

No Conselho Econômico e Social, composto de dezoito membros, figuram cinco repúblicas americanas: Colômbia, Cuba, Chile, Estados Unidos e Perú.

Após quatro votações independentes, a Assembléia Geral e o Conselho de Segurança da O. N. U. elegeram os quinze juristas de renome que deverão compôr o Tribunal Internacional de Justiça, um dos principais órgãos estabelecidos pela Carta das Nações Unidas, firmado na Conferência de S. Francisco. Dos quinze magistrados eleitos, cinco são americanos, e entre eles figura o ilustre jurista brasileiro José Filadelfo de Azevedo, cujo mandato se estenderá até 1952.

Carvoaria São Jorge

DEPÓSITO DE CARVÃO E LENHA

Entregas a domicilio

NESTI GIOVANNI

RUA BARCELLOS DOMINGOS, 24

Telefone 282

CAMPO GRANDE — E. F. C. B.

REVISTAS EM REVISTA

"OS ALEMÃES NÃO TIVERAM CAVALARIA" — General HAWKINS ("The Cavalry Journal", U.S.A. — Agosto de 1945).

Atribui-se ao Marechal ZHUKOV — considerado geralmente como o mais destacado chefe militar russo da 2.^a Guerra Mundial — a afirmação de que um dos motivos predominantes da derrota do Exército Alemão em seu ataque contra a Rússia, foi o de não dispor de Cavalaria. Isto, aliás, não constitui surpresa para quem haja observado cuidadosamente os acontecimentos, e que terá constatado sua veracidade desde os primeiros meses da guerra, em 1941, até a conclusão, em Maio de 1945.

Quando a Alemanha atacou a Rússia em 1941, a maioria dos observadores americanos, militares e civis, julgou que os Alemães derrotariam os Russos, capturariam Moscou e dentro de poucos meses terminaria a guerra, exceto talvez uma ação de guerrilhas.

Os Alemães esperavam que a guerra-relâmpago, de tanto êxito na Polónia em 1939 e na França em 1940, lograria o mesmo sucesso na Rússia. E' verdade que as primeiras vitórias sobre os exércitos russos pareciam justificar esta opinião. A grande manobra tática chamada de "cunha e envolvimento" (Wedge und Kessel), da qual muito se vangloriavam os teutos, parecia ser sempre bem sucedida, produzindo fortes baixas e dando margem ao aprisionamento de milhares de russos.

O processo da cunha e envolvimento baseava-se na superioridade das forças blindadas, as quais introduziam uma cunha através das linhas russas em uma profundidade de 10

a 20 milhas, e em seguida voltavam-se para a direita ou esquerda, ou sobre ambos os flancos, cercando milhares de soldados russos, para depois destruí-los ou capturá-los. (*) Tal manobra requeria grande profundidade no dispositivo das colunas blindadas e um apóio íntimo dos elementos de 2.^o escalão constituído por Infantaria.

Quando os Russos compreenderam este tipo de manobra, deram ao seu dispositivo de defesa uma grande profundidade e lançaram tropas móveis para os flancos e a retaguarda da cunha. Essas tropas móveis constituíam-se sobretudo de Cavalaria e carros leves, possuindo grande dotação de armas anti-carro.

Quanto à Infantaria russa, já que não tinha suficiente apóio de artilharia e de canhões anti-carro, retirava-se da frente e dos flancos da cunha alemã para escapar ao envolvimento. Tal táctica, embora impedisse as unidades russas de se verem envolvidas pela massa blindada alemã, obrigava os exércitos russos a abandonarem grandes extensões de seu próprio território.

Os Alemães avançaram assim até poucas milhas de Moscou, onde, ante sua própria surpresa e a dos aliados ocidentais, foram finalmente detidos. Os Russos atacavam as pontas de lança blindadas, na frente com o fogo da Artilharia e nos flancos com Cavalaria e canhões anti-carro. Os Alemães foram severamente castigados e Moscou salvou-se.

Os exércitos alemães do Sul, contudo, avançaram até junto de Stalingrado e por dentro do Cáucaso. Porém, como os Russos nessa ocasião já tivessem aumentado sua potência em Artilharia e canhões anti-carro, fizeram da grande defesa de Stalingrado um episódio famoso da História. A repulsa dos Alemães em Stalingrado foi seguida por grandes operações ofensivas russas, durante as quais fortes colunas de Carros em combinação com Cavalaria fecharam ambos os flancos do VI Exército Alemão, destruindo-o. Foi então que se começou a ouvir falar dos famosos grupamentos de Cavalaria-Carros russos.

Os Alemães fracassaram totalmente ao pretender tomar Moscou em 1941, porque careciam de suficiente Cavalaria para proteger os flancos de suas pontas de lança contra os ataques da Cavalaria russa. Assim também, os desastres alemães que se seguiram à derrota em Stalingrado, deveram-se, em grande parte, à ação dos grupamentos de Cavalaria-Carros russos e à sua falta de Cavalaria, a qual poderia ter neutralizado os esforços daqueles grupamentos.

Durante os anos de 1942, 43 e 44, a Cavalaria russa em combinação com os Carros, exerceu um papel importante e decisivo na infundável retirada alemã através da Rússia, Rumania e Polónia. Durante os meses de inverno desses anos, a Cavalaria russa foi empenhada constantemente em incursões contra as linhas de comunicações alemãs.

Em 1943 os Alemães começaram a aperceber-se das consequências de sua falta de Cavalaria e pretenderam reconstituir algumas Divisões dessa Arma que haviam sido suprimidas quando planejaram a conquista da Europa por meio da "blitzkrieg". Tais esforços para improvisar uma Cavalaria em pleno desenrolar de uma guerra difícil foram inúteis. Era impossível organizar e instruir convenientemente um número suficiente de unidades dessa Arma para serem empregadas a tempo.

Entrementes, a Cavalaria russa tornou-se mais agressiva e confiante em sua habilidade para opor-se a qualquer espécie de tropas alemãs. Assim jactava-se abertamente de que um Regimento de Cavalaria não temia um Regimento de Infantaria ou de Carros dos Alemães. Seu equipamento sôa aperfeiçoado, recebendo canhões anti-carro e morteiros eficientes e de grande mobilidade; dispunha também de fuzis, fuzis-metralhadores, granadas, metralhadoras, sabres e pistolas, havendo aprendido a maneja-los em tôdas as situações.

Os Alemães não tinham Cavalaria. Sua "blitzkrieg" mecanizada saíra-se bem contra os exércitos poloneses em 1939, que se achavam mal adestrados. Derrotaram a Holanda, a Bélgica e a França em 1940; a Noruega e os Estados Balcâni-

cos foram rapidamente conquistados. As forças da Alemanha pareciam invencíveis porque não havia quem se lhes opuzesse. Assim, porque deveriam preocupar-se em ter Cavalaria?

Porém, chegou o dia de verificarem o erro. Tinham ainda que derrotar a Rússia, país que até então estivera observando e acumulando canhões anti-carro, artilharia e carros. Sessenta e tantas D.C. russas estavam equipadas com armas modernas, assim como as que se formaram depois.

Quando os Alemães atacaram em 1941, os Russos ainda não haviam terminado sua preparação. Mas, desde o início lançaram sua Cavalaria à luta, obtendo êxito e evitando a destruição de seus exércitos. Logo que concluíram seus preparativos, voltaram-se contra os Alemães com resultados tão decisivos que despertaram a admiração e o reconhecimento do resto do mundo. A guerra na Europa não poderia ter sido vencida sem a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, mas não é menos verdade que não o poderia ter sido sem as vitórias do Exército russo.

Tais vitórias poderiam ser alcançadas sem a Cavalaria russa? Poderiam ser alcançadas se os Alemães dispusessem de um Cavalaria com algumas centenas de milhares de homens? Não. O que os Alemães possuíam em abundância era Infantaria, Artilharia e toda sorte de Armas subsidiárias, Forças Aéreas e Forças Blindadas, com as quais esperavam ganhar na certa a guerra rapidamente, antes que seus inimigos se dessem conta das necessidades da guerra moderna ou pudessem reorganizar seu equipamento.

O facto de que os Alemães tenham suprimido praticamente toda sua Cavalaria, foi mais do que uma sorte para os Russos, e para nós também. Exércitos britânicos e americanos bateram os Alemães na Tunísia, na Itália e na Europa Ocidental sem outra Cavalaria que a moto-mecanizada das unidades de reconhecimento. Portanto, foi uma sorte para nós que os Alemães não dispusessem nesses teatros de nenhuma força de Cavalaria.

Durante os tremendos golpes aplicados por nossas forças blindadas através da França, Bélgica e Alemanha, em 1945, os Alemães foram constantemente surpreendidos devido à ausência de uma segurança adequada. A Cavalaria alemã poderia ter operado através campo e por entre as estradas para atacar nossos flancos e armar emboscadas às nossas tropas blindadas que nelas progrediam.

Os Alemães tampouco puderam realizar ações retardadoras por carecer de Cavalaria. Foram obrigados a combater sobre as estradas e nas localidades atravessadas por estas, de modo que as colunas americanas nada tinham a temer nos flancos. Os carros americanos podiam desbordar as defesas de uma cidade alemã por meio de movimentos a curta distância através campo. Se nós houvéssemos disposto de Cavalaria apta a engajar-se à moda russa, a situação teria sido ainda melhor.

Não é agradável pensar no que os Alemães teriam podido fazer se tivessem tido uma grande força de Cavalaria disponível quando irromperam através de nossas linhas no bolsão belga. Assim também, já tenho falado em artigos anteriores sobre o que poderia ter ocorrido se, por nossa vez, tivéssemos Cavalaria no referido bolsão e em outros teatros de operações, na África, na Itália e na Europa Central. Em certas situações, a Cavalaria não se teria podido manter sozinha sobre os eixos ante as forças blindadas, porém seu emprêgo teria sido vantajoso como reserva em uma ação defensiva, e altamente útil para preceder a Infantaria que marchava na esteira dos blindados, bem como para proteger os pontos de passagem destes em suas irrupções ao longo dos eixos.

A falta de Cavalaria deu lugar a que os Alemães não se saíssem bem nos diferentes teatros da guerra. O emprêgo de Cavalaria poderia ter sido difícil para nós, que teríamos de levá-la através dos mares, porém não para eles que poderiam dispor dela ao pé da obra, se não tivessem mecanizado tudo. Maus conselheiros militares predominaram na Alemanha sob

muitos aspectos, apesar de sua eficiência comprovada em outras.

A falta de uma Cavalaria forte, numerosa e moderna, foi um dos seus erros capitais nesta guerra.

"THE WASHINGTON POST", 20 de Dezembro de 1945.

— Da mensagem que o Presidente HARRY TRUMAN enviou ao Congresso dos Estados Unidos pleiteando a fusão dos Departamentos da Guerra e da Marinha num único — o Departamento da Defesa Nacional — destacamos os seguintes tópicos :

"Já assinalei [N.R. — na mensagem de 6 de Setembro de 1945, relativa ao serviço militar obrigatório] a necessidade de adotar medidas oportunas para a futura segurança da Nação, agora que temos bem presente o que nos custou esta guerra por não estarmos adequadamente preparados".

"Uma das lições colhidas da dispendiosa e perigosa experiência desta guerra, é que deve haver um Comando único para as forças terrestres, navais e aéreas, no território nacional como em todas as outras partes do mundo onde estão servindo nossas Forças Armadas. Quando, faz quatro anos, fomos atacados, não tínhamos este Comando, e, na verdade, pagamos um alto preço por não tê-lo."

"Em 1941, tínhamos duas organizações completamente distintas, sem hábitos bem estabelecidos de colaboração e cooperação. Se surgia uma controvérsia, se não se chegava a um entendimento sobre um assunto relativo a planos ou a operações, somente o Presidente dos Estados Unidos podia tomar uma decisão. Além disso, o poder aéreo não estava organizado em paridade com as forças terrestres e navais [N. R. — no Brasil esta última parte já foi sanada com a autonomia da Aeronáutica]. Nosso artifício para sanar parcialmente tais dificuldades foi a criação do Estado-Maior Combinado, formado pelo Chefe do Estado-Maior [ou Casa Militar] do Pre-

sidente e pelos Chefes dos E.M. do Exército, Marinha e Forças Aéreas. Sob as ordens diretas deste E. M. Combinado foram organizadas várias Comissões, com pessoal das três Forças Armadas, para a elaboração conjunta dos planos estratégicos e para a coordenação das operações. Esta coordenação era melhor do que não haver nada, mas de nenhum modo podia ser considerada um Comando único."

"Nos teatros de operações progredimos muito na unidade de direção mediante o sistema de Comandos Únicos. Chegámos assim à conclusão — logo confirmada pela experiência — de que qualquer esforço militar importante quanto ao espaço, ao tempo ou às suas consequências, requer sobretudo um controle coordenado para obter o máximo rendimento das três Forças Armadas. Se não houvéssemos adotado na guerra, desde cedo, este princípio do Comando Único, para as operações, nossos esforços, por muito heróicos que fossem, teriam fracassado. Porém nunca tivemos em Washington um Comando ou Direção única. Mesmo no campo da ação, a unidade das operações foi grandemente enfraquecida pelas divergências na instrução, na doutrina, nos sistemas de transmissões, de reaprovisionamento e de distribuição, que vinham de Washington."

"É verdade que pudemos vencer apesar de todos estes óbices, mas agora é tempo de fazer o balanço, a fim de abandonarmos as formas de organização obsoletas e ter para o futuro uma estrutura para nossas Forças Armadas que seja a mais sólida, a mais eficiente e a mais econômica de quantas é capaz esta poderosíssima nação."

"Nenhuma nação duvida agora da boa vontade dos Estados Unidos para a manutenção de uma paz duradoura no mundo. As intenções estão demonstradas por nossos esforços para estabelecer uma eficiente organização das Nações Unidas, porém todas sabem — e particularmente as que tiveram a desgraça de sentir o tacão da bota dos nazistas, fascistas e japoneses — que o desejo da paz é fútil se não houver suficientes forças preparadas e com vontade para agir ante qual-

quer emergência. Entre as coisas que alimentaram instintos de agressão e deram lugar à guerra no passado, uma das maiores foi a pouca inclinação dos Estados Unidos para lhe fazer frente e sua recusa em fortalecer seus desejos de paz antes que as forças da agressão pudessem concentrar seu poderio”.

“Agora que nossos inimigos se renderam, parece bem evidente que uma parte do povo norte-americano está ansiosa por esquecer tudo o que se refere à guerra, e particularmente a esquecer todos os fatores desagradáveis que são necessários para impedir as guerras futuras. Quer o desejemos, quer não, todos devemos reconhecer que a vitória por nós alcançada colocou sobre o povo americano o peso permanente da responsabilidade da direção mundial. A paz futura do mundo dependerá em grande parte de que os Estados Unidos demonstrem ou não estarem realmente determinados a prosseguir em seu posto de relêvo entre as nações. Dependerá de que os Estados Unidos queiram ou não manter a força material para agir como uma salva-guarda contra qualquer futuro agressor. Junto com as outras Nações Unidas, devemos estar resolvidos a fazer o sacrifício necessário para proteger o mundo de uma futura guerra de agressão. Em poucas palavras, devemos estar preparados para manter permanente e imediatamente pronto um suficiente poder militar a fim de convencer, a qualquer futuro agressor em potencial, de que esta Nação está disposta a intervir efetivamente, dentro da sua determinação de obter uma paz duradoura.”

“Correríamos um grave risco em matéria de segurança nacional se não tratássemos de superar em definitivo as atuais imperfeições da organização de nossa defesa nacional. Por maior que tenha sido a necessidade do Comando único e de coordenação na Segunda Guerra Mundial, com toda certeza ela será maior ainda em qualquer futura perturbação da paz mundial. Os progressos técnicos fizeram com que as instituições militares sejam muito mais interdependentes do que antes. Os limites que outrora separavam o campo de batalha do Exército e o campo de batalha da Armada, virtualmente de-

sapareceram. Se surgir alguma vez outro conflito mundial, é indiscutível que se realizará simultâneamente sobre a terra, o mar e no ar, com armas de maior velocidade e alcance; por conseguinte, nossas forças combatentes deverão trabalhar mais unidas do que nunca."

"Por outro lado, devemos imaginar que em outra guerra se atacará mais inopinadamente do que na última, e que se atacará diretamente aos Estados Unidos. Não podemos contar novamente com a oportunidade para fazer experiências de organização e de formas de trabalho em cooperação em pleno decurso da luta. Atualmente, a verdadeira preparação não significa somente preparação do armamento e dos efetivos, mas também preparação da organização. Significa estabelecer em tempo de paz a espécie de organização militar que estará em condições de resistir à prova de um ataque súbito, rapidamente e sem ter que improvisar reajustamentos radicais na estrutura e nos dispositivos regulamentares."

"O Estado-Maior Combinado não é um Comandô Único. É um conselho que para obter êxito dependerá da cooperação voluntária de seus membros mais graduados. Durante o período de guerra, de grande perigo nacional, houve realmente um elevado grau de cooperação. Em tempo de paz a situação será diferente."

"É completamente impossível, em meio a um conflito, reorganizar as Forças Armadas dos Estados Unidos dentro das idéias aqui sugeridas. Agora que nossos inimigos se renderam, eu insto ao Congresso para que se faça uma reorganização da direção das Forças Armadas."

"As razões que me parecem mais importantes para a fusão dos dois Departamentos são as seguintes :

1.º — Teríamos planos estratégicos integrais, assim como um único programa e um único orçamento militares.

Com o advento da paz, é claro que não só devemos continuar, mas ainda reforçar, nossos atuais recursos para o desenvolvimento de planos integrais. Não podemos ter os membros do Exército, da Marinha e da Força Aérea, dentro do or-

ganismo da defesa nacional, trabalhando no que poderia dar resultados negativos, projetando programas baseados em concepções diferentes com relação a instalações e equipamentos militares de que carecemos, empenhando-se em uma franca concorrência para a obtenção de verbas.

Estratégia, programa e orçamento — todos são aspectos das mesmas decisões básicas. Seguindo os conselhos de nossos cientistas e de nossos oficiais de Informações, devemos fazer a apreciação mais racional sobre a provável natureza de qualquer ataque futuro; determinar, como organizar e desdobrar nossas forças militares, distribuindo o potencial humano, os materiais e os recursos financeiros, de maneira coerente com o plano integral.

Até o presente, a formação e o equilíbrio de nossas forças armadas não foram objeto de um plano global. Os programas e os projetos orçamentários têm sido formulados separadamente pelo Exército e pela Marinha, baseados em conceitos independentes de missão e função. Estes programas e orçamentos, para cada uma das organizações, nunca foram considerados em conjunto sinão depois de haverem saído das mãos dos militares e mesmo das dos Secretários da Guerra e da Marinha. A grande tarefa de conciliar as solicitações divergentes dos Departamentos tem cabido ao Presidente e ao Congresso.

Esta guerra demonstrou que os recursos desta Nação em potencial humano e em matérias primas não são ilimitados. Sentir isto é compreender a urgente necessidade que há em encontrar a maneira de distribuir inteligentemente tais recursos pelas organizações interessadas. Significa determinar uma estrutura militar equilibrada que reflita a responsabilidade peculiar a cada organização no desempenho de u'a missão de conjunto.

Graças à minha experiência como membro do Congresso, conheço a grande dificuldade existente para apreciar corretamente as necessidades da segurança total da Nação, através das demonstrações fragmentárias feitas pelos Departa-

mentos isoladamente, perante comissões diferentes do Congresso e em ocasiões diferentes. Sòmente pela unificação das Forças Armadas em um único Departamento, é que o Congresso pode ter a vantagem de apreciar um programa de defesa nacional único, coordenado e compreensível.

2.^o — Podemos avaliar as economias que se realizariam por meio do contròle unificado dos aprovisionamentos e das funções dos Serviços.

"Nunca será possível alcançar uma absoluta coordenação nos aprovisionamentos e nas funções de todos os Serviços. Nem o Departamento da Guerra, nem o da Marinha, puderam eliminar a duplicidade mesmo dentro de sua própria organização. Porém, não há dúvida que o total de desperdício devido à falta de coordenação entre os Departamentos será muito maior que o resultante da perfeita coordenação entre êles. Se pudermos atingir uma coordenação entre todos os Serviços como a que agora existe dentro de cada Departamento, faremos economias apreciáveis."

3.^o — Adotaríamos a estrutura orgânica mais adequada para favorecer a coordenação entre as forças militares e o restante da administração pública.

Nossa ação e programa militares são sòmente parte de um programa total da defesa nacional que visa alcançar nossos objetivos nacionais de segurança e paz. Este programa tem muitos aspectos, e muitas repartições públicas devem participar em sua execução.

Nossa política militar, por exemplo, deveria estar perfeitamente entrosada com nossa política exterior. Deverá estar organizada para apoiar e responder por nossas atribuições ante a O.N.U.; deverá estar de acordo com o êxito ou o insucesso de nossa diplomacia; deverá refletir o conhecimento completo de nossa capacidade e das intenções das outras potências. Análogamente, nossa política exterior levará em conta nossa capacidade militar e o poder estratégico de nossas forças armadas.

Um programa total de segurança tem ainda outros aspectos importantíssimos. Um programa militar, por si só, é inútil; deverá estar complementado, em tempo de paz, por planos de mobilização industrial e pelo incremento dos recursos industriais e de matérias primas aonde estes são insuficientes. Os programas de investigações científicas deverão desenvolver-se em benefício dos objetivos militares e seus resultados deverão ser computados no programa de defesa nacional. Os dados fornecidos pelo nosso Serviço de Informações deverão ser aplicados a todos estes programas."

"A fusão dos Departamentos da Guerra e da Marinha facilitaria muitíssimo a comodidade e a rapidez com que as Forças Armadas e os outros departamentos [Ministérios] poderiam trocar opiniões e chegar a acôrdo sôbre assuntos de interesse comum. A fusão diminuiria bastante as divergências entre as repartições, as quais devem ser discutidas e resolvidas pelos chefes, cujo principal desejo será satisfazer o interesse nacional acima de tudo".

4 — *Proporcionariamos os melhores meios para o contrôle civil da atividade militar.*

"O contrôle civil dos estabelecimentos militares — um dos mais fundamentais de nossos conceitos democráticos — será reforçado se o Presidente e o Congresso só tiverem um membro no Gabinete com responsabilidade para o exercício dêsse contrôle."

"Não é de temer que uma organização dessa natureza possa dar excessivo poder a um só indivíduo — já que a concentração de tanto poder militar conduz ao militarismo. Não haverá motivo para tal receio, desde que se siga a política tradicional dos Estados Unidos, colocando à testa dêsse Departamento um civil responsável perante o Presidente; perante o Congresso e perante a opinião pública. A segurança da democracia dos Estados Unidos repousa no sólido bom senso e na irremovível convicção do povo americano de que não pode temer que suas liberdades democráticas estejam em pe-

jetivos. A campanha do Pacífico é um exemplo insofismável do esforço comum e combinado entre as forças terrestres, navais e aéreas. Mágrado as vitórias, essa campanha demonstrou que não havia um entendimento adequado entre os oficiais e os homens de qualquer organização com relação às possibilidades, emprêgo, processos e servidão das demais organizações (*).

"Esse entendimento não é algo que se possa criar da noite para o dia, onde quer que se projete uma operação combinada e se organize um grupamento tático-combinado. O procedimento dos homens no decorrer de uma ação é condicionado pela soma total de sua instrução, conhecimentos e experiência adquirida."

7.^o — *Deveríamos distribuir metódicamente nossas limitadas fontes de investigações científicas.*

"Nenhum aspecto da preparação militar é mais importante que a investigação científica. Dada a limitada disponibilidade de talento científico para fins militares, devemos aplicá-lo com método nas investigações mais promissoras e nas armas de maior potência, sem considerar a que organização estas se destinem. Não podemos autorizar a dissipação de nossos recursos científicos pela duplicação do esforço".

"Isto não significa que todos os laboratórios do Exército e da Marinha sejam reunidos imediatamente ou mesmo depois. A finalidade será conservar a iniciativa e o espírito de empreendimento, eliminando a duplicação ou a má orientação de tais esforços. Isto só poderá ser levado a bom termo se contarmos com uma organização geral que permita fixar a responsabilidade na direção, por meio da coordenação de todas as organizações".

8.^o — *Devemos ter unidade de Comando nas bases do exterior.*

9.^o — *Devemos ter equidade e constância na direção dos assuntos relativos ao pessoal.*

(*) — N.R. — Por "organização" deve-se entender cada uma das Forças Armadas — Exército, Marinha e Força Aérea.

"Durante a guerra houve diferenças no tratamento dos assuntos referentes ao pessoal, entre o Exército e a Marinha. Estas diferenças começaram na parte relativa ao recrutamento e se estenderam a quase tôdas as fases da administração do pessoal. Tanto o Exército como a Marinha seguiram processos diferentes nos requisitos para promoções, na forma de seleção dos oficiais, na utilização dos oficiais da reserva, nas recompensas e condecorações, nos sistemas de contagem de pontos para licenciamento, etc. Esta falta de uniformização não é de modo algum proveitosa, e sob uma organização única êste senão se reduziria ao mínimo.

*
* * *

"O Chefe do E.M. e os Comandantes das três Forças Armadas constituirão, juntos, um organismo assistente do Secretário [Ministro] da Defesa Nacional e do Presidente. Não haverá nenhuma restrição que impeça o Presidente, o Secretário ou qualquer outra autoridade civil para comunicar-se com os Chefes de qualquer das repartições componentes do Departamento sobre assuntos de importância vital, tais como estratégia, política e elaboração do orçamento. Além disso, os cargos principais no Estado-Maior serão preenchidos com oficiais provenientes das três Organizações, de modo que o pensamento do Departamento não seja dominado por uma ou duas das componentes".

"Será recomendável que o cargo de Chefe do Estado-Maior seja ocupado por meio de rodízio entre os Chefes das três Forças Armadas dentro das possibilidades e do que for julgado aconselhável, pelo menos durante o período de evolução do novo Departamento Único. A permanência do Oficial nomeado para Chefe do E.M. seria relativamente curta — dois ou três anos — e não deverá ser prorrogado êste prazo, exceto em caso de guerra declarada pelo Congresso."

"A unificação dos Serviços deve ser considerada como uma tarefa para longo prazo. Todos reconhecemos que haverá muitas complicações e dificuldades".

"Uma vez que o Departamento Único seja estabelecido, dar-se-ão facilmente outros passos necessários para a formulação de um programa de defesa nacional de grande amplitude."

"Com relação às investigações militares, em mensagem anterior propôs ao Congresso o estabelecimento de um departamento Federal de Investigações que terá a seu cargo a promoção e coordenação das investigações pertinentes à defesa e à segurança da Nação. A criação de um sistema coordenado de informações ["Intelligence"], que abranja todos os ministérios, está já em execução.

"AS REPERCUSSÕES DA GUERRA NA AGRICULTURA LATINO-AMERICANA" — Boletim da União Pan-americana — Washington, D.C. — Maio de 1946.

México e América Central — A situação do México, dada a sua proximidade com os mercados norte-americanos e as suas ligações ferroviárias com os Estados Unidos, é toda especial. Os seus principais produtos de exportação, especialmente o henequém, do Iucatá; o gado, do Norte do país; legumes frescos, da costa noroeste, café, do planalto de sudoeste; e bananas, do istmo de Tehuantepec, têm tido grande procura nos mercados americanos, com tendência a expandir-se ainda mais. As providências adotadas pelo Governo para a irrigação do solo e a modernização da lavoura, bem como a elevação do padrão de vida nacional devido à industrialização rápida e à prosperidade atual, estão dando seus frutos. A produção de sementes oleaginosas, p. ex., aumentou em cerca de cinco vezes o volume de antes da guerra. Aumentos apreciáveis verificaram-se nas safras de milho, trigo, arroz e cevada. A produção da cana de açúcar, que se concentra no litoral do golfo do México, no Estado de Vera Cruz, aumentou de cerca de 50 %, sendo muito provável que em breve o país se liberte da importação desse produto.

Do que se lê pode-se concluir que os aspectos predominantes do desenvolvimento agrícola do México são os seguintes: — identificação ao máximo da autonomia do país no que se refere à produção de gêneros de primeira necessidade, inclusive a de certos produtos antes largamente importados (óleos alimentícios e trigo); especialização agrícola regional mais acentuada, consoante orientação há muito estabelecida; e, ainda, uma tendência crescente de se exportarem certos produtos como henequém, legumes e bananas.

Quanto às seis repúblicas da América Central pouco modificaram suas atividades agrícolas. Com exceção do Panamá, esses países produzem em geral o suficiente para o consumo interno, exceto farinha de trigo, gorduras e óleos, na maioria importados dos Estados Unidos. Os principais produtos de exportação são o café, bananas e cacau.

A lavoura da banana, de papel preponderante nessas repúblicas — à exceção de El Salvador — foi fortemente abalada pelas restrições impostas ao transporte marítimo e falta de elementos para combater as pragas, sendo que na Nicarágua e na região do litoral atlântico de Costa Rica as plantações foram praticamente abandonadas.

Em Nicarágua e, em menor escala, nos países vizinhos, a produção de gergelim — fonte apreciável de óleo alimentício — tem aumentado bastante, havendo em Costa Rica o maior número de instalações para o seu beneficiamento. Quanto ao Panamá, é tradicionalmente um país dependente do exterior para a maioria de seu abastecimento interno de gêneros alimentícios.

Durante a guerra destacou-se na América Central a intensificação da produção do abacá, que antes se limitava ao distrito de Almirante, na República do Panamá, e hoje se estende por uma área superior a 11600 hectares, em Costa Rica, Guatemala, Honduras e Panamá. Essas plantações estão produzindo fibras de superior qualidade numa média de 700 toneladas por semana, esperando-se que em breve se eleve a

20 mil toneladas, ou seja a metade do consumo da cordoalha dos Estados Unidos no decênio anterior à guerra.

Cuba, Haíti e S. Domingos — O açúcar, principal fonte de renda de Cuba, teve a sua produção fortemente estimulada pela guerra, tendo sido a sua produção anual, a partir de 1942, contratada pelos Estados Unidos. Aumentou a produção de gêneros tais como milho, arroz e feijão, e ligeiramente a de carne. A produção de amendoim, aumentou 7 vezes em relação à média do quinquênio anterior à guerra. O feijão preto já é suficiente para o consumo interno, mas quanto ao arroz Cuba continua dependendo do exterior em cerca de 90 % do seu consumo. O levantamento do padrão de vida geral acarretou melhoria na alimentação acompanhada de mudanças definitivas nos regimes alimentares.

A República Dominicana e o Haiti não pesam na balança comercial. A primeira exporta açúcar e cacau, tendo, durante a guerra, contribuído para o abastecimento das Antilhas com gado, aves, manteiga, ovos, feijão e hortaliças, e o Haiti exporta café, açúcar e sisal. Ambos aumentaram sua produção de arroz, antes insuficiente para o consumo interno, a ponto de poderem exportar uma pequena quantidade anualmente.

Venezuela, Colômbia e Equador — A campanha submarina no Mar das Antilhas e a escassez de navios fizeram com que estes países intensificassem a produção nacional de gêneros de primeira necessidade. Ainda não se conseguiram libertar das importações de farinha, gorduras e óleos.

Na Colômbia, como em outros países, os produtores de café muito se beneficiaram do Convênio Inter-americano do Café, exportando cerca de $3/4$ da safra. Sua produção de bananas, concentrada na zona de Santa Marta, na costa do Mar das Antilhas, esteve quase abandonada desde o início de 1942, parecendo que agora será reiniciada. A produção de açúcar, predominante no vale do Cauca, aumentou bastante. Quanto ao trigo, graças aos esforços realizados, apenas 20 % provêm do exterior, e recentemente aliviaram-se as restrições só-

bre as importações a fim de assegurar-se aos moageiros o fornecimento de quantidade suficiente para misturar com o produto nacional. Nota-se na Colômbia a orientação de oferecer maior proteccionismo aos agricultores do que em muitos outros países latino-americanos; os incentivos à produção, sob a forma de fixação de preços e de restrição direta às importações, têm desempenhado papel relevante na expansão agrícola.

No Equador aumentaram muito a produção e a exportação de arroz e cacau. Houve, todavia, períodos de carestia de gêneros alimentícios, agravados pela inflação. O fator mais importante da escassez de alimentos foi o desvio de mão de obra agrícola para a extração e o beneficiamento da cinchona, pau de balsa e outros produtos de interesse para a guerra.

Quanto à Venezuela, devido ao desenvolvimento de sua indústria petrolífera, vem há muitos anos dependendo do exterior para o seu abastecimento interno de gêneros de primeira necessidade. Entretanto, a produção de açúcar já permite satisfazer o mercado interno, e a safra de arroz triplicou, embora o país continue importando quase metade de suas necessidades. A da batata quadruplicou, mas continuam sendo o café e o cacau os maiores produtos exportáveis da Venezuela, graças sobretudo à política aduaneira favorável adotada pelo seu Governo. Os esforços para debelar a carência de produtos comestíveis não conseguiram sanar o inconveniente básico de estar grande parte das fazendas e granjas situadas nas encostas de colinas íngremes corroidas pela erosão e ainda cultivadas por processos primitivos.

Brasil — O Brasil representa por si só uma região, e é por larga margem auto-suficiente na produção de gêneros alimentícios, consoante as normas alimentares do país. Os seus produtos que certamente continuarão a ser exportados são os seguintes : — café, do qual continua sendo o maior

exportador mundial; cacau, laranjas, mandioca e arroz, bem como apreciável quantidade de carne (*).

Quanto à importação, o trigo é um dos principais produtos vindos do exterior, principalmente da Argentina.

Existem, contudo, dentro do próprio país, regiões em que há deficits e regiões com superavits na produção de alimentos (**). Os Estados litorâneos do Sul, S. Paulo e Rio Grande do Sul, conjuntamente com o de Minas Gerais, compreendem as regiões mais produtivas do país. As regiões do Nordeste e da bacia amazônica são deficitárias, bem como os Estados nordestinos, os quais, embora grandes produtores de açúcar e cacau, dependem dos Estados do Sul para muitos outros gêneros. A insuficiência dos meios de transporte e das instalações para armazenagem se encontram entre as principais causas limitadoras da quantidade de alimentos enviados pelos Estados sulinos às regiões deficitárias do Norte. Sob um ponto de vista geral, a escassez local de alimentos parece estar mais ligada aos problemas de localização e distribuição do que propriamente à insuficiência da produção nacional. (***).

As principais alterações verificadas durante a guerra na produção de alimentos do Brasil foram a redução na produção de frutos cítricos e o aumento da produção de açúcar (?), mandioca e sementes de algodão. No princípio da guerra, até fins de 1942, a matança de gado para exportação foi muito intensa, em virtude dos preços altamente remuneradores no exterior. Em 1944 o Governo brasileiro tomou medidas restritivas à exportação a fim de proteger os consumidores internos e evitar uma drástica redução nos rebanhos por excesso de matança.

*

Perú, Bolívia e Chile — O Perú pode livrar-se das importações de arroz, mas continua dependendo do exterior

(*) — N.R. — Mágrado os sacrifícios impostos à população do país.
(**) — N.R. — O que não é compensado pelo sistema de transportes.
(***) — N.R. — O grifo é nosso. A observação foi perfeita.

para metade do seu consumo de trigo. Seu maior produto de exportação é o açúcar, que teve um aumento de 10 %, tendo exportado sobretudo para o Chile e o Uruguai. Diminuiu a produção, aumentando as exportações, no que concerne a todos os demais gêneros alimentares, bem como de óleo de amendoim, de gergelim e toucinho. Foram impostas restrições à cultura do algodão, consoante um acôrdo firmado com os Estados Unidos, mas em compensação aumentou muito o do linho, que, entretanto, agora que terminou a guerra, possivelmente não resistirá à concorrência europeia.

A Bolívia tem que importar grande parte dos alimentos consumidos pelos seus mineiros e população urbanas. Cerca de 2/3 da população do país vive dos produtos da terra, deles dependendo integral ou parcialmente a sua subsistência. As castanhas e côcos, que apenas em parte são consumidos no país, são os principais produtos alimentícios exportados, sobretudo para a Inglaterra (50%) e os Estados Unidos (20%).

Os principais produtos importados pela Bolívia são: trigo (em grão e em farinha), açúcar, gado, carnes conservadas, arroz, gorduras e óleos alimentícios, cevada, etc. A Argentina ocupa o 1.º lugar como fornecedora, seguindo-se-lhe o Perú e a Colômbia. (****).

Durante a guerra a Bolívia permaneceu em estagnação agrícola, sobretudo devido ao congestionamento da população agrícola em zonas já cansadas, à aplicação de métodos primitivos de cultivo, às maiores vantagens oferecidas aos trabalhadores pelas emprêsas mineradoras, e à falta de meios de transporte adequado para a exploração de novas zonas férteis. O elevado custo da vida e a aguda escassez de artigos de 1.ª necessidade contribuíram para aumentar ainda mais as dificuldades da vida, fazendo com que a Bolívia sofresse, mais que qualquer outra nação vizinha, as duras provações decorrentes da guerra.

(****) — N.R. — Entretanto o Brasil respeita convenios comerciais, como o do trigo, com sacrificio de todos os seus interesses...

O Chile, no que se refere à alimentação, é francamente independente. Exporta lentilhas, feijão, ervilhas secas, grande variedade de vinhos e frutas e mesmo arroz. Seu maior produto de importação é o açúcar, proveniente do Peru.

Exportam-se geralmente 10.000 toneladas de carne de carneiro para a Inglaterra, em sua maioria procedente da região de Magalhães, no extremo sul. Essa exportação deve-se em parte a carneiros criados na Argentina e abatidos nos matadouros chilenos, por serem estas mais acessíveis e melhor aparelhados. Depende, entretanto, do exterior o abastecimento de carne do Chile, vindo principalmente da Argentina.

As alterações de monta durante a guerra foram certa redução na produção de frutas e lentilhas, um forte aumento na de arroz e crescente intensificação da de sementes oleaginosas.

*

Região do Rio da Prata — Houve um declínio na produção de cereais e melhoria na indústria pastoril e suas derivadas. A intensa procura por parte das Nações Unidas de carne de vaca, de carneiro e outros produtos da pecuária, concorreu, com seus altos preços, para a expansão da indústria pastoril. Além disso, aumentou bastante o consumo interno de carne, devido à industrialização sentida nos centros urbanos.

Nota-se igualmente grande aumento na produção de óleos vegetais alimentícios, especialmente no de sementes de girassol, para compensar a falta do azeite de oliveira oriundo da Europa e do óleo de côco do Extremo Oriente.

A situação dos gêneros alimentícios na Argentina caracteriza-se pela exportação dos excessos dos produtos principais, especialmente cereais, carne e laticínios. Os principais produtos de importação são café, mate, e frutas secas ou frescas, em certas estações do ano. O trigo e o milho são em geral produzidos para a exportação, pois que apenas pequena fração é consumida no país; já quanto à carne, a parte consumida é muito maior. A medida governamental de se usa-

rem milho, linhaça, óleo de linhaça e trigo como combustível, mediante regulamentos especiais e preços tabelados, estabeleceu um esquadro de emergência para os estoques estagnados desses produtos. Usaram-se também cereais como forragem, especialmente na expansão da criação de porcos.

No Uruguai é a carne que domina por completo a exportação, pois os produtos animais (lã, couros e gado em pé) constituem normalmente cerca de 90 % do total de suas exportações. Produz também um certo excesso de trigo, exportado sob a forma de farinha, seguindo-se-lhe a linha, aves e ovos, algumas frutas e legumes. O açúcar e o mate constituem o grosso das importações uruguaias, vindos sobretudo do Brasil e Argentina atualmente. A única alteração sensível durante a guerra foi na produção de óleos alimentícios, que triplicou libertando o país das importações.

No Paraguai a produção de alimentos fez progressos notáveis durante a guerra. A carne, principal produto exportável e de alta relevância na vida interna do país, teve a sua produção aumentada de maneira excepcional. O arroz, por sua vez, teve sua produção quase que triplicada. O alimento básico do povo é a mandioca, e sua produção tem sido ultimamente intensificada para compensar as reduções verificadas nas importações de farinha de trigo da Argentina.

Dicionário Militar Brasileiro (*)

Cap. OTÁVIO A. VELHO

ACAMPAMENTO — 1 — Forma de estacionamento em que a tropa arma barracas para nelas se alojar.

2 — Local onde uma tropa está acampada.

ACAMPAMENTO-BIVAQUE — Forma mista de estacionamento em que parte da tropa acampa, e outra — geralmente uma fração destinada à segurança — estabelece-se em bivaque.

ACANTONAMENTO — 1 — Forma de estacionamento em que a tropa ocupa edifícios que permitam a instalação de todo o seu efetivo.

2 — Local onde uma tropa está acantonada.

ACANTONAMENTO-ACAMPAMENTO — Forma mista de estacionamento em que, seja por deficiência de instalações, seja por medida de segurança, parte da tropa acantona e outra parte arma barracas.

ACANTONAMENTO-BIVAQUE — Forma mista de estacionamento, pouco comum, em que parte da tropa fica acantonada e outra parte bivacada.

ACELERÓGRAFO — Instrumento balístico que fornece, por um gráfico, a lei de sucessão das pressões dos gases da carga de projeção de determinada munição, em qualquer ponto da alma da boca de fogo.

ACELERÔMETRO — Instrumento balístico destinado a medir, por uma só prova, a sucessão das pressões desenvolvidas, durante o tiro, pelos gases provenientes da combustão da carga de projeção de determinada munição.

(*) — Por motivo de força maior, somente neste número foi-nos possível publicar esta parte referente à letra A.

ADJUNTO — 1 — Junto. Anexo.

2 — Auxiliar de uma autoridade e que a substitui em seus impedimentos temporários.

ARMA — 1 — Parte constitutiva do armamento de um indivíduo ou de uma tropa.

2 — Instrumento, utensílio, aparelho ou engenho que, utilizado diretamente no combate, serve para causar danos, materiais ou morais, a pessoal, instalações ou material do inimigo.

3 — Sub-divisão da tropa combatente do Exército, organizada tendo em vista reunir elementos de características semelhantes na maneira de combater e em seus princípios gerais de emprêgo tático.

Na organização militar de tempo de paz, todavia, tal critério é frequentemente preterido por motivos de ordem económica ou administrativa.

ARMA ANTE-CARGA — Aquela cujo carregamento se faz pela boca.

ARMA de ARREMÊSSO — A que se destina a lançar um projétil à distância, não sendo arma de fogo.

ARMA AUTOMÁTICA — Arma de fogo que utiliza a força dos gases da própria carga de projeção, segundo um dos princípios de automatismo seguintes :

1.^o) — Utilização do recuo, por pressão direta dos gases sobre a culatra, podendo ser com a culatra aferrolhada ou desaferrolhada.

2.^o) — Tomada de gases, isto é, ação dos gases por intermédio de um sistema de propulsão distinto da culatra, que é aferrolhada. Essa tomada pode ser feita em um ponto do cano, na boca ou na câmara (êste é pouco usado).

ARMA BRANCA — Tôda aquela que é constituída essencialmente de uma lâmina metálica e destinada a produzir ferimentos penetrantes ou cortantes, no combate à curta distância e na luta corpo a corpo.

ARMA COLETIVA — Aquela que é servida por vários homens, agindo em proveito de toda uma unidade.

ARMA DEFENSIVA — A que se destina essencialmente à defesa de quem a utiliza.

ARMA de DUPLO CARREGAMENTO — Aquela em que o projétil é introduzido pela boca, e o cartucho propulsivo pela culatra.

ARMA de FOGO — Toda aquela que funciona mediante a deflagração de uma carga de pólvora cuja combustão dá lugar à formação de gases, e sob a ação destas é lançada no ar uma espécie determinada de munição. Sua classificação é função do estudo de suas características, munições, condições de serviço e organização geral.

A) — Quanto ao destino :

- 1.^o — De serviço : *Arma individual ou arma coletiva.*
- 2.^o — De tiro : *Arma de tiro tenso, arma de tiro curvo, arma de tiro tenso e curvo.*

B) — Quanto ao valor balístico :

- 1.^o — Quanto à potência — analisada sob os aspectos de *velocidade inicial, alcance útil, alcance máximo, tensão da trajetória e potência do projétil.*
- 2.^o — Quanto à justeza
- 3.^o — Quanto à mobilidade.

C) — Quanto ao funcionamento :

- 1.^o — Quanto ao princípio geral de funcionamento : — *arma ante-carga, arma retro-carga, arma de duplo carregamento.*

2.^o — Quanto ao princípio-motor : — *arma não-automática, arma automática, arma semi-automática.*

3.^o — Quanto à velocidade de tiro : *lento, rápido, acelerado.*

ARMA INDIVIDUAL — Arma servida por um homem, agindo em proveito do mesmo, ou, quando empregada em um conjunto de outras semelhantes, em proveito de uma unidade.

ARMA NÃO-AUTOMÁTICA — Aquela cujo princípio-motor é a força muscular do atirador.

ARMA OFENSIVA — A que se destina essencialmente a atacar o adversário.

ARMA de REPETIÇÃO — Arma retro-carga, não-automática, cujo carregamento, uma vez introduzida a munição pelo atirador no respectivo depósito, é realizado por um dispositivo mecânico.

ARMA RETRO-CARGA — Aquela cujo carregamento se faz pela culatra, seja *à mão* (cartucho por cartucho), seja por *repetição*.

ARMA SEMI-AUTOMÁTICA — Aquela cujo funcionamento é em parte assegurado pela força muscular do atirador e em parte pelos gases da própria carga de projeção da munição atirada.

ARMAS — 1 — Conjunto de instrumentos ou engenhos de combate.

2 — Brazão. Escudo. Símbolo heráldico.

3 — No Exército Brasileiro são assim chamadas atualmente as seguintes sub-divisões principais de sua tropa combatente: Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia. Os elementos destinados às Forças Blindadas e às Forças Aero-terrestres, são recrutados dentre o pessoal dessas quatro Armas; os destinados à Artilharia de Costa e à Artilharia Anti-Aérea, dentre o da Artilharia; os destinados às Transmissões, dentre o da Engenharia.

ASSESTAR — 1 — Colocar com firmeza.

2 — Dirigir golpe ou fazer pontaria, com uma arma, contra uma pessoa ou outro alvo qualquer.

ASSISTENTE — 1 — Que assiste.

2 — Oficial auxiliar de um Oficial-General a quem serve de secretário.

ATENALHADA — Frente ou linha fortificada traçada em tenalha.

ATENALHAR — 1 — Traçar uma linha ou fortificar uma posição em tenalha.

2 — Construir uma organização, posição, sapa, etc.; em tenalha.

ATENÇÃO — 1 — Ato de atender.

2 — Aplicação do espírito ao que se faz ou se diz.

3 — Voz de comando, de advertência.

ATENUANTES — 1 — Circunstâncias que, levadas em consideração no julgamento de uma transgressão disciplinar ou crime, influem na diminuição da pena a ser imposta ao culpado.

2 — Tudo o que diminui uma falta ou a gravidade desta.

ATIRADOR — 1 — Aquele que atira com uma arma de fogo.

2 — Aquele que lança uma arma de arremesso.

3 — No serviço de um canhão, obuseiro ou outra arma coletiva, é o servente encarregado de manejar o mecanismo de disparo.

4 — Candidato a reservista que recebe sua instrução militar num Tiro de Guerra.

ATIVACÃO — Ação de ativar alguma coisa.

ATRAZADO — 1 — O que ficou ou foi deixado para trás.

2 — Retardado. Adiado.

3 — Retardatário.

4 — Fora do devido tempo.

5 — Referente a coisas já passadas.

ATRELAGEM — 1 — Conjunto de peças de arreio e dispositivos que permitem a tração de uma viatura nio móvel pelos respectivos animais.

2 — Conjunto de animais que tracionam uma viatura hipomóvel.

3 — Operação que consiste em acoplar os dispositivos existentes no arreio de tração dos animais aos engates da viatura que eles devem tracionar.

ATRELAR — 1 — Executar a operação da atrelagem.

2 — Ordem, toque ou voz de comando para executar a atrelagem.

ATRIBUIÇÕES — 1 — Aquilo que é da própria competência do cargo ou função.

2 — Conjunto de prerrogativas e deveres inerentes ao posto, cargo ou função.

ATRIBUTOS — 1 — Tudo o que se afirma de uma pessoa ou coisa.

2 — Aquilo que é próprio ou peculiar a um indivíduo.

3 — Propriedades. Características. Qualidades.

AUSÊNCIA — 1 — Falta. Omissão.

2 — Situação do militar que passou a *ausente*.

AUSENTE — Diz-se do militar que passou 24 horas sem comparecer ao quartel ou local de serviço, sem permissão e sem comunicar a seu superior imediato as razões que o levaram a tal.

AUSTERIDADE — 1 — Severidade. Rigor.

2 — Inteiraza de costumes. Vigor de disciplina.

3 — Exacção no cumprimento das leis e dos deveres.

AUTO — 1 — Automático.

2 — Automóvel.

AUTOGIRO — *Aeródino* que representa uma combinação do avião e do helicóptero. Não possui asas e sua força de sustentação é obtida por meio da ação de hélices (rotor) que giram no plano horizontal; por outro lado, possui uma hélice tratora para o deslocamento horizontal.

AUTOMÁTICO — 1 — Tudo aquilo que funciona baseado no princípio do automatismo.

2 — Que ocorre sem intervenção estranha.

AUTOMATISMO — 1 — Propriedade específica de tudo aquilo que é automático.

2 — Propriedade de uma arma, maquinismo ou aparelho que permite a continuidade do seu funcionamento, dentro de certos limites de construção, sem haver necessidade da intervenção do operador.

AUTOMOTRIZ — V. *Veículo automotriz*.

AUTORIDADE — 1 — Poder legítimo a que se deve obediência por imposição das leis e regulamentos.

2 — Pessoa investida de poder legítimo.

3 — Poder ou direito de comandar.

AUTORITÁRIO — 1 — Que tem o caráter ou a aparência de autoridade.

2 — Que não admite discussão.

AVALIAÇÃO — Ato e efeito de avaliar. Estimativa.

AVANÇO — 1 — Hovimento para a frente. Progressão.

2 — Movimento em direção ao inimigo.

AVANÇO por **LANCES** — V. *Progressão por lances*.

AVIAÇÃO — 1 — Ciência que se ocupa do estudo dos aeródinos, e em particular dos aviões.

2 — Arte de conduzir aviões.

3 — Conjunto de aviões, Frota aérea. Pode ser *Civil* ou *Militar*.

AVIAÇÃO de **ATAQUE** — Denominação dada antigamente à *Aviação de bombardeio leve*.

AVIAÇÃO de **BOMBARDEIO** — Conjunto de *bombardeiros* da Aviação Militar, destinada essencialmente à execução do bombardeio aéreo. Pode ser de bombardeio *Leve*, de *Mergulho* ou *Picado*, *Médio* e *Pesado*.

AVIAÇÃO de **BOMBARDEIO LEVE** — É a destinada e equipada para agir em apoio a forças terrestres, navais

ou mistas. Empregada nos ataques às linhas de comunicações e reaprovisionamento, às reuniões de tropas e veículos, e na destruição de objetivos materiais, compreende tipos diferentes de bombardeiros leves, com metralhadoras, bombas, lança-rojões, canhões e dispositivos para lançar agressivos químicos.

AVIAÇÃO de BOMBARDEIO MÉDIO — É a organizada para atacar objetivos terrestres, podendo transportar uma quantidade regular de bombas pesadas a grandes distâncias, bem como a efetuar reconhecimentos afastados em terra ou no mar.

AVIAÇÃO de BOMBARDEIO PESADO — Parte da Aviação Militar destinada a atacar objetivos terrestres ou navais com bombas, podendo transportar grandes quantidades de bombas pesadas a grandes distâncias, e a realizar reconhecimentos afastados em terra ou no mar.

AVIAÇÃO de BOMBARDEIO PICADO — Parte da *Aviação de Bombardeio Leve* constituída por bombardeiros especializados no lançamento de bombas em vôo picado.

AVIAÇÃO de CAÇA — V. *Caça*.

AVIAÇÃO de CAÇA de COBERTURA — V. *Caça de cobertura*.

AVIAÇÃO de CAÇA de INTERDIÇÃO — V. *Caça de interdição*.

AVIAÇÃO CIVIL — Frota aérea destinada a fins civis. Compreende a *Aviação comercial* e a *Aviação de desporto e turismo*.

AVIAÇÃO de INFORMAÇÕES — Parte da Aviação Militar que se destina à busca de informações. Divide-se em *Aviação de Reconhecimento* e *Aviação de Observação*. Com ela coopera, na missão de descoberta aérea afastada, a Aviação de Bombardeio.

Deem Estádios ao Exército

Construção de um estádio de treinamento

Acaba de ser editado um novo livro sobre educação física militar, denominado "Deem Estádios ao Exército", de autoria do Major Jair Jordão Ramos, ex-instrutor e ex-chefe do Departamento Técnico da Escola de Educação Física do Exército.

INDICE

Plano tipo	5
Escolha do terreno	5
Orientação geral	6
Trabalhos preliminares	7
Plano de construções	7

I — PISTA DE CORRIDAS

Considerações sobre o traçado	7
Desenvolvimento	10
Largura	1
Padronização	11
Traçado no terreno	12
Construção propriamente dita	13
Construção e marcação da corda	16
Drenagem	19
Postes de chegada	23
Marcação	20
Conservação	23

II — TERRENO NO INTERIOR DA PISTA

Aproveitamento	24
Drenagem	24
Preparação, tratamento e conservação do gramado	25

Campo de futebol	26
Locais para saltos	29
Locais para arremessos	35

III — APARELHOS E INSTALAÇÕES DIVERSAS

Aproveitamento	40
Pórtico de ginástica	40
Barras duplas	43
Traves de equilíbrio	43
Mastro	44
Arquibancada	44

IV — INSTALAÇÕES COMPLEMENTARES

Torre de escalada	45
Campo de basquetebol	49
Campo de voleibol	62
Pista de obstáculos	64
Campos para lançamento de granadas	83
Terrenos para treinamento do combate à baioneta	89
Local de boxe	97
Sala d'armas	100
Material móvel	102

Preço Cr\$ 30,00

Pedidos à Biblioteca de "A Defesa Nacional", sendo que os superiores a 10 exemplares terão um desconto de 10%.

AVIAÇÃO MILITAR — Parte da Fôrça Aérea de um país constituída de aviões militares, apta ao desempenho das missões gerais de destruição de objetivos terrestres e aéreos, bem como à busca e transmissão de informações. Compreende: a *Aviação de Caça*, a *Aviação de Bombardeio*, a *Aviação de Informações* e a *Aviação de Transporte*.

AVIAÇÃO de OBSERVAÇÃO — Parte da Aviação de Informações que executa normalmente, em proveito do Comando e das unidades subordinadas, as missões de : — reconhecimento; contrôle, regulação e observação do tiro de Artilharia; vigilância da zona de ação de um conjunto de unidades de Artilharia; busca de objetivos para a Artilharia; acompanhamento do combate e vigilância do campo de batalha. Eventualmente, pode ainda ser chamada a realizar ligações rápidas e cooperar em outras missões.

AVIAÇÃO de RECONHECIMENTO — Parte da Aviação de Informações destinada essencialmente às missões de *reconhecimento aéreo*.

Sua atuação depende sobretudo do escalão de Comando para o qual trabalha.

AVIAÇÃO de TRANSPORTE — É a constituída por aviões bimotores e quadrimotores, bem como por planadores, rebocados, destinados ao transporte de pessoal, material e suprimentos de tóda natureza.

AVIÃO ANFÍBIO — V. *Anfíbio*.

AVIÃO de ATAQUE — V. *Bombardeiro leve*.

AVIÃO BIFUSELADO — Aquele que tem dupla fuselagem.

AVIÃO BIMOTOR — Aquele que possui dois motores, seja em linha, seja em tandem.

AVIÃO BIPLACE — V. *Biplace*.

AVIÃO BIPLANO — O que tem dois pares de asas, um à direita e outro à esquerda.

AVIÃO de BOMBARDEIO — V. *Bombardeiro*.

AVIÃO de BOMBARDEIO LEVE — V. *Bombardeiro leve*.

AVIÃO de BOMBARDEIO MÉDIO — V. *Bombardeiro médio*.

AVIÃO de BOMBARDEIO em Mergulho — V. *Bombardeiro de picada*.

AVIÃO de BOMBARDEIO PESADO — V. *Bombardeiro pesado*.

AVIÃO de BOMBARDEIO-PATRULHA — V. *Bombardeiro-patrolha*.

AVIÃO de BOMBARDEIO PICADO — V. *Bombardeiro de picada*.

AVIÃO de BOMBARDEIO-RECONHECIMENTO — V. *Bombardeiro-reconhecimento*.

AVIÃO-BOMBARDEIRO — V. *Bombardeiro*.

AVIÃO MILITAR — 1 — O que pertence à Força Aérea de um país.

2 — Aquele que é construído e equipado para fins militares. Os aviões militares classificam-se em :

Tipos terrestres e costeiros, de ação tática ou estratégica: — *Caça, Bombardeiro, de Informações, de Transporte*.

Tipos marítimos, de ação tática: — *Caça de proteção, Bombardeiro-reconhecimento e Reconhecimento-bombardeiro, Reconhecimento-observação, Torpedeiro*.

De treinamento: — *Primário, Secundário, Avançado*.

AVIÃO MONOFUSELADO — Aquele cuja fuselagem é constituída por um corpo único e contínuo.

AVIÃO MONOMOTOR — O que tem um motor único, que pode ser de impulsão ou de tração, radial ou em linha, ou ainda a jacto.

AVIÃO MONOPLACE — V. *Monoplace*.

AVIÃO MONOPLANO — Aquele que só tem um par de asas.

AVIÃO MULTIPLACE — V. *Multiplace*.

AVIÃO MULTIMOTOR — V. *Avião polimotor*.

AVIÃO de OBSERVAÇÃO — Tipo de avião de informações, de tamanho médio, monomotor, biplace, monoplane ou biplano, caracterizado pela possibilidade de voar a velocidades reduzidas, bem como de decolar e aterrar dentro de pequenas áreas. Opera a médias e baixas alturas, próximo às linhas amigas, no desempenho das missões específicas da *Aviação de Observação*.

AVIÃO POLIMOTOR — O que tem mais de quatro motores.

AVIÃO QUADRIMOTOR — O que tem dois pares de motores, podendo estes serem em linha ou em tandem.

AVIÃO de RECONHECIMENTO — Tipo de avião de informações, de tamanho médio, monomotor e de velocidade reduzida, ou então de tamanho médio, bimotores e de grande velocidade, apto à execução das missões de reconhecimento aéreo. Voa isolado a qualquer altura; sua zona de ação normal é no interior das linhas inimigas.

AVIÃO de RECONHECIMENTO-BOMBARDEIO — Tipo marítimo de avião, análogo ao *Bombardeiro-reconhecimento*, com a diferença de geralmente operar isolado.

AVIÃO de RECONHECIMENTO-OBSERVAÇÃO — Tipo marítimo de avião, com base em navio porta-aviões, ou de hidro-avião, com base em couraçados ou cruzadores. Monomotor, monoplane, ou biplano, de velocidade relativamente pequena, raio de ação e teto médios. Opera isolado, a baixas e médias alturas, em missões de reconhecimento, observação e regulação do tiro da Artilharia Naval.

AVIÃO SESQUIPLANO — É o avião biplano em que a asa inferior tem um comprimento igual a $2/3$ do da asa superior.

AVIÃO TORPEDEIRO — Tipo marítimo de avião, monoplane, que parte geralmente de porta-aviões e opera em formações, com a missão de lançar torpedos contra as embarcações e navios inimigos.

AVIÃO de TRANSPORTE — Grande avião, bimotor ou quadrimotor, semelhante em dimensões e aparência aos bombardeiros médios e pesados, destinado ao transporte de tropas e suprimentos, podendo desembarcá-las em terra firme ou lançá-las do ar por meio de pára-quedas.

AVIÃO de TREINAMENTO AVANÇADO — Monomotor ou bimotor, de média ou grande potência, monoplane de asa baixa, monoplac de nacele fechada, com o trem de aterragem escamoteável, dotado de instrumentos de navegação e rádio, bem como de armamento que pode compreender metralhadoras, lança-rojões, algumas bombas e mesmo um canhão de pequeno calibre.

AVIÃO de TREINAMENTO PRIMARIO — É geralmente um monomotor leve e de baixa potência, biplace, monoplane ou biplano, com nacela aberta e trem de aterragem fixo.

AVIÃO de TREINAMENTO SECUNDARIO — Monomotor leve e de baixa potência, biplace, monoplane ou biplano, com nacela aberta e trem de aterragem geralmente escamoteável. Pode ser eventualmente utilizado em missões militares que não de combate, tais como: observação, reconhecimento, ligação, etc.

AVIÃO TRIMOTOR — O que é dotado de três motores.

AVISO — 1 — Notícia. Informação. Notificação.

2 — Ordem que foi dada a conhecer.

BACIA — 1 — *Depressão* em forma de funil, raramente isolada, e sem escoamento para as águas, e que serve em geral de fundo de um lago.

2 — Conjunto de terras banhadas por um determinado curso d'água, geralmente de certa importância, e pelos seus afluentes e sub-afluentes.

BAIONETA — Arma branca que é adaptada à boca do fuzil ou mosquetão, empregada na luta corpo a corpo. Pode também ser utilizada sòzinha para a defesa imediata.

BAIXADA — *Planície* situada entre as abas de grandes elevações e o mar.

BALÃO — *Aeróstato*, cativo ou livre, que se sustenta na atmosfera pela ação de um gás mais leve do que o ar, e que não dispõe de meios próprios de propulsão.

BALÃO de BARRAGEM — *Balão cativo* empregado na defesa anti-aérea de um ponto sensível, navio, localidade, etc. Dispostos em série, em tórno do local ou região a proteger, os balões de barragem mantêm suspensos verticalmente finos cabos metálicos que formam como que u'a malha de proteção contra os ataques aéreos em vôo baixo ou picado. Além da ação do próprio cabo metálico sobre o avião que contra ele se choca, esse cabo tem ainda, em uma das extremidades, uma bomba explosiva que funciona ao bater no avião quando este arrasta o cabo.

BALÃO CATIVO — Aeróstato preso ao solo por um cabo. Pode ser de *observação* ou de *barragem*.

BALÃO DIRIGÍVEL — V. *Dirigível*.

BALÃO "PLAFOND" — V. *Balão de teto*.

BALÃO-PILOTO — Pequeno balão de borracha, cheio de hidrogênio, utilizado para a determinação do vento verdadeiro.

- BALÃO de TETO** — Pequeno balão análogo ao *balão-piloto*, utilizado para a determinação do *teto*.
- BANCO de ENSAIO** — V. *Banco de prova*.
- BANCO de PROVA** — Estrutura reforçada de madeira ou metal sobre a qual se fixa um motor, na oficina ou laboratório, para submetê-lo a experiências ou verificações de funcionamento.
- BANDEIRA NACIONAL** — Símbolo da Pátria. Um dos *símbolos nacionais*. Cada corpo de tropa deve ter sob sua guarda uma Bandeira Nacional, destinada a estimular, entre os que se grupam em torno dela, o elevado sentimento de sacrifício no cumprimento do dever de cidadão e de soldado.
- BAR** — Unidade de pressão atmosférica, equivalente a 1 milhão de *dynos* por cm.².
- BARLAVENTO** — Lado de uma embarcação, ou de uma ilha, de onde sopra o vento.
- BARÓGRAFO** — Tipo de *barômetro aneróide* adaptado para o registro da variação diurna de pressão, fornecendo um *diagrama de pressões*.
- BAROGRAMA** — V. *Diagrama de pressões*.
- BARÔMETRO** — Instrumento por meio do qual se mede a pressão atmosférica. Pode ser de *mercúrio* e *aneróide* ou *metálico*.
- BARÔMETRO ANERÓIDE** — 1 — O que indica as variações de pressão por meio de deslocamentos angulares de um ponteiro conjugado a uma câmara metálica de ar rarefeito. Menos preciso, é, porém, mais resistente e mais fácil de transportar que o de mercúrio.
2 — Barômetro utilizado nas aeronaves sob a forma de *altímetro*.
- BARÔMETRO de MERCÚRIO** — O que indica as variações de pressão por meio de oscilações no nível de uma coluna de mercúrio.

BARÔMETRO METÁLICO — V. *Barômetro aneróide.*

BARÔMETRO REGISTRADOR — V. *Barógrafo.*

BARRA de DIREÇÃO — Alavanca horizontal, em um avião, sôbre que estão fixados os pedais do leme de direção, e a cujas extremidades se vêm fixar os cabos de comando desse leme.

BARRAGEM de DETER — *Barragem de fogos* executada numa situação defensiva, imediatamente à frente da *Linha de deter.*

BARRAGEM FIXA — Modalidade de execução dos tiros *de deter* da Artilharia de Campanha. E' executada com alça única, o mais próximo possível da linha a proteger, levando-se em conta a *zona de segurança* necessária para deixar a tropa amiga ao abrigo dos tiros curtos. Em princípio é desencadeada utilizando-se os dados obtidos pela preparação teórica ou fornecidos por uma *peça de amarração.*

BARRAGEM de FOGOS — Combinação de fogos tendo por fim concentrar projetís, sem solução de continuidade, sôbre uma faixa de terreno mais ou menos extensa e precisamente determinada.

BARRAGEM GERAL — *Barragem de fogos* densa, contínua e poderosa, executada à frente da *Linha principal de resistência* para quebrar o ímpeto e destruir ou repelir o ataque inimigo. Nela devem tomar parte tôdas as armas disponíveis da defesa da posição; seu desencadeamento é ordenado pelo Comando superior.

BARRAGEM ROLANTE — Uma das formas que a Artilharia emprega para executar os tiros *de apoio imediato* ao ataque realizado pela Infantaria. E' constituída por uma cortina de fogo e fumaça, obtida por meio de um tiro *percutante*, executado com alça única, que se desloca por lances condicionados à velocidade de progresso da Infantaria, e por um tiro *de varrer* (de preferência de tempo) batendo tôda a zona que se estende

desde a atingida pelo tiro percutente até cerca de 500 metros além. Ela tem uma ação brutal em todos os objetivos que encontra, não sendo preciso conhecer com antecedência a localização dos mesmos.

BASE (*) 5 — Fundação ou parte sôbre a qual repousa um objeto ou instrumento.

6 — Unidade ou fração em função da qual são montadas as manobras e executados os movimentos no decorrer de operações táticas.

7 — Conjunto de instalações ou depósitos de que uma força militar em operações recebe suprimentos.

8 — Linha utilizada em Topografia, em Geodésia ou na preparação topográfica do tiro, como referência para medida de ângulos e de distância.

9 — V. *Sopé*.

BASE AVANÇADA — 1 — Base de reaprovisionamento, instalada na Secção Avançada da Zona de Comunicações.

2 — Região, na Secção Avançada da Zona de Comunicações, onde podem ser instalados depósitos ou centros de reaprovisionamento.

BASE de FOGOS — 1 — Conjunto dos meios de fogo da Infantaria (ou Cavalaria) destinados a facilitar o desembocar do *Escalão de ataque* da *base de partida*, ou o reinício do ataque após uma parada, bem como a proteger a progressão desse escalão e, eventualmente, a limitar-lhe o recuo em caso de revés.

2 — *Escalão de fogo* das unidades de Inf. (ou Cav.) no ataque.

3 — Faixa de terreno ocupada por esses meios de fogo.

BASE GEODÉSICA — Lado de um triângulo componente de uma *rêde geodésica*.

BAZUCA — Arma anti-carro muito simples, baseada no princípio de emprêgo do projétil-foguete. E' constituída de um tubo, munido de empunhadura, depósito, me-

(*) — V. parte já publicada.

canismo de fogo e aparelho de pontaria. Lança uma granada carregada com explosivo brisante, de terríveis efeitos de destruição, capaz de perfurar a maior couraça atualmente usada nos engenhos blindados, incendiando o seu interior. A guarnição normal é de dois homens, podendo ser transportada por um só a qualquer ponto que um homem possa atingir rastejando. Sua cadência de tiro é função da rapidez de remunição. O emprego no combate limita-se a curtas distâncias, atirando-se nas partes mais vulneráveis dos engenhos blindados.

BEQUILHA — Um dos órgãos do *trem de pouso* de um avião, localizado na extremidade posterior e sob a fuselagem. Pode constar, conforme o caso, de uma simples sapata de ferro fundido, de uma *rodilha* ou de um deslizador.

BEQUILHA COMANDADA — É a bequilha constituída por uma *rodilha* que pode ser controlada de modo a girar em bloco com o leme de direção, facilitando o comando direcional do avião durante a *rolagem*.

BERÇO do MOTOR — Armação metálica de grande resistência sobre a qual é instalado, em um avião, o motor.

BIELA — Peça que, em um motor, estabelece a ligação entre o *êmbolo* e a *manivela*, e cuja função é transformar o movimento retilíneo alternado do êmbolo em movimento circular contínuo do *eixo-motor*. Divide-se em *pé*, *corpo* e *cabeça*.

BIMOTOR — Que tem dois motores.

BIPLACE — Avião, viatura ou aparelho que dispõe de lugar para duas pessoas.

BIPLANO — V. *Avião biplano*.

BIRUTA — 1 — Indicador de vento.

2 — Cone truncado de pano ou lona fina que é instalado na extremidade superior de um mastro para fornecer indicações sobre a direção do vento.

BLINDAGEM — Cobertura protetora, particularmente de chapas metálicas, utilizada em navios, carros de combate, veículos motorizados, etc.

BOMBA — 1 — Projétil transportado e lançado por aeronaves ou por meio de dispositivos especiais.
2 — Tipo de máquina.

BOMBA AÉREA — A que é lançada por aeronaves.

BOMBA d'ÁGUA — Bomba, geralmente centrífuga, empregada no sistema de *arrefecimento* dos motores a explosão, cuja pressão faz forçar o movimento da água através das *camisas* e *câmaras de água*. Sua colocação normal é junto das camisas d'água dos cilindros, de modo a deixar o *radiador* em carga. Ela deve apresentar uma vasão satisfatória e funcionar com segurança, qualquer que seja a velocidade de rotação do motor.

BOMBA EXPLOSIVA — *Bomba aérea* com uma carga de arrebetamento de explosivo brisante.

BOMBA FUMIGENA — *Bomba aérea* carregada com um agressivo químico fumígeno.

BOMBA INCENDIARIA — *Bomba aérea* carregada com um agressivo químico incendiário.

BOMBA PERFURANTE de BLINDAGEM — A que é construída para penetrar o mais possível através materiais ou objetos muito espessos ou fortemente blindados, tais como abrigos de concreto ou metálicos, navios encouraçados e engenhos blindados.

BOMBA-TÓXICA — *Bomba aérea* carregada com *agressivos químicos tóxicos*.

BOMBA VOADORA — Engenho de guerra que consiste em um pequeno *aeródino* provido com um dispositivo de propulsão a jacto, com um sistema giroscópico que realiza a manutenção do equilíbrio nos três eixos e com uma poderosa carga de explosivo brisante que o faz arrebentar ao menor contacto. É lançada de plataformas

equipadas com trilhos. Sua velocidade vai além de 650 km/h e seu alcance ultrapassa 500 km.

BOMBARDEADOR — 1 — Aquêlê ou aquilo que bombardeia.

2 — Membro da tripulação de uma aeronave encarregado do manêjo do aparelho de pontaria e do dispositivo de lançamento das bombas.

BOMBARDEIO — 1 — Ação de lançar bombas.

2 — V. *Bombardeio aéreo*.

3 — Forma de execução do tiro de Artilharia que compreende normalmente duas fases: a primeira — violenta, brutal e inopinada — em que se procura a *neutralização* do inimigo, sobretudo pelos efeitos de *destruição* conseguidos sôbre o pessoal; a segunda, constituída por ações continuadas, em que se procuram manter os efeitos obtidos na primeira. Quando não fôr possível obter a surpresa por motivo da ajustagem do tiro, o bombardeio se reduz à segunda fase, em outros casos, como na *contra-preparação*, a segunda fase é que se torna desnecessária.

BOMBARDEIO AÉREO — 1 — Ato ou operação de lançar bombas, de bordo de aeronaves, sôbre determinado objetivo.

2 — Uma das missões das Forças Aéreas.

BOMBARDEIO PICADO — O que é executado por avião em vôo picado.

BOMBARDEIO em VÔO BAIXO — O que é executado por avião em *vôo rasante*.

BOMBARDEIRO — 1 — Avião de bombardeio.

2 — Avião militar dotado de grande potência, especialmente construído e equipado para o fim de transportar bombas e lançá-las sôbre os objetivos determinados. Compreende três categorias — *leve, médio e pesado* — conforme sua capacidade de carga de bombas, seu peso próprio e autonomia de vôo.

BOMBARDEIRO LEVE — Avião de tamanho médio, mono ou bimotor. Possui considerável maneabilidade e normalmente opera em formação a baixa e média altitude. Destina-se a atacar objetivos de construção ligeira, vias de comunicação e de reaprovisionamento, aeródromos, movimentos e concentrações de tropas descobertas ou ligeiramente abrigadas. É o elemento da aviação de combate que trabalha em apóio direto às forças terrestres.

BOMBARDEIRO MÉDIO — Avião geralmente bimotor, devido ao seu tamanho é menos maneável que os outros tipos menores de aviões de combate. Destina-se a transportar pesadas cargas de bombas a grandes distâncias, a atacar objetivos materiais e a levar a efeito a *descoberta aérea afastada* sobre o mar ou território inimigo.

BOMBARDEIRO de MERGULHO — V. *Bombardeiro de picada*.

BOMBARDEIRO-PATRULHA — Tipo marítimo de grande hidroavião bi ou quadrimotor e de envergadura superior a 30 metros, monoplane ou biplano. Pode operar isoladamente ou em formações, a baixas ou grandes altitudes, dependendo de seu tipo (bi ou quadrimotor) e da missão na qual está engajado (bombardeio ou patrulha). Pode agir em proveito das forças navais, em busca de objetivos, além das suas missões normais.

BOMBARDEIRO-PESADO — Avião análogo ao *Bombardeiro médio* do qual difere apenas por ser quadrimotor, ter maior autonomia e raio de ação, e maior carga útil.

BOMBARDEIRO de PICADA — Tipo especial de *Bombardeiro leve* que, para lançar suas bombas, mergulha quase a prumo, de bem alto, sobre o objetivo, fazendo o bombardeio por avião isolado. Possui freios aerodinâmicos nas asas e outros dispositivos que possibilitam a saída do mergulho e a continuidade de ação do piloto após o tremendo esforço que nessa ocasião é exigido de

seu organismo. Presta-se especialmente à luta contra os engenhos blindados, posições sólidamente fortificadas, etc.

BOMBORDO — 1 — Bordo esquerdo de uma embarcação ou aeronave, supondo-se o observador voltado de frente para a *prôa* ou *nariz*.

2 — Tôda a parte da embarcação ou aeronave que fica à esquerda do seu plano de simetria.

BORDO — 1 — Beira. Borda. Extremidade lateral.

2 — Lado. Costado.

3 — V. *Estar a bordo*.

BORDO de ATAQUE — Aresta anterior da superfície da *asa* de um avião. Parte da *asa* voltada para a direção de marcha ou de vôo.

BORDO de FUGA — Aresta posterior da superfície da *asa* de um avião. Parte da *asa* voltada para a cauda do avião.

BORESTE — 1 — Bordo direito de uma embarcação ou aeronave, supondo-se o observador voltado de frente para a *prôa* ou *nariz*.

2 — Tôda a parte da embarcação ou aeronave que fica à direita de seu plano de simetria.

BOSQUE — *Mata* que cobre pequena extensão de terreno e onde a vista pode abranger os limites da vegetação, observados de uma elevação.

BOSSA da HÉLICE — V. *Cubo da hélice*.

BRECAR — V. *Freiar*.

BRECHA — 1 — Abertura, fenda ou rutura que se faz com violência em coisa sólida ou fechada: fortificação, dispositivo de uma tropa, etc.

2 — Garganta estreita e profunda entre dois movimentos do terreno.

BREJO — *Planície* baixa, sujeita às invasões das águas fluviais e pluviais.

BREVÊ de PILOTO — Documento de habilitação para a pilotagem livre de um ou mais tipos de aviões, nele especificados.

BRISA — Tipo de vento local.

BRISA MARÍTIMA — Aquela que se desenvolve perpendicularmente ao litoral, dirigida do mar para a terra, nos dias calmos em que a atmosfera não está subordinada a correntes de ar mais generalizadas.

BRISA das MONTANHAS — Geralmente fresca, é a que sopra, durante a noite, das montanhas para os vales, por efeito da diferença de aquecimento.

BRISA TERRESTRE — Aquela que se desenvolve em circunstâncias semelhantes à *brisa marítima*, porém com direção oposta. Principia ao anoitecer, prolongando-se frequentemente até um pouco depois do nascer do Sol, no dia seguinte.

BRISA dos VALES — Em geral quente, é a que sopra, durante o dia, em sentido oposto ao da *brisa das montanhas*, e cuja causa é semelhante à desta..

BRUMA — V. *Névoa*.

BRUMA ARTIFICIAL — V. *Névoa artificial*.

BRUMA ÚMIDA — V. *Névoa úmida*.

BÚSSOLA — Instrumento de orientação baseado no princípio da agulha magnética. Compõe-se essencialmente de um limbo graduado e de uma agulha ou feixe de agulhas imantadas. Há vários tipos e variedades.

Art. 3.º De 15 de dezembro a 15 de fevereiro e de 1 a 31 de julho os alunos de matrícula compulsória perceberão a etapa e vencimento de soldado engajado, salvo se forem funcionários públicos ou empregados em entidades autárquicas, quando perceberão apenas etapa, continuando a receber seus vencimentos normais pelas repartições a que pertencem. Os alunos de matrícula voluntária perceberão apenas etapa.

Art. 4.º Ficam os Ministérios da Guerra e da Educação autorizados a baixar instruções para execução deste Decreto-lei.

(Decreto-lei n.º 9.455 de 12-7-46 — D.O. de 15.7.946).

CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO — (Transferência)

— Art. 1.º A 6.ª Circunscrição de Recrutamento, com sede na cidade de Baurú, é transferida para a jurisdição da 9.ª Região Militar.

Art. 2.º É criada a 14.ª Circunscrição de Recrutamento com sede na cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo.

Art. 3.º O Ministro da Guerra fica autorizado a baixar portaria estabelecendo nova divisão territorial para as 4.ª, 5.ª e 14.ª Circunscrições de Recrutamento da jurisdição da 2.ª Região Militar e 6.ª Circunscrição do Recrutamento da jurisdição da 9.ª Região Militar.

Art. 4.º O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 9.441 de 10-7-946 — D.O. de 12.7.946).

CONFEDERAÇÃO COLUMBÓFILA BRASILEIRA — (Autorizações)

— Ficam os comandos de guarnição autorizados a fornecer às sociedades ou clubes filiados à Confederação Columbófila Brasileira, com sede na guarnição, os condutores necessários à execução de treinos ou concursos oficiais de pombos correios, de que trata a alínea d do art. 33 do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 23.905, de 22 de fevereiro de 1934, bem como a requisitar passagens para tais condutores e transporte das embarcações, na conformidade do que preceitua a segunda parte da alínea j do art. 13 do referido Regulamento, desde que as referidas entidades columbófilas façam prova de que se acham cumprindo programa de treinamento aprovado pela citada Confederação.

(Aviso n.º 826 de 4-7 — D.O. de 6-7-1946).

COMANDOS DE ARTILHARIA DIVISIONÁRIA — (Criação)

— Art. 1.º São criados, para organização imediata, os Comandos de Artilharia Divisionária das 2.ª, 5.ª e 7.ª Divisões de Infantaria, com sedes, respectivamente, em Itú (São Paulo), Curitiba (Paraná) e Recife (Pernambuco), a serem exercidos por General de Brigada.

Art. 2.º Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos necessários à execução do presente Decreto-lei.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 9.381 de 19-6-946 — D.O. de 21.6.946).

CURSO PROVISÓRIO DE TRANSMISSÕES — (Equiparação)

— De conformidade com o que propõe o Estado-Maior do Exército, o Curso Provisório de Transmissões (C. P. T.) é equiparado ao Curso de Comandante de Pelotão ou Seção para fins de promoção e das vantagens conferidas aos possuidores deste Curso.

(Aviso n.º 772 de 21 — D.O. de 24-6-946).

CURSO DE ESPECIALISTAS MECÂNICOS

— De conformidade com o que propõe o Estado-Maior do Exército, são equivalentes para efeitos de promoção, os cursos de especialistas mecânicos da Escola de Moto-Mecanização e o da Escola Técnica de Aviação (motores e viaturas motorizadas) de São Paulo.
(Aviso n.º 844 de 9 — D.O. de 11-7-946).

CURSO DE OFICIAIS DAS FORÇAS POLICIAIS OU CORPO DE BOMBEIROS — (Matricula).

— Para resolver a situação dos brasileiros matriculados nos cursos de formação de Oficiais das Forças Policiais ou Corpo de Bombeiros, enquanto se aguarda a publicação da nova lei do serviço militar, declaro que todos os cidadãos matriculados em cursos de formação de Oficiais das Polícias Militares e Corpo de Bombeiros, quando convocados, terão a incorporação adiada, sendo dispensados de incorporação mediante a comunicação do Comandante daquelas corporações ao da Região Militar. Serão incorporados ao Exército, para o serviço normal, os que não tiverem aproveitamento no primeiro ano e considerados reservistas de 2.ª categoria os desligados no segundo ano, ou depois.
(Aviso n.º 822 de 4-7 — D.O. de 6-7-946).

INCORPORAÇÃO DE RESERVISTAS — (Autorização).

— Art. 1.º Fica o Interventor Federal no Estado da Baía autorizado a incorporar, no corrente ano, à Força Policial daquele Estado reservistas de 1.ª categoria da disponibilidade do Exército.
Art. 2.º O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-lei n.º 9.384 de 20-6-946 — D.O. de 22-6-946).

NÚMERO DE AUXILIARES DE INSTRUTOR — (Retificação)

— Fica retificado de três (3) para cinco (5) o número de "Auxiliares de Instrutor" do Curso de Saúde constante do Quadro de Efetivo de Oficiais da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, aprovado pelo Aviso n.º 702, de 11 de junho findo.
(Aviso n.º 857 de 11-7 — D.O. de 13-7-946).

OFICIAIS E PRAÇAS DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO — (Movimentação).

— Aprovando as sugestões apresentadas pela Diretoria de Ensino constante do Ofício n.º 3.376, de 30 de maio último, determino:

- a) A movimentação de oficiais e praças dos Estabelecimentos de Ensino, que sejam instrutores ou monitores, será feita com audiência do Estado-Maior do Exército ou Diretoria de Ensino do Exército;
- b) Nos casos em que a Diretoria de Ensino do Exército manifeste inconveniência na mesma, aquela Diretoria deverá remeter o expediente à decisão ministerial;
- c) O desligamento de instrutores ou monitores dos Estabelecimentos de Ensino obedecerá ao disposto no artigo 19 do § 5.º da Lei de Movimento de Quadros;

d) As propostas de instrutores e monitores para os Estabelecimentos de Ensino que não forem atendidas pela Diretoria de Pessoal, por qualquer impedimento, devem ser remetidas ao Gabinete Ministerial para solução final.

(Aviso n.º 762 de 21 — D.O. de 24-6-946).

OFICIAIS E PRAÇAS QUE SERVIRAM NA GUARNIÇÃO MISTA DE FERNANDO NORONHA.

— Art. 1.º É extensivo aos oficiais e praças que, durante a guerra europeia, serviram na Guarnição Mista de Fernando Noronha o disposto no Decreto n.º 20.874, de 23 de março de 1946.

Art. 2.º O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 21.365 de 4-7-946 — D.O. de 6.7.946).

OFICIAIS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE — (Convocação).

— Art. 1.º Os Oficiais da Reserva de 2.ª Classe do Exército, que se encontram licenciados e estão à disposição do Ministério da Aeronáutica, são convocados para o serviço ativo, a contar da data da publicação deste Decreto-lei.

Art. 2.º Todos os Oficiais da Reserva de 2.ª Classe do Exército, que estão servindo à disposição do Ministério da Aeronáutica, são transferidos da Reserva do Exército para a da Aeronáutica.

Parágrafo único. O Ministro da Aeronáutica fará retornar ao Ministério da Guerra, dentro de 30 dias, aqueles que preferirem permanecer na Reserva do Exército.

Art. 3.º A partir da data da publicação deste Decreto-lei, não é mais permitido aos Oficiais da Reserva de 2.ª Classe do Exército servirem à disposição de outro Ministério.

Art. 4.º O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 9.436 de 8-7-946 — D.O. de 10.7.946).

PRIMEIRO REGIMENTO DE CAVALARIA — (Denominação).

— Art. 1.º O 1.º Regimento de Cavalaria passa a denominar-se "1.º Regimento de Cavalaria de Guardas (Dragões da Independência)".

Art. 2.º O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 9.425 de 4-7-946 — D.O. de 6.7.946).

PROMOÇÃO DOS 1.º TENENTES DAS ARMAS — (Interstício).

— Art. 1.º É fixado o interstício de dois anos para a promoção dos Primeiros Tenentes das Armas e Serviços que contarem, na data da promoção, mais de cinco anos de serviço como oficial, computado o tempo que serviram como aspirantes a oficial.

Art. 2.º O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 9.404 de 26-6-946 — D.O. de 28.6.946).

QUADRO DE OFICIAIS VETERINÁRIOS — (Organização)

— Art. 1.º O Quadro de Oficiais Veterinários, criado pelo Decreto n.º 7.040, de 10 de novembro de 1944, passa a ter a seguinte organização:

- 1 Coronel (Sub-Diretor de Veterinária).
 - 5 Tenentes Coronéis (2 Chefes de Divisão da Sub-Diretoria de Veterinária, 1 Comandante da E.V.E., 1 Chefe do D.C.M.V. e 1 Chefe do S.V.R. da 3.ª R.M.).
 - 13 Majores.
 - 54 Capitães.
 - 142 1.ªs. Tenentes.
 - 79 2.ªs. Tenentes.
- (Decreto-lei n.º 21.407 de 10-7-946 — D.O. de 12-7-946).

QUARTEL GENERAL DA 4.ª D.I. — (Constituição).

— I — Os elementos do Quartel-General da 4.ª Divisão de Infantaria que se encontram em Belo Horizonte, sob as ordens do Sub-Comandante da mesma Divisão, nas condições previstas no Aviso n.º 738, de 14 de junho findo, passam a constituir a Seção Especial do Quartel-General acima mencionado.

II — A referida Seção Especial é concedida autonomia administrativa, de acordo com o art. 25 do Regulamento de Administração do Exército.
(Aviso n.º 872 de 13-7 — D.O. de 16-7-946).

QUARTEL GENERAL DA 5.ª D.I. — (Constituição).

— I — Os elementos do Quartel-General da 5.ª D.I., que se encontram em Ponta Grossa, sob as ordens do Sub-Comandante da mesma Divisão, nas condições previstas no Aviso n.º 739, de 14 de junho findo, passam a constituir a Seção Especial do Quartel-General acima mencionado.

II — A referida Seção Especial é concedida autonomia administrativa, de acordo com o art. 25 do Regulamento de Administração do Exército.
(Aviso n.º 871 de 13-7 — D.O. de 16-7-946).

REGULAMENTO DA SECRETARIA GERAL DA GUERRA — (Alteração).

— O Diário-Oficial n.º 141 de 22-6-946, publica na íntegra o Decreto-lei n.º 21.338 de 20-6-946, que altera o Regulamento da Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

VOLUNTÁRIOS RESERVISTAS — (Autorização).

— Autorizo, em caráter excepcional, a 1.ª Cia. de Intendência Regional e o Depósito da Recuperação de Intendência do Rio a receber voluntários de 2.ª e 3.ª categorias para preenchimento de seus claros, no corrente ano.
Aviso n.º 889 de 17 — D.O. de 20-7-946).

Artigos a serem publicados no mês de Setembro

SUMÁRIO

I — EDITORIAL

II — ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

- 1) O R. I. no combate — Ten. Cel. J. B. de MATOS
- 2) Seleção e classificação de candidatos a Oficial — Ten. Cel. ADALDO FILHO (Continua)
- 3) A ligação das Forças Terrestres e Aéreas — Maj. GERALDO de ME-NEZES CORTES (Continua)
- 4) Reflexões sobre o trabalho em um Estado-Maior — Maj. HORACIO GARCIA
- 5) A ação do III/11 R.I. em MONTESE — Cap. HUGO de ANDRADE ABREU
- 6) Alguns pontos interessantes do Serviço de Recrutamento — Ten. Cel. OLIMPIO MOURAO FILHO
- 7) Observações sobre o emprego da Topografia na campanha da Itália — Ten. Cel. OLIVIO G. de UZEDA
- 8) Soluções acertadas — Maj. FRANCISCO R. F. BARRETO
- 9) A nossa Engenharia na Itália — Cap. RAUL da CRUZ LIMA JR.
- 10) As guerrilhas conduzem à vitória — Maj. JAIME RIBEIRO da GRACA
- 11) Questionário do telefonista — 1.º Ten. JACKSON PITOMBO CAVALCANTI
- 12) Serviço de Saúde em Campanha — Cap. Dr. SAULO T. P. de MELO (Conclusão)
- 13) Construção de linhas de cabo leve — Cap. GONZAGA de MELO (Continua)

III — ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

- 1) Que se passará na Rússia atual? — Cel. J. B. de MAGALHAES
- 2) Excertos — Preceitos e julgamentos do Marechal FOCH — Cel. RENATO B. NUNES
- 3) Noções necessárias — Cap. ALBERTO de A. CARDOSO
- 4) Exodo rural — Dr. JOSE LOURENÇO de MIRANDA
- 5) A disciplina e seu sentido fisiológico — 1.º Ten. LUIZ ALMEIDA BARRETO

IV — HISTORIA E GEOGRAFIA

- 1) O desastre de Formigas — General RAUL SILVEIRA de MELO
- 2) A intervenção brasileira na Banda Oriental — Maj. RIAGRANDINO da COSTA e SILVA
- 3) O Marechal BORMANN e o General TASSO FRAGOSO — General TRISTAO de ALENCAR ARARIPE

V — DIVERSOS

- 1) Revistas em Revista
- 2) Dicionário Militar Brasileiro — Cap. OTAVIO ALVES VELHO (Continua)
- 3) Legislação

Colaboram neste número:

Gen. Francisco Gili Castelo Branco.
Cel. Renato Baptista Nunes.
Cel. Armando Vasconcelos.
Cel. João Baptista de Mattos.
Cel. J. B. Magalhães.
Ten. Cel. Hugo Matos Moura.
Ten. Cel. Uzeda.
Ten. Cel. A. J. Senna Campos.
Ten. Cel. Adalardo Filho.
Maj. Geraldo Menezes Côrtes.
Maj. X.
Maj. Riograndino da Costa e Silva.
Cap. Domingos de Oliveira.
Cap. Walter S. Meyer.
Cap. José Campos Aragão.
Cap. Olávio Alves Velho.
Cap. Médico Dr. Saulo T. Pereira de Melo.



Cr\$ 5,00